



Conab Companhia Nacional de Abastecimento



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 4 - SAFRA 2016/17- N. 3 - Terceiro levantamento | **DEZEMBRO 2016**



Monitoramento agrícola – Safra 2016/17

Presidente da República

Michel Temer

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Blairo Maggi

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)**Diretoria de Gestão de Pessoas (Digep)**

Marcus Luis Hartmann

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Danilo Borges dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Danielle Cristina da Costa Torres (estagiária)

Eledon Pereira de Oliveira

Elza Mary de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Aquila Felipe Medeiros (menor aprendiz)

Clovis Campos de Oliveira

Divino Cristino de Figueiredo

Fernando Arthur Santos Lima

Jade Oliveira Ramos (estagiária)

Kelvin Andres Reis (estagiário)

Guilherme Ailton de Sousa Nogueira (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Nayara Sousa Marinho (estagiária)

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 4 - SAFRA 2016/17 - N.3 - Terceiro levantamento | **DEZEMBRO 2016**

Monitoramento agrícola – Safra 2016/17

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 4 Safra 2016/17 - Terceiro levantamento, Brasília, p. 1-156 dezembro 2016.

Copyright © 2016 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <http://www.conab.gov.br>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

João Marcelo Brito Alves (Geint)
João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão)
Danielle Barros Ferreira (Inmet)
Mozar de Araújo Salvador (Inmet)

Rogério Dias Coimbra (Geint)
Leonardo Amazonas (Gerpa-soja)
Thomé Luiz Freire Guth (Gerpa - milho)
Antonio Sergio Ribeiro Camelo (Geint)

Bruno Pereira Nogueira(Gefiab algodão)
Paulo Magno Rabelo (Gerab -trigo)
Miriam R.da Silva (Latis - Conab/Inmet)

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctá do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iraniido Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adayr Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônavan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Marcelo Calisto, Márcio Araaes, Maurício Lopes (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Helena Mara Souza, Pedro Ramon Manhone, Raul Pio de Azevedo, Sizenando Santos, Jacir Silva (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Carlos Meira, Juarez Nóbrega (PB); Clóvis Ferreira Filho, Daniele Santos, Bruno Valetim Gomes, Francíscio Dantas de Almeida Filho (PE); Itamar Pires de Lima Junior, José Bosqui, Rafael Fogaça, Rodrigo Leite (PR); André Nascimento, Francisco Souza, Hélio Freitas, José Pereira do N. Júnior, Oscar Araújo, Thiago Miranda (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Twardowski, Niccio Ribeiro (RO); Alcideman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Farias, Manuel Oliveira (RN); João Kasper, Erik de Oliveira, Matheus Twardowski, Niccio Ribeiro (RO); Alcideman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Farias, Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Iracema Oliveira (RS); Cézar Rubin, Dionizio Bach, Ricardo Oliveira, Vilmar Dutra, Luana Schneider(SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto (SE); Antônio Farias, Cláudio Ávila, Elias Oliveira, Marisete Belloli (SP); Alzeneide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Rafael Alves da Silva, Samuel Valente Ferreira (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins) e a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater-RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Faeb); Banco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater-GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater-DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater-MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater-RJ); Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater-RS); Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Guilherme Rodrigues

Fotos

Cleverton de Santana e Martha Helena Gama de Macêdo

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843, Narda Paula Mendes – CRB-1/562

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catalogação na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.
Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.3 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO



1. Resumo executivo----- 8



2. Introdução----- 10



3. Estimativa de área plantada ----- 12



4. Estimativa de produtividade ----- 14



5. Estimativa de produção ----- 16



6. Crédito rural ----- 19



7. Prognóstico Climático ----- 31



8. Monitoramento agrícola ----- 35



9. Análise das culturas	52
9.1. Culturas de verão -----	52
9.1.1. Algodão -----	52
9.1.2. Amendoim -----	58
9.1.3. Arroz -----	63
9.1.4. Feijão -----	71
9.1.5. Girassol -----	89
9.1.6. Mamona -----	91
9.1.7. Milho -----	94
9.1.8. Soja -----	105
9.1.9. Sorgo -----	118
9.2. Culturas de inverno -----	120
9.2.1. Aveia -----	120
9.2.2. Canola -----	121
9.2.3. Centeio -----	122
9.2.4. Cevada -----	123
9.2.5. Trigo -----	125
9.2.6. Triticale -----	130



10. Receita bruta	132
--------------------------	------------



11. Balanço de oferta e demanda	136
----------------------------------------	------------



12. Calendários de plantio e colheita	138
----------------------------------------------	------------





1. RESUMO EXECUTIVO SAFRAS 2016/17

A estimativa da produção de grãos para a safra 2016/17 é de 213,1 milhões de toneladas. O crescimento deverá ser de 14,2% em relação à safra anterior, ou 26,5 milhões de toneladas.

A área plantada está prevista se situar entre 59,2 milhões de hectares. O crescimento previsto é de 1,4% se comparada com a safra 2015/16.

Algodão: a produção deverá ser superior, apesar da redução de área.

Amendoim primeira safra: a estimativa é de safra de 392,9 mil toneladas, aumento de 1,1%. Preços favoráveis impulsionaram o plantio de área, semelhante à safra passada.

Arroz: apesar da queda na área da produção de queiro, a retomada da semeadura nas áreas irrigadas não cultivadas, na safra anterior, deve resultar numa produção de 11,5 milhões de toneladas.

Feijão primeira safra: o forte incremento de área (13%) reflete numa produção 24,1% superior à safra passada. Tanto o feijão carioca, quanto o preto e caupi, apresentam ganho de área e produtividade.

Milho primeira safra: após 3 anos seguidos de queda, a produção deverá ser de 7,3% superior à anterior.

Soja: projeção de crescimento de 7,3% na produção, atingindo 102,4 milhões de toneladas.

Safra inverno 2016

Aveia: significativo aumento de área e produtividade. Canola: leve aumento de área, mas a produção será superior em 31% em relação à safra anterior devido à recuperação da produtividade.

Centeio: significativo aumento de área e produtividade.

Cevada: apesar da redução de área, o expressivo aumento de produtividade resulta numa produção de 42,5% maior que à da safra passada.

Trigo: a produção será maior que a safra 2015. A redução da área foi compensada pela recuperação da produtividade, com a produção atingindo de 6,7 milhões de toneladas.





2. INTRODUÇÃO

Dentre os primordiais objetivos da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), há de se citar o acompanhamento da safra brasileira de grãos, que visa fornecer informações e os conhecimentos relevantes aos agentes envolvidos nos desafios da agricultura, segurança alimentar, nutricional e do abastecimento do país.

No citado processo de acompanhamento da safra brasileira de grãos se gera um relatório construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, inserindo-se como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação. O objetivo deste trabalho é subsidiar o referido Ministério, em tempo hábil, no monitoramento e na formulação das políticas públicas, agrícola e de abastecimento, além do atendimento aos demais agentes do agronegócio brasileiro, especialmente no auxílio relacionado à tomada de decisão por parte dos produtores rurais.

Assim, a Companhia, para a consecução desses serviços, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, pesquisa subjetiva de campo, como outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse foco, além das diversas variáveis levantadas, abordam-se neste boletim do terceiro levantamento da safra brasileira de grãos, o resultado das pesquisas da safra de verão para as culturas de algodão, amendoim primeira safra, arroz, feijão primeira safra, mamona, milho primeira safra e soja. São informações de área plantada e/ou a ser plantada, produtividade, produção, monitoramento agrícola e análise de mercado. Consta, também, o acompanhamento da safra de inverno 2016 (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale), com dados de evolução da evolução da colheita e influência climática.

Aos resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia, em todo território nacional, agregam-se outros instrumentos como: indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, como também, informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

Além dos aspectos metodológicos que mencionamos, cumpre-nos esclarecer que as informações levantadas na oportunidade indicam a intenção de plantio dos produtores rurais e foram coletadas durante o início das operações de preparo do solo e plantio. Neste levantamento, a informação de área a ser plantada é divulgada com intervalos (limite inferior e superior),

visto que as informações ainda são incipientes e retratam a terceira estimativa da safra. Além disso, visto que o plantio ainda não avançou em todas as regiões produtoras, a Conab utiliza-se de análise estatística para estimar as produtividades das culturas na safra 2016/17. Portanto, as informações de custo de produção, produzidas pela Conab, geram informações modais de produtividade que auxiliam nas análises da produtividade a ser alcançada.

É importante realçar que a Companhia detém a característica de suprir suas atividades de levantamento de safra de grãos por meio do envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Assim, os resultados, quando divulgados, devem registrar a colaboração e os esforços dos profissionais autônomos, dos técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), além dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A todos, o especial agradecimento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), pelo empenho e dedicação profissional, quando instados a colaborarem.





3. ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA

As estimativas de área a ser semeada, agora com a semeadura mais definida, não contemplam mais os limites superiores e inferiores. Neste terceiro levantamento a estimativa é que o Brasil cultive 59,16 milhões de hectares. São informações coletadas na pesquisa de campo pelos técnicos da Conab em todas as principais regiões produtoras do país. De forma geral, há a expectativa de incremento de área para o cultivo da soja nas principais regiões produtoras em função da maior liquidez, rentabilidade e menor custo. Espera-se, também, que a área para a próxima safra seja maior para milho primeira safra e do feijão em virtude de boas cotações. O arroz tem uma leve redução, reflexo da queda nas áreas de sequeiro.

A área semeada de algodão se concentra em Mato Grosso e Bahia, por apresentarem condições edafoclimáticas favoráveis à tecnificação. No entanto, para a safra 2016/17 se estima a manutenção ou redução da área plantada em todos os estados produtores, principalmente pelos problemas climáticos, nas últimas safras, e a incorporação de áreas de soja antes destinadas ao algodão primeira safra

A tendência de retração da área plantada do arroz de sequeiro e manutenção e/ou incremento do seu cultivo em áreas provenientes do ecossistema várzeas é mais uma vez constatado nos levantamentos da Conab. Em Mato Grosso, estado com a maior área plantada de sequeiro, é um exemplo dessa retração, principalmente pela competitividade com a soja no estado. Rio Grande do Sul, maior estado produtor,

deve aumentar a área plantada.

Na primeira safra, a destinação de área para o cultivo do milho tem apresentado forte concorrência com o cultivo da soja, resultando em quedas recorrentes. No entanto, em Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e São Paulo, observa-se a expansão das áreas para garantir o abastecimento estadual das cadeias produtivas que possuem o milho como matéria-prima e atender a renegociação das dívidas da última safra. Rio Grande do Sul, grande produtor e consumidor, deve destinar parte da área plantada para produção de silagem. Há também expectativa de aumento da área plantada na Bahia por apresentar um perfil edafoclimático favorável e consequente viabilidade do manejo tecnificado, visando o abastecimento da Região Nordeste.

A destinação de áreas para cultivo da soja apresenta avanço em áreas em rotação cultivadas com algodão primeira safra, milho primeira safra, feijão primeira

safra e arroz de sequeiro. O calendário de semeadura similar, a disponibilidade de sementes com alto desempenho agronômico e de pacotes tecnológicos acessíveis são alguns dos fatores técnicos que corroboram para a expansão da área plantada. Portanto, a estimativa de área plantada de soja é crescente nos principais estados produtores, exceto no Paraná e Santa Catarina. No Paraná é consequência da proibição de plantio de soja na segunda safra no estado e em Santa Catarina é reflexo do incentivo estadual para o cultivo do milho.

O feijão primeira safra apresenta concentração da área plantada na Bahia, Paraná e Minas Gerais, apesar de ser cultivado amplamente no território brasileiro. Estima-se que a área a ser destinada para a cultura do feijoeiro aumente na maior parte dos estados produtores, influenciado pelos preços de mercado e à possibilidade de clima favorável.

Tabela 1 – Estimativa de área – Grãos

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO		(Em 1000 t)	
	15/16 (a)	16/17		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)		
		Nov/2016 (b)*	Dez/2016 (c)				
ALGODÃO	954,7	917,0	902,3	(5,5)	(52,4)		
AMENDOIM TOTAL	119,6	106,8	119,9	0,3	0,3		
AMENDOIM 1ª SAFRA	110,3	97,5	110,6	0,3	0,3		
AMENDOIM 2ª SAFRA	9,3	9,3	9,3	-	-		
ARROZ	2.007,8	2.040,3	1.946,7	(3,0)	(61,1)		
FEIJÃO TOTAL	2.837,5	2.971,2	2.964,3	4,5	126,8		
FEIJÃO 1ª SAFRA	978,6	1.112,3	1.105,4	13,0	126,8		
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.313,9	1.313,9	1.313,9	-	-		
FEIJÃO 3ª SAFRA	545,0	545,0	545,0	-	-		
GIRASSOL	51,2	51,2	51,2	-	-		
MAMONA	30,2	30,2	30,8	2,0	0,6		
MILHO TOTAL	15.922,5	16.117,5	16.083,9	1,0	161,4		
MILHO 1ª SAFRA	5.387,7	5.582,7	5.549,1	3,0	161,4		
MILHO 2ª SAFRA	10.534,8	10.534,8	10.534,8	-	-		
SOJA	33.251,9	33.677,7	33.903,4	2,0	651,5		
SORGO	579,0	579,0	579,0	-	-		
SUBTOTAL	55.754,4	56.490,8	56.581,5	1,5	827,1		
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO			
	2016 (a)	2017		Percentual	Absoluta		
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(b-a)		
AVEIA	291,5	291,5	291,5	-	-		
CANOLA	47,5	47,5	47,5	-	-		
CENTEIO	2,5	2,5	2,5	-	-		
CEVADA	95,6	95,6	95,6	-	-		
TRIGO	2.116,6	2.116,6	2.116,6	-	-		
TRITICALE	23,5	23,5	23,5	-	-		
SUBTOTAL	2.577,2	2.577,2	2.577,2	-	-		
BRASIL	58.331,6	59.068,0	59.158,7	1,4	827,1		

Legenda: * Ponto médio dos limites superior e inferior

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em dezembro/2016





4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

Uma das principais variáveis analisada no processo de avaliação da safra nacional é a produtividade. Neste terceiro levantamento de safra a Companhia inicia a fase da sobreposição e da análise das produtividades estimadas estatisticamente com os rendimentos apurados nas pesquisas de campo e com o acompanhamento agrometeorológico e espectral realizado pela Conab. Nessa ocasião a maior parte do plantio está finalizado ou próximo do término, o que dá mais consistência às informações coletadas junto aos informantes. Para os produtos que ainda não iniciaram a semeadura, como é o caso do algodão e das culturas de segunda e terceira safras, continuamos nos baseando nas análises estatísticas das séries históricas de produtividade e dos pacotes tecnológicos para se chegar à produtividade estimada.

Tabela 2 – Estimativa de produtividade - Brasil– Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	15/16 (a)	16/17		Percentual	Absoluta
		Nov/2016 (b)	Dez/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (¹)	2.028	2.353	2.354	16,1	326,0
ALGODÃO - PLUMA	1.350	1.566	1.567	16,1	216,8
AMENDOIM TOTAL	3.396	3.506	3.443	1,4	46,5
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.524	3.637	3.552	0,8	28,1
AMENDOIM 2ª SAFRA	1.873	2.135	2.135	14,0	261,7
ARROZ	5.281	5.778	5.911	11,9	630,1
FEIJÃO TOTAL	886	1.035	1.048	18,3	161,9
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.057	1.124	1.161	9,8	104,0
FEIJÃO 2ª SAFRA	696	876	876	25,9	180,3
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.039	1.234	1.234	18,8	195,1
GIRASSOL	1.216	1.379	1.328	9,2	111,4
MAMONA	477	653	655	37,5	178,6
MILHO TOTAL	4.181	5.204	5.211	24,6	1.030,3
MILHO 1ª SAFRA	4.799	4.981	4.999	4,2	200,5
MILHO 2ª SAFRA	3.865	5.323	5.323	37,7	1.458,0
SOJA	2.870	3.045	3.022	5,3	151,7
SORGO	1.782	2.642	2.642	48,3	860,7
SUBTOTAL	3.203	3.637	3.624	13,1	421,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016 (a)	2017		Percentual	Absoluta
		Nov/2016 (b)	Dez/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	2.840	2.671	2.840	-	-
CANOLA	1.514	1.579	1.514	-	-
CENTEIO	2.600	2.600	2.600	-	-
CEVADA	3.921	3.465	3.921	-	-
TRIGO	3.164	2.977	3.164	-	-
TRITICALE	2.898	2.796	2.898	-	-
SUBTOTAL	3.122	2.933	3.122	-	-
BRASIL (²)	3.199	3.606	3.602	12,6	402,8

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro 2016.





5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO (213,1 MILHÕES DE TONELADAS)

Neste terceiro levantamento, para a safra 2016/17, a produção estimada indica um volume de 213,1 milhões de toneladas, aumento de 14,2% em relação à safra passada. Esse resultado representa um aumento na produção de 26,5 milhões toneladas. Cabe ressaltar que este incremento é influenciado fortemente pela produtividade média das culturas que, nesta safra, recupera-se da influência negativa das condições climáticas na safra passada.

A soja e o milho permanecem como principais culturas produzidas no país. Os dois produtos correspondem a quase 90% do que é produzido. A soja deve alcançar uma produção acima de 102,5 milhões de toneladas. Para o milho a estimativa é de 83,8 milhões de toneladas, distribuídas entre primeira (27,7 milhões de toneladas) e segunda safra (56,1 milhões de toneladas). A primeira safra deve ter o primeiro incremento em relação à safra anterior em relação aos últimos cinco anos.

Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	15/16 (a)	16/17		Percentual	Absoluta
		Nov/2016 (b)*	Dez/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	1.936,5	2.157,8	2.124,2	9,7	187,7
ALGODÃO - PLUMA	1.288,8	1.436,1	1.413,7	9,7	124,9
AMENDOIM TOTAL	406,1	374,5	412,7	1,6	6,6
AMENDOIM 1ª SAFRA	388,8	354,7	392,9	1,1	4,1
AMENDOIM 2ª SAFRA	17,3	19,8	19,8	14,5	2,5
ARROZ	10.602,9	11.789,1	11.506,6	8,5	903,7
FEIJÃO TOTAL	2.514,9	3.073,8	3.107,1	23,5	592,2
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.034,2	1.249,9	1.283,2	24,1	249,0
FEIJÃO 2ª SAFRA	914,7	1.151,3	1.151,3	25,9	236,6
FEIJÃO 3ª SAFRA	566,5	672,6	672,6	18,7	106,1
GIRASSOL	62,3	70,5	67,9	9,0	5,6
MAMONA	14,4	19,8	20,2	40,3	5,8
MILHO TOTAL	66.570,8	83.882,0	83.817,7	25,9	17.246,9
MILHO 1ª SAFRA	25.853,6	27.805,1	27.740,8	7,3	1.887,2
MILHO 2ª SAFRA	40.717,5	56.076,9	56.076,9	37,7	15.359,4
SOJA	95.434,6	102.554,5	102.446,6	7,3	7.012,0
SORGO	1.031,5	1.529,8	1.529,8	48,3	498,3
SUBTOTAL	178.574,8	205.451,6	205.032,8	14,8	26.458,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016 (a)	2017		Percentual	Absoluta
		Nov/2016 (b)*	Dez/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	827,8	779,1	827,8	-	-
CANOLA	71,9	75,0	71,9	-	-
CENTEIO	6,5	6,5	6,5	-	-
CEVADA	374,8	331,6	374,8	-	-
TRIGO	6.697,1	6.300,8	6.697,1	-	-
TRITICALE	68,1	65,7	68,1	-	-
SUBTOTAL	8.046,2	7.558,7	8.046,2	-	-
BRASIL (2)	186.621,0	213.010,3	213.079,0	14,2	26.458,0

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro 2016.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	(g)	(g/f)
NORTE	2.539,6	2.751,7	8,4	2.731	3.164	15,8	6.936,6	8.705,7	25,5
RR	39,9	54,7	37,1	3.900	3.755	(3,7)	155,6	205,4	32,0
RO	474,1	482,6	1,8	3.338	3.323	(0,5)	1.582,5	1.603,5	1,3
AC	52,4	54,1	3,2	2.065	2.048	(0,8)	108,2	110,8	2,4
AM	11,4	20,4	78,9	1.912	2.167	13,3	21,8	44,2	102,8
AP	4,6	4,3	(6,5)	891	884	(0,8)	4,1	3,8	(7,3)
PA	730,8	843,9	15,5	2.932	2.985	1,8	2.142,4	2.519,0	17,6
TO	1.226,4	1.291,7	5,3	2.383	3.266	37,1	2.922,0	4.219,0	44,4
NORDESTE	7.395,3	7.605,9	2,8	1.335	2.119	58,7	9.869,2	16.117,1	63,3
MA	1.420,1	1.453,1	2,3	1.748	2.555	46,2	2.481,7	3.713,1	49,6
PI	1.360,0	1.385,8	1,9	1.089	2.223	104,2	1.480,5	3.081,2	108,1
CE	850,3	850,3	-	267	589	120,7	227,4	501,1	120,4
RN	56,6	56,6	-	323	435	34,6	18,3	24,6	34,4
PB	173,1	173,1	-	191	370	93,9	33,1	64,1	93,7
PE	386,5	386,5	-	176	334	89,8	67,9	129,1	90,1
AL	61,6	61,6	-	722	818	13,3	44,5	50,4	13,3
SE	195,9	195,9	-	1.138	4.202	269,2	223,0	823,1	269,1
BA	2.891,2	3.043,0	5,3	1.831	2.540	38,7	5.292,8	7.730,4	46,1
CENTRO-OESTE	23.584,2	23.736,8	0,6	3.192	3.819	19,7	75.291,5	90.659,0	20,4
MT	14.001,5	14.056,0	0,4	3.101	3.751	21,0	43.425,3	52.729,6	21,4
MS	4.213,1	4.312,6	2,4	3.267	3.902	19,4	13.765,7	16.828,8	22,3
GO	5.213,9	5.210,7	(0,1)	3.366	3.885	15,4	17.549,7	20.244,4	15,4
DF	155,7	157,5	1,2	3.538	5.436	53,7	550,8	856,2	55,4
SUDESTE	5.315,3	5.607,6	5,5	3.658	3.987	9,0	19.444,3	22.358,1	15,0
MG	3.304,5	3.427,4	3,7	3.574	4.043	13,1	11.809,3	13.857,5	17,3
ES	24,4	24,4	-	2.098	1.775	(15,4)	51,2	43,3	(15,4)
RJ	4,1	5,8	41,5	1.976	1.741	(11,9)	8,1	10,1	24,7
SP	1.982,3	2.150,0	8,5	3.822	3.929	2,8	7.575,7	8.447,2	11,5
SUL	19.497,2	19.456,7	(0,2)	3.851	3.867	0,4	75.079,5	75.241,8	0,2
PR	9.684,3	9.557,1	(1,3)	3.700	3.867	4,5	35.835,4	36.959,4	3,1
SC	1.279,9	1.314,3	2,7	4.880	5.048	3,4	6.245,9	6.634,2	6,2
RS	8.533,0	8.585,3	0,6	3.867	3.686	(4,7)	32.998,2	31.648,2	(4,1)
NORTE/NORDESTE	9.934,9	10.357,6	4,3	1.692	2.397	41,6	16.805,8	24.822,8	47,7
CENTRO-SUL	48.396,7	48.801,1	0,8	3.509	3.858	9,9	169.815,3	188.258,9	10,9
BRASIL	58.331,6	59.158,7	1,4	3.199	3.602	12,6	186.621,1	213.081,7	14,2

Legenda: (*) Produtos selecionados: Caroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2016.





6. CRÉDITO RURAL

As informações da utilização do crédito rural oferecem indicações de tendência de plantio, pois a partir do seu comportamento é possível observar as escolhas de investimento do produtor em determinada cultura. É evidente que essa análise tem componentes subjetivos, mas outras indicações obtidas nos trabalhos de campo são agregadas para a disponibilidade do conhecimento. Outro fator essencial a ser observado é de que o financiamento da agricultura tem outras fontes de crédito além da disponibilidade bancária.

A análise terá como suporte duas fontes de informações. A primeira será composta de informações de campo obtidas pela Conab durante o processo de levantamento da safra. Será objetiva. A segunda parte terá como base o Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor), do Banco Central do Brasil (Bacen), cujo último acesso foi realizado em 11 de novembro de 2016, para o Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor (Pronamp), o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e o financiamento sem vínculo a programa específico.

6.1. RESUMO DA SITUAÇÃO DE LIBERAÇÃO DO CRÉDITO AO PRODUTOR

- No Acre se pode observar que entraves com a burocracia e o tempo de liberação do recurso depende de cada agente financeiro. Há exigências da apresentação do Cadastro Ambiental Rural (CAR), como parte de critérios na liberação do crédito;
- No Distrito Federal o uso do crédito ocorreu dentro das necessidades e a demanda tem sido atendida. Deve-se registrar que as pendências relativas a dívidas passadas estão dificultando a efetivação de maior incremento de plantio. No Distrito Federal existe 25 linhas de crédito e 25 medidas de apoio ao setor agrícola, tais como a ampliação do limite de operações de crédito do Fundo de Desenvolvimento Rural (FDR) do Distrito Federal e a redução de taxa de juros para a agricultura familiar. O Plano Safra Brasília 2016/17 vai permitir que os agricultores participem de programas como Prospera e FDR, além do Pronaf, Fundo Centro-Oeste - FCO/ Sudeco, BNDES, entre outros recursos do governo federal.
- De modo geral, em Minas Gerais, as operações de financiamento de custeio vêm sendo liberadas dentro do previsto, obedecendo o limite de crédito de cada produtor, desde que este não apresente restrições de ordem cadastral e atenda as exigências dos agentes financeiros quanto às garantias que comprovem a efetiva capacidade de pagamento. O aumento no grau de risco das operações tem exigido maiores precauções e garantias por parte das empresas;
- Em Mato Grosso o acesso ao crédito das instituições financeiras está mais difícil em razão da exigência dos bancos, que solicitam maiores garantias por parte dos produtores rurais. Além disso, constatou-se que outras fontes de financiamento estão, também, sendo mais exigentes na concessão de crédito, tendo em vista os problemas enfrentados na safra anterior, quando houve várias renegociações com os produtores na entrega de soja e milho comercializados antecipadamente;
- Em Mato Grosso do Sul os produtores de algodão têm obtido financiamento, via banco, contrastando com as dificuldades de aquisição de crédito da safra passada. Há informações de que a aquisição de crédito via banco tem limitação de valores para cada CPF do produtor. Para o arroz, as exigências para liberação de crédito para custeio – principalmente aquelas relacionadas com o meio ambiente - tem dificultado o acesso pelos produtores. O crédito para custeio teve a princípio uma liberação mais ágil em relação a safras anteriores, há exceção de alguns produtores que não iniciaram o processo de solicitação de crédito de forma antecipada, ou acessaram o pré-custeio oferecido no primeiro trimestre de 2016. Apesar de existente, a concessão de crédito é condicionada pela adimplência e capacidade de pagamento do proponente;
- Está havendo dificuldade para obtenção de crédito por parte dos agricultores que cultivam na região sudoeste do estado do Piauí, tendo em vista a elevada inadimplência na safra anterior provocada pelas adversidades climáticas. No contexto geral, os produtores estão recorrendo mais a terceiros ou utilizando de recursos próprios. É esperada que a participação dos bancos no crédito de custeio seja inferior se comparado com safras anteriores;
- Em Rondônia, principalmente nas pequenas propriedades o milho primeira safra, não são usados na maioria dos casos os créditos para o custeio de suas lavouras. Nas grandes áreas de plantio acontecem as operações para o financiamento das lavouras pelos principais agentes financeiros. Outras operações ocorrem com a participação de terceiros no financiamento de custeio;
- Em Santa Catarina o crédito de custeio para o plantio de arroz e milho está sendo oferecido dentro da normalidade. Para a soja houve dificuldades na liberação de recursos por parte dos bancos, principalmente nos casos de existência de pendências por dívidas anteriores. Observou-se que a modalidade de financiamento por terceiros aumentou nessa safra, mas há, também, restrições para liberação de crédito nessa modalidade;
- Em São Paulo se pode observar que os empréstimos estão sendo concedidos normalmente, com recursos suficientes. Os produtores que realizaram o pré-custeio ainda no primeiro semestre obtiveram taxas de juros menores (Plano Safra 2015/16). As instituições financeiras estão fazendo exigências ao tomador de recursos, tais como: penhor da safra, hipoteca da terra e avalista ou empenho de maquinário;
- Em Tocantins foi constatado acesso ao crédito bancário de forma regular, com maior exigência em garantias, e o atraso na liberação pelos bancos, principalmente nos casos de renegociação de dívidas da safra passada, o que tem gerado maior participação de financiamentos de terceiros no crédito de custeio.

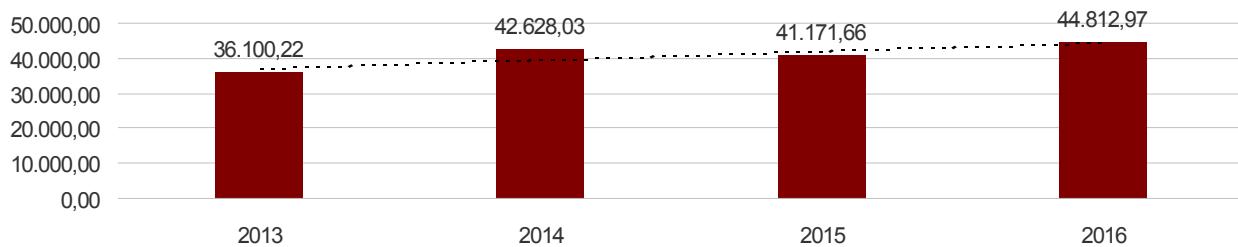


6.2. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES CONSTANTES DO SISTEMA DE OPERAÇÕES DO CRÉDITO RURAL E DO PROAGRO (SICOR), DO BANCO CENTRAL DO BRASIL (BACEN)

Inicialmente, pode-se comentar que a utilização do crédito de custeio em 2016 é superior aos anos ante-

riores (Gráfico 1), com crescimento de 8,84% em relação a 2015 (Gráfico 2).).

Gráfico 1 –Total de financiamento



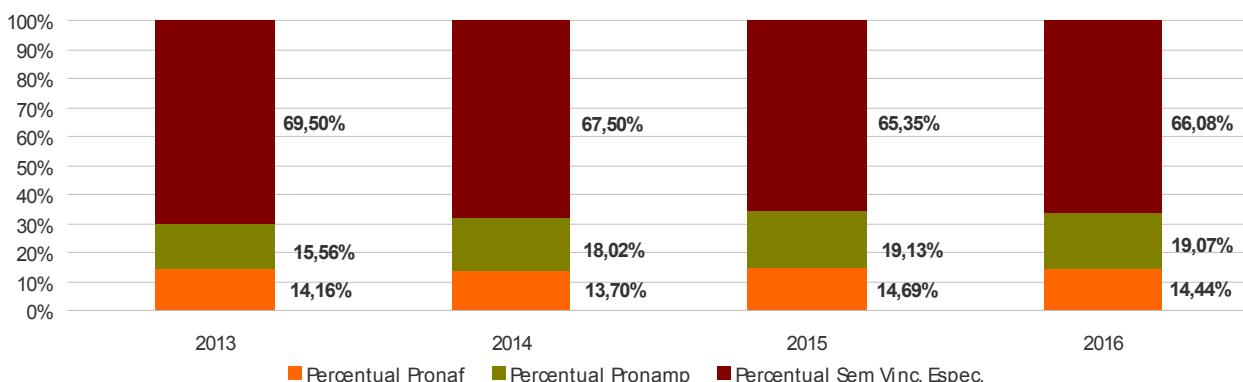
Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a outubro de 2016.

O Gráfico 2 demonstra a participação percentual do Pronaf, Pronamp e financiamento sem vínculo específico na utilização de crédito. Pode-se perceber que a participação tem semelhança com o ano de 2015. Se

comparado com 2013, observa-se o aumento da participação do Pronaf e Pronamp. A concentração está no financiamento sem vínculo específico.

Gráfico 2 - Total de crédito - Percentual de variação



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a outubro de 2016.

As análises seguintes serão particularizadas para os produtos arroz, feijão, milho e soja, tendo como fonte

as informações do crédito rural obtidas do Sicor/Bacen, nos anos de 2013 a 2016.

6.3. ARROZ

O Gráfico 3 demonstra a participação do Pronaf, Pronamp e financiamento sem vínculo específico na utilização de crédito para a cultura do arroz. Pode-se observar que o crédito é pouco utilizado pela agricultura familiar, no entanto, há um crescimento na sua participação neste ano.

A utilização no período de janeiro a outubro de 2016

é inferior a 2015 e 2014, na forma das informações do Gráfico 4. Tal situação pode ser explicada pela opção do produtor em investir em outra cultura com melhor rentabilidade. Outra hipótese pode estar relacionada com as exigências na disponibilidade do crédito pelas instituições financeiras. O uso do crédito é compatível com o calendário agrícola.



Gráfico 3 - Arroz -Tipo de financiamento – Participação crédito

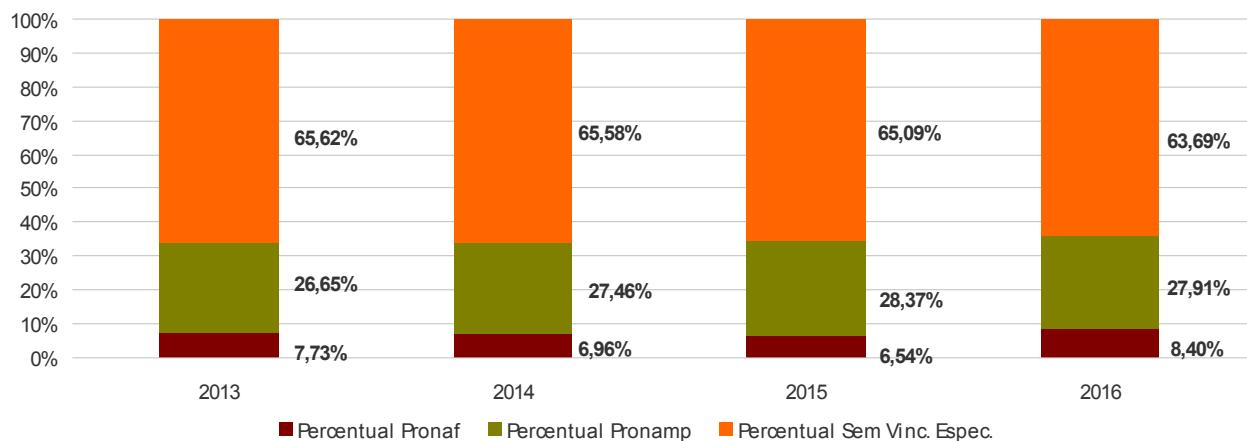
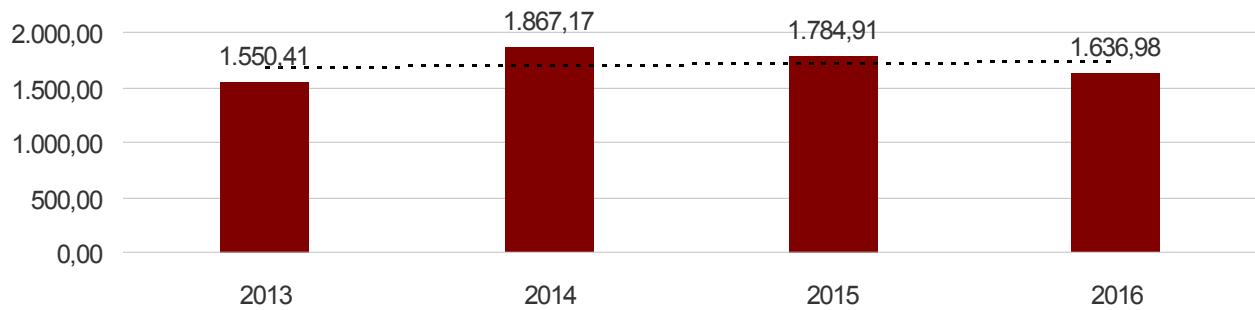


Gráfico 4 - Arroz -Total de financiamento



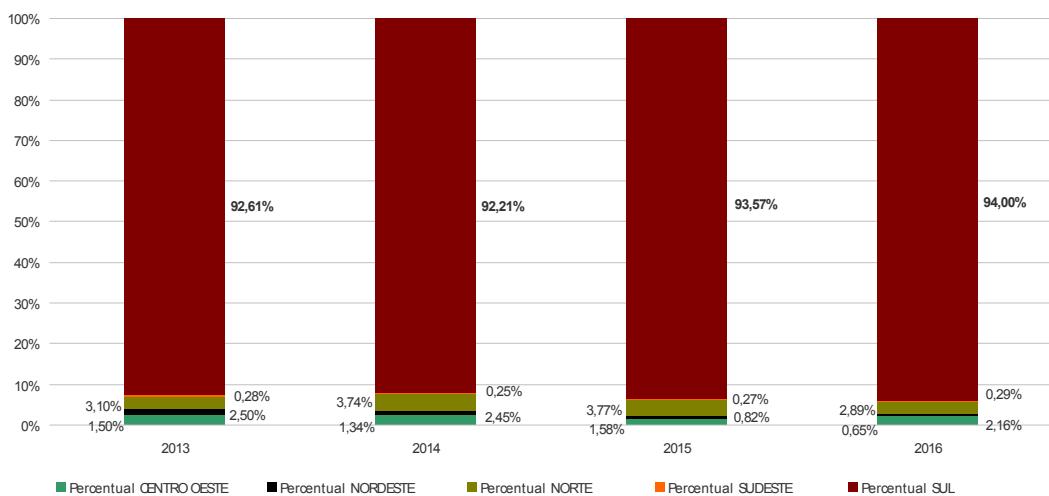
Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a outubro de 2016.

O Gráfico 5 apresenta a participação do crédito por região geográfica no plantio de arroz. Pode-se explicar o excesso de concentração do crédito na Região Sul, tendo em vista ser a maior produtora de arroz no país. A tendência de redução do uso do arroz para abertura

de área de produção e do menor investimento do produtor em razão, principalmente, pela opção por culturas mais rentáveis e de maior liquidez, explica o uso do crédito de arroz nas demais regiões.

Gráfico 5 - Arroz -Região – Participação crédito



Fonte: Bacen.

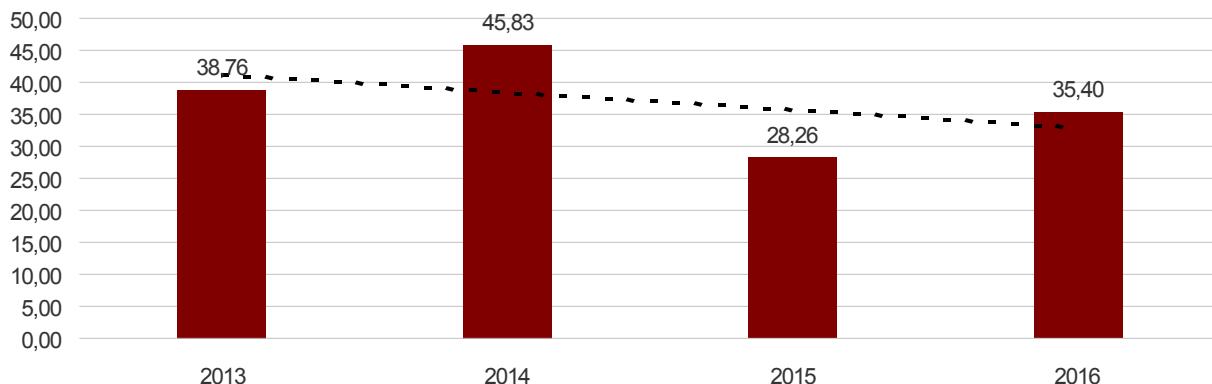
Nota:: janeiro de 2013 a outubro de 2016.



Observando as informações disponíveis pelo Banco Central, pode-se verificar que a região Centro-Oeste é onde há crescimento no uso de crédito para a cultura do arroz, como consta o Gráfico 6. Essa situação

tem relação direta com a intenção dos produtores de Mato Grosso do Sul em ampliar a produção (aumento de área), principalmente dada a expectativa futura de mercado que sinaliza bons preços.

Gráfico 6 – Arroz -Região – Centro-Oeste -Valores Absolutos



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a outubro de 2016.

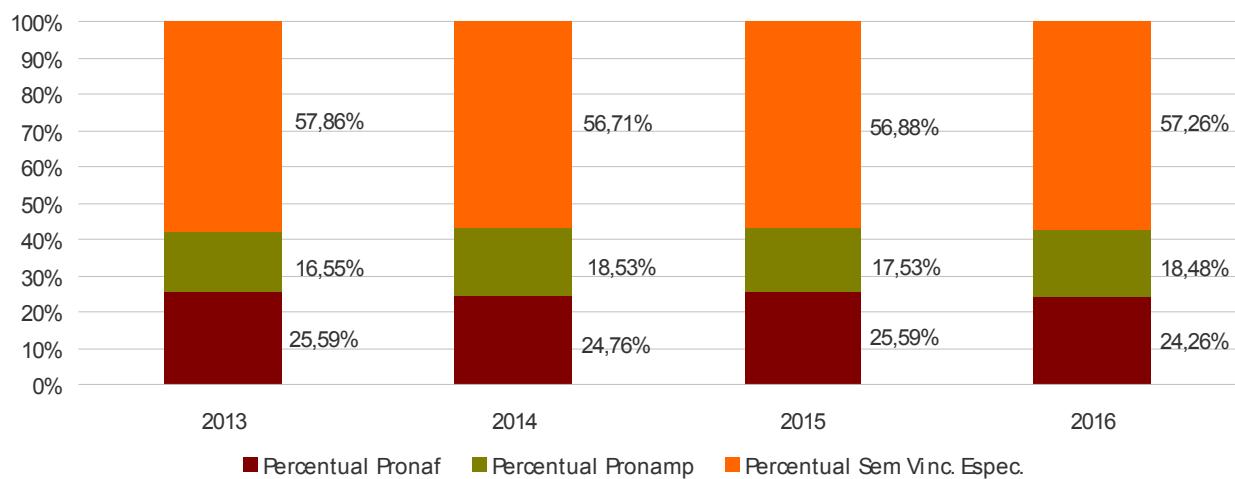
6.4. MILHO

Nos Gráficos 7 e 8 se observa que há aumento na participação do Pronamp e do financiamento sem vínculo específico na disponibilidade de crédito para o custeio de milho, no período sob análise. A quebra da safra 2015/16, a necessidade de cumprir com obrigações de crédito com fornecedores em razão dos problemas da safra passada e a melhoria dos preços do

cereal está influenciando os produtores a investir na cultura (primeira safra).

No entanto, deve-se registrar que a produção de milho tem se concentrado na segunda safra, como observado nos últimos anos safra. O uso do crédito é compatível com o calendário agrícola.

Gráfico 7 – Milho - Tipo de Financiamento - Participação Crédito

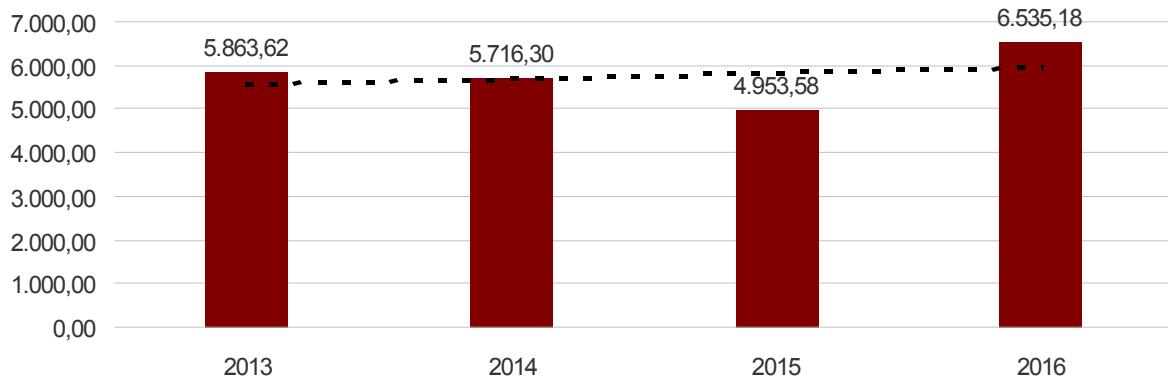


Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a outubro de 2016.



Gráfico 8 – Milho – Total de financiamento



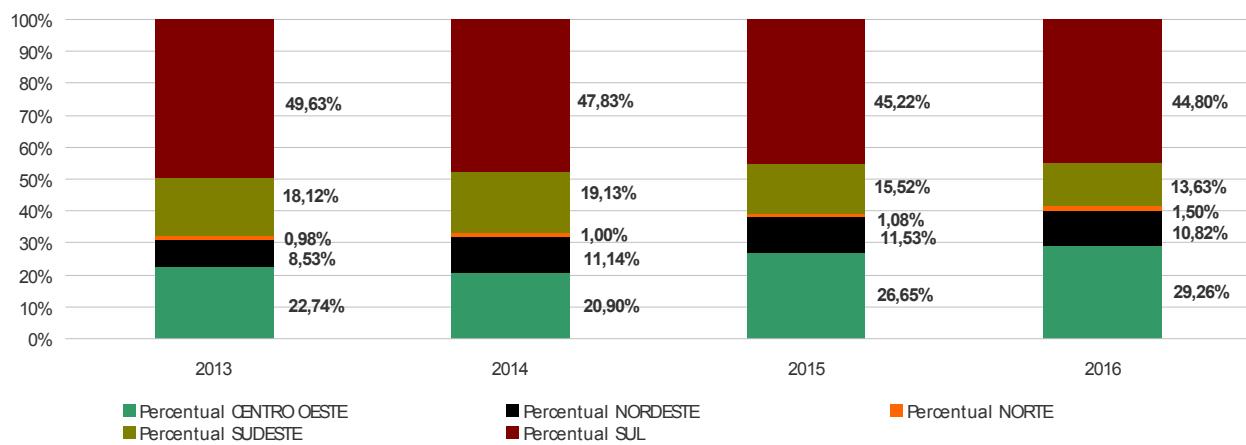
Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a outubro de 2016.

No Gráfico 9 pode-se conhecer a participação percentual do uso do crédito para cada região geográfica. Registre-se que em todas as regiões houve aumento na utilização do crédito rural em relação ao ano de 2015, o

que ratifica a intenção de aumento de plantio do milho primeira safra (Gráficos 10 a 14). O comportamento do crédito é compatível com o calendário de plantio.

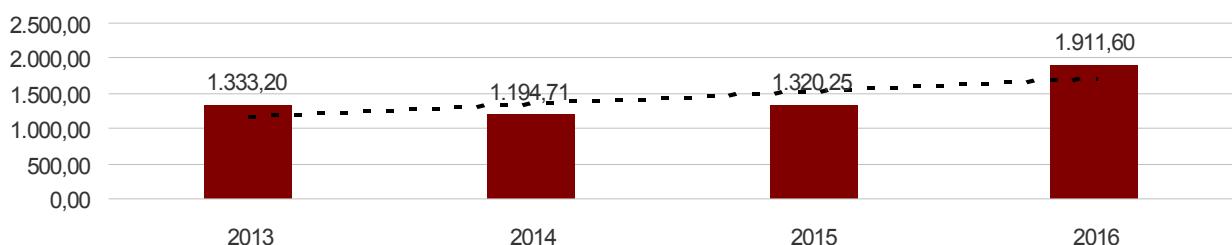
Gráfico 9 – Milho - Região – Participação crédito



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a outubro de 2016.

Gráfico 10 – Milho – Centro Oeste – Valores Absolutos

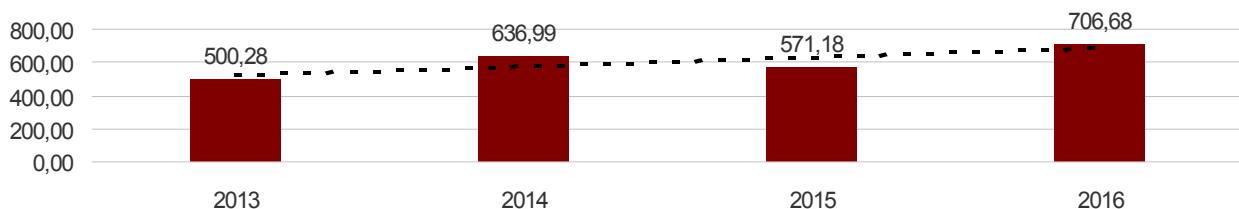


Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a outubro de 2016.



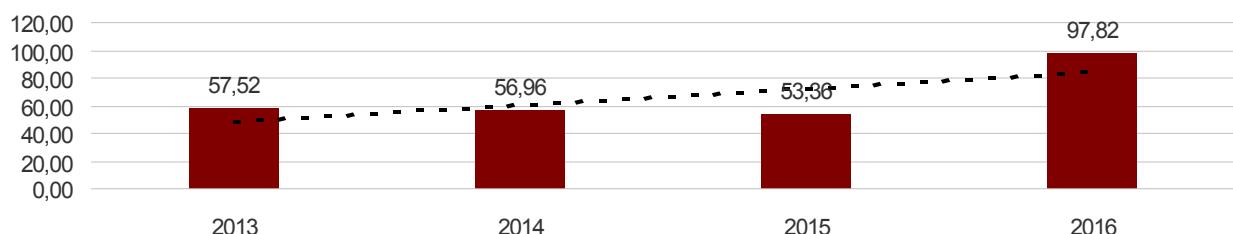
Gráfico 11 – Milho – Nordeste – Valores absolutos



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a outubro de 2016.

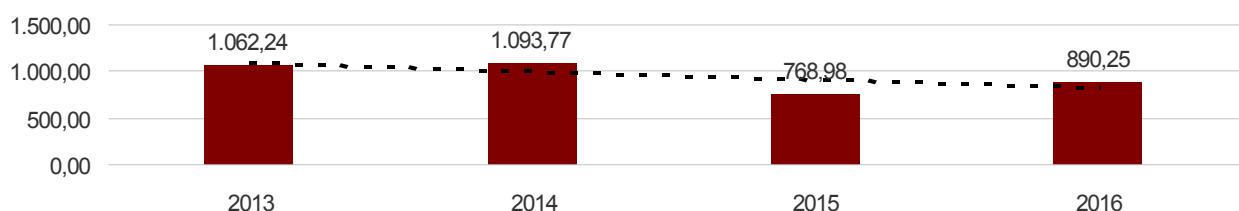
Gráfico 12 – Milho – Norte – Valores absolutos



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a outubro de 2016.

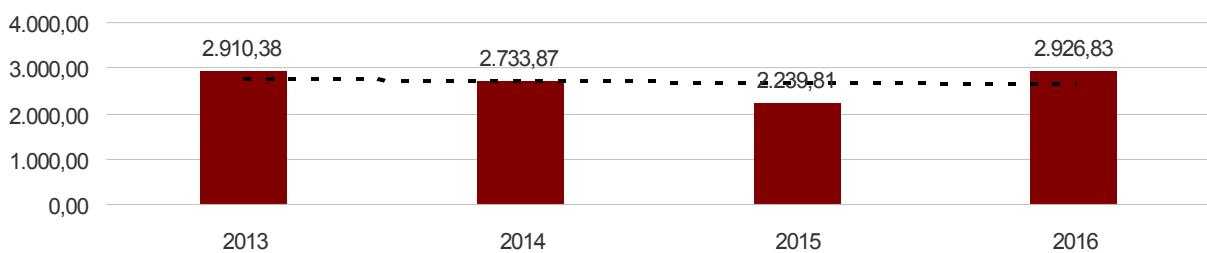
Gráfico 13 – Milho – Sudeste – Valores absolutos



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a outubro de 2016

Gráfico 14 – Milho – Sul – Valores absolutos.



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a outubro de 2016.

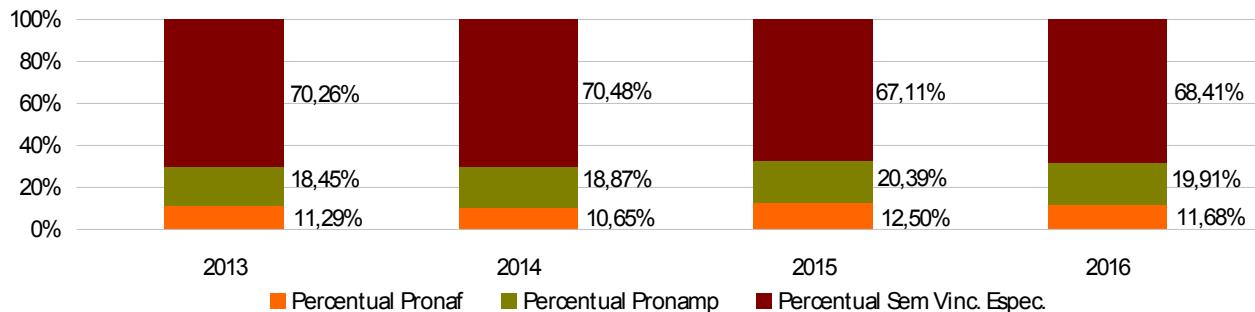


6.5. Soja

O Gráfico 15 tem a participação do uso do crédito por tipo de financiamento. Pode-se verificar que a concentração está no financiamento sem vínculo específico. No Gráfico 16 se nota a crescente utilização do crédi-

to para a soja, tal crescimento está relacionado com a possível opção do produtor em investir no plantio da soja em detrimento de outras culturas, principalmente pela sua liquidez e rentabilidade.

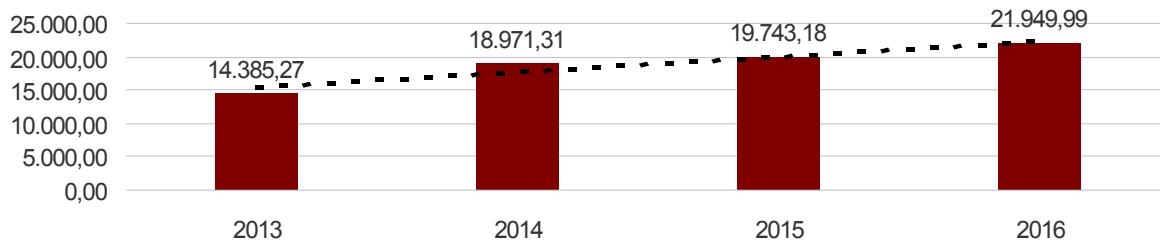
Gráfico 15 – Soja - Tipo de financiamento - Participação crédito



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a outubro de 2016.

Gráfico 16 - Soja – Total de financiamento



Fonte: Bacen.

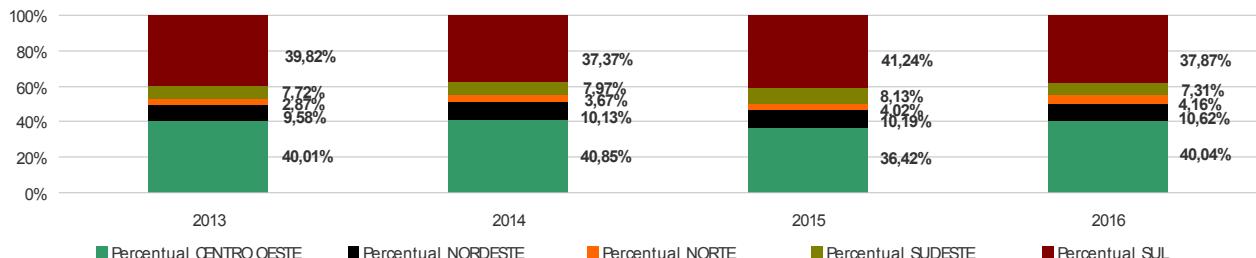
Nota:: janeiro de 2013 a outubro de 2016.

O Gráfico 17 apresenta, para o produto soja, os valores de crédito distribuídos nas diferentes regiões brasileiras. Pelo que se observa no ano de 2016, as Regiões Centro-Oeste e Sul são as principais regiões atendidas, situação condizente com o padrão dos anos sob análise, pois são as principais produtoras de soja.

Os Gráficos 18 a 22 indicam o crescimento percentual

do crédito no período em análise. Se comparado com o ano de 2015, o crédito deste ano tem aumento destacado para as Regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste, cujo procedimento é compatível com a tendência de aumento da produção nessas regiões. A pequena variação na Região Sul e Sudeste tem relação com a intenção dos produtores em distribuir seus investimentos na soja e no milho primeira safra.

Gráfico 17 – Soja - Região – Participação crédito

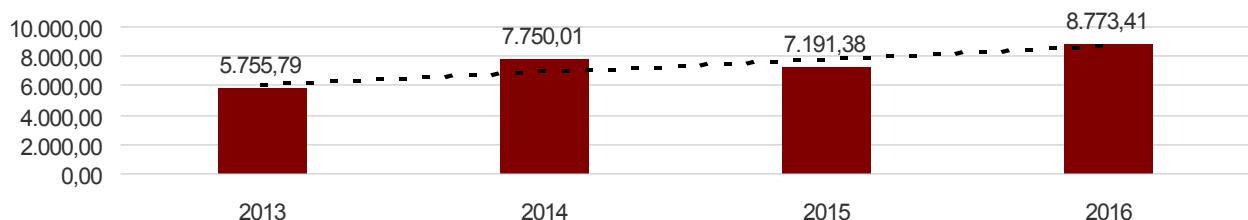


Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a outubro de 2016.



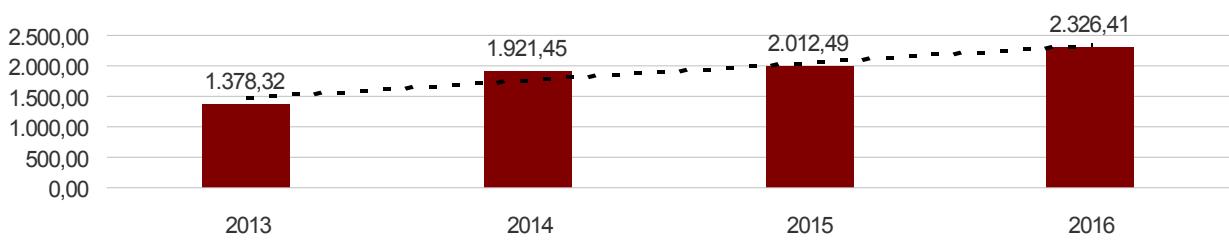
Gráfico 18 – Soja – Centro-Oeste – Percentual de variação crédito



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a outubro de 2016.

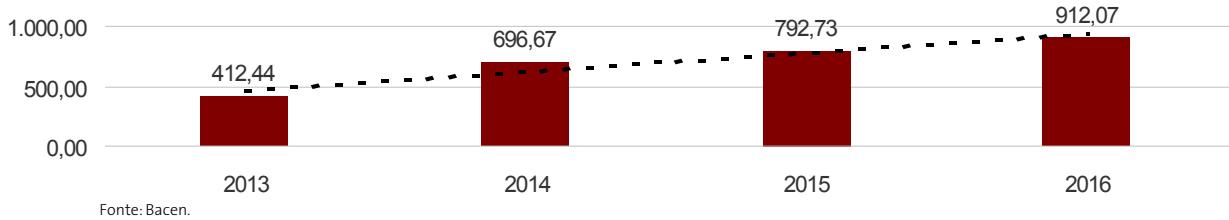
Gráfico 19– Soja – Nordeste – Percentual de variação de crédito



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a outubro de 2016.

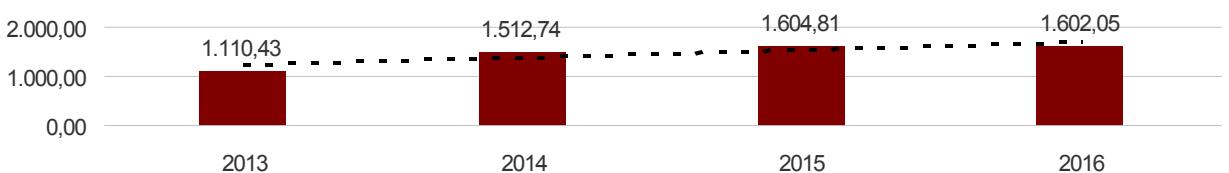
Gráfico 20 – Soja – Norte – Percentual de variação de crédito



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a outubro de 2016.

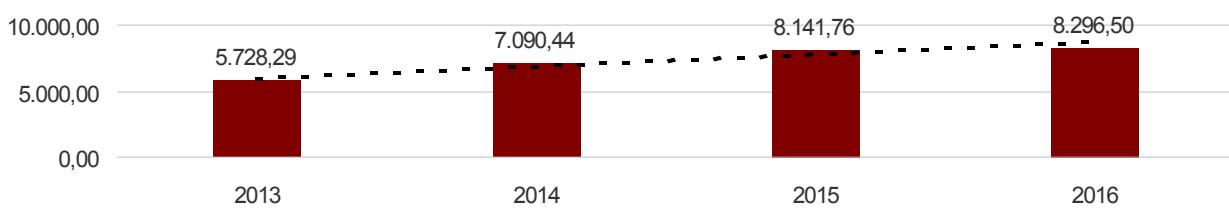
Gráfico 21 – Soja – Sudeste – Percentual de variação de crédito



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a outubro de 2016.

Gráfico 22 – Soja – Sul – Percentual de variação de crédito



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a outubro de 2016.

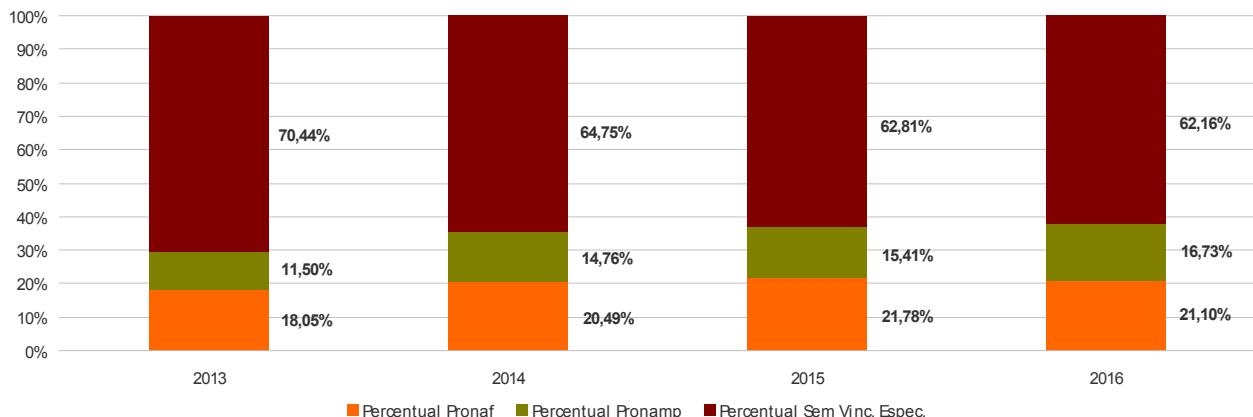


6.6. FEIJÃO

O Gráfico 23 indica semelhança na participação do Pronaf, Pronamp e financiamento sem vínculo específico no período em análise. Observando o total de financiamento (Gráfico 24) percebe-se aumento em relação ao ano de 2015, próximo a 2014 e inferior a 2013.

O crescimento dos financiamentos pode ter relação com a queda da safra 2015/16, os reflexos dos preços internos e da visão do produtor da oportunidade de plantio da primeira safra de feijão. O uso do crédito é compatível com o calendário agrícola.

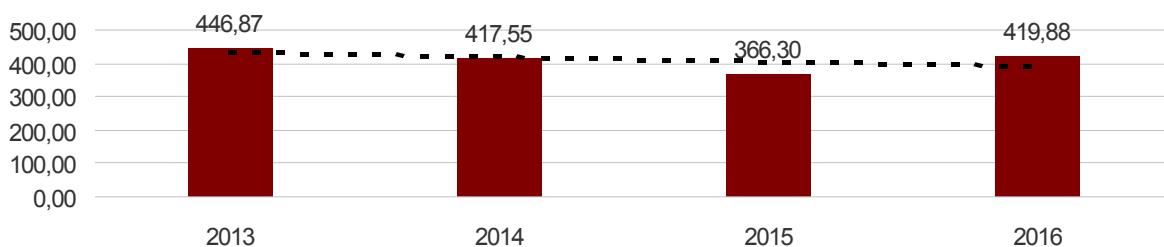
Gráfico 23 – Feijão – Tipo de financiamento



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a outubro de 2016.

Gráfico 24– Feijão - Total de financiamento



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a outubro de 2016.

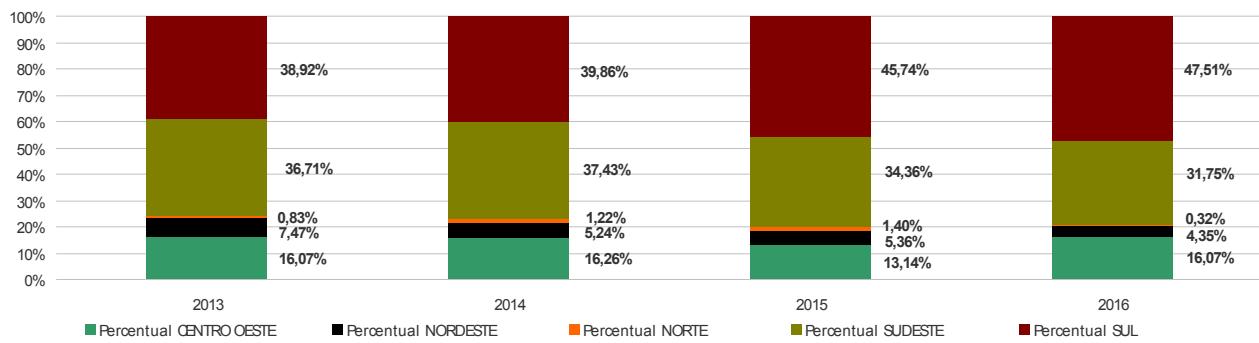
O Gráfico 25 contém as informações a respeito do crédito disponibilizado por região geográfica. Percebe-se que as Regiões Sudeste e Sul têm as maiores participações na utilização do crédito, o que é compatível com a distribuição da produção.

Tomando por base as informações constantes dos

Gráficos 26 a 30, pode-se observar que houve aumento na utilização do crédito nas Regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste, o que é compatível com a estimativa de aumento de produção da primeira safra de feijão. Há perspectiva de forte incremento de área nessas regiões, o que poderá refletir em produção superior à safra passada.



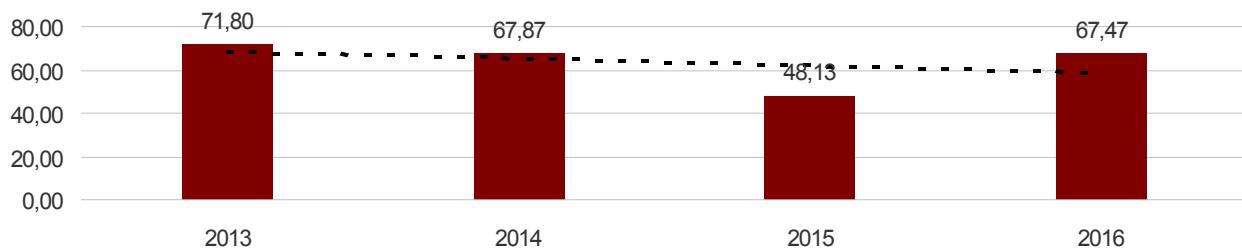
Gráfico 25 – Feijão - Região – Participação crédito



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a outubro de 2016.

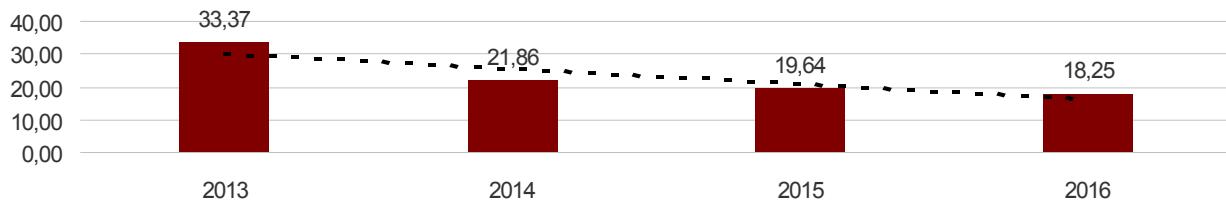
Gráfico 26 – Feijão – Centro-Oeste – Percentual de variação crédito



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a outubro de 2016.

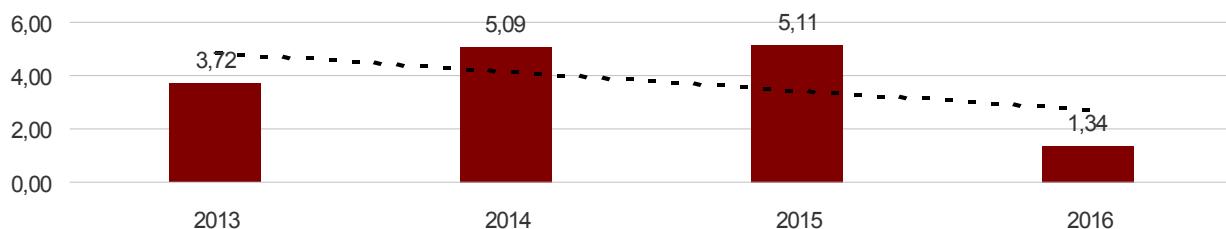
Gráfico 27 – Feijão – Nordeste – Percentual de variação crédito



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a outubro de 2016.

Gráfico 28 – Feijão – Norte – Percentual de variação crédito

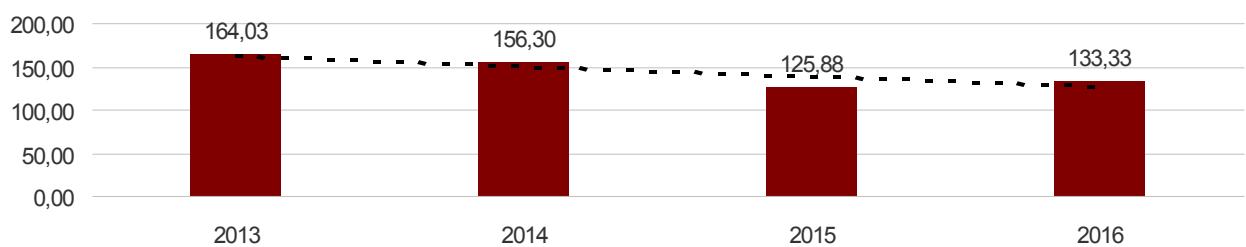


Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a outubro de 2016.



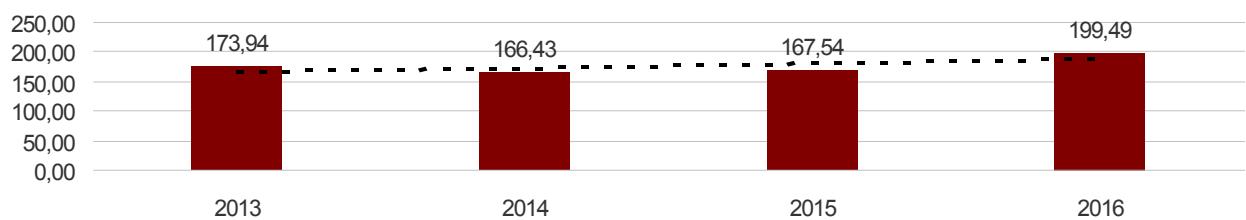
Gráfico 29 – Feijão – Sudeste – Percentual de variação crédito



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a outubro de 2016.

Gráfico 30 – Feijão – Sul – Percentual de variação crédito



Fonte: Bacen.

Nota:: janeiro de 2013 a outubro de 2016.





7. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO¹

7.1. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

7.1.1. ANÁLISE CLIMÁTICA EM NOVEMBRO DE 2016

O volume de chuvas dentro da faixa normal de novembro foi suficientemente favorável ao bom desenvolvimento das culturas de grãos na atual safra em grande parte do Brasil, principalmente nas Regiões Sudeste e Centro-Oeste. Nessas regiões, a maioria das localidades registrou volumes acumulados na faixa entre 150 e 300 mm (Figura 1). Porém, algumas localidades apresentaram extremos, como o Rio de Janeiro, onde foram registrados volumes acima de 400 mm, e no centro-sul do Mato Grosso do Sul, onde foram registrados volumes abaixo da média em novembro.

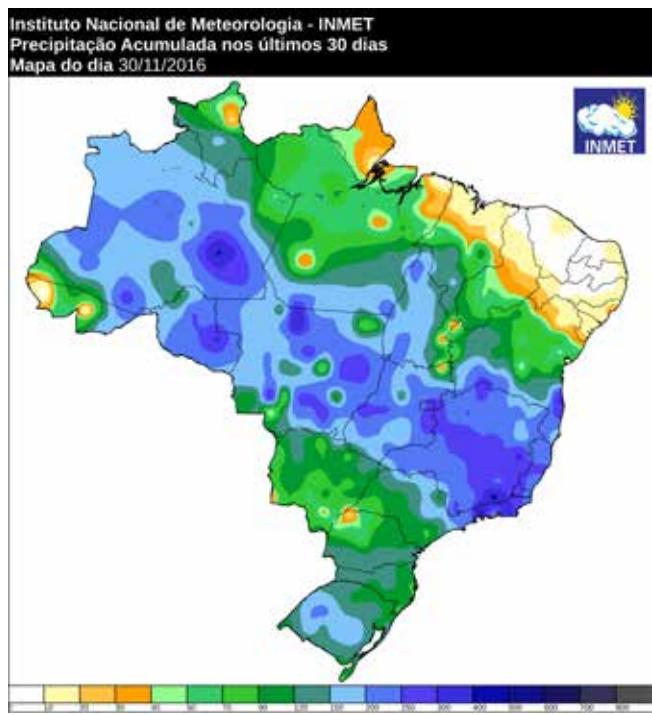
Na Região Sul do Brasil, os maiores volumes foram registrados no Rio Grande do Sul, com totais na faixa entre 90 e 200 mm, ultrapassando a média histórica de algumas estações meteorológicas. Em Santa Catarina e Paraná a precipitação acumulada foi um pouco menor, predominando na faixa entre 70 e 150 mm, o que em algumas localidades não foi o suficiente para atingir a média.

¹ Mozar de Araújo Salvador e Danielle Barros Ferreira – Meteorologista CDP-INMET-Brasília.

Na Região do Matopiba houve alta variabilidade espacial na distribuição das chuvas. Em Tocantins foram registrados volumes de 120 e 250 mm; no sul do Maranhão e oeste da Bahia os volumes ficaram na faixa entre 70 e 200 mm. No centro-sul do Piauí o deficit hídrico, causado pela irregularidade nas chuvas, foi o mais

acentuado entre os quatro estados que compõem a região. Os índices pluviométricos, na faixa entre 40 e 90 mm, foram bem abaixo do normal para o período, por exemplo, na estação meteorológica de Bom Jesus, onde foram registrados menos de 25 mm em todo o mês de novembro.

Figura 1 - Precipitação acumulada em novembro no Brasil



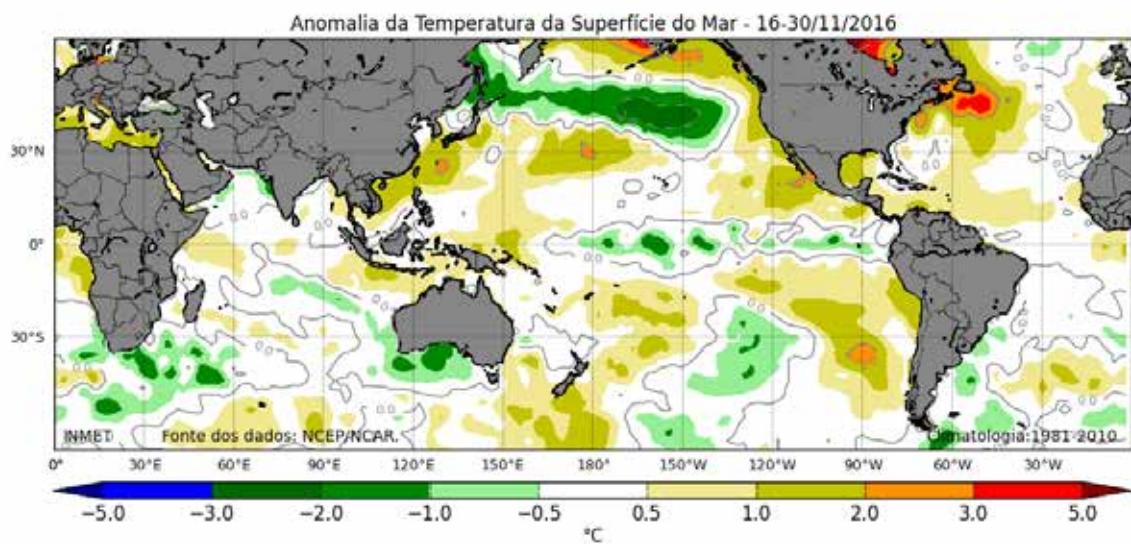
7.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS E LA NIÑA

O mapa de anomalias da temperatura na superfície do mar (TSM) da segunda quinzena de novembro (Figura 2) mostra a área com águas mais frias no Pacífico Equatorial permanece com padrão semelhante ao do mês anterior, com núcleos de desvios negativos de até 1,5 grau. Essa condição caracteriza a manutenção da baixa intensidade dos desvios negativos da TSM e mantém a tendência de formação de um La Niña de categoria fraca com evolução rápida para uma condição de neutralidade no Pacífico Tropical.

De maneira geral, a ocorrência do fenômeno La Niña é favorável às chuvas na Região Nordeste e desfavorável no Sul no verão e outono. Porém, outros fatores, tais como: a temperatura na superfície do Oceano Atlântico Tropical e na área oceânica próxima à costa do Uruguai e da Região Sul, poderão influenciar – dependendo das suas características durante essas estações – o regime de chuvas, intensificando ou atenuando os efeitos do La Niña.



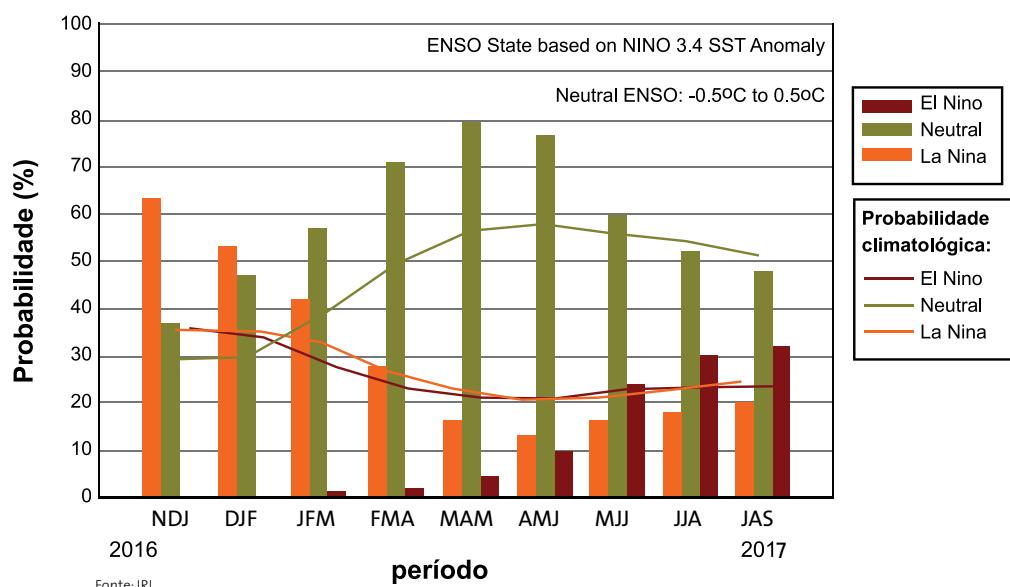
Figura 2 - Anomalias de TSM no período de 16-30 de novembro de 2016



Os modelos de previsão de TSM do IRI (Research Institute for Climate and Society) indicam que o fenômeno tem baixa probabilidade de persistir além de fevereiro de 2017 (Gráfico x). O atual prognóstico e as últimas observações sugerem que o fenômeno *La*

Niña em desenvolvimento, caso se consolide, será de baixa intensidade e de curta duração, com alta probabilidade de o Pacífico entrar na fase de neutralidade até o início de 2017.

Gráfico 31 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño e/ou La Niña



7.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO DE CHUVA – TRIMESTRE DEZEMBRO/2016 E JANEIRO-FEVEREIRO/2017

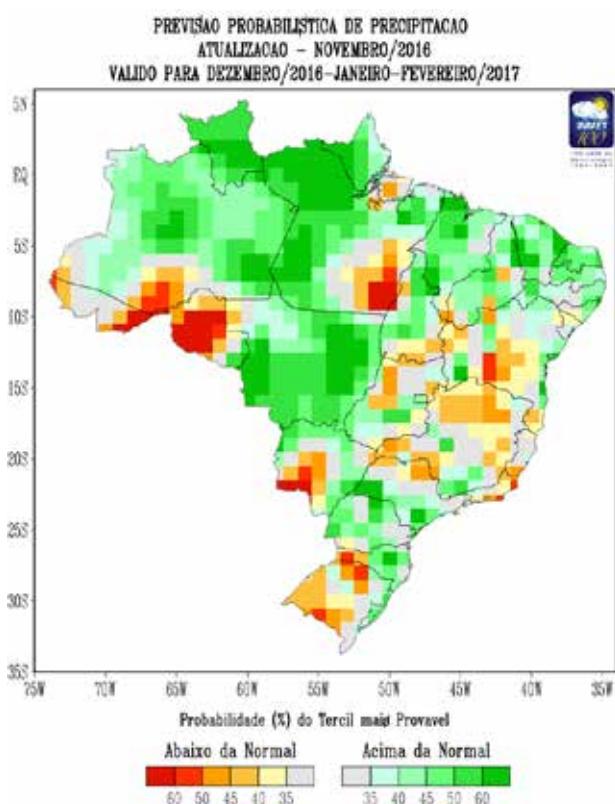
O modelo estatístico de previsão climática do Inmet indica maior probabilidade de que a precipitação do trimestre na Região Sul fique dentro da faixa normal ou abaixo no Rio Grande do Sul e oeste de Santa Catarina. O modelo apresenta também possibilidade de chuvas na faixa normal ou acima em algumas áreas do Paraná (Figura 3).

Para as Regiões Centro-Oeste e Sudeste os prognósticos indicam que devem prevalecer áreas com precipitação dentro da faixa normal ou acima, no trimestre. O modelo indica também algumas áreas no norte de

Minas Gerais com possibilidade de chuvas na faixa normal ou abaixo.

Na Região do Matopiba o trimestre tem maior probabilidade de volumes dentro da faixa normal em Tocantins e oeste da Bahia. Porém, a irregularidade na distribuição espacial das chuvas ocorrida em novembro pode voltar a ocorrer, gerando contrastes com áreas apresentando totais acima da média enquanto outras devem ficar com precipitação total abaixo da média.

Figura 3 - Previsão probabilística de precipitação do modelo estatístico do Inmet para o trimestre dezembro/2016 – janeiro e fevereiro/2017



1 Mozar de Araújo Salvador e Danielle Barros Ferreira – Meteorologistas CDP-INMET-Brasília.





8. MONITORAMENTO AGRÍCOLA: CULTURAS DE INVERNO (SAFRA 2016) E DE VERÃO (PRIMEIRA SAFRA – 2016/17) - NOVEMBRO/2016

O monitoramento agrometeorológico tem como objetivo identificar as condições para o desenvolvimento das grandes culturas nas principais mesorregiões produtoras do país, que estão em produção ou que irão iniciar o plantio nos próximos dias. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos), no impacto que o clima pode causar nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite. O período monitorado foi novembro de 2016.

Dentre os parâmetros agrometeorológicos observados, destacam-se: a precipitação acumulada, os desvios da precipitação e da temperatura com relação às médias históricas (anomalia) e a umidade disponível no solo. As tabelas das condições hídricas são elaboradas por cultura, e a classificação por mesorregião é feita da seguinte forma:

- Favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver problemas pontuais;
- Baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas, ou, geadas;
- Média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas, ou, geadas;
- Alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta

ou excesso de precipitações, ou, geadas, que podem causar impactos significativos na produção.

O monitoramento foi realizado nas principais mesorregiões produtoras de grãos que estavam em produ-

ção no último mês. As culturas monitoradas foram as seguintes: aveia, cevada e trigo (safra 2016); e algodão, amendoim primeira safra, arroz, feijão primeira safra, milho primeira safra e soja (safra 2016/17).

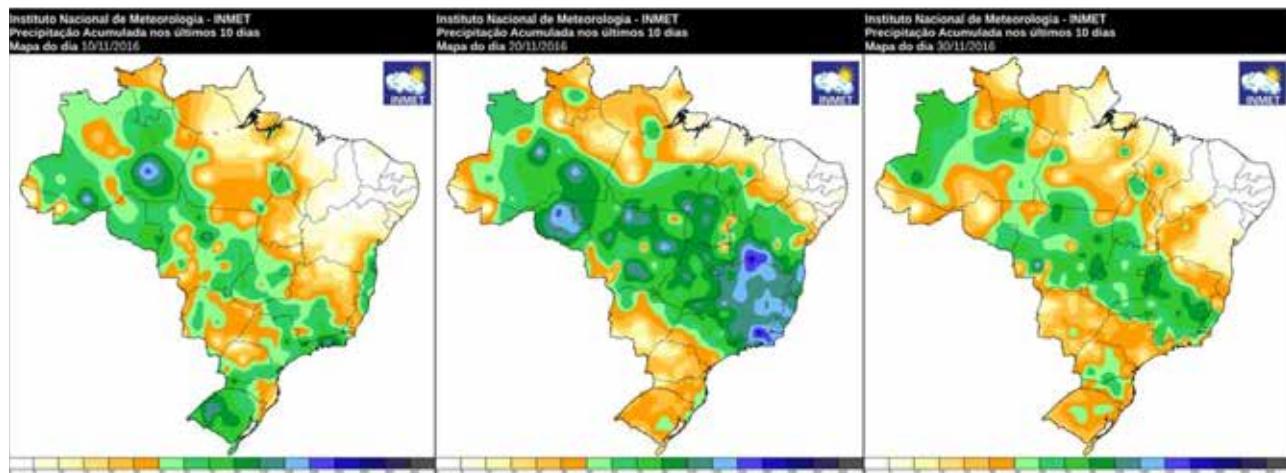
8.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO - NOVEMBRO DE 2016

Na Região Sudeste, na maior parte do Centro-Oeste e da região do Matopiba e em Rondônia, as chuvas se intensificaram em novembro e, embora tenham ocorrido abaixo da média, na maioria das regiões, favoreceram o plantio e o desenvolvimento das culturas de verão. No sudoeste do Mato Grosso do Sul, no entanto, as precipitações foram insuficientes e podem ter comprometido o desenvolvimento de parte das lavouras.

Na Região Sul as chuvas ocorreram com maior inten-

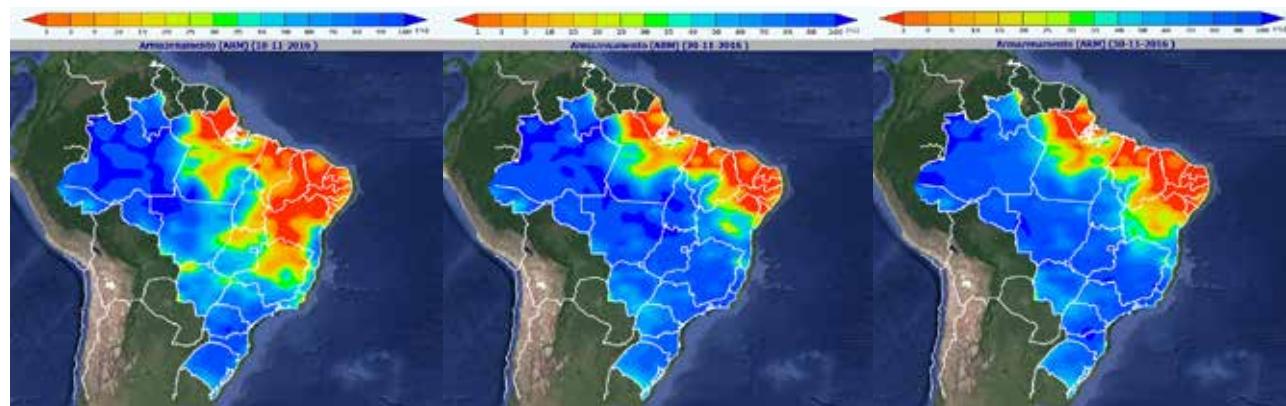
sidade apenas no início do mês (primeiro decêndio) e de forma mal distribuída. Essa condição favoreceu a maturação e a colheita dos cultivos de inverno, mas prejudicou parte dos cultivos de verão. As culturas mais afetadas foram o milho e o feijão em floração e frutificação, no Paraná e no Rio Grande do Sul. Além disso, baixas temperaturas prejudicaram o desenvolvimento do feijão. Em Santa Catarina a falta de chuvas também afetou a disponibilidade hídrica para a irrigação do arroz em parte do estado.

Figura 4 -- Chuva acumulada de 1º a 10 de novembro, de 11 a 20 de novembro e de 20 a 30 de novembro de 2016



Fonte: Inmet.

Figura 5 - Armazenamento hídrico diário dos dias 10, 20 e 30 de novembro/16



Fonte: Inmet.



8.2. MONITORAMENTO ESPECTRAL – DEZEMBRO DE 2016

O propósito do monitoramento espectral é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência das condições meteorológicas recentes e de eventuais ataques de pragas e doenças, a fim de auxiliar na estimativa da produtividade das principais regiões produtoras. No momento o foco principal é o início da safra de verão 2016/17, na região Centro-Sul do país. O monitoramento é realizado com base no Índice de Vegetação (IV), calculado a partir de imagens de satélite, desde o plantio das lavouras. Três produtos derivados do IV são utilizados: a) mapas de anomalia que mostram a diferença dos padrões de desenvolvimento da safra atual em relação à safra do ano passado; b) gráficos da quantificação de unidades de área de plantio pelo valor do IV que mostram a situação das lavouras da safra atual, da safra anterior e da média histórica nas faixas de baixos, médios e altos valores do índice e; c) gráficos de evolução temporal que possibilitam o acompanhamento do desenvolvimento das lavouras durante todo ciclo, e a comparação entre

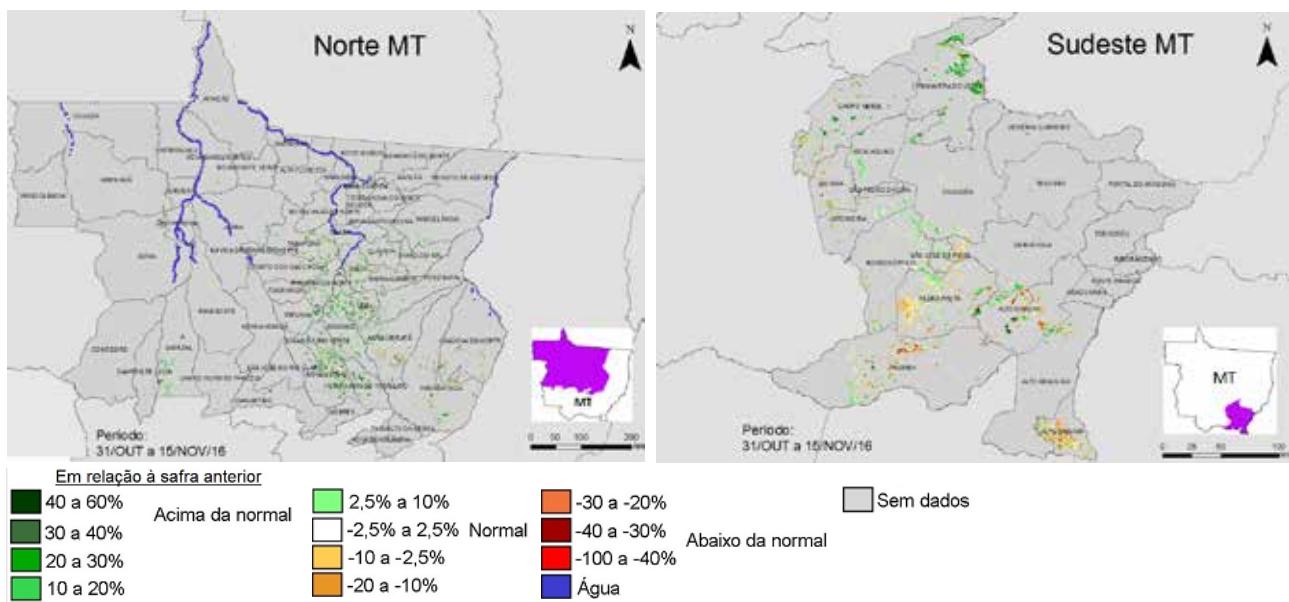
diferentes anos-safra.

No total, estão sendo monitoradas 17 mesorregiões produtoras, que representam cerca de 56% do percentual da área plantada com soja, milho primeira safra e feijão total no país, além das duas principais mesorregiões produtoras de trigo do Rio Grande do Sul. O monitoramento foi realizado a partir da composição de imagens de satélite dos períodos de 31 de outubro a 15 de novembro (16 dias) ou de 16 a 23 de novembro (8 dias), dependendo da disponibilidade dos dados em função da cobertura de nuvens.

Informações mais detalhadas sobre os critérios metodológicos estão disponíveis nos Boletins de Monitoramento Agrícola, que são divulgados mensalmente pela Conab e cuja última edição está acessível na área de destaques da página principal do site da Companhia. A seguir são apresentadas as informações e análises por estado das mesorregiões monitoradas.

8.2.1. MATO GROSSO

Figura 6 - Mapas de anomalia do IV das atuais lavouras de grãos em relação ao ano passado

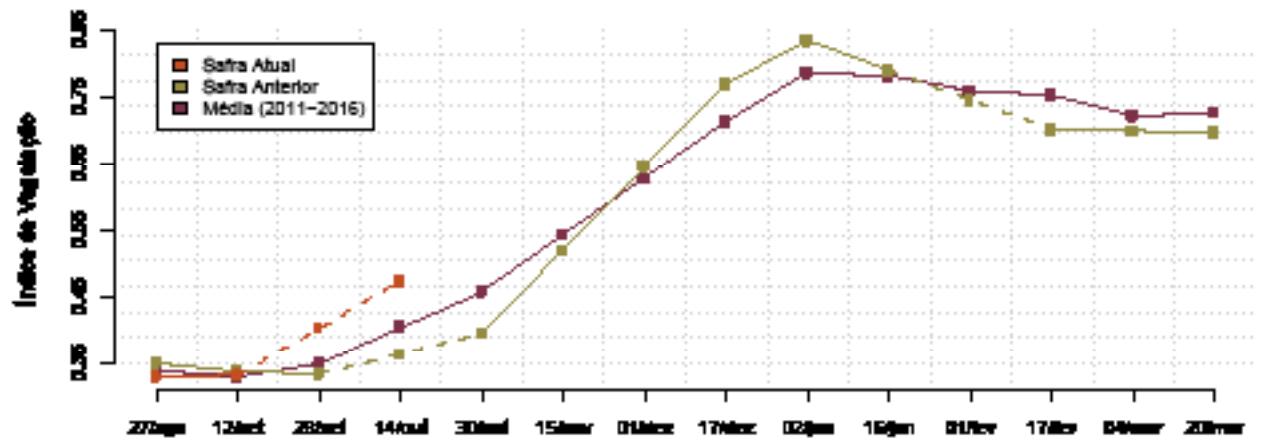


As áreas em verde nos mapas mostram onde as lavouras da atual safra respondem com valores de IV acima do ano passado. Isto se deve às condições climáticas favoráveis ao plantio e ao desenvolvimento, e onde a semeadura ocorreu mais cedo que na safra anterior. Nas áreas em amarelo, laranja e marrom, principalmente na parte sul da Região Sudoeste, pode

ter ocorrido situação inversa: retardo no plantio em comparação à safra passada pela falta de umidade no solo no período inicial de semeadura. Entretanto, o uso intenso de plantadeiras potentes intensifica o ritmo do plantio que deve ser concluído em janela climática ideal para atual safra. Em branco, são áreas em situação semelhantes nos dois anos-safra.

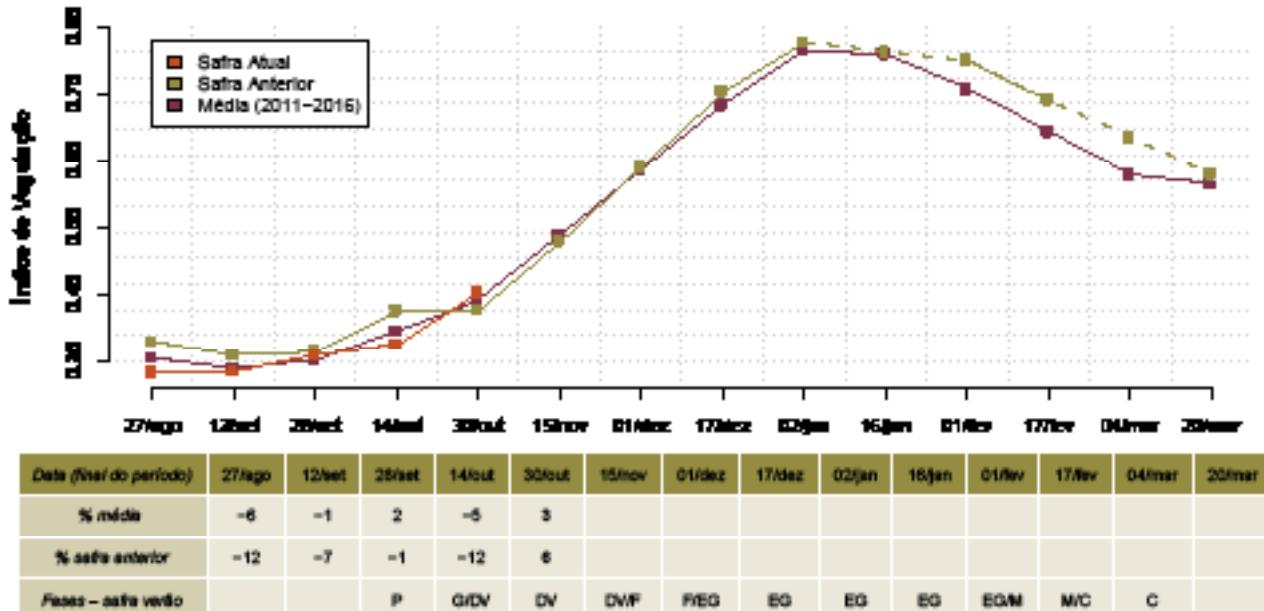


Gráfico 32 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Norte Mato-Grossense



Fonte: Projeto Glam.

Gráfico 33 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Sudeste Mato-Grossense



Fonte: Projeto Glam.

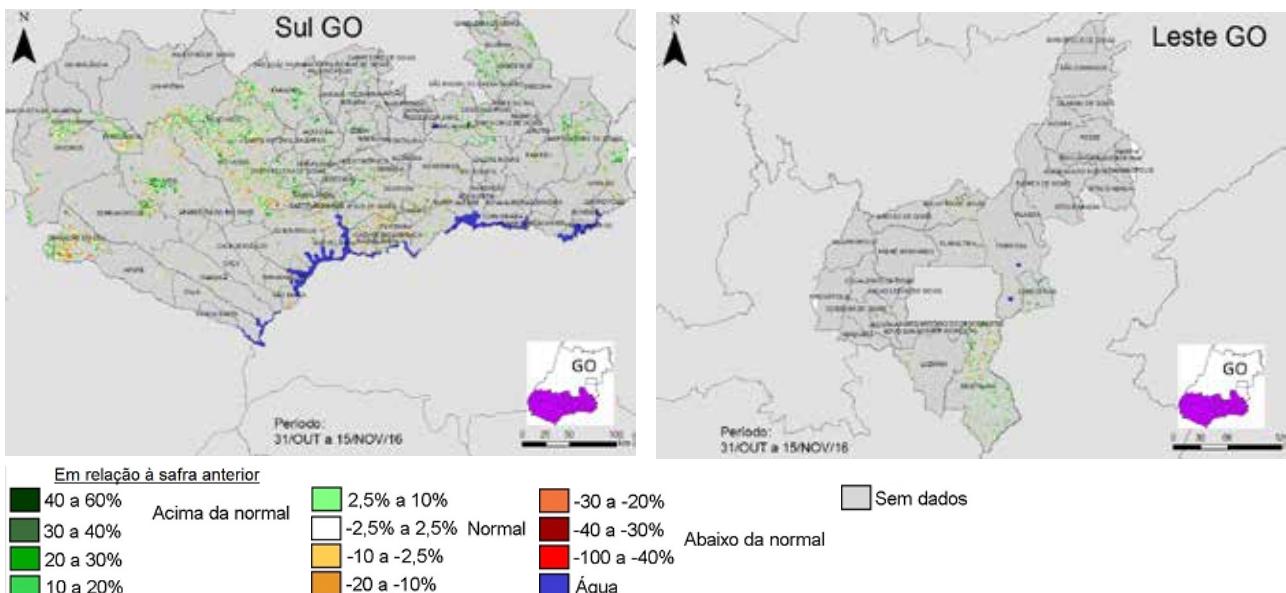
Os traçados da linha vermelha em plena ascensão até meados de outubro no norte e até o final do mês no sudeste, indica que o plantio foi intenso no começo da safra atual. O excesso de cobertura de nuvens em novembro impossibilitou a obtenção de dados su-

ficientes para a continuidade da linha nos períodos mais recentes. Entretanto, os mapas e os dados dos gráficos mostram bom padrão de desenvolvimento das lavouras atuais.



8.2.2. Goiás

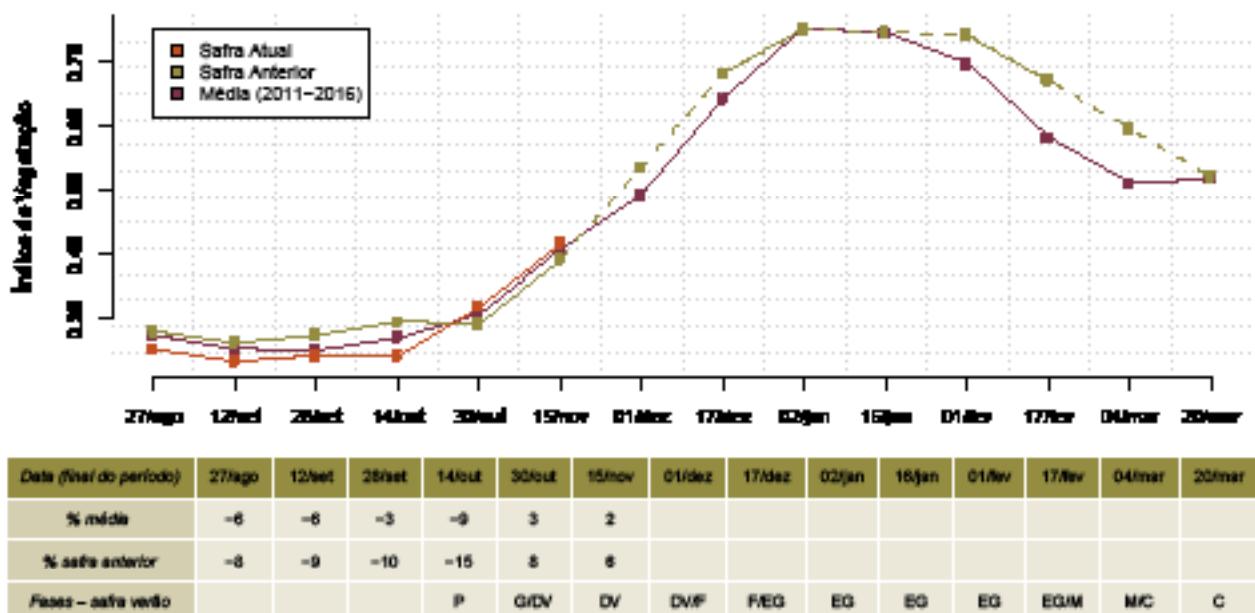
Figura 7 - Mapas de anomalia do IV das atuais lavouras de grãos em relação ao ano passado



Em verde são as áreas onde os atuais cultivos respondem com índice de vegetação acima do ano passado. O predomínio destas áreas indica que expressiva parcela das lavouras já semeadas evoluem com atividade fotossintética superior ao ano anterior. Em amarelo, marrom e vermelho devem ser áreas onde os produ-

toreiros decidiram por plantio um pouco mais tardio. Contudo, o emprego de maquinário de alta performance deve viabilizar a conclusão do plantio ainda em período adequado ao desenvolvimento normal da atual safra de verão. Em branco são lavouras em situação semelhante nestes dois últimos anos-safra.

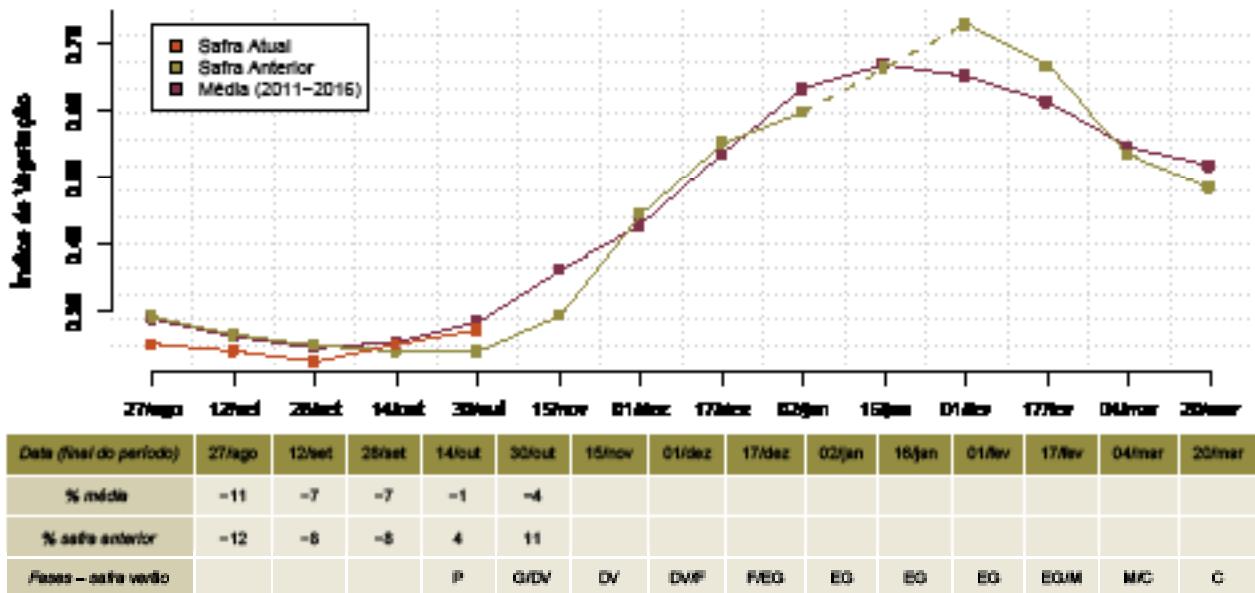
Gráfico 34 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Sul goiano



Fonte: Projeto Glam.



Gráfico 35 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Leste goiano

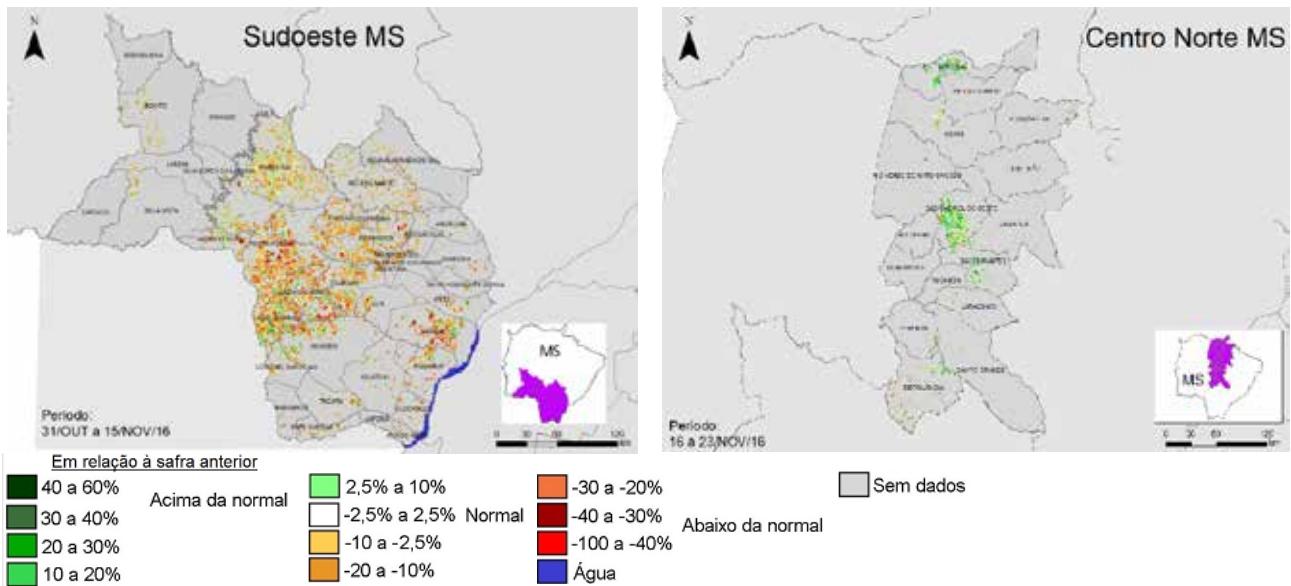


Os trechos da linha vermelha abaixo dos anos anteriores em agosto e setembro mostram o reflexo da queda de produção do milho segunda safra. Os úl-

mos trechos da linha em boa ascensão, a partir de outubro, mostram bom padrão de desenvolvimento da atual safra de verão.

8.2.3. MATO GROSSO DO SUL

Figura 8 – Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



Fonte: Projeto Glam.

Em amarelo, laranja e marrom no mapa do Sudoeste do MS são áreas cujos cultivos da atual safra de verão respondem com atividade fotossintética inferior ao ano anterior. Uma das principais razões para isto tem sido a falta de chuva na primeira quinzena de novembro. As poucas áreas em verde são de lavouras com padrão acima do ano passado, devido a condições

mais favoráveis ou onde o plantio ocorreu mais cedo.

Já no mapa do Centro Norte do MS, há uma maior quantidade de áreas com padrão acima do ano passado (em verde), quando se compara com o Sudoeste do estado. No entanto, essas áreas são minoria. O padrão mais abrangente, principalmente na porção



sul da mesorregião, é de áreas em amarelo, laranja e marrom. Uma das razões para isso também tem sido

a falta de chuvas no mês de novembro, além de possíveis diferenças no calendário de plantio.

Gráfico 36 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Sudoeste/MS

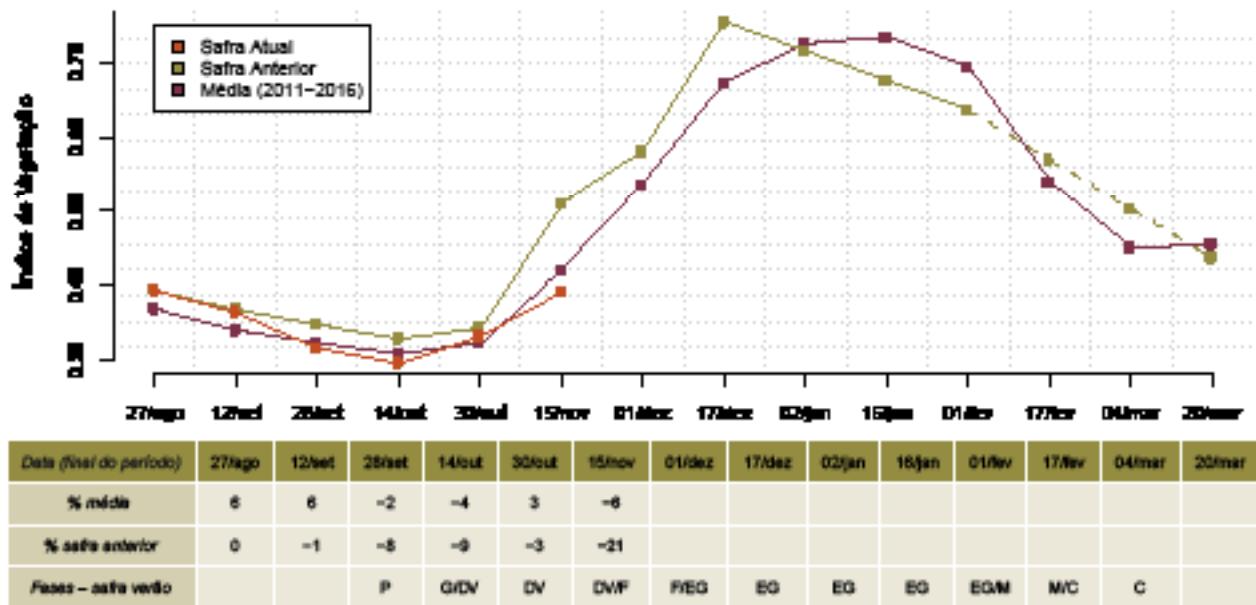
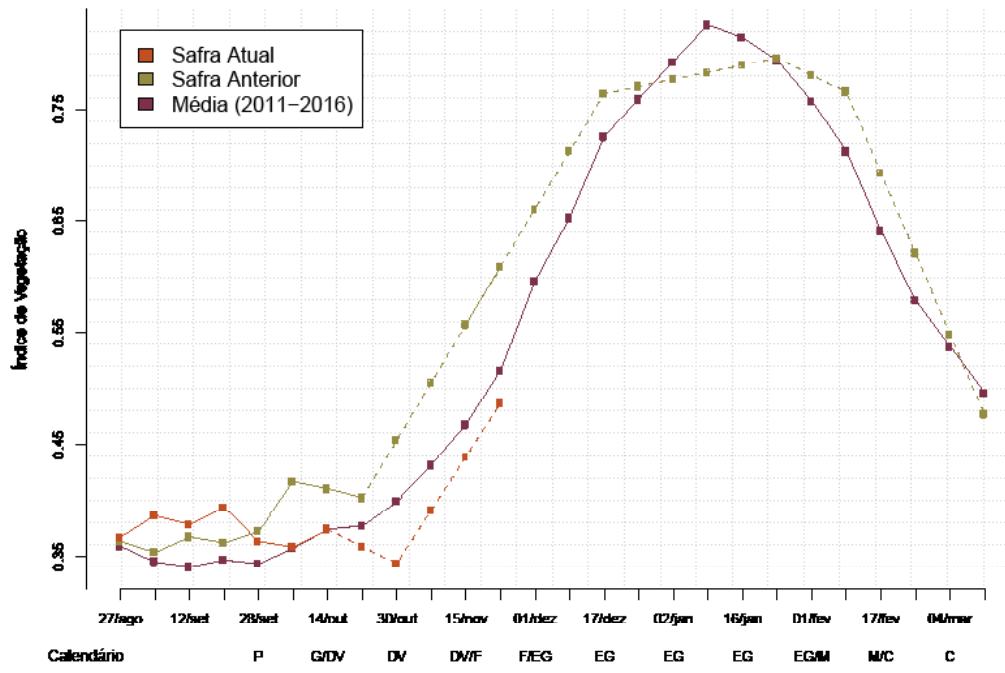


Gráfico 37 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Centro-Norte/MS



O índice da safra atual está, neste período, 6% menor em relação ao da média e 20% menor em relação ao da safra anterior.

Fonte: Projeto Glam.

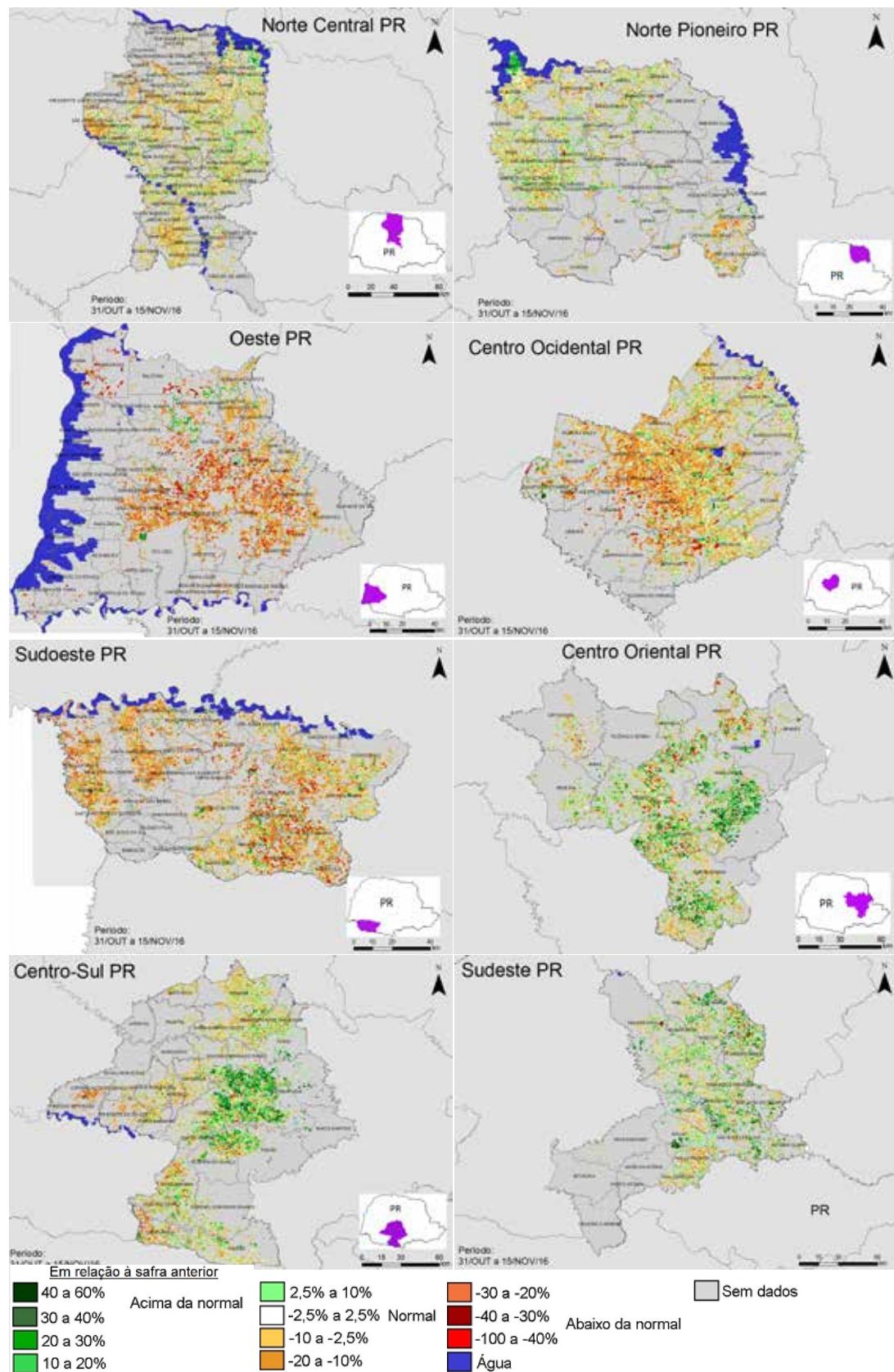
O traçado da linha vermelha nos dois gráficos da evolução temporal mostra uma ascensão inferior aos anos safra anteriores, indicando respostas de índice de vegetação abaixo do esperado agora em novem-

bro. Tal comportamento decorre principalmente das chuvas insuficientes e irregulares nesse início de safra no estado.



8.2.4. PARANÁ

Figura 9 – Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação ao ano passado



Fonte: Projeto Glam.



É bem notável o número de pixels com anomalia negativa das regiões Oeste, Centro Ocidental e Sudoeste. Em comum que ocorreu nessa região foi um pouco de estresse hídrico, principalmente no mês de setembro, que dificultou a germinação, gerando vários problemas de "stand". As temperaturas bem abaixo da média histórica durante o estádio de desenvolvimento vegetativo têm sido apontadas como principal fator do mal desenvolvimento das plantas.

Foi observado, em lavouras da região, que devido ao desenvolvimento vegetativo diferenciado (menor que nas safras normais) a planta não cresceu muito, mas em compensação, ramificou mais (criou mais galhos). Em algumas lavouras que já se encontram em floração, o número de flores por planta está maior. Isso, aparentemente, pode contribuir para uma boa produtividade mesmo com as plantas "mal desenvolvidas".

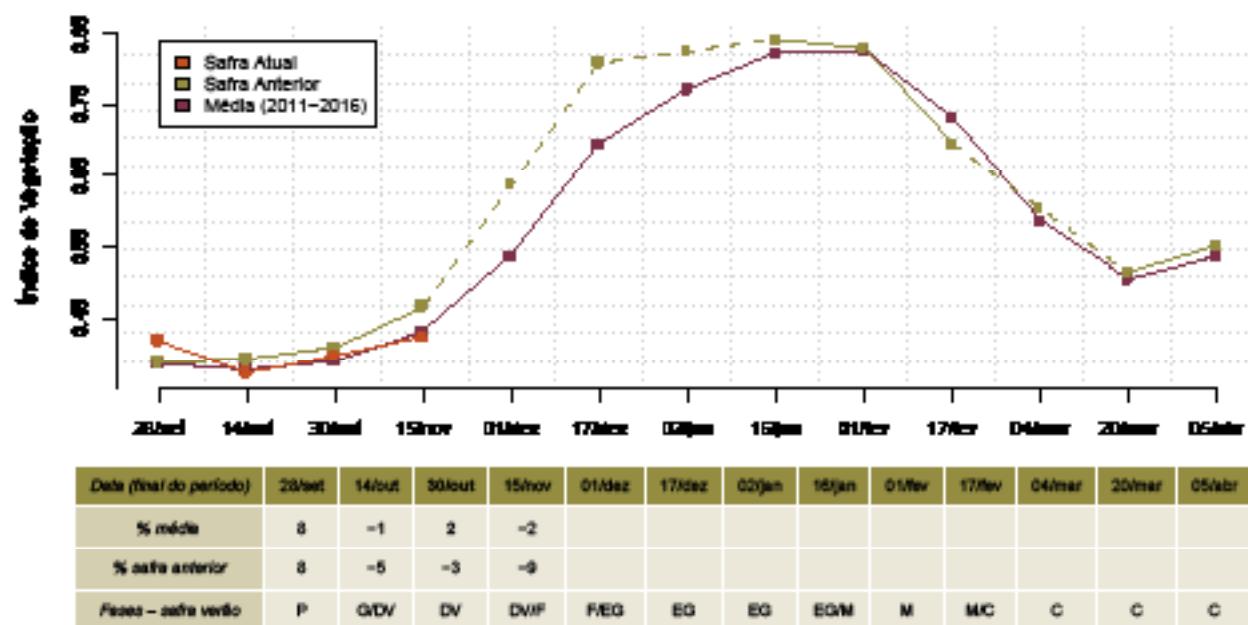
No norte do Estado, tanto Norte Central como o Norte Pioneiro, as lavouras já estão todas implantadas e em desenvolvimento. O volume de precipitações está bem inferior ao ano passado, por isso as anomalias negativas observadas.

Nas regiões centro-sul, centro oriental e sudeste a situação é diferente das demais. Observam-se nessas regiões alguns pontos bem verdes (atividade fotosintética superior à safra passada). Apesar de que, na

quantificação de todos os pixels, como é explicado no próximo item, a média está inferior à safra passada. É difícil afirmar com convicção os motivos das anomalias, mas no geral, a discrepância de anomalias positivas e negativas se explica pelo seguinte:

- 1- Nessas 3 regiões se planta mais da metade do feijão do Estado do Paraná. Devido ao frio intenso desde quando do plantio, algumas lavouras não apresentam boa condição de desenvolvimento, o que explica parte das anomalias negativas.
- 2- As lavouras de soja plantadas mais cedo (início de outubro) sobre áreas de aveia preta, não tiveram bom desenvolvimento vegetativo, também devido ao frio. Nessas regiões não há relatos de estresse hídrico.
- 3- As lavouras de milho seguem em boas condições, da mesma forma que no ano passado. Por isso, somente uma diferença no calendário de plantio, de produtor para produtor, pode explicar alguma anomalia.
- 4- A maior parte das anomalias positivas, porém se deve ao calendário de plantio. Na safra passada, o plantio nessas regiões foi bastante escalonado, com algumas propriedades efetuando a semeadura até no dia 31 de dezembro. Tudo devido ao excesso de chuvas no ano de 2015. Em 2016, apesar do frio, o clima permitiu o plantio em boas janelas, o que resulta em melhor desenvolvimento vegetativo para as lavouras de soja nestas 3 mesorregiões.

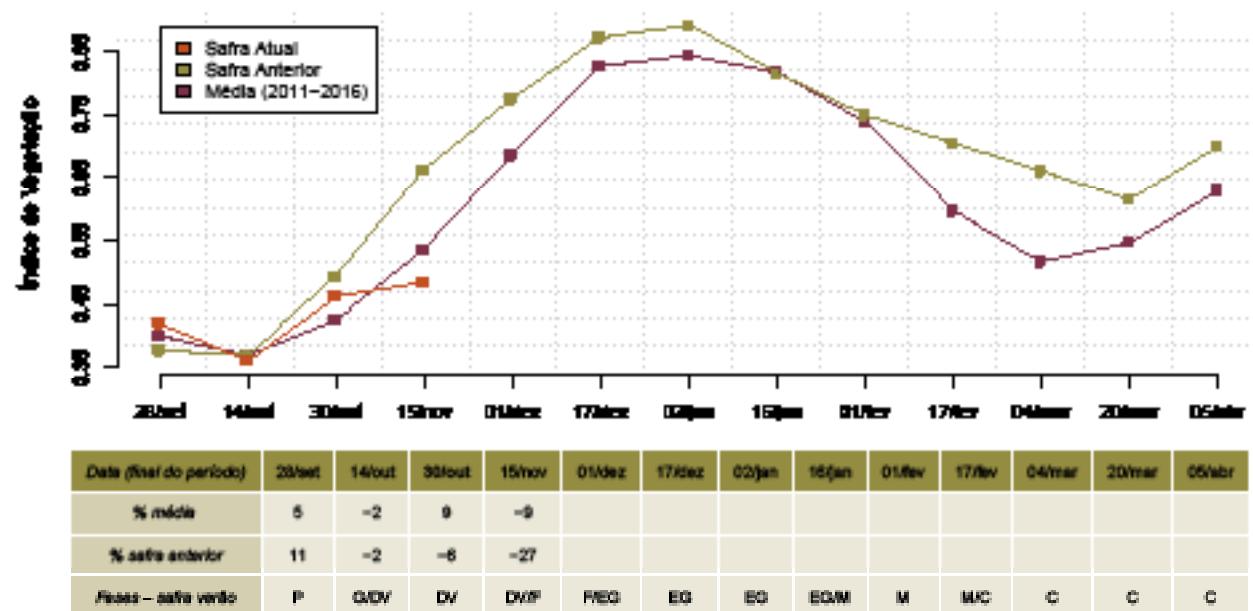
Gráfico 38 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Norte Central/PR



Fonte: Projeto Grâns.

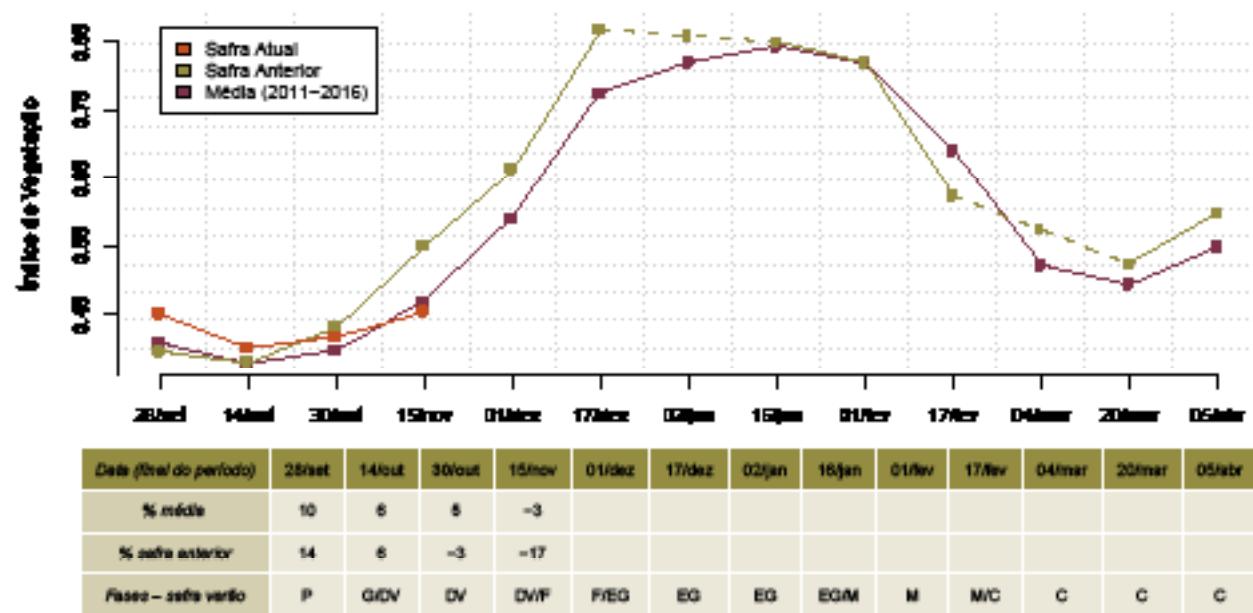


Gráfico 39 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Oeste/PR



Fonte: Projeto Glam.

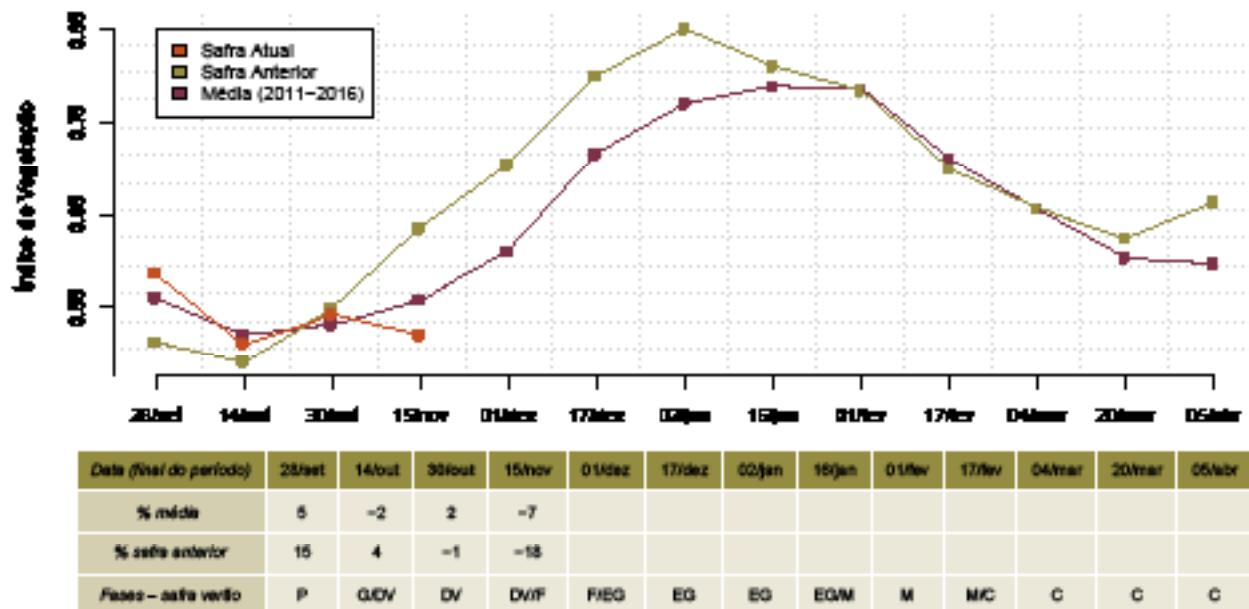
Gráfico 40 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Centro Ocidental/PR



Fonte: Projeto Glam.

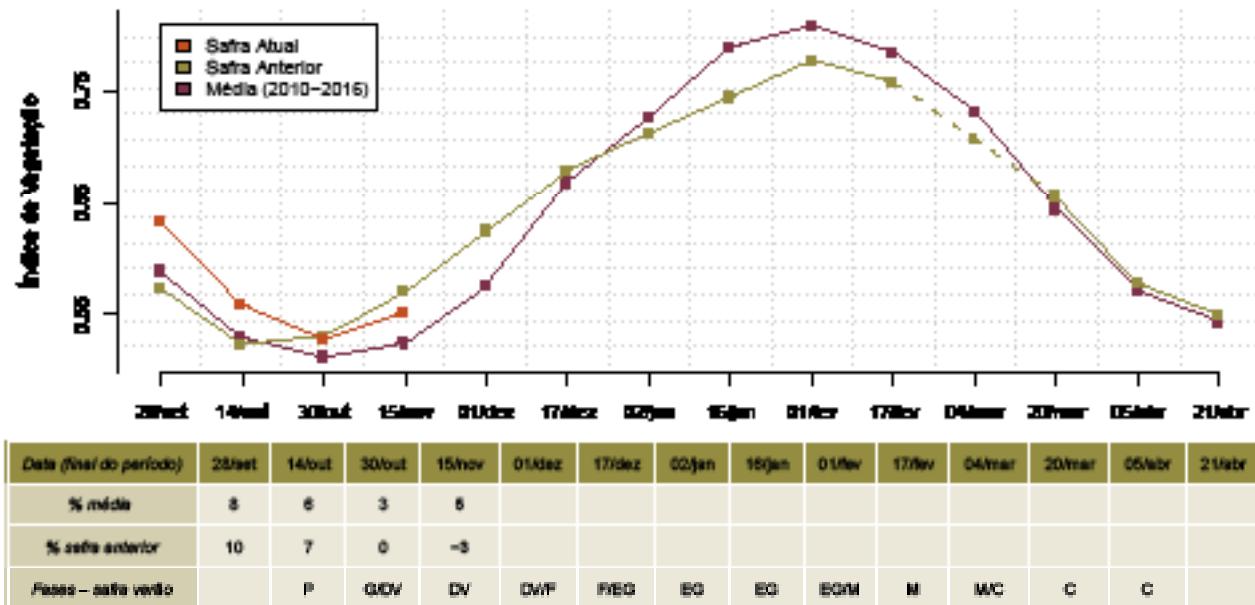


Gráfico 41 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Sudoeste/PR



Fonte: Projeto Glam.

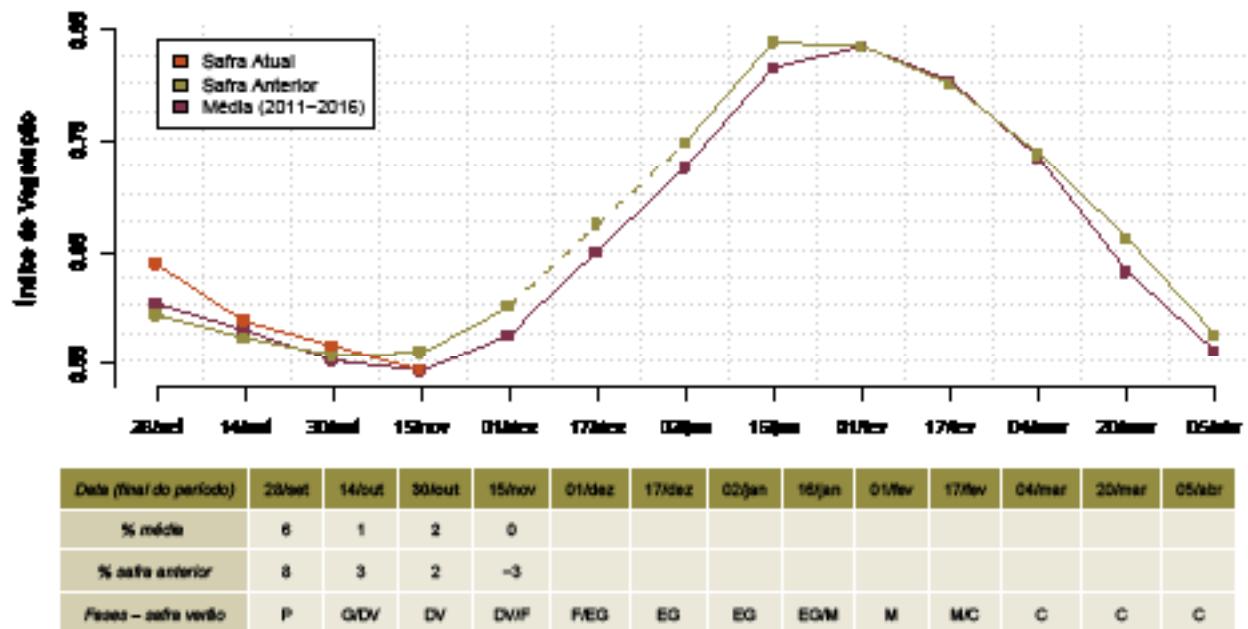
Gráfico 42 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Centro Oriental/PR



Fonte: Projeto Glam.

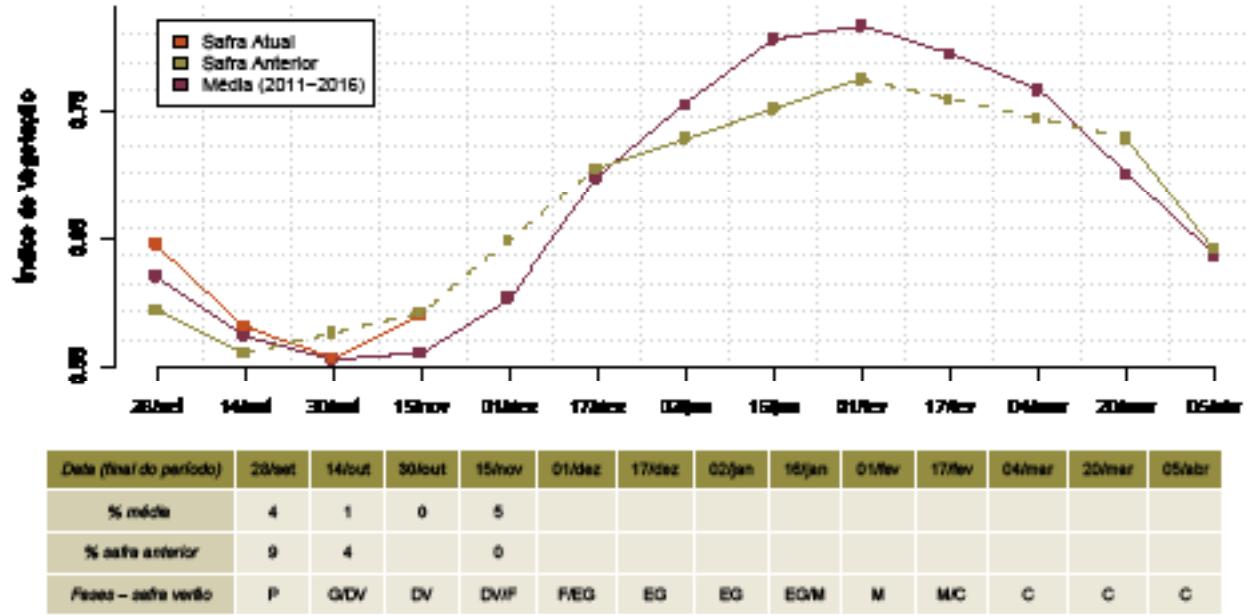


Gráfico 43 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Centro Sul/PR



Fonte: Projeto Glam.

Gráfico 44 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Sudeste/PR



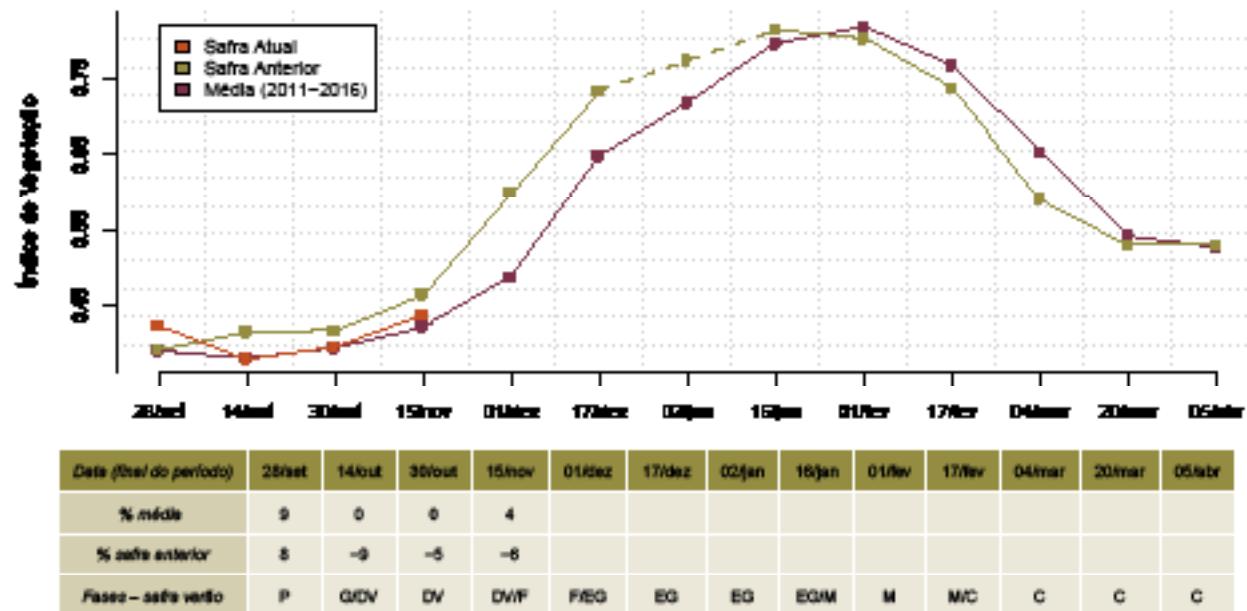
Fonte: Projeto Glam.

Observa-se pelo dado da última quinzena uma desaceleração no crescimento do IV nas regiões oeste e centro ocidental paranaenses. Essa condição se deve, principalmente, à deficiência no desenvolvimento das lavouras ocasionada pelo estresse hídrico nas últimas semanas.

Nas demais regiões vêem-se a curva de evolução temporal abaixo da curva da safra passada. Essa situação é explicada, majoritariamente, pelo frio que afetou o desenvolvimento das plantas. Os problemas de estande generalizados, devido ao estresse hídrico quando do plantio, também são indicados por esse comportamento da curva.

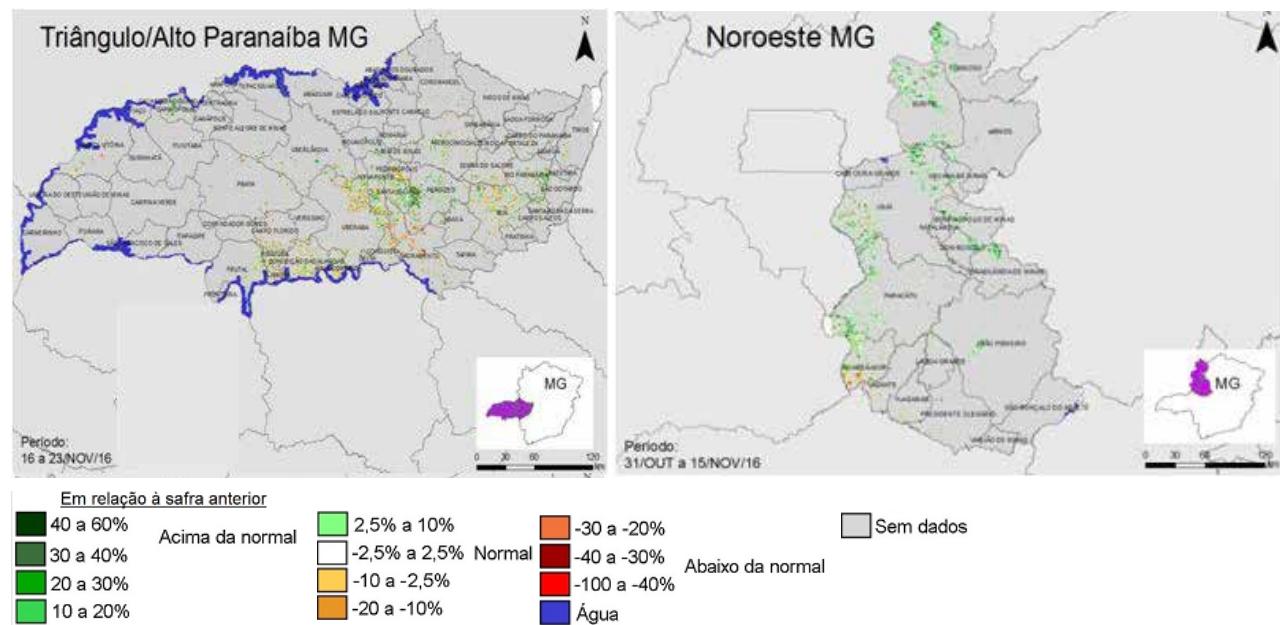


Gráfico 45 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Norte Pioneiro/PR



8.2.5. MINAS GERAIS

Figura 10 – Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação ao ano passado



Fonte: Projeto Glam.

O mapa do Triângulo Mineiro mostra um pouco mais de áreas nas cores amarelo, laranja e marrom, indicando onde a atividade de fotossíntese da atual safra está inferior ao ano passado. Diferença de calendário de plantio nestas áreas pode ser uma das razões desta anomalia. Por outro lado, as cores em verde mostram respostas do índice de vegetação superior à safra pas-

sada. Há possibilidade de que, nestas áreas, o plantio da atual safra de verão tenha ocorrido mais cedo que no ano anterior e, por isso, com maior índice de área foliar, as lavouras respondem com padrão relativamente acima do que ocorreu em 2015. Em branco são lavouras com padrão semelhante nos dois anos.



Gráfico 46 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Triângulo/Alto Paranaíba/MG

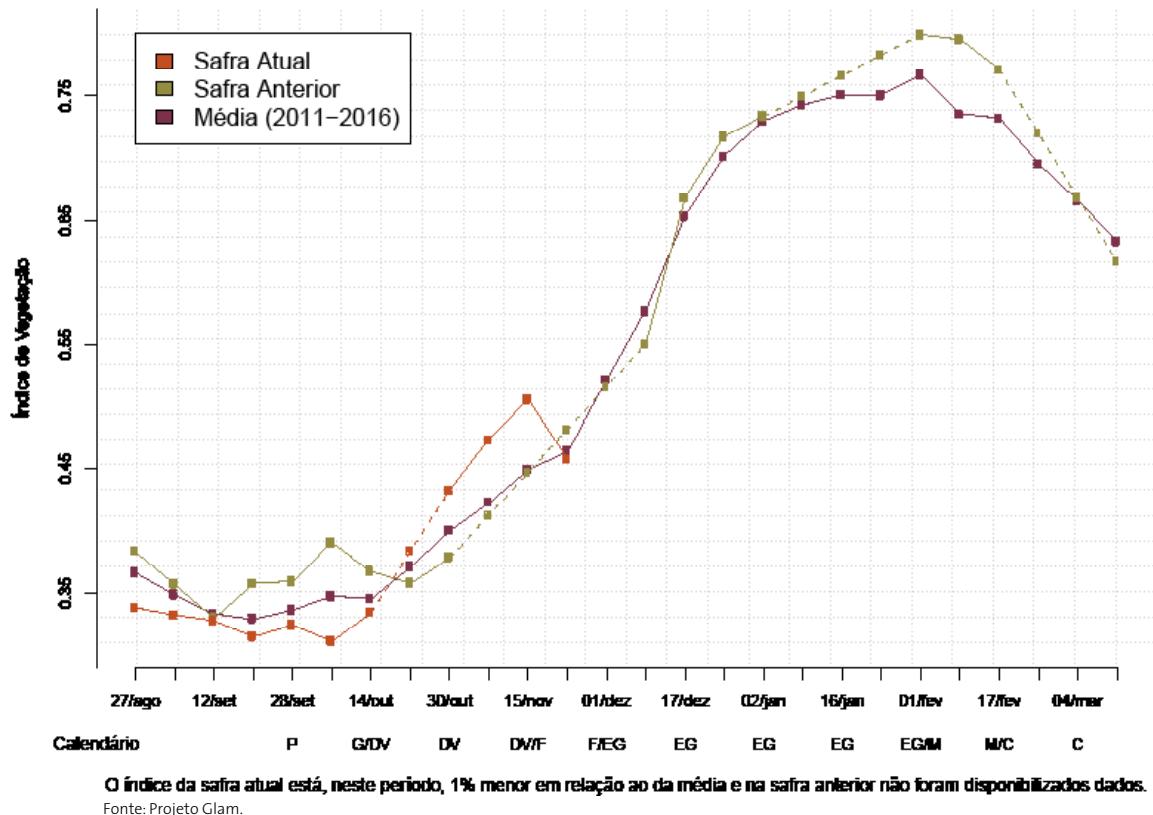
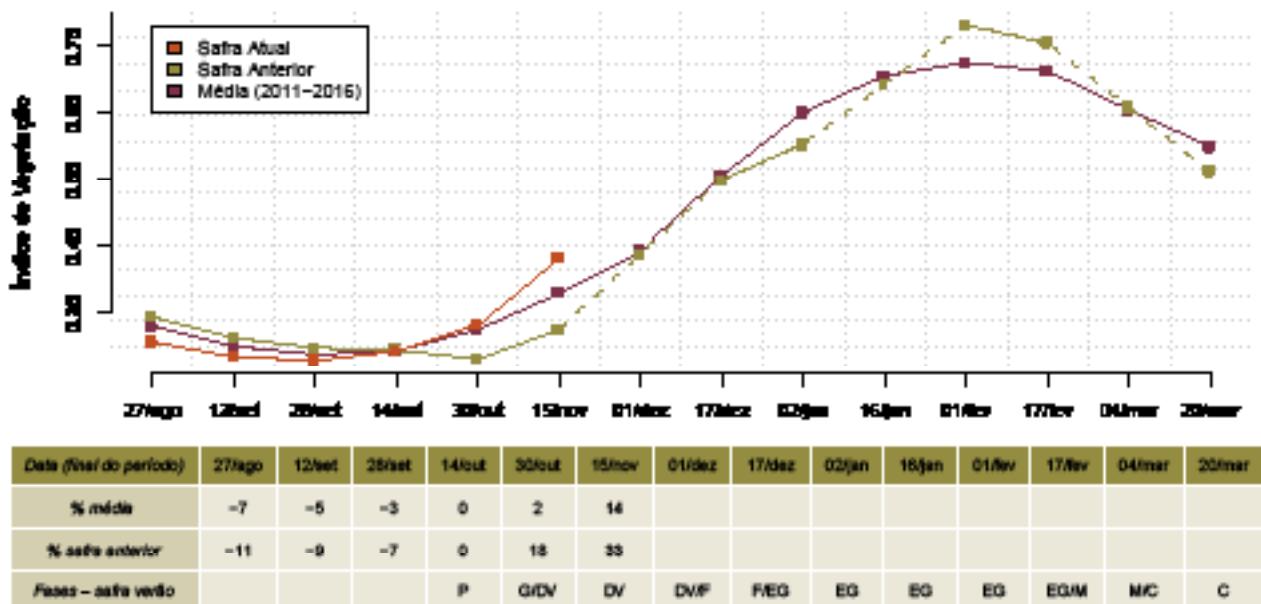


Gráfico 47 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Noroeste/MG



Fonte: Projeto Glam.

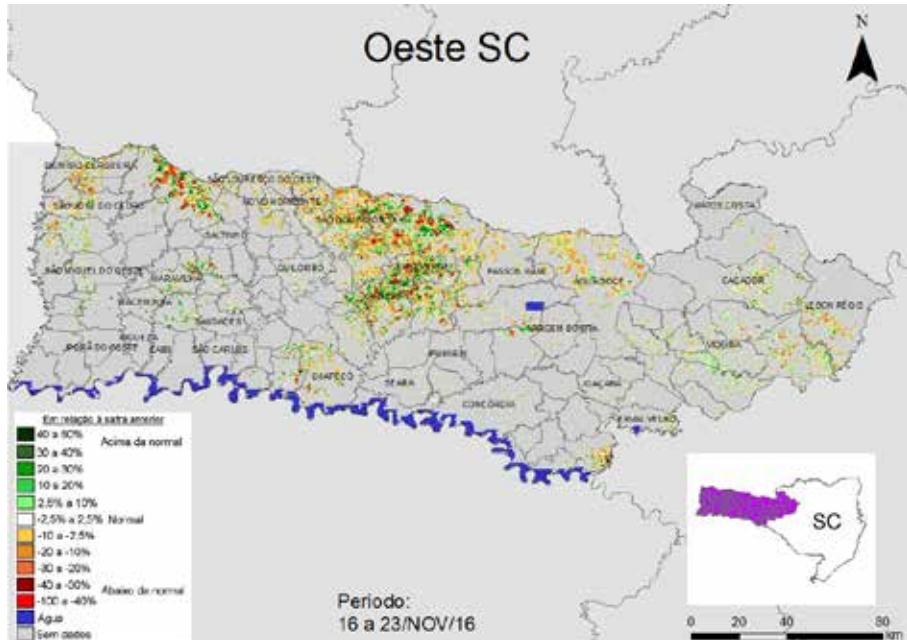
Os trechos da linha vermelha abaixo dos anos anteriores em agosto e setembro mostram o reflexo da queda de produção do milho segunda safra. Os últi-

mos trechos da linha em boa ascensão, a partir de outubro, mostram bom padrão de desenvolvimento da atual safra de verão.



8.2.6. SANTA CATARINA

Figura 11 – Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação ao ano passado

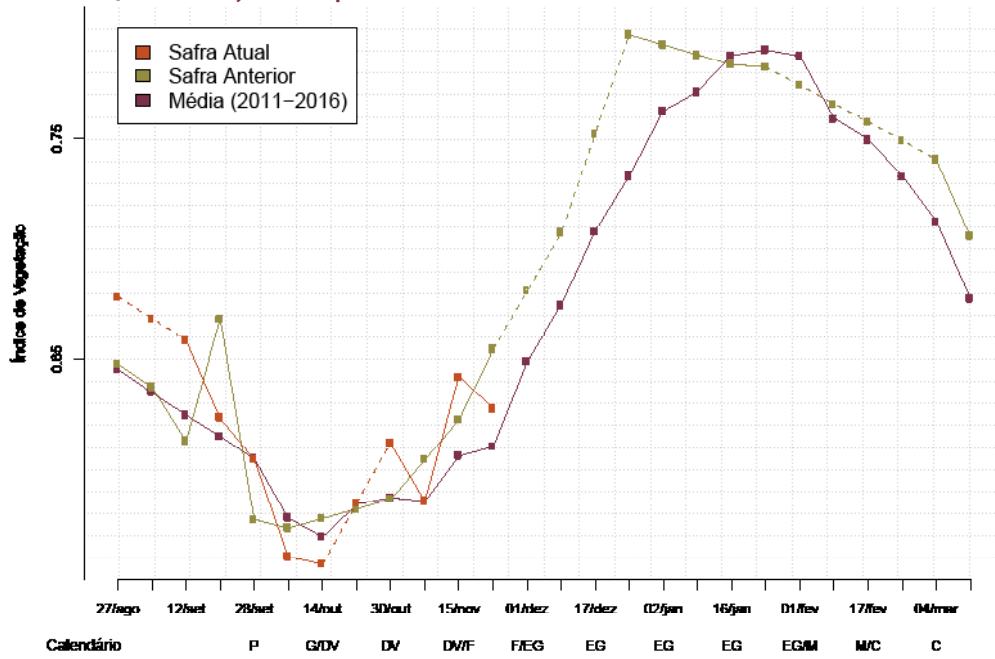


Fonte: Projeto Glam.

O mapa acima mostra manchas diferenciadas. As cores em amarelo laranja e marrom mostram onde as respostas do índice de vegetação da atual safra está inferior à safra passada. Há possibilidade de que a pouca disponibilidade hídrica do solo nestas áreas seja a principal causa dessa anomalia negativa. Já nas

manchas verdes, principalmente na parte central da Região, estão as lavouras com atividade fotossintética acima do ano passado. Nestas áreas o clima deve ter sido mais favorável ao plantio e também ao desenvolvimento dos cultivos.

Gráfico 48 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Oeste SC



O índice da safra atual está, neste período, 3% maior em relação ao da média e 4% menor em relação ao da safra anterior.

Fonte: Projeto Glam.

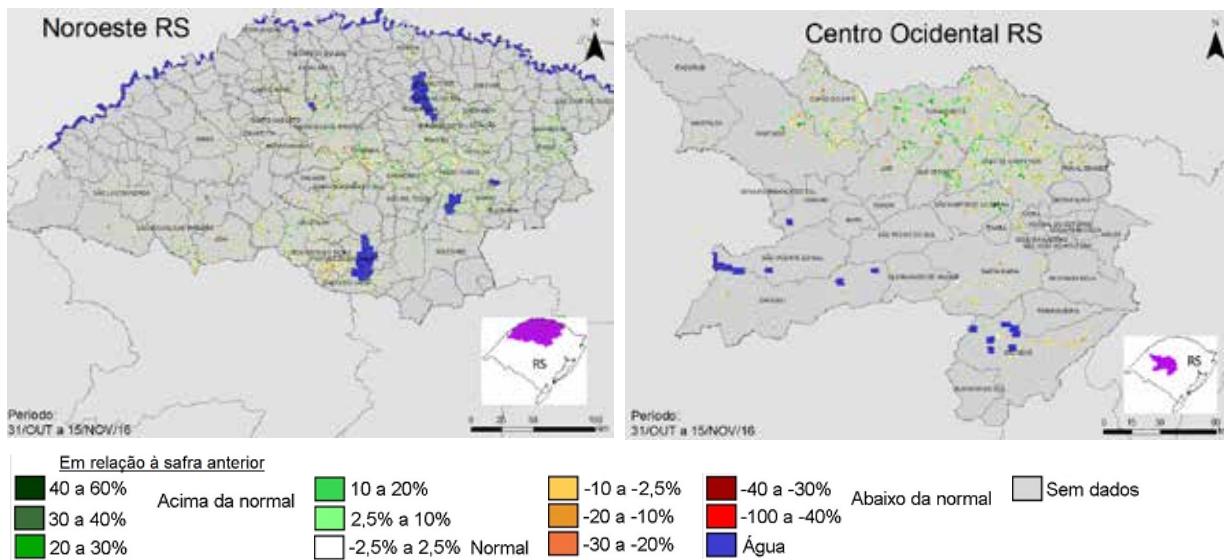


A linha vermelha, da safra atual, mostra fortes oscilações. No período que finalizou em 14 de outubro houve queda do IV, provavelmente devido à colheita dos cultivos de inverno e da dessecação de áreas para o plantio dos cultivos de verão. Nos períodos seguintes, em 30 de outubro e 15 de novembro, é possível que o plantio e o desenvolvimento em condições climáticas

favoráveis tenham implicado no aumento da cobertura foliar e, por isso, tenham puxado as respostas para altos valores do IV. Já em 7 de novembro e no período mais recente (23 de novembro), houve variações negativas do índice devido às condições climáticas adversas que podem ter prejudicado o desenvolvimento de parte das lavouras.

8.2.7. RIO GRANDE DO SUL

Figura 12 – Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação ao ano passado



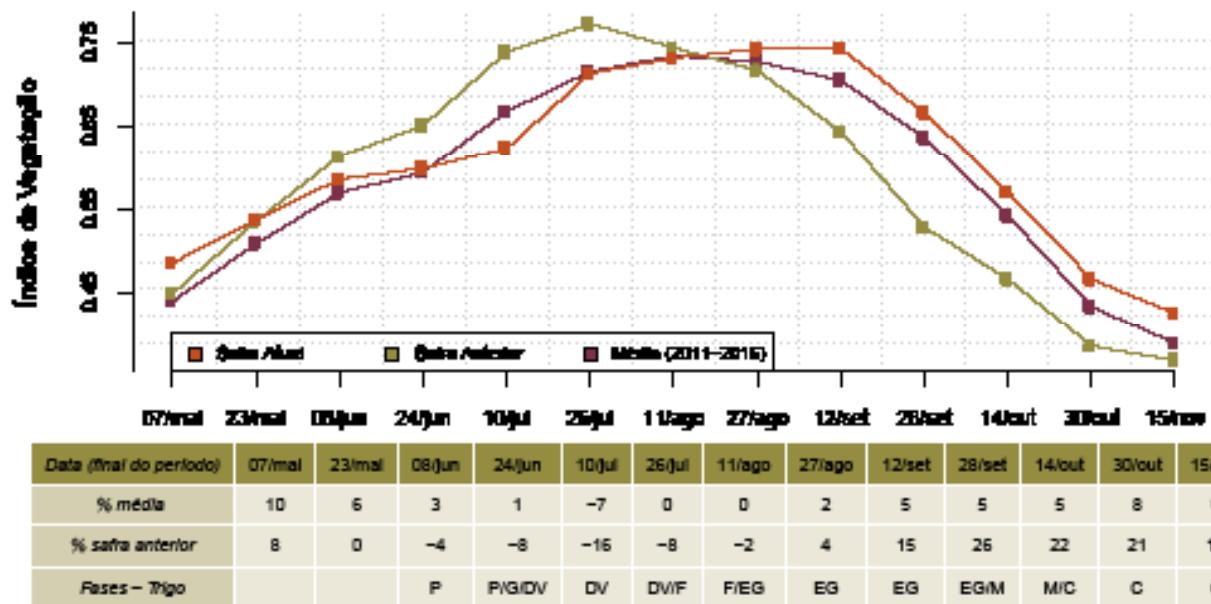
Fonte: Projeto Glam.

Nos mapas acima as áreas em verde, mais predominantes, mostram onde os atuais cultivos apresentam padrão de desenvolvimento acima do ano passado. Milho e soja, principais lavouras nas duas regiões monitoradas, que já apresentam boa cobertura foliar e até mesmo as que estão em fases mais adiantadas, cobrem a maior parte destas áreas e mostram expressiva atividade de fotossíntese. As áreas em amarelo, e

marrom mostram onde os plantios foram praticados com algum retardo em relação à safra anterior. Dessecação de cultivos de cobertura e colheita dos cultivos de inverno em períodos diferentes do praticado em 2015 também se mostram neste padrão de cores nos mapas. Em branco são lavouras com padrão semelhante nos dois anos.

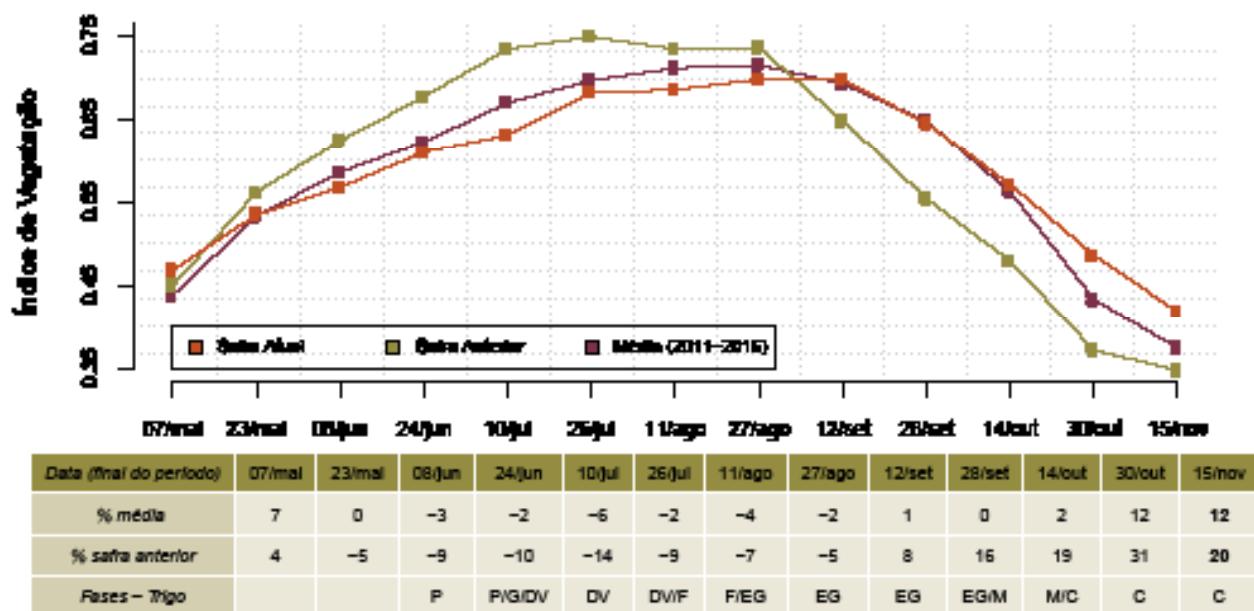


Gráfico 49 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Noroeste/RS



Fonte: Projeto Glam.

Gráfico 50 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Centro Ocidental/RS



Fonte: Projeto Glam.

Nos gráficos acima, a linha vermelha abaixo da linha bege em junho indica retardamento da conclusão de plantio da safra de inverno em 2016, em decorrência do solo com baixo armazenamento hídrico naquele período. No Noroeste constata-se boa ascensão a partir de julho mostrando bom padrão de desenvolvimento das lavouras de inverno que, possivelmente em decorrência de algum atraso respondem, desde setembro, com IV acima dos anos-safra anteriores. No Centro Ociden-

tal a ascensão aconteceu um pouco mais tarde. Nas duas regiões a linha em descendência indica maturação e colheita da parcela final dos cultivos de inverno. Dessecação de áreas também contribuem para a redução do IV médio. O trecho final da linha vermelha com altas respostas de IV, e até uma pequena flexão positiva na região Noroeste, indica bom padrão dos cultivos em fases de desenvolvimento e reprodutiva.





9. ANÁLISE DAS CULTURAS

9.1 CULTURAS DE VERÃO

9.1.1. ALGODÃO

O terceiro levantamento de safra realizado pela Conab, aponta para uma previsão de área plantada com a fibra na temporada 2016/17 de 902,3 mil hectares, 5,5% menor que a temporada passada. A redução, observada na área plantada, foi influenciada pela continuação da conjuntura adversa, tanto interna quanto externa, onde os estoques internacionais elevados, pressionam os preços da pluma.

A região Centro-Oeste, principal produtora nacional, vem diminuindo a redução da área plantada, 12,4 mil hectares, representando 1,9% em relação à safra 2015/16. Entre os principais estados produtores da região, a safra de algodão mato-grossense aponta para recuperação na produção em relação ao ocorrido na safra passada, apesar da expectativa de leve redução. O levantamento mostrou a intenção dos produtores em diminuir em 1,5% a área total destinada à fibra no estado, saindo de 600,8 mil hectares na safra 2015/16 para 591,8 mil hectares na atual. A retração da área total se deve à incorporação de áreas de soja antes destinadas ao algodão primeira safra, principalmente na região Sudeste. A expectativa de melhores condições climáticas tende a elevar a produtividade média do algodoeiro para 3.921 kg/ha, ante aos 3.664 kg/ha na safra 2015/16. Com isso, a estimativa de produção de algodão em caroço é de que se atinja 2.333,5 milhões de toneladas, volume 6% maior do que o regis-

trado na safra passada, mesmo com a queda de área no período.

Em Goiás a safra passada foi bastante prejudicada pela forte estiagem vivenciada a partir de março de 2016, provocando uma significativa redução de produtividade em algumas áreas plantadas nos municípios de Chapadão do Céu, Mineiros, Luziânia e Cristalina. A expectativa dos produtores é que a safra 2016/17 será de recuperação da produtividade para patamares históricos devido a melhores condições climáticas, apesar da redução na área plantada. Não foram relatados maiores problemas com relação a financiamento e à aquisição de insumos para o plantio. Encerrado o período de vazio sanitário no décimo dia de novembro, os produtores de algodão da região leste do estado, iniciaram a semeadura na segunda quinzena de novembro e as lavouras se encontram no estádio de germinação, em boas condições fitossanitárias e sem relatos de replantios. Os produtores das demais regiões do estado ainda aguardam findar o período de proibição para dar início ao plantio da lavoura.

Em Mato Grosso do Sul o terceiro levantamento da safra aponta para uma forte redução na intenção de plantio em relação à safra anterior, estando previsto queda de aproximadamente 8,4% na área cultivada, devendo atingir em torno de 27,4 mil hectares no estado. Nos últimos anos, as áreas plantadas com a lavoura, vem diminuindo e somente os grandes produtores ainda cultivam a lavoura. O elevado custo de produção tem desestimulado os médios produtores que migraram para outras culturas como soja e milho. No custo de produção, pesam muito o preço pago pela semente e os royalties pagos pelos produtores às empresas que dominam a tecnologia transgênica. Respeitando o vazio sanitário, que vai de 15 de setembro a 30 de novembro, o plantio do algodão na região dos chapadões que compreende os municípios de Chapadão do Sul, Costa Rica, Alcinópolis e Figueirão, está previsto começar a partir do dia 10 de dezembro, estendendo-se até o início de janeiro. A partir de 10 de janeiro todo o algodão semeado será considerado de segunda safra. O acesso ao crédito de custeio vem ocorrendo de forma normal, uma vez que neste ano o pré-custeio foi liberado mais cedo, em abril, diminuindo assim os pedidos de crédito em junho e julho, quando ocorre grande movimento de produtores nas agências bancárias. As condições climáticas se encontram favoráveis à implantação da cultura até o momento, nas principais regiões produtoras e caso

assim permaneçam, a implantação da cultura deverá ocorrer em condições favoráveis, com perspectivas de que seja alcançada boas produtividades.

Na Região Sudeste a área de cultivo de algodão em Minas Gerais, principal produtor regional, está estimada atingir 19,6 mil hectares, sinalizando a manutenção da área em relação à safra anterior. O plantio de algodão no estado tem início apenas a partir de 20 de novembro, quando encerra o período de vazio sanitário de 60 dias, instituídos pelo Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA), como medida fitossanitária para prevenção e controle do bicho e para proteger a produção mineira dos prejuízos ocasionados pela praga. Com essa área estimada e projetando uma produtividade média de 3.488 kg/ha, a produção poderá alcançar 68,4 mil toneladas.

Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, o algodão deverá sofrer redução de 14% na expectativa de área plantada. No entanto, a possibilidade de melhoria nas condições climáticas, ao se comparar com o desempenho da safra passada, sugere o retorno da produtividade aos níveis históricos, com a produção podendo atingir 866,3 mil toneladas de algodão em caroço, representando um incremento de 22,2% em comparação com o exercício anterior.

A Bahia é o maior produtor regional e o segundo maior produtor nacional. A área de plantio para o algodão, estimada em 201,6 mil hectares, apresentou uma redução de 14,3% em relação à safra passada. Essa retração foi motivada pela atual conjuntura de mercado que está promovendo impactos negativos nos preços da pluma. Devido às condições climáticas adversas na última safra e por ser uma cultura com alto custo de produção, estes fatores influenciaram na tomada de decisão por parte dos produtores em reduzir a área de cultivo. Algumas iniciativas estão sendo adotadas para fomentar o cultivo do algodoeiro no estado. Destaca-se o projeto de irrigação complementar por sistema de gotejamento desenvolvido pela Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa) no município de Malhada/BA. O projeto integra um conjunto de ações que visam garantir e fomentar a produção algodoeira da agricultura familiar no sudoeste baiano. A região tem um histórico de prosperidade na cotonicultura, no entanto, em face das irregularidades climáticas, às condições de investimento e à ação de pragas e doenças, vem observando a redução da área plantada nas regiões de sequeiro.



Figura 13 - Algodão em emergência em Guanambi/BA. Nov, de 2016.



No Maranhão a área do algodão está concentrada nos municípios situados no entorno de Balsas, extremo sul do estado, sendo estimada uma área plantada equivalente a 19 mil hectares, representando uma redução de 9,1% quando comparado com o plantio anterior. A expectativa é de que na segunda quinzena de dezembro o plantio esteja totalmente concluído. No Piauí a redução ocorrida na área plantada atingiu

21,4% em relação ao exercício anterior. O motivo da redução está relacionado a questões de mercado, e devido à dificuldade de obtenção de crédito, considerando que esta é uma cultura de custos elevados. Outro fator que contribui para agravar a situação é a diminuição na capitalização das fazendas após uma safra muito ruim no ano anterior.

Figura 14 - Mapa da produção agrícola - Algodão

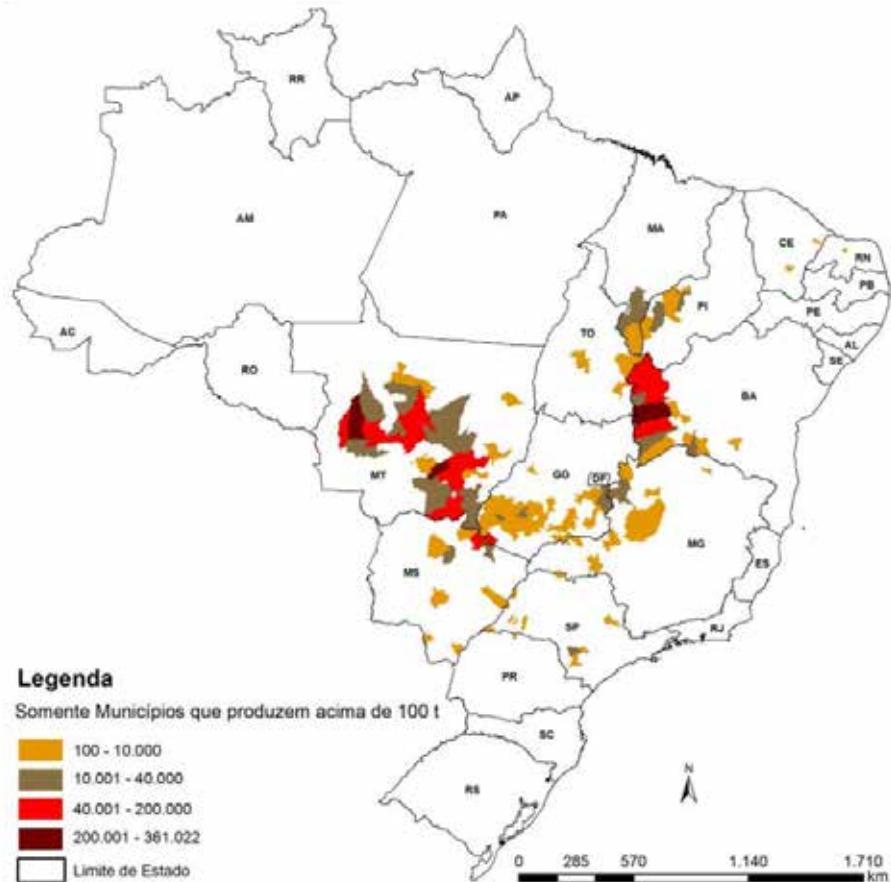
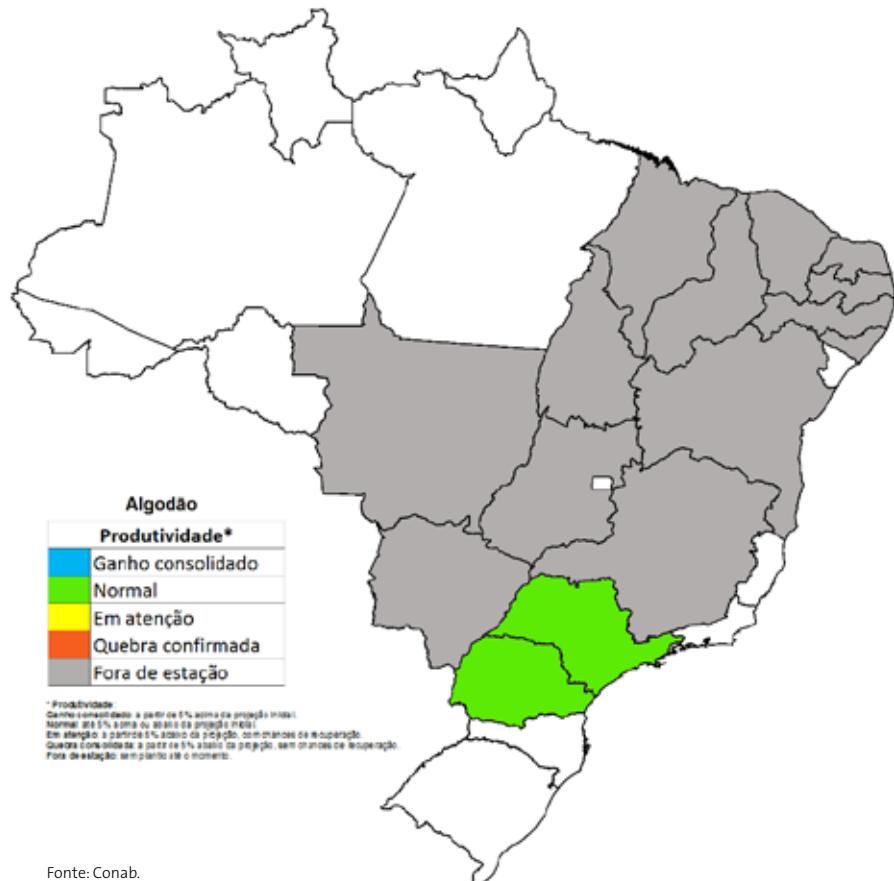


Figura 15 – Mapa da estimativa de produtividade: Algodão (safra 2016/17) – Novembro/2016



Fonte: Conab.

Quadro 1 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Algodão primeira safra (Safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Ameidoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
MA	Sul Maranhense - MA	C			P	G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense - PI	C			P	G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano - BA	C			P	G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Centro Sul Baiano - BA	C		PP	P	G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas - MG		PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG		PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS			P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS			P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
MT	Norte Mato-grossense - MT 1ª Safra	C		P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Norte Mato-grossense - MT 2ª Safra	C			P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - MT 1ª Safra	C		P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - MT 2ª Safra	C			P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - MT 1ª Safra	C		P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - MT 2ª Safra	C			P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - MT 1ª Safra	C		P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - MT 2ª Safra	C			P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - MT 1ª Safra	C		P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - MT 2ª Safra	C			P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
GO	Leste Goiano - GO 1ª Safra		PP/P	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Leste Goiano - GO 2ª Safra	C			P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - GO 1ª Safra		PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	C	
	Sul Goiano - GO 2ª Safra				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 6- Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,3	6,2	(15,1)	1.132	1.425	25,9	8,3	8,8	6,0
TO	7,3	6,2	(15,0)	1.132	1.425	25,9	8,3	8,8	6,0
NORDESTE	262,3	225,6	(14,0)	1.081	1.536	42,1	283,6	346,5	22,2
MA	20,9	19,0	(9,1)	1.580	1.618	2,4	33,0	30,7	(7,0)
PI	5,5	4,3	(21,4)	485	1.456	200,2	2,7	6,3	133,3
CE	0,3	0,3	-	187	225	20,3	0,1	0,1	-
RN	0,3	0,3	-	1.634	1.674	2,4	0,5	0,5	-
PB	0,1	0,1	-	145	242	66,9	-	-	-
BA	235,2	201,6	(14,3)	1.052	1.532	45,6	247,3	308,9	24,9
CENTRO-OESTE	660,4	648,0	(1,9)	1.460	1.585	8,6	963,9	1.027,2	6,6
MT	600,8	591,8	(1,5)	1.466	1.577	7,6	880,5	933,4	6,0
MS	29,9	27,4	(8,4)	1.616	1.738	7,5	48,3	47,6	(1,4)
GO	29,7	28,8	(3,0)	1.182	1.603	35,6	35,1	46,2	31,6
SUDESTE	23,8	22,5	(5,5)	1.357	1.389	2,4	32,3	31,2	(3,4)
MG	19,6	19,6	-	1.368	1.395	2,0	26,8	27,3	1,9
SP	4,2	2,9	(31,0)	1.305	1.347	3,2	5,5	3,9	(29,1)
SUL	0,9	-	(100,0)	778	-	(100,0)	0,7	-	(100,0)
PR	0,9	-	(100,0)	828	-	(100,0)	0,7	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	269,6	231,8	(14,0)	1.083	1.533	41,5	291,9	355,3	21,7
CENTRO-SUL	685,1	670,5	(2,1)	1.455	1.579	8,5	996,9	1.058,4	6,2
BRASIL	954,7	902,3	(5,5)	1.350	1.567	16,1	1.288,8	1.413,7	9,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.

Tabela 5 - Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,3	6,2	(15,1)	2.831	3.563	25,9	20,7	22,1	6,8
TO	7,3	6,2	(15,0)	2.831	3.563	25,9	20,7	22,1	6,8
NORDESTE	262,3	225,6	(14,0)	2.703	3.840	42,0	709,0	866,3	22,2
MA	20,9	19,0	(9,1)	3.949	4.046	2,5	82,5	76,9	(6,8)
PI	5,5	4,3	(21,4)	1.212	3.641	200,4	6,7	15,7	134,3
CE	0,3	0,3	-	534	642	20,2	0,2	0,2	-
RN	0,3	0,3	-	4.300	4.406	2,5	1,3	1,3	-
PB	0,1	0,1	-	414	691	66,9	-	0,1	-
BA	235,2	201,6	(14,3)	2.629	3.830	45,7	618,3	772,1	24,9
CENTRO-OESTE	660,4	648,0	(1,9)	3.653	3.968	8,6	2.412,7	2.571,2	6,6
MT	600,8	591,8	(1,5)	3.664	3.943	7,6	2.201,3	2.333,5	6,0
MS	29,9	27,4	(8,4)	4.090	4.399	7,6	122,3	120,5	(1,5)
GO	29,7	28,8	(3,0)	3.000	4.069	35,6	89,1	117,2	31,5
SUDESTE	23,8	22,5	(5,5)	3.400	3.478	2,3	80,9	78,3	(3,2)
MG	19,6	19,6	-	3.420	3.488	2,0	67,0	68,4	2,1
SP	4,2	2,9	(31,0)	3.305	3.410	3,2	13,9	9,9	(28,8)
SUL	0,9	-	(100,0)	2.179	-	(100,0)	2,0	-	(100,0)
PR	0,9	-	(100,0)	2.179	-	(100,0)	2,0	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	269,6	231,8	(14,0)	2.707	3.832	41,6	729,7	888,4	21,7
CENTRO-SUL	685,1	670,5	(2,1)	3.643	3.951	8,5	2.495,6	2.649,5	6,2
BRASIL	954,7	902,3	(5,5)	3.378	3.921	16,1	3.225,3	3.537,9	9,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.



Tabela 7 - Comparativo de área, produtividade e produção - Caroço de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,3	6,2	(15,1)	1.699	2.138	25,9	12,4	13,3	7,3
TO	7,3	6,2	(15,0)	1.699	2.138	25,8	12,4	13,3	7,3
NORDESTE	262,3	225,6	(14,0)	1.622	2.304	42,0	425,4	519,8	22,2
MA	20,9	19,0	(9,1)	2.369	2.428	2,5	49,5	46,2	(6,7)
PI	5,5	4,3	(21,4)	727	2.185	200,6	4,0	9,4	135,0
CE	0,3	0,3	-	347	417	20,2	0,1	0,1	-
RN	0,3	0,3	-	2.666	2.732	2,5	0,8	0,8	-
PB	0,1	0,1	-	269	449	66,9	-	0,1	-
BA	235,2	201,6	(14,3)	1.577	2.298	45,7	371,0	463,2	24,9
CENTRO-OESTE	660,4	648,0	(1,9)	2.194	2.383	8,6	1.448,8	1.544,0	6,6
MT	600,8	591,8	(1,5)	2.198	2.366	7,6	1.320,8	1.400,1	6,0
MS	29,9	27,4	(8,4)	2.474	2.661	7,6	74,0	72,9	(1,5)
GO	29,7	28,8	(3,0)	1.818	2.466	35,6	54,0	71,0	31,5
SUDESTE	23,8	22,5	(5,5)	2.043	2.089	2,3	48,6	47,1	(3,1)
MG	19,6	19,6	-	2.052	2.093	2,0	40,2	41,1	2,2
SP	4,2	2,9	(31,0)	2.000	2.063	3,2	8,4	6,0	(28,6)
SUL	0,9	-	(100,0)	1.351	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
PR	0,9	-	(100,0)	1.351	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	269,6	231,8	(14,0)	1.624	2.300	41,6	437,8	533,1	21,8
CENTRO-SUL	685,1	670,5	(2,1)	2.187	2.373	8,5	1.498,7	1.591,1	6,2
BRASIL	954,7	902,3	(5,5)	2.028	2.354	16,1	1.936,5	2.124,2	9,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.

9.1.1.1. OFERTA E DEMANDA

Panorama mundial

De acordo com o Comitê Consultivo Internacional do Algodão (Icac) em seu relatório semanal de 29 de novembro de 2016, a produção mundial de pluma na safra 2015/16 deverá ser de 21,03 mil toneladas e de 22,48 mil toneladas para a safra 2016/17. Esses números, em comparação à safra 2014/15, indicam uma redução de 19,7% e 14,2%, respectivamente.

O consumo mundial estimado, segundo o comitê deverá ser de 24,17 milhões de toneladas em 2015/16. Já para a safra 2016/17, a previsão é que este número salte para 24,20 milhões de toneladas, aumento de

0,12%. Este valor preliminar ainda fica bem abaixo do consumido na safra 2014/15, que foi de 24,46 milhões de toneladas. A menor demanda mundial se justifica pela menor procura chinesa e pela queda no preço do poliéster, principal concorrente do algodão dentre as fibras sintéticas.

Caso se confirme as previsões expostas acima, a produção mundial total estimada, para a safra 2016/17, será inferior ao consumo mundial em 1,72 milhões toneladas de algodão..

Panorama nacional

De acordo com o último levantamento de safra da Conab, a intenção de plantio para a safra 2016/17 é de 1.413,7 mil toneladas, este valor é 9,7% maior que a apurada para a safra 2015/16. Apesar da expectativa de queda de cerca de 5,5% na área a ser plantada, de 954,7 mil hectares para 902,3 mil hectares, um aumento esperado de 16,1% na produtividade, que deve compensar as perdas de área. Até agora, o clima nas regiões produtores é bem favorável.

A cadeia do algodão sofreu bastante com a crise pela qual vem passando o Brasil. Um dos setores mais atingidos foi a indústria têxtil, segundo a Associação Brasileira de Produtores de Algodão (Abrapa), só em 2015 um total de 4.451 indústrias de transformação foram fechadas em São Paulo. Em 2016 esta tendência não foi revertida e o setor também continuou sendo atingido. Como medidas para ajudar o setor a Abrapa lançou uma campanha de marketing nacional para incentivar o uso de produtos de algodão, em detrimento



ao uso de fios sintéticos e às importações de produtos acabados. Quanto à economia brasileira, a expectativa é de que a melhora nos indicadores só comece a aparecer no segundo semestre de 2017.

Configuração do quadro de oferta e demanda

Tabela 8 - Oferta e demanda algodão

DISCRIMINAÇÃO	2012	2013	2014	2015	2016 (1)	2017 (2)
O F E R T A	2.418,5	1.798,2	2.070,5	2.003,3	1.662,8	1.676,5
Estoque Inicial	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0	232,8
Produção	1.893,3	1.310,3	1.734,0	1.562,8	1.288,8	1.413,70
- Centro/Sul	1.343,2	905,1	1.192,0	1.061,6	997,6	1.075,2
- Norte/Nordeste	550,1	405,2	542,0	501,2	291,9	360,9
Importações	3,5	17,4	31,5	2,1	25,0	30,0
D E M A N D A	1.948,0	1.493,1	1.632,1	1.654,3	1.430,0	1.420,0
Consumo Interno	895,2	920,2	883,5	820,0	720,0	750,0
Exportações	1.052,8	572,9	748,6	834,3	710,0	670,0
Estoque Final	470,5	305,1	438,4	349,0	232,8	256,5
Meses de Uso	2,9	2,5	3,2	2,5	2,0	2,2

Fonte: CONAB / SECEX / SRF-MF / SINDITEXTIL-ABIT / ANEA / COOPERATIVAS / ICAC.

Notas: (1) preliminar (2) estimativa.

9.1.2. AMENDOIM

A intenção de plantio da lavoura de amendoim, nesta temporada, aponta para incremento de área de 0,3%, produtividade de 0,8% e produção de 1,1%, em relação à safra anterior.

Em São Paulo o amendoim teve seu plantio concluído. Os produtores estão procurando investir nessa cultura, em razão dos excelentes preços de mercado, tanto interno como externamente, que esta oleaginosa vem praticando desde as safras anteriores. Praticamente toda produção (80%) é destinada aos países Europeus, enquanto que o restante é consumido internamente pelas fábricas de doces. O amendoim é plantado entre setembro e outubro, prioritariamente em áreas de reforma de canaviais, normalmente após o quinto corte da matéria-prima, e tem sua colheita março e abril, quando alcança sua plena maturação.

Posteriormente, o produtor devolve a terra arrendada, onde será retomado um novo plantio da cana destinada à produção de etanol e açúcar. Neste terceiro levantamento sinaliza com um crescimento de 13,5% na área plantada. Esse crescimento da área plantada de amendoim se deve sobretudo, aos excelentes preços de mercado, tanto internamente como externamente (dólar bastante valorizado), bem superiores aos da safra passada. Esse amendoim é praticamente todo exportado. Essas exportações cresceram acima de 40% no ano passado, devido aos ótimos preços. A cana-de-açúcar tem suas áreas renovadas todo ano entre 15 e 20%, visto que o amendoim tem avançado nestas áreas. Além disso, este ano as áreas para renovação de pastagens estão sendo convertidas para o plantio desta cultura.

Figura 16 - Amendoim em desenvolvimento vegetativo em Pontal/SP. Nov,2016



Em Minas Gerais a área de plantio de amendoim está estimada em 2,06 mil hectares, visto que até o momento não há indícios de ampliação das áreas de plantio de cunho comercial, nem tampouco das áreas exploradas pela agricultura familiar. O plantio comercial de amendoim tem se concentrado basicamente no Triângulo Mineiro, com lavouras altamente tecnificadas, plantadas normalmente em novembro e dezembro. Estimando-se uma produtividade média de

3.897 kg/ha, pode-se alcançar uma produção de 8 mil toneladas.

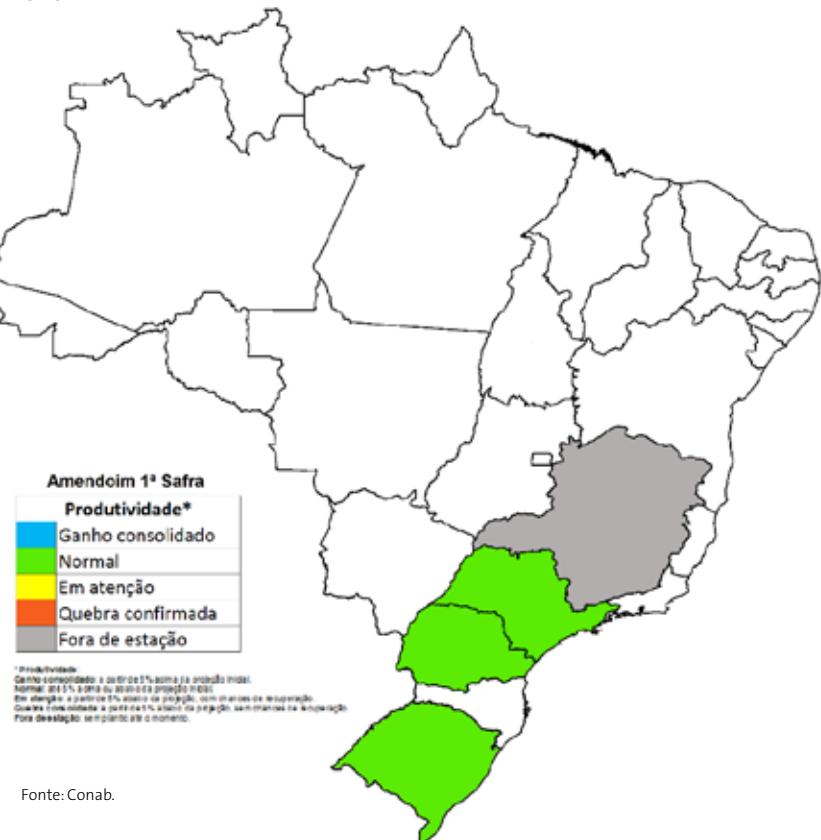
No Paraná a cultura é destinada à subsistência e ao comércio local, sem expressão econômica. A área estimada é de 1.9 mil hectares, levemente acima da safra passada, visto que 87% da área já foi semeada. As lavouras estão em boas condições nas fases de germinação e desenvolvimento vegetativo.

Figura 17 - Amendoim em desenvolvimento vegetativo em Paranavaí/PR. Nov,2016



9.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Figura 18 - Mapa da estimativa de produtividade: Amendoim primeira safra (Safra 2016/17) – Novembro/2016



Quadro 2 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra (Safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SP	Araçatuba - SP	PP	P/G	G/DV	F	F/FR	FR/M/C	C					
	Araraquara - SP	PP	P/G	G/DV	F	F/FR	FR/M/C	C					
	Assis - SP	PP	P/G	G/DV	F	F/FR	FR/M/C	C					
	Bauru - SP	PP	P/G	G/DV	F	F/FR	FR/M/C	C					
	Marília - SP	PP	P/G	G/DV	F	F/FR	FR/M/C	C					
	Presidente Prudente - SP	PP	P/G	G/DV	F	F/FR	FR/M/C	C					
	Ribeirão Preto - SP	PP	P/G	G/DV	F	F/FR	FR/M/C	C					
	São José do Rio Preto - SP	PP	P/G	G/DV	F	F/FR	FR/M/C	C					

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 9 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	105,1	105,3	0,2	3.543	3.573	0,8	372,4	376,2	1,0
MG	2,0	2,1	5,0	3.800	3.897	2,6	7,6	8,2	7,9
SP	103,1	103,2	0,1	3.538	3.566	0,8	364,8	368,0	0,9
SUL	5,2	5,3	1,9	3.149	3.153	0,1	16,4	16,7	1,8
PR	1,8	1,9	5,6	2.674	2.583	(3,4)	4,8	4,9	2,1
RS	3,4	3,4	-	3.400	3.471	2,1	11,6	11,8	1,7
CENTRO-SUL	110,3	110,6	0,3	3.524	3.552	0,8	388,8	392,9	1,1
BRASIL	110,3	110,6	0,3	3.524	3.552	0,8	388,8	392,9	1,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.



9.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

Figura 19 - Mapa da produção agrícola - Amendoim segunda safra



Figura 20 -Mapa da estimativa de produtividade: Amendoim segunda safra (safra 2016/17) – Novembro/2016

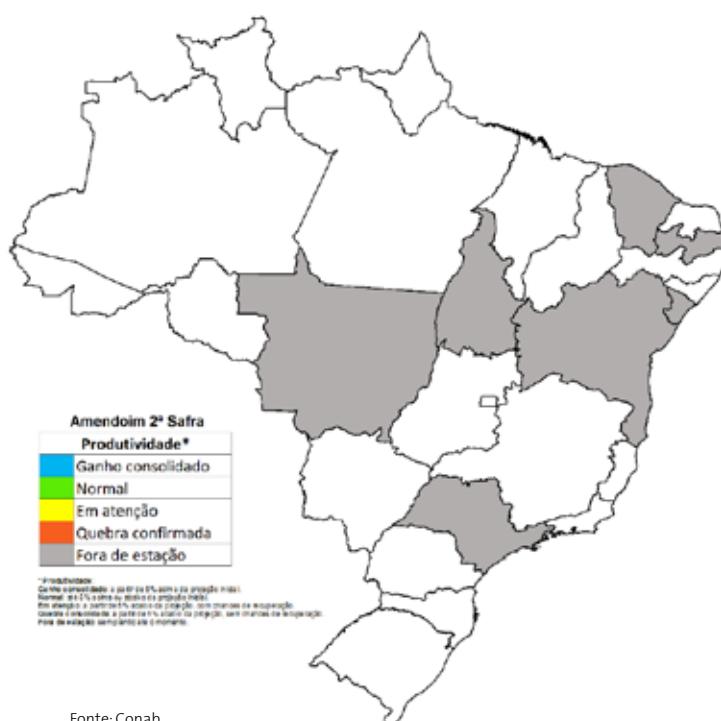


Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

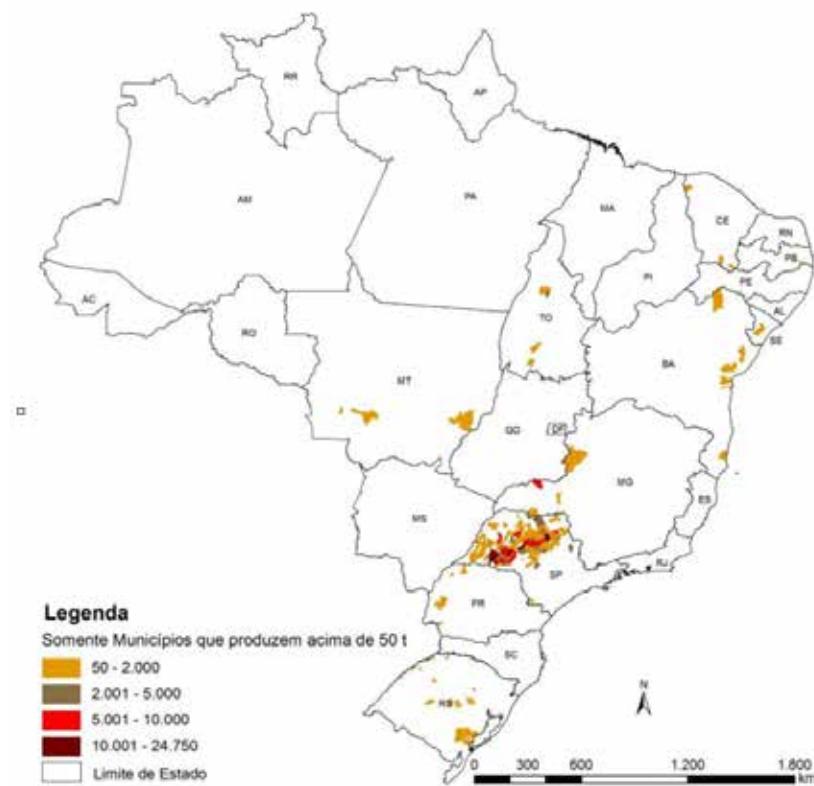
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,7	0,7	-	1.740	3.785	117,5	1,2	2,6	116,7
TO	0,7	0,7	-	1.740	3.785	117,5	1,2	2,6	116,7
NORDESTE	3,4	3,4	-	989	1.110	12,2	3,3	3,8	15,2
CE	0,3	0,3	-	368	894	142,9	0,1	0,3	200,0
PB	0,5	0,5	-	433	635	46,7	0,2	0,3	50,0
SE	1,1	1,1	-	1.393	1.613	15,8	1,5	1,8	20,0
BA	1,5	1,5	-	1.003	942	(6,1)	1,5	1,4	(6,7)
CENTRO-OESTE	0,1	0,1	-	1.403	2.183	55,6	0,1	0,2	100,0
MT	0,1	0,1	-	1.403	2.183	55,6	0,1	0,2	100,0
SUDESTE	5,1	5,1	-	2.490	2.591	4,1	12,7	13,2	3,9
SP	5,1	5,1	-	2.490	2.591	4,1	12,7	13,2	3,9
NORTE/NORDESTE	4,1	4,1	-	1.117	1.566	40,2	4,5	6,4	42,2
CENTRO-SUL	5,2	5,2	-	2.469	2.583	4,6	12,8	13,4	4,7
BRASIL	9,3	9,3	-	1.873	2.135	14,0	17,3	19,8	14,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.

9.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Figura 21 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,7	0,7	-	1.740	3.785	117,5	1,2	2,6	116,7
TO	0,7	0,7	-	1.740	3.714	113,5	1,2	2,6	116,7
NORDESTE	3,4	3,4	-	989	1.110	12,2	3,3	3,8	15,2
CE	0,3	0,3	-	368	1.000	171,7	0,1	0,3	200,0
PB	0,5	0,5	-	433	600	38,6	0,2	0,3	50,0
SE	1,1	1,1	-	1.393	1.636	17,5	1,5	1,8	20,0
BA	1,5	1,5	-	1.003	933	(6,9)	1,5	1,4	(6,7)
CENTRO-OESTE	0,1	0,1	-	1.403	2.183	55,6	0,1	0,2	100,0
MT	0,1	0,1	-	1.403	2.000	42,6	0,1	0,2	100,0
SUDESTE	110,2	110,4	0,2	3.494	3.527	0,9	385,1	389,4	1,1
MG	2,0	2,1	-	3.800	3.905	2,8	7,6	8,2	7,9
SP	108,2	108,3	-	3.489	3.520	0,9	377,5	381,2	1,0
SUL	5,2	5,3	1,9	3.149	3.153	0,1	16,4	16,7	1,8
PR	1,8	1,9	-	2.674	2.579	(3,6)	4,8	4,9	2,1
RS	3,4	3,4	-	3.400	3.471	2,1	11,6	11,8	1,7
NORTE/NORDESTE	4,1	4,1	-	1.117	1.566	40,2	4,5	6,4	42,2
CENTRO-SUL	115,5	115,8	0,3	3.477	3.509	0,9	401,6	406,3	1,2
BRASIL	119,6	119,9	0,3	3.396	3.443	1,4	406,1	412,7	1,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.

9.1.3. ARROZ

A estimativa para a cultura do arroz, na safra 2016/17, indica redução de área plantada de 3% em relação à safra passada. Na produtividade o aumento previsto será de 11,9% na média nacional, estimada em 5.911 kg/ha. A mesma tendência pode ser verificada na estimativa de produção, onde os números nacionais apontam para incremento entre 8,5%, alcançando 11,5 milhões de toneladas. As análises dos números apontam queda na área plantada nos estados onde a cultura é cultivada com o sistema de sequeiro e manutenção e/ou aumento onde é irrigada. Na safra passada ouve queda de produtividade nos locais onde a cultura é cultivada em sequeiro em razão de chuvas abaixo da média, enquanto o cultivo irrigado, sobretudo no sul do país, foi afetado por excesso de chuvas durante todo o ciclo, resultando em baixa luminosidade e impactando a produtividade. O resultado disso é que temos, para esta safra, uma expectativa de aumento na produtividade, ou seja, produtividades próximas do normal.

A Região Sul, responsável por cerca de 80% da produção nacional, deve ter incremento de área de 1,9% e uma produção 10,7% maior do que a safra passada. Nessa região o cultivo do arroz é irrigado em quase sua totalidade. Apenas um percentual pequeno no estado do Paraná é cultivado em sequeiro.

No Rio Grande do Sul, aproveitando as condições climáticas favoráveis, produtores aceleraram o ritmo das

operações de semeadura do cereal. Segundo dados do Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga), cerca de 98% da área já está implantada, com destaque para as regiões da Fronteira Oeste, Campanha e Zona Sul, onde o plantio praticamente encerrou. Já nas regiões das Planícies Costeiras Interna e Externa e região Central, onde tradicionalmente o plantio é mais tardio, as condições climáticas adversas do final de outubro e início de novembro determinaram um certo atraso; todavia, o encerramento da semeadura estará sendo concluído dentro dos prazos recomendados, em todas as regiões. Os motivos para o aumento de área variam de região para região, podendo-se citar:

- A disponibilidade de água;
- A possibilidade de semeadura dentro da janela recomendada;
- Os prognósticos climáticos favoráveis;
- O potencial produtivo de novas variedades, especialmente o Irga 424 RI; e
- O aproveitamento de áreas consideradas marginais para a cultura.

As lavouras instaladas mais cedo, especialmente na Fronteira Oeste, encontram-se no estádio de desenvolvimento vegetativo, tendo a maioria já recebido água e apresentando estande muito bom. Nas demais regiões predomina também o estádio de desenvolvimento vegetativo, com as demais áreas ainda em germinação. Em termos gerais, 90% da área semea-



da está em desenvolvimento e 10% em germinação. A perspectiva de rendimento está em torno de 7.500 kg/ha. Produtores aproveitam as condições climáticas favoráveis para intensificar as adubações em cobertura e tratamentos fitossanitários, quando necessários.

Em Santa Catarina cerca de 98% das lavouras de arroz já estavam implantadas no momento do levantamento de informações, restando poucas lavouras no sul do estado para serem semeadas, com previsão de conclusão ainda em novembro. A maior parte das lavouras se encontra em fase de perfilhamento. No sul do estado a falta de água registrada nos últimos dias e as previsões climáticas de estiagem começam a preocupar os produtores, principalmente aqueles dependentes de riachos menores e da água da chuva para a condu-

ção das lavouras, uma vez que muitas lavouras estão na condição momentânea de sequeiro, aguardando o retorno da disponibilidade hídrica. Entretanto, até o momento não se fala em perdas de produtividade. No norte do estado é a presença de dias nublados, com baixa insolação, que preocupa os produtores. A situação tem resultado em desenvolvimento mais lento das plantas, entretanto, até o momento não há estimativa de atraso no calendário de colheita.

Apesar das condições climáticas observadas, a estimativa de produtividade permanece em 7.115 kg/ha, até o momento. Em relação à área destinada para a cultura, não foram observadas alterações em relação à safra passada, devendo permanecer em torno de 147,4 mil hectares.

Figura 22 - Lavoura de arroz em condição momentânea de sequeiro na região sul de Santa Catarina. Nov/2016



O Paraná é o único estado da Região Sul que cultiva esta cultura no sistema de sequeiro. Trata-se de um manejo presente apenas em pequenas propriedades de produtores familiares. Não existe compra de insumos e as operações agrícolas são manuais e rudimentares. É cultivada de forma intercalada entre outras culturas perenes, como no café, e tem suas áreas de difícil controle e tamanho real. A tendência é a redução gradativa dessas áreas. O plantio está concluído

e as lavouras estão em boas condições de desenvolvimento vegetativo. Diferentemente do arroz de sequeiro, o arroz irrigado cultivado no estado é uma cultura altamente tecnológica, com produtividade estimada de aproximadamente 5.310 kg/ha. A área está 100% plantada e a estimativa de produção é de 137 mil toneladas. As lavouras estão em boas condições vegetativas.

Figura 23 – Arroz irrigado em Santa Mônica-PR. Nov/2016



A Região Norte deve seguir a tendência da Região Sul do país, com aumento de área a ser plantada de 1,2%. A produção deve ser levemente superior à safra passada, produção mais de 1 milhão de toneladas. É a segunda maior região produtora do país.

Em Tocantins as dificuldades na liberação/acesso ao crédito para plantadores de soja que utilizam o arroz como abertura de área, a escassez de sementes e problemas de beneficiamento e comercialização, são algumas causas responsáveis pela estimativa de queda da área plantada de arroz de sequeiro. O aumento estimado na produtividade poderá reduzir a perda na produção da cultura. Já para o arroz irrigado a pers-

pectiva para esta safra é de aumento na área plantada. Sendo assim, a área, produtividade e produção devem permanecer semelhante à safra passada.

No município de Formoso do Araguaia, uma área de 500 hectares, excepcionalmente plantada em setembro, já iniciou a colheita, obtendo um rendimento médio de 110 scs/ha, com 70% de grãos inteiros. Alguns orizicultores da região produtora estão preocupados quanto à continuação do plantio em virtude da previsão de estiagem no período de 28 de novembro a 02 de dezembro, baixo nível dos reservatórios responsáveis pela irrigação da cultura e da suspensão de outorga de água.

Figura 24 – Arroz irrigado em maturação/colheita em Formoso de Araguaia-TO. Nov/2016



Em Rondônia o início do plantio estava previsto para ocorrer ainda na segunda quinzena de setembro. Isso não ocorreu porque as chuvas não aconteceram de forma plena. As chuvas retornaram na região de Vilhena no final de setembro, o que fez que alguns produtores iniciassem o plantio da cultura. Essa cultura, em épocas anteriores, era efetuada para a abertura de novas áreas. Atualmente existem algumas áreas com um solo diferenciado e mais propício para essa lavoura e outras que eram de pastagens e que estão recebendo insumos para a sua recuperação e preparadas para o plantio de arroz. Como atualmente não mais estão acontecendo a abertura de novas áreas, a sua tendência é de redução na sua área. Existem no estado três grandes empresas comercializadoras de arroz e são elas que financiam as lavouras existentes. A cultura de arroz é fomentada por essas empresas

que comercializam a maior parte desse produto. Essas empresas fornecem a semente selecionada, adubos, inseticidas, insumos, óleo (combustível), até adiantamentos em dinheiro, em resumo. São elas que, ao comprarem essa produção, ficam com os estoques da matéria-prima necessária para movimentações dos seus parques industriais e para atenderem seus mercados tradicionais. Uma parte de sua produção é comercializada para os mercados fora do estado como Rio Branco (AC), Boa Vista (RR), Manaus (AM) e parte da Bolívia.

O plantio dessa cultura iniciou no fim de setembro (3%), atingiu o pico em outubro (82%) e o restante (15%) foi plantado em novembro. Essa cultura está na fase de germinação 5% e desenvolvimento vegetativo 95%. As informações indicam a tendência de redução



da área dessa cultura, passando a ser ocupada pela soja. Essa cultura está se desenvolvendo satisfatoriamente.

No Acre há claro desânimo dos agricultores com a cultura, pois praticamente agricultores familiares plantam arroz para subsistência em pequenas áreas e com baixo nível tecnológico e se destinam basicamente ao consumo próprio, com eventuais excedentes sendo comercializados em mercados locais e regionais. As informações da Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof) indicam que a cultura do arroz não é contemplada com crédito agrícola pelos bancos devido não haver cultivar indicada às condições edafoclimáticas do estado. Sem custo, a maioria dos agricultores não se arrisca, pois é uma cultura bastante exigente em nutrientes e manejo.

O Centro-Oeste é a terceira maior região produtora de arroz do país. Nesta região predomina o cultivo em sequeiro, visto que a cultura tem perdido área para a soja, cultura mais rentável. A estimativa é que a área tenha redução de 16,4%, mas a produção deve ter queda de 6,1%, amenizada pela expectativa de produtividade próxima do normal (3.545 kg/ha).

A estimativa para safra 2016/17 é de recuo de 20% na área de arroz em Mato Grosso, saindo de 152,5 mil hectares na safra 2015/16 para 122 mil hectares na atual. A diminuição pode ser justificada pelo avanço da soja

no espaço antes destinado ao arrozal. A semeadura do grão começou em novembro, mas a previsão é que a maior parte dos trabalhos de plantio aconteça em dezembro. As boas condições climáticas podem resultar em melhores expectativas de produtividade, cuja média verificada na pesquisa atual é de 3.130 kg/ha. A partir disso, projeta-se produção de 381,9 mil toneladas do cereal na safra 2016/17, volume 12,9% inferior ao registrado na safra passada, quando foram produzidas 438,6 mil toneladas de arroz.

O arroz do Mato Grosso do Sul é um produto de boa qualidade e, ao contrário dos estados produtores do sul do país, é comercializado basicamente nas beneficiadoras locais. A cultura do arroz se encontra em um momento de baixa liquidez, ou seja, é o risco das indústrias adquirirem o cereal em casca e se depararem com dificuldades na venda do produto final (arroz beneficiado). Há tempos que o produto vem sofrendo alguns problemas e dificuldades na comercialização, o que justifica a redução de área nas últimas safras. Apesar das dificuldades, não há desânimo por parte dos produtores que seguem confiantes com o mercado futuro de preços, apostando em um produto de qualidade, bem como na boa produtividade. No estado a cultura é plantada no sistema de cultivo irrigado por inundação nas vazantes dos rios, e a depender do regime dos diferentes corpos hídricos, há variadas épocas de cultivo da cultura no estado, de forma que a cultura é implantada a partir de agosto estendendo-se até dezembro.

Figura 25 – Arroz irrigado em desenvolvimento vegetativo em Miranda-MS. Nov/2016



Apesar dos problemas climáticos da última safra, com as enchentes dos rios, provocadas pelo excesso de chuvas, ocorreu um aumento da área plantada. Não tem sido verificado redução do pacote tecnológico para a cultura, muito em decorrência das apostas dos

produtores por melhores preços no mercado disponível. Para a safra atual, estima-se uma área aproximada de 15,3 mil hectares, registrando um aumento de 9,3% em relação à safra anterior. Espera-se, para esta safra, produtividade em torno de 6.180 kg/ha, aumen-



to de aproximadamente 27,2% em relação à safra passada, sobre a qual incidiram graves intempéries que provocaram perdas significativas.

A brusone é a principal doença encontrada na cultura, no entanto, as aplicações preventivas têm controlado o patógeno sem registros significativos de danos para as plantações. Hoje o cereal se encontra na maioria no estádio de desenvolvimento vegetativo, cerca de 64%, apresentando uma floração em torno de 20% e o restante distribuídos em alguns municípios com atrasos no plantio por fatores climáticos e outras áreas ainda em processo de germinação.

Em Goiás a reduzida quantidade de abertura de novas áreas, a prescindível necessidade de cultivar arroz em áreas virgens, com vistas a sua tolerância à acidez do solo e às altas produtividades alcançadas pelos cultivos de arroz irrigado em outras regiões do Brasil faz que a cultura de arroz de terras altas, ou de sequeiro, encontram-se em declínio, sendo cultivadas em pequenas e isoladas áreas, com baixa aplicação de tecnologia e apenas para subsistência (excetuando a produção de arroz irrigado), tornando a produção goiana deste grão inexpressiva, nacionalmente.

Existe um projeto executado pelo governo de Goiás denominado “Lavoura Comunitária” onde o governo estadual doa sementes e demais insumos agrícolas para pequenos e agricultores familiares produzirem arroz. A maior parte do arroz de sequeiro produzido em Goiás é por meio deste programa. Neste último levantamento constatamos atrasos na distribuição dos insumos básicos por meio do programa Lavoura Comunitária em Goiás. Tais atrasos afastam a semeadura da janela temporal adequada para o plantio de arroz de terras altas, podendo até ser inviabilizado caso a semeadura não seja iniciada nos próximos dias.

Na Região Nordeste a cultura também é cultivada nos dois sistemas, sequeiro e irrigado. À semelhança de outras regiões do país, a cultura tem tido declínio nas áreas de sequeiro, resultado da opção do produtor por culturas mais rentáveis. A expectativa é de redução de quase 20% na área plantada na região, o que aumenta a dependência da produção de outros estados.

Em todo o Maranhão, observa-se a cada safra uma redução de área plantada, consequentemente de produção. Nesta safra não será diferente. Estima-se para essa safra nova perda de área plantada, aproximadamente 35,9%, que corresponde a 116,3 mil hectares.

Com uma estimativa de produtividade de 1.497 kg/há, obter-se-á produção em cerca de 174,1 mil hectares.

Na Bahia a cultura é tradicionalmente cultivada nas áreas recém-abertas no oeste devido a sua tolerância à acidez. Geralmente o cultivo não se repete nos anos seguintes devido aos baixos preços de mercado. A primeira intenção de plantio da lavoura de arroz aponta para um aumento na área plantada em 15,4% para a safra 2016/17. Este aumento é atribuído a retomada das áreas não cultivadas na última safra devido às adversidades climáticas. A previsão é que os plantios se iniciem em dezembro.

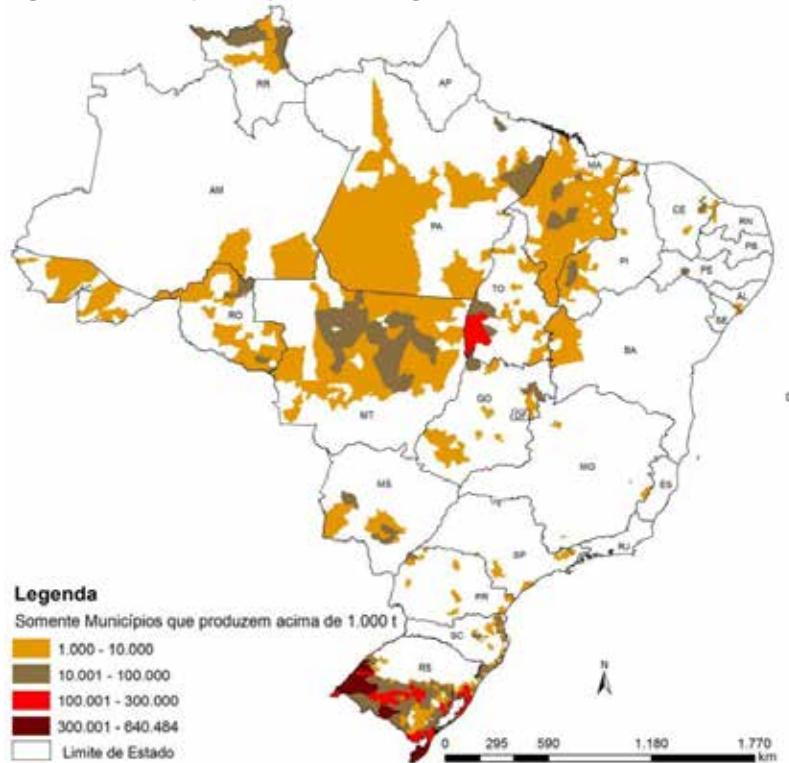
Na Região Sudeste a cultura tem pouca expressão. Apesar de ser um grande centro consumidor, a região possui logística favorável da Região Sul, o que induz os produtores a optarem pelo cultivo de outras culturas. A área deve ser 10% menor que na safra passada, refletindo em queda na produção.

Em São Paulo o arroz tradicionalmente consumido é oriundo do sul do país, que se tornou forte concorrente com o arroz local. A produção se concentra nas regiões do Vale do Paraíba (Pindamonhangaba e Guaratinguetá) sob irrigação e seu consumo se dá nas próprias regiões onde são produzidos. O produtor paulista tem migrado para culturas mais rentáveis (soja/milho) na expectativa de ganhos maiores.

Em Minas Gerais a área de plantio de arroz está estimada em 5,1 mil hectares, seguindo a tendência de redução de safras anteriores. Fatores como a baixa competitividade desta cultura em relação a outras mais rentáveis, vulnerabilidade aos riscos climáticos e restrições ao cultivo em áreas de várzea são as causas apontadas para esta redução, principalmente nos sistemas de sequeiro e de várzea úmida. Parte das lavouras ainda existentes são conduzidas por produtores tradicionais, em pequenas áreas e com baixo nível tecnológico, e se destinam basicamente ao consumo próprio, com eventuais excedentes sendo comercializados em mercados locais e regionais. As maiores áreas restantes são irrigadas, em municípios com tradição de cultivo, com obtenção de produtividades mais elevadas. O plantio ocorre normalmente entre outubro e dezembro. Considerando a predominância das áreas irrigadas, a produtividade média das lavouras está estimada em 2.225 kg/ha e a produção poderá alcançar 11,3 mil toneladas. O plantio já foi iniciado em pequena escala em outubro e deverá ser concluído em novembro.

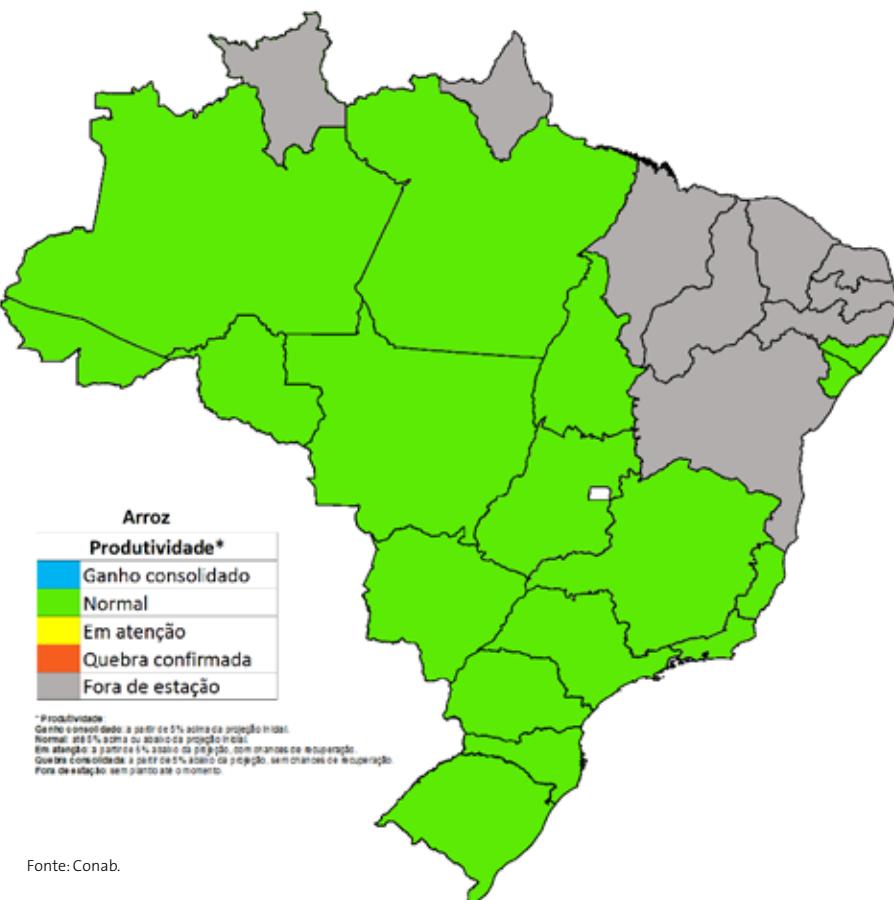


Figura 26 – Mapa da produção agrícola – Arroz



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 27 – Mapa da estimativa de produtividade: Arroz (Safra 2016/17) – Novembro/2016



Quadro 3 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Arroz (Safra 2016/17).

UF	Mesorregiões	Arroz											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		PP	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
TO**	Occidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
MA	Centro Maranhense				P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C		
MT	Norte Mato-grossense		PP	P/G	G/DV	DV/F	FR	M/C	C				
SC**	Norte Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Vale do Itajaí	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sul Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
PR**	Noroeste Paranaense - PR	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
RS**	Metropolitana de Porto Alegre	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 12 - Comparativo de área, produtividade e produção - Arroz

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	265,4	268,6	1,2	3.835	3.847	0,3	1.017,8	1.033,2	1,5
RR	8,6	12,4	44,0	7.023	6.930	(1,3)	60,4	85,9	42,2
RO	42,6	42,5	(0,3)	3.423	3.168	(7,4)	145,8	134,6	(7,7)
AC	5,1	5,1	-	1.353	1.382	2,1	6,9	7,0	1,4
AM	1,9	4,2	120,0	2.290	2.237	(2,3)	4,4	9,4	113,6
AP	1,5	1,2	(21,0)	918	1.002	9,2	1,4	1,2	(14,3)
PA	72,9	72,9	-	2.520	2.414	(4,2)	183,7	176,0	(4,2)
TO	132,8	130,3	(1,9)	4.632	4.751	2,6	615,2	619,1	0,6
NORDESTE	283,3	227,9	(19,6)	1.389	1.805	29,9	393,7	411,3	4,5
MA	181,5	116,3	(35,9)	1.478	1.497	1,3	268,3	174,1	(35,1)
PI	79,1	87,7	10,9	755	1.871	147,8	59,7	164,1	174,9
CE	4,7	4,7	-	648	1.688	160,5	3,0	7,9	163,3
RN	1,0	1,0	-	2.931	2.933	0,1	2,9	2,9	-
PB	0,8	0,8	-	197	872	342,6	0,2	0,7	250,0
PE	0,3	0,3	-	4.500	5.467	21,5	1,4	1,6	14,3
AL	3,0	3,0	-	5.720	5.831	1,9	17,2	17,5	1,7
SE	5,1	5,1	-	7.255	6.866	(5,4)	37,0	35,0	(5,4)
BA	7,8	9,0	15,4	510	837	64,1	4,0	7,5	87,5
CENTRO-OESTE	192,5	161,0	(16,4)	3.159	3.545	12,2	608,0	570,8	(6,1)
MT	152,5	122,0	(20,0)	2.876	3.130	8,8	438,6	381,9	(12,9)
MS	14,0	15,3	9,3	4.860	6.180	27,2	68,0	94,6	39,1
GO	26,0	23,7	(9,0)	3.900	3.980	2,1	101,4	94,3	(7,0)
SUDESTE	17,0	15,3	(10,0)	3.200	3.286	2,7	54,5	50,2	(7,9)
MG	6,5	5,1	(21,5)	2.300	2.225	(3,3)	15,0	11,3	(24,7)
ES	0,2	0,2	-	2.480	2.481	-	0,5	0,5	-
RJ	0,3	0,3	-	3.667	3.358	(8,4)	1,1	1,0	(9,1)
SP	10,0	9,7	(3,3)	3.785	3.858	1,9	37,9	37,4	(1,3)
SUL	1.249,6	1.273,9	1,9	6.825	7.411	8,6	8.528,9	9.441,1	10,7
PR	26,2	25,8	(1,4)	4.582	5.310	15,9	120,0	137,0	14,2
SC	147,4	147,4	-	7.139	7.115	(0,3)	1.052,3	1.048,8	(0,3)
RS	1.076,0	1.100,7	2,3	6.837	7.500	9,7	7.356,6	8.255,3	12,2
NORTE/NORDESTE	548,7	496,5	(9,5)	2.572	2.910	13,1	1.411,5	1.444,5	2,3
CENTRO-SUL	1.459,1	1.450,2	(0,6)	6.299	6.938	10,1	9.191,4	10.062,1	9,5
BRASIL	2.007,8	1.946,7	(3,0)	5.281	5.911	11,9	10.602,9	11.506,6	8,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.



9.1.3.1. OFERTA E DEMANDA

No mercado de arroz ao produtor do Rio Grande do Sul (RS), observou-se uma oferta restrita com a uma amena expansão da demanda das beneficiadoras em busca de reposição de estoques. Atualmente, apesar do cenário apertado de baixa produção na safra 2015/16 e de reduzidos estoques de passagem, os preços seguem com leve viés de baixa em virtude da maior entrada de arroz do Mercosul no mercado nacional e da expectativa de boa safra 2016/17. O preço médio estadual encerrou a semana, com valorização de 0,57%, cotado a R\$ 48,32 por saco de 50 quilos de arroz em casca e mantém o patamar remunerador alcançado. No mês, identificou-se um arrefecimento de 0,78%, porém, no ano, nota-se uma significativa valorização de 20,65% em virtude da quebra de safra 2015/16 gaúcha e da elevação nos custos de produção. A menor produção em Mato Grosso e nos estados vizinhos implicou em valorização anual de 35,98%, encerrando o arroz cotado a um preço médio de R\$ 68,74 por saco de 60 quilos.

Em relação ao atacado, o mercado apresenta leve viés de baixa em virtude da redução da demanda do varejo, cotado em R\$ 70,75 por fardo de 30 quilos de arroz beneficiado. Ademais, como fatores determinantes no comportamento atual do mercado atacado, destacam-se a redução da produção brasileira e a maior importação de produto beneficiado do Paraguai e do Uruguai. Assim, os preços no atacado apresentaram no mês retração de 5,60% e, no ano, expansão de 17,70%.

No mercado de arroz tailandês, na última semana, o preço do grão apresentou queda de 1,26% e, no mês, de 2,87% em virtude da quase finalização de colheita da safra 2016/17 e da expectativa de retorno à normalidade produtiva local. Em face desse cenário, a Tailânia

tem intensificado ações de promoção das exportações de arroz.

No período comercial 2015/16 consolidado, de março de 2015 até fevereiro de 2016, observa-se um relevante saldo de 858,8 mil toneladas em base casca. Para os oito primeiros meses de análise do período comercial 2016/17, março a outubro de 2016, observa-se um saldo negativo de 142,4 mil toneladas, o que corrobora com a previsão da Conab de déficit acumulado de 200 mil toneladas até fevereiro 2017. Em setembro, o Brasil exportou 65,3 mil toneladas de arroz base casca e importou 100,9 mil toneladas. Dentre os principais destinos do produto brasileiro, destacam-se o Senegal, com uma aquisição de 20,0 mil toneladas de arroz quebrado a um preço médio de comercialização de US\$ 305,00 a tonelada, e a Suíça – com aquisição de 9,2 mil toneladas de arroz quebrado a um preço médio de US\$ 282,33 a tonelada.

Sobre as compras nacionais de arroz internacional, o Paraguai, maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 50,9 mil toneladas de arroz base beneficiado em uma média de US\$ 416,54 a tonelada de arroz polido, abaixo da média de preço negociado do arroz brasileiro branco beneficiado de US\$ 690,27 a tonelada. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado em sua maioria para os mercados de São Paulo e Minas Gerais. Sobre a Argentina e o Uruguai, nota-se uma expressiva expansão dos volumes importados pelo Brasil. Este produto vem sendo direcionado principalmente para São Paulo, de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Na soma de todas as compras no mercado internacional em outubro de 2016, o Brasil importou 86,83% a mais do que o registrado em outubro de 2015, no qual o volume foi de 54 mil toneladas.

Tabela 13 - Quadro de suprimento de arroz em casca em mil toneladas

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2006/07	2.259,5	11.315,9	1.069,6	14.645,0	12.305,5	313,1	2.026,4
2007/08	2.026,4	12.074,0	589,9	14.690,3	11.866,7	789,9	2.033,7
2008/09	2.033,7	12.602,5	908,0	15.544,2	12.118,3	894,4	2.531,5
2009/10	2.531,5	11.660,9	1.044,8	15.237,2	12.152,5	627,4	2.457,3
2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
2015/16 (*)	962,9	10.602,9	1.300,0	12.865,8	11.450,0	1.100,0	315,8
2016/17 (**)	315,8	11.506,6	1.000,0	12.822,4	11.500,0	1.100,0	222,4

Fonte: Conab.



9.1.4. FEIJÃO

9.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

O terceiro levantamento de safra, vinculado ao plantio da safra 2016/17, aponta para um crescimento na área plantada estimada em 1.105,4 mil hectares, o que configura incremento de 13% em relação à safra passada, que foi de 978,6 mil hectares. A produtividade média obtida para esta cultura está estimada em 1.161 kg/ha, na média nacional, 9,8% acima da obtida na última temporada. Com estes resultados de área e produtividade, a produção nacional para o feijão da primeira é estimada em 1.283,2 mil toneladas, representando acréscimo de 24,1% em relação à safra de 2015/16, que foi de 1.034,2 mil toneladas. A maioria dos agricultores usa recursos próprios para viabilizar o plantio.

Na Região Sul é esperada incremento na área plantada para 294,7 mil hectares, 8,8% em relação ao ocorrido no exercício anterior que foi de 270,9 mil hectares, estima-se aumento produtividade de 7,3% saindo de 1.680 kg/ha, para 1.803 kg/ha na em relação à safra 2015/16, estima-se também aumento na produção para 531,2 mil toneladas, 16,7% em relação à safra an-

terior que foi de 455 mil toneladas.

No Paraná a área se encontra 100% plantada, visto que a área referente ao feijão cores foi responsável por um aumento de 34,8% em relação à safra anterior, reflexo, principalmente, dos altos preços pagos pelo feijão em todo o ano de 2016, porém, com o avanço da colheita, os preços recebidos pelos produtores recuaram. Na região sul do estado o clima não foi favorável à planta. As temperaturas baixas nas lavouras semeadas em setembro ocasionaram o mal desenvolvimento e baixa produção de vagens, além de causar o abortamento de flores e amarelamento das folhas do baixeiro. A produção de vagens na parte inferior da planta está baixa, sendo esta, a parte responsável pela maior produção de grãos. A pequena área colhida, de apenas 3% até o momento, apresentou rendimento abaixo do esperado. A previsão de área plantada na primeira safra de feijão é de 193 mil hectares, com rendimento de 1.810 kg/ha, ou seja, 14,9% maior do que a safra 2015/16.

Figura 28 - Feijão em floração em Prudentópolis/PR. Nov, 2016



Em Santa Catarina, em torno de 50% da área prevista para a safra 2016/17 se encontra implantada. O feijão-preto, que representa em torno de 40% da área cultivada com esta espécie, encontra-se com aproximadamente 81% de suas lavouras implantadas, enquanto a classe carioca, que representa os 60% restantes, possui em torno de 30% das lavouras semeadas, pois seu plantio se dá em regiões mais altas e frias, localizadas no Meio-Oeste e Planalto Serrano. Os estádios

das lavouras se encontram desde germinação até floração, haja vista o plantio ter iniciado em meados de outubro nas regiões mais a oeste do estado, onde as temperaturas são mais elevadas, principalmente em relevo mais baixo e margens dos rios. A qualidade das lavouras varia de acordo com a época de plantio. As lavouras plantadas mais cedo foram afetadas pelas temperaturas mais baixas, em outubro e início de novembro, as quais prejudicaram o desenvolvimen-



to das plantas, retardando seu crescimento. Aliado a isso, precipitações menos frequentes durante este período ajudaram a interferir negativamente no desenvolvimento das plantas. Como resultado, estimativas apontam que em torno de 20% das lavouras se encontram em condições regulares de qualidade, o que deve ocasionar uma redução na estimativa de produtividade em relação ao levantamento anterior. As lavouras mais tardias se encontram em melhores condições, favorecidas pela elevação da temperatura e chuvas mais frequentes, mas dentro da média esperada. A sanidade das plantas é considerada boa, sem registros de pragas e doenças que possam afetar a qualidade delas. Com preços em alta nos últimos meses devido à redução da oferta na safra passada, observou-se um aumento na intenção de plantio de feijão na safra atual, principalmente o classe preta.

No Rio Grande do Sul, recém-iniciada a semeadura, deve atingir nesta semana cerca de 15% da área pretendida. Considerando se tratar de lavouras totalmente mecanizadas, com alta tecnologia, em curto espaço de tempo deverão ser concluídas as operações de plantio. As áreas já semeadas apresentam boa emergência das plantas e, com o emprego intensivo de irrigação, dever-se-á obter resultados satisfatórios e remuneradores. Há expectativa de aumento de área plantada para 51 mil hectares, que deverá ficar em 17,2% em relação à safra passada, que foi de 43,5 mil hectares. Mesmo com queda de 12,1% na produtividade, estimada em 1.683 kg/ha, a produção estimada é de 85,8 mil toneladas, incremento de 3%.

Na Região Sudeste a expectativa é de incremento de 23,7% da área plantada, com a leguminosa em 250,2 mil hectares, para o exercício 2016/17, impulsionada pelos preços atrativos. O clima se encontra favorável ao plantio.

Em Minas Gerais, estima-se para a safra atual um aumento de 12% na área de plantio de feijão primeira safra em relação à safra anterior. O plantio foi iniciado em de outubro e deverá ser concluído em novembro. A área de plantio está estimada em 164,2 mil hectares, com produtividade média de 1.310 kg/ha. A produção pode alcançar 215,1 mil toneladas, 12,4% superior à safra passada.

Em São Paulo o feijão sinaliza com forte crescimento na área plantada (58,6%) devido aos preços bastantes atrativos juntos ao mercado produtor no momento do plantio. Seu plantio é realizado sob irrigação e se dá em julho e agosto e colhido entre novembro e janeiro do ano seguinte. As maiores áreas estão localizadas na região Sudoeste de São Paulo (Itaí, Itapeva, Taquarituba e Capão Bonito). Segundo às informações obtidas junto à Empresa de Desenvolvimento

Rural (EDR) de Itapeva, já foram colhidos em torno de 60% do feijão plantado, na principal região de produção do estado paulista (Sudoeste). Diferente do que ocorreu na safra passada, onde, em razão do excesso de chuvas que ocorreram durante a colheita, o que ocasionou um produto de má qualidade e consequente recuo nos preços obtidos nas vendas. Nesse momento o feijão colhido está sendo considerado de boa e ótima qualidade, o que deverá trazer bons ganhos aos produtores.

No Rio de Janeiro a cultura é basicamente plantada por agricultores familiares, para subsistência e pequenas comercializações. As lavouras estão em fase de desenvolvimento vegetativo. Está previsto para esta safra um crescimento nas áreas em relação à safra passada. Estima-se uma produtividade média de 887 kg/ha, 19,9% inferior à safra passada. A produção deve ficar em 1,6 mil toneladas.

Na Região Norte-Nordeste o plantio da safra 2016/17 ocorrerá a partir de janeiro 2017. Nas áreas de sequeiro a opção dos produtores deverá se fixar no feijão caupi, que é mais resistente, como alternativa para evitar os danos causados pelo veranico, que geralmente ocorre nesse mês. Com os indícios de normalização do período chuvoso, os produtores aguardam a época das águas para iniciar o plantio. Percebe-se ainda que há uma resistência dos produtores ao plantio do feijão cores, por se tratar de uma cultura que necessita de um período chuvoso bem definido na fase de desenvolvimento do grão.

Na Bahia se estima que a área de plantio deverá ficar em 243,4 mil hectares, representando uma variação positiva de 28,6% em relação à safra passada, produtividade estimada em 390 kg/ha, incremento de 10,8% em relação à safra 2015/16, aumento também na produção para 95 mil toneladas, incremento de 42,6% em relação à safra anterior. Em relação ao feijão cores primeira safra, estima que a área de plantio deverá ficar em 62,28 mil hectares, representando uma variação positiva de 23,8% em relação à safra passada. No Centro-Norte, nesta safra 2016/2017 as estimativas indicam que serão cultivados 12,6 mil hectares. Redução de 11,2% em relação à safra passada. Isso se deve à incerteza por parte dos produtores, se haverá de um regime de chuvas favorável para o desenvolvimento da cultura, possibilitando apresentar um rendimento compatível com o histórico da região. No Centro-Sul, com as chuvas observadas em novembro, foi iniciado o plantio. Estima-se que sejam cultivados 23,7 mil hectares, entre cultivos de sequeiro e irrigado. A expectativa de boas chuvas e a valorização do preço do feijão na safra passada fomentam o cultivo. Percebe-se que há uma resistência dos produtores ao plantio do feijão cores, por se tratar de uma cultura de necessi-



dade hídrica maior que o feijão macaçar. Foi relatada a intempestividade na entrega das sementes do Programa Semeando e destacado que a utilização de sementes híbridas ou variedades mais adequadas à região poderiam permitir melhores rendimentos. No Extremo Oeste, as áreas que serão cultivadas com feijão cores representam cerca de 29% do total de feijão (cores mais macaçar) cultivado. O cultivo do feijão cores é realizado pela agricultura empresarial e a primeira intenção de plantio aponta para crescimento na área plantada, estimando-se o cultivo de 26 mil hectares na safra 2016/17. Esse aumento pode ter sido influenciado pela elevada cotação da saca e pela retomada das áreas não cultivadas por conta das adversidades climáticas da última safra. Para o feijão macaçar primeira safra, estima-se que a área de plantio deverá ser entre 181,1 mil hectares, representando uma variação positiva de 30,4 em relação à safra pas-

sada. No Centro-Norte se estima que serão cultivados 12,3 mil hectares de feijão macaçar, e já foram cultivados cerca de 15% da área esperada para esta safra. No território de Irecê a área prevista para o plantio da safra de verão é de 14.180 hectares e produtividade média de 600 kg/ha. No Centro-Sul, com as chuvas observadas em novembro, foram iniciados o plantio. Estima-se que sejam cultivados 95,7 mil hectares em regime sequeiro. O volume de plantio é incipiente e os produtores estão com dificuldades na contratação de tratores para realizarem o plantio mecanizado. No Extremo Oeste, as áreas que serão cultivadas com feijão macaçar representam cerca de 71% do total de feijão (cores mais macaçar) cultivado, sendo realizado pela agricultura empresarial e pela agricultura familiar. A expectativa é que sejam cultivados 64 mil hectares. Espera-se o início do plantio para meados de dezembro.

Figura 29 - Feijão cores desenvolvimento vegetativo, Bahia. Nov, 2016



Figura 30 - Feijão cores irrigado desenvolvimento vegetativo, Bahia. Nov, 2016.



Figura 31 - Feijão macaçar em Germinação no município de Guanambi/BA. Nov, 2016



No Piauí o plantio ainda não foi iniciado em nenhuma das regiões do estado, previsão para segunda quinzena de novembro. Para a safra atual os produtores estão otimistas com relação as questões climáticas, mas encontram dificuldades em renegociar as dívidas junto aos bancos. A saída tem sido recorrer a recursos de terceiros (tradings, casas de químicos e fertilizantes), ou recursos próprios, para custear esta safra. A participação dos bancos no crédito de custeio tende a ser menor se comparado com safras anteriores. Segundo às informações obtidas nas casas de insumos visitadas haverá redução nas vendas de sementes na ordem de 50%, nas vendas de fertilizantes redução na ordem de 60% e de corretivos redução de 60%. A redução nas vendas de sementes não impactará na redução de áreas, pois esta redução será suprida pelo

estoque de sementes que os agricultores formaram na safra passada. A diminuição na aquisição de fertilizantes e corretivos também não deverá impactar numa diminuição de produtividade das culturas, já que existem estoques remanescentes da safra passada e reservas de nutrientes no solo principalmente de fósforo, que tem liberação lenta no solo. As estradas do Piauí se encontram com mais de 60% em condições boas e/ou regulares de trafegabilidade, as demais estão em estado ruim. Praticamente todas as informações obtidas se referem à agricultura empresarial, onde se concentra basicamente toda a área do Matopiba. Para o feijão primeira safra a expectativa é de um pequeno aumento, com relação à safra passada, na ordem de 1,4%, com área de 214,5 mil hectares.

Figura 32 - Feijão em desenvolvimento vegetativo na Serra do Quilombo/PI. Nov, 2016



No Maranhão o plantio dessa cultura iniciou apenas na região sul do estado, visto que parte desta se encontra no estádio de desenvolvimento vegetativo. A área total a ser plantada atingirá 24,3 mil hectares, com produtividade esperada igual a 477 kg/ha, quando será obtida uma produção de 11,6 mil toneladas.

Em Tocantins a tendência verificada neste levantamento é de aumento na área cultivada, motivada pelos bons preços obtidos neste ano e pela perspectiva de uma boa estação chuvosa nesta safra, principalmente em relação ao feijão caupi, cultivada prioritariamente pelo segmento da agricultura familiar, destinando parte importante da produção para consumo, com a expectativa de manutenção da cotação no ano 2016, esta cultura poderá atrair médios produtores para o cultivo desta. Para este levantamento, a área de plantio está estimada em 4,7 mil hectares, com produtividade média de 641 kg/ha, 5,1% inferior à safra passada. A produção deve ficar entre 3,2 mil toneladas.

Na Região Centro-Oeste se observa incremento de área em 4,2%, produtividade em 9,1% e na produção de 13,6% em relação ao exercício passado, impulsionado pelo clima favorável à leguminosa e aos preços atrativos.

Na maior parte dos municípios em Goiás, findado o período de vazio sanitário em setembro, as semeaduras do feijão primeira safra se concentraram durante em outubro beneficiado pelas precipitações regulares e o bom balanço hídrico do solo. Os produtores de

feijão demonstram bastante incentivados para o aumento da área plantada para a próxima safra, porém, a forte queda dos preços do feijão carioca no mercado, provocado pela retração do consumo, ocorrido nas últimas semanas, deixaram os produtores de feijão bastante preocupados com relação à rentabilidade futura da cultura. As lavouras se encontram em avançado período vegetativo e bem próximas do início da fase de florescimento, e com boas condições fitosanitárias. Não foram relatados maiores problemas com relação a replantios e ataques de mosca branca nos estádios iniciais da cultura. Neste levantamento, manutenção de área, produtividade e produção, estimados em 52 mil hectares de área, com produtividade média de 2.400 kg/ha e a produção em 124,8 mil toneladas.

Nessa primeira safra, também conhecida como safra das águas, cultivada no Distrito Federal, estima-se manutenção na área a ser plantada, quando comparada com a safra anterior. Estima-se uma produtividade média de 2.470 kg/há, o que poderá resultar em produção de 29,9 mil toneladas, superior em 66,1% a obtida na safra 2015/16. O plantio foi concluído obedecendo o vazio sanitário, que foi de 20 de setembro a 20 de outubro de 2016. As medidas quebram o ciclo de desenvolvimento de doenças na lavoura e beneficia os produtores com o aumento da produtividade, a redução do uso de fungicidas, inseticidas e de custos. A área segregada com feijão primeira safra em cores e preto correspondem a 90% e 10%, respectivamente, nesta primeira safra não se verifica o plantio de feijão caupi.

Figura 33 - Feijão cores desenvolvimento vegetativo PA-DF. Nov, 2016



A primeira safra 2016/17 de feijão em Mato Grosso tende a ser maior do que a registrada na temporada anterior, passando de 5,9 mil hectares no ciclo 2015/16 para 8,5 mil hectares no atual. Destes, 6,5 mil hectares são da variedade cores, cujo cultivo é predominante na região oeste do estado, onde a lavoura está em fase de frutificação, bem como na região sudeste, que ainda não iniciaram o plantio da leguminosa. As melhores condições climáticas também têm contribuído para a expectativa de recuperação da produtividade da variedade em todo o estado, que no atual levantamento é estimada em 1.823 kg/ha. Com isso, a produção do feijão cores deve ficar em 12,3 mil toneladas, volume 92% maior do que observado na última safra,

quando foi contabilizado 6,4 mil toneladas. Em relação à variedade caupi, também não há área plantada, contudo, estima-se que sejam semeados 2 mil hectares na região sudeste do estado, mais especificamente na região da grande Primavera do Leste, redução de metade da área se comparado aos 4 mil hectares semeados na safra 2015/16. A produtividade tende a se recuperar, registrando média de 1.000 kg/ha, rendimento 39% superior ao período de 2015/16, quando o feijoeiro produziu 720 kg/ha. Assim, estima-se que haja queda na produção da variedade caupi de 2,9 mil toneladas na safra passada para 2 mil toneladas na atual safra, recuo de 31%.

Figura 34 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra

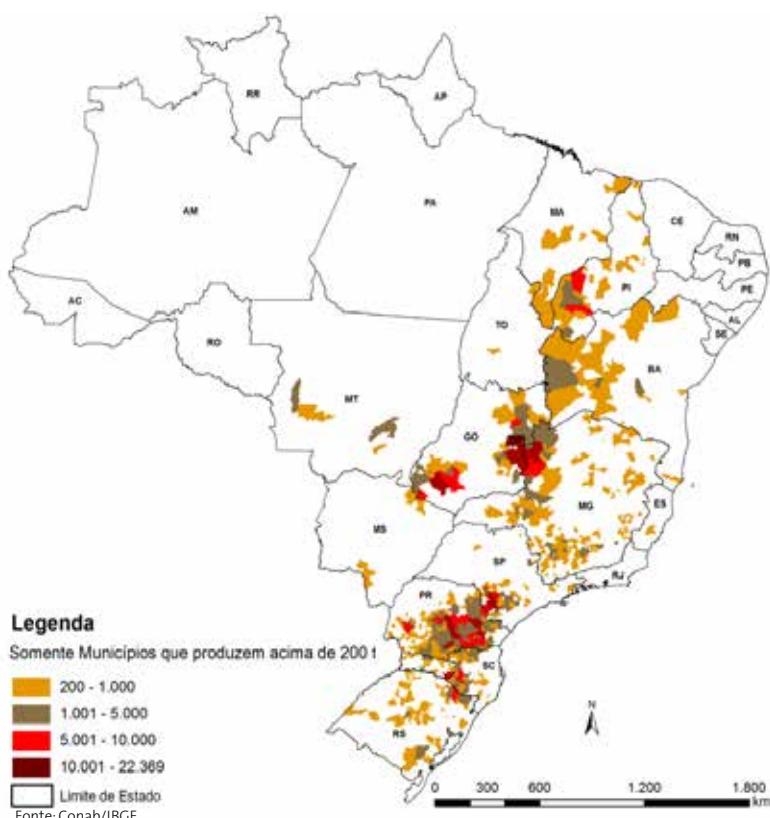
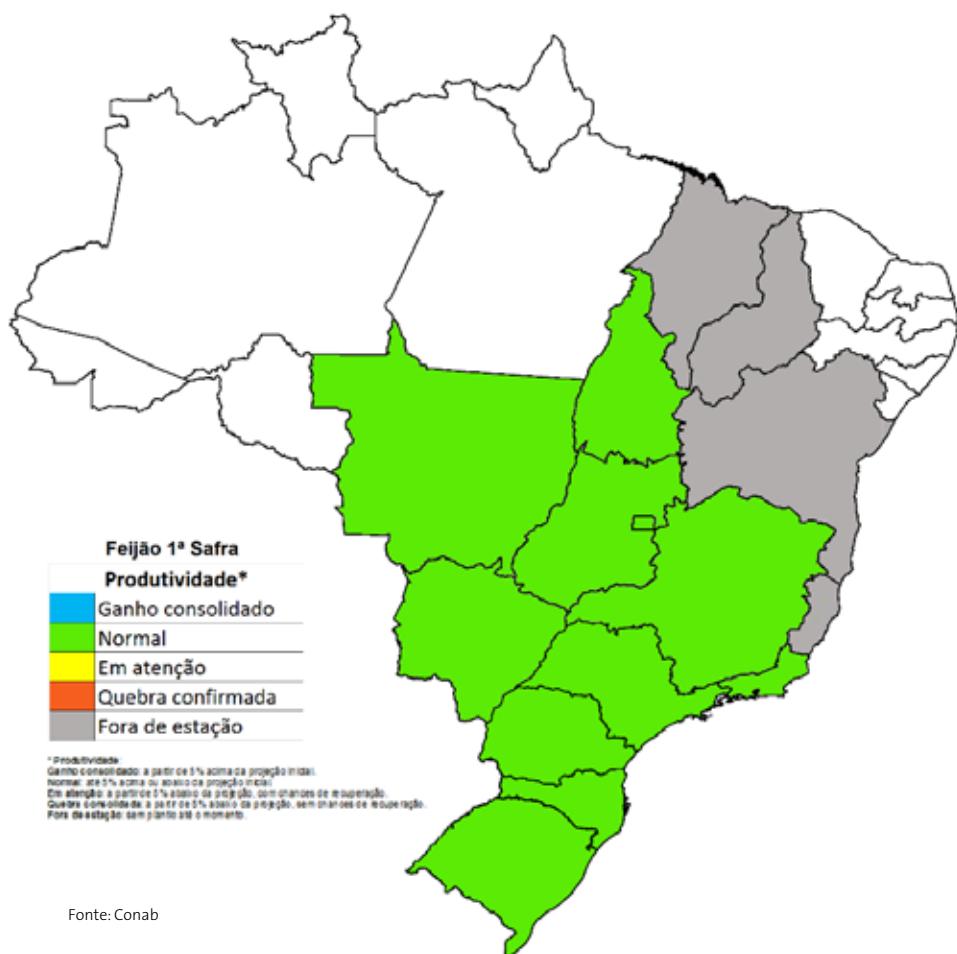


Figura 35 – Mapa da estimativa de produtividade: Feijão primeira safra (Safra 2016/17) – Novembro/2016



Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
PI	Centro-Norte Piauiense - PI					P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C		
	Sudoeste Piauiense				P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Sudeste Piauiense				P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Vale São-Franciscano da Bahia			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Norte Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Sul Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
MT	Sudeste Mato-grossense - MT		P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Norte Mato-grossense - MT		P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
GO	Leste Goiano	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Sul Goiano	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
DF	Norte Goiano - GO	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
MG	Noroeste de Minas	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Norte de Minas	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Oeste de Minas - MG	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Sul/Sudoeste de Minas	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Campo das Vertentes	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Zona da Mata	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
SP**	Bauru	DV	F	FR	M	C							P
	Assis	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					PP	P/G	
	Itapetininga	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					PP	P/G	
PR	Norte Central Paranaense	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C							
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C							
	Centro Oriental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Oeste Paranaense	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C							
	Sudoeste Paranaense	P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Sudeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
SC	Metropolitana de Curitiba	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Oeste Catarinense		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Norte Catarinense		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
RS	Serrana		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
RS	Metropolitana de Porto Alegre - RS	P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Baixa Restrição - Geadas ou baixas temperaturas

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 14 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,6	4,7	2,2	716	641	(10,5)	3,3	3,0	(9,1)
TO	4,6	4,7	2,2	716	641	(10,5)	3,3	3,0	(9,1)
NORDESTE	430,2	482,2	12,1	255	367	43,7	109,8	177,0	61,2
MA	29,5	24,3	(17,6)	468	477	1,9	13,8	11,6	(15,9)
PI	211,5	214,5	1,4	139	328	136,0	29,4	70,4	139,5
BA	189,2	243,4	28,6	352	390	10,8	66,6	95,0	42,6
CENTRO-OESTE	70,6	73,6	4,2	2.127	2.322	9,1	150,3	170,9	13,7
MT	5,9	8,5	44,1	1.075	1.688	57,0	6,4	14,4	125,0
MS	0,6	1,0	66,7	1.800	1.833	1,8	1,1	1,8	63,6
GO	52,0	52,0	-	2.400	2.400	-	124,8	124,8	-
DF	12,1	12,1	-	1.485	2.470	66,3	18,0	29,9	66,1
SUDESTE	202,3	250,2	23,7	1.561	1.603	2,7	315,8	401,1	27,0
MG	146,6	164,2	12,0	1.306	1.310	0,3	191,4	215,1	12,4
ES	4,9	4,9	-	1.239	810	(34,6)	6,1	4,0	(34,4)
RJ	0,8	1,8	125,0	1.107	887	(19,9)	0,9	1,6	77,8
SP	50,0	79,3	58,6	2.348	2.275	(3,1)	117,4	180,4	53,7
SUL	270,9	294,7	8,8	1.680	1.803	7,3	455,0	531,2	16,7
PR	181,4	193,0	6,4	1.575	1.810	14,9	285,7	349,3	22,3
SC	46,0	50,7	10,2	1.869	1.896	1,4	86,0	96,1	11,7
RS	43,5	51,0	17,2	1.915	1.683	(12,1)	83,3	85,8	3,0
NORTE/NORDESTE	434,8	486,9	12,0	260	370	42,1	113,1	180,0	59,2
CENTRO-SUL	543,8	618,5	13,7	1.694	1.784	5,3	921,1	1.103,2	19,8
BRASIL	978,6	1.105,4	13,0	1.057	1.161	9,8	1.034,2	1.283,2	24,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.

Tabela 15 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - Preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	1,2	1,2	-	1.480	2.290	54,7	1,8	2,7	50,0
DF	1,2	1,2	-	1.480	2.290	54,7	1,8	2,7	50,0
SUDESTE	4,4	10,7	143,2	972	815	(16,2)	4,3	8,7	102,3
MG	1,6	6,9	331,0	570	800	40,4	0,9	5,5	511,1
ES	2,0	2,0	-	1.239	800	(35,4)	2,5	1,6	(36,0)
RJ	0,8	1,8	125,0	1.107	887	(19,9)	0,9	1,6	77,8
SUL	174,9	175,2	0,2	1.618	1.735	7,2	283,0	304,0	7,4
PR	125,3	114,9	(8,3)	1.563	1.790	14,6	195,8	205,7	5,1
SC	16,1	19,3	19,9	1.731	1.890	9,2	27,9	36,5	30,8
RS	33,5	41,0	22,4	1.770	1.508	(14,8)	59,3	61,8	4,2
CENTRO-SUL	180,5	187,1	3,7	1.601	1.686	5,3	289,1	315,4	9,1
BRASIL	180,5	187,1	3,7	1.601	1.686	5,3	289,1	315,4	9,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.



Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - Carioca

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,9	0,6	(33,3)	1.252	948	(24,3)	1,1	0,6	(45,5)
TO	0,9	0,6	(32,6)	1.252	948	(24,3)	1,1	0,6	(45,5)
NORDESTE	50,3	62,3	23,9	670	670	-	33,7	41,7	23,7
BA	50,3	62,3	23,9	670	670	-	33,7	41,7	23,7
CENTRO-OESTE	65,4	70,4	7,6	2.225	2.360	6,0	145,6	166,1	14,1
MT	1,9	6,5	242,1	1.872	1.900	1,5	3,5	12,4	254,3
MS	0,6	1,0	70,0	1.800	1.833	1,8	1,1	1,8	63,6
GO	52,0	52,0	-	2.400	2.400	-	124,8	124,8	-
DF	10,9	10,9	-	1.486	2.490	67,6	16,2	27,1	67,3
SUDESTE	197,3	228,1	15,6	1.576	1.680	6,6	311,0	383,3	23,2
MG	144,4	145,9	1,0	1.316	1.374	4,4	190,0	200,5	5,5
ES	2,9	2,9	-	1.239	817	(34,1)	3,6	2,4	(33,3)
SP	50,0	79,3	58,6	2.348	2.275	(3,1)	117,4	180,4	53,7
SUL	96,0	119,5	24,5	1.792	1.902	6,1	172,0	227,3	32,2
PR	56,1	78,1	39,2	1.603	1.839	14,7	89,9	143,6	59,7
SC	29,9	31,4	5,0	1.944	1.900	(2,3)	58,1	59,7	2,8
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.400	-	24,0	24,0	-
NORTE/NORDESTE	51,2	62,9	22,9	680	673	(1,1)	34,8	42,3	21,6
CENTRO-SUL	358,7	418,0	16,5	1.752	1.858	6,0	628,6	776,7	23,6
BRASIL	409,9	480,9	17,3	1.619	1.703	5,2	663,4	819,0	23,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.

Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - Caupi

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	3,7	4,1	10,8	586	596	1,7	2,2	2,4	9,1
TO	3,7	4,1	11,4	586	596	1,7	2,2	2,4	9,1
NORDESTE	379,9	419,9	10,5	200	322	60,7	76,1	135,2	77,7
MA	29,5	24,3	(17,6)	468	477	1,9	13,8	11,6	(15,9)
PI	211,5	214,5	1,4	139	328	136,0	29,4	70,4	139,5
BA	138,9	181,1	30,4	237	294	24,1	32,9	53,2	61,7
CENTRO-OESTE	4,0	2,0	(50,0)	720	1.000	38,9	2,9	2,0	(31,0)
MT	4,0	2,0	(50,0)	720	1.000	38,9	2,9	2,0	(31,0)
SUDESTE	0,6	11,4	1.800,0	900	800	(11,1)	0,5	9,1	1.720,0
MG	0,6	11,4	1.800,0	900	800	(11,1)	0,5	9,1	1.720,0
NORTE/NORDESTE	383,6	424,0	10,5	204	325	59,0	78,3	137,6	75,7
CENTRO-SUL	4,6	13,4	191,3	743	830	11,6	3,4	11,1	226,5
BRASIL	388,2	437,4	12,7	210	340	61,6	81,7	148,7	82,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.



9.1.4.2. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Figura 36 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra

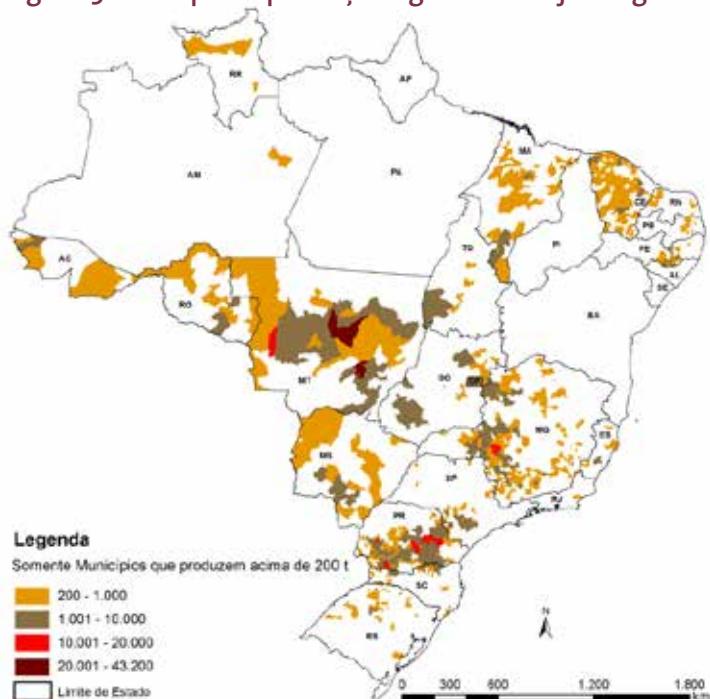


Figura 37 – Mapa da estimativa de produtividade: Feijão segunda safra (Safra 2016/17) – Novembro/2016

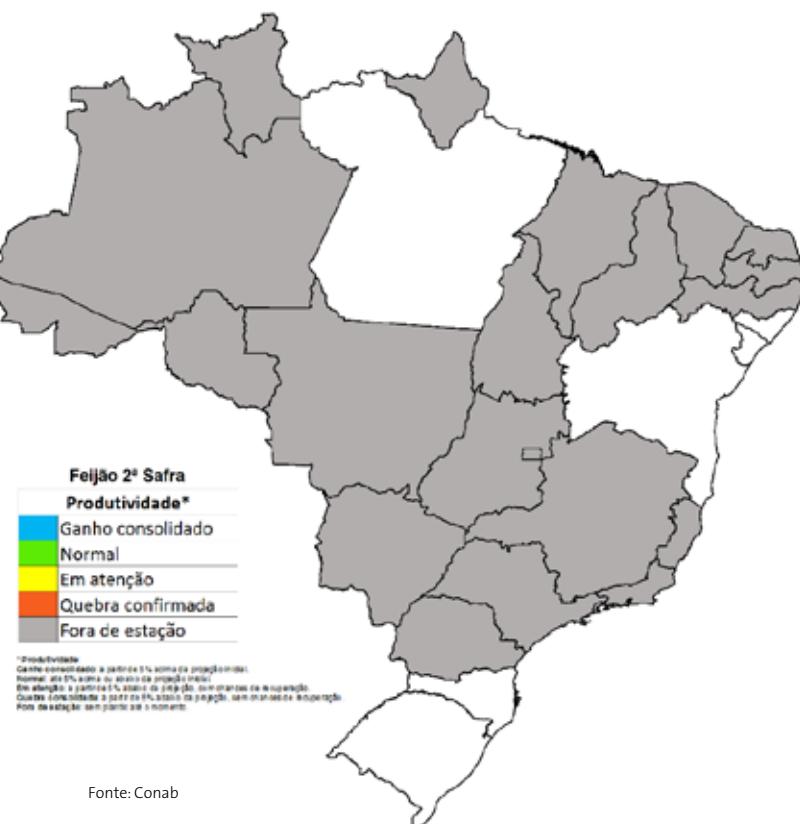


Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	47,1	47,1	-	846	828	(2,2)	39,9	38,9	(2,5)
RR	2,7	2,7	-	731	750	2,6	2,0	2,0	-
RO	20,8	20,8	-	856	838	(2,1)	17,8	17,4	(2,2)
AC	7,7	7,7	-	595	590	(0,8)	4,6	4,5	(2,2)
AM	4,1	4,1	-	927	895	(3,5)	3,8	3,7	(2,6)
AP	1,3	1,3	-	846	724	(14,4)	1,1	0,9	(18,2)
TO	10,5	10,5	-	1.009	988	(2,1)	10,6	10,4	(1,9)
NORDESTE	650,0	650,0	-	177	283	59,2	115,3	183,6	59,2
MA	47,6	47,6	-	536	526	(1,9)	25,5	25,0	(2,0)
PI	3,0	3,0	-	545	616	13,0	1,6	1,8	12,5
CE	371,1	371,1	-	155	253	63,2	57,5	93,9	63,3
RN	29,9	29,9	-	213	304	42,7	6,4	9,1	42,2
PB	86,8	86,8	-	143	271	88,8	12,4	23,5	89,5
PE	111,6	111,6	-	107	272	154,9	11,9	30,3	154,6
CENTRO-OESTE	230,4	230,4	-	879	1.427	62,4	202,6	328,8	62,3
MT	186,0	186,0	-	766	1.353	76,6	142,5	251,7	76,6
MS	14,0	14,0	-	997	1.516	52,1	14,0	21,2	51,4
GO	29,5	29,5	-	1.500	1.819	21,3	44,3	53,7	21,2
DF	0,9	0,9	-	1.990	2.490	25,1	1,8	2,2	22,2
SUDESTE	140,8	140,8	-	1.316	1.391	5,7	185,4	195,8	5,6
MG	118,8	118,8	-	1.265	1.351	6,8	150,3	160,4	6,7
ES	5,7	5,7	-	870	955	9,7	5,0	5,4	8,0
RJ	1,0	1,0	-	906	978	7,9	0,9	1,0	11,1
SP	15,3	15,3	-	1.907	1.893	(0,7)	29,2	29,0	(0,7)
SUL	245,6	245,6	-	1.513	1.646	8,8	371,5	404,2	8,8
PR	203,8	203,8	-	1.476	1.645	11,5	300,8	335,2	11,4
SC	17,4	17,4	-	1.841	1.701	(7,6)	32,0	29,6	(7,5)
RS	24,4	24,4	-	1.588	1.615	1,7	38,7	39,4	1,8
NORTE/NORDESTE	697,1	697,1	-	223	319	43,4	155,2	222,5	43,4
CENTRO-SUL	616,8	616,8	-	1.231	1.506	22,3	759,5	928,8	22,3
BRASIL	1.313,9	1.313,9	-	696	876	25,9	914,7	1.151,3	25,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.

Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - Preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	1,7	1,7	-	112	270	141,1	0,2	0,5	150,0
PB	1,7	1,7	-	112	270	141,1	0,2	0,5	150,0
CENTRO-OESTE	0,1	0,1	-	1.910	2.410	26,2	0,2	0,2	-
DF	0,1	0,1	-	1.910	2.410	26,2	0,2	0,2	-
SUDESTE	5,3	5,3	-	828	872	5,3	4,4	4,6	4,5
MG	2,0	2,0	-	740	800	8,1	1,5	1,6	6,7
ES	2,3	2,3	-	870	888	2,1	2,0	2,0	-
RJ	1,0	1,0	-	906	978	7,9	0,9	1,0	11,1
SUL	110,9	110,9	-	1.547	1.605	3,8	171,5	178,0	3,8
PR	73,0	73,0	-	1.486	1.600	7,7	108,5	116,8	7,6
SC	13,5	13,5	-	1.800	1.615	(10,3)	24,3	21,8	(10,3)
RS	24,4	24,4	-	1.588	1.615	1,7	38,7	39,4	1,8
NORTE/NORDESTE	1,7	1,7	-	112	270	141,1	0,2	0,5	150,0
CENTRO-SUL	116,3	116,3	-	1.514	1.572	3,8	176,1	182,8	3,8
BRASIL	118,0	118,0	-	1.494	1.554	4,0	176,3	183,3	4,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.



Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - Carioca

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	41,1	41,1	-	871	860	(1,3)	35,9	35,3	(1,7)
RR	2,7	2,7	-	731	750	2,6	2,0	2,0	-
RO	20,8	20,8	-	856	838	(2,1)	17,8	17,4	(2,2)
AC	7,7	7,7	-	595	590	(0,8)	4,6	4,5	(2,2)
AM	4,1	4,1	-	927	895	(3,5)	3,8	3,7	(2,6)
AP	1,3	1,3	-	846	724	(14,4)	1,1	0,9	(18,2)
TO	4,5	4,5	-	1.457	1.500	3,0	6,6	6,8	3,0
NORDESTE	30,1	30,1	-	165	328	99,5	4,9	9,9	102,0
PB	24,0	24,0	-	177	323	82,5	4,2	7,8	85,7
PE	6,1	6,1	-	116	350	201,7	0,7	2,1	200,0
CENTRO-OESTE	61,3	61,3	-	1.216	1.809	48,7	74,6	110,9	48,7
MT	17,0	17,0	-	868	2.000	130,5	14,7	34,0	131,3
MS	14,0	14,0	-	997	1.516	52,1	14,0	21,2	51,4
GO	29,5	29,5	-	1.500	1.819	21,3	44,3	53,7	21,2
DF	0,8	0,8	-	2.000	2.500	25,0	1,6	2,0	25,0
SUDESTE	135,5	135,5	-	1.335	1.411	5,7	181,0	191,2	5,6
MG	116,8	116,8	-	1.274	1.360	6,8	148,8	158,8	6,7
ES	3,4	3,4	-	870	1.000	14,9	3,0	3,4	13,3
SP	15,3	15,3	-	1.907	1.893	(0,7)	29,2	29,0	(0,7)
SUL	134,7	134,7	-	1.485	1.680	13,1	200,0	226,2	13,1
PR	130,8	130,8	-	1.470	1.670	13,6	192,3	218,4	13,6
SC	3,9	3,9	-	1.982	2.000	0,9	7,7	7,8	1,3
NORTE/NORDESTE	71,2	71,2	-	573	635	11,0	40,8	45,2	10,8
CENTRO-SUL	331,5	331,5	-	1.374	1.594	16,0	455,6	528,3	16,0
BRASIL	402,7	402,7	-	1.232	1.424	15,6	496,4	573,5	15,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.

Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - Caupi

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6,0	6,0	-	673	604	(10,3)	4,0	3,6	(10,0)
TO	6,0	6,0	-	673	604	(10,3)	4,0	3,6	(10,0)
NORDESTE	618,2	618,2	-	178	280	57,2	110,2	173,3	57,3
MA	47,6	47,6	-	536	526	(1,9)	25,5	25,0	(2,0)
PI	3,0	3,0	-	545	616	13,0	1,6	1,8	12,5
CE	371,1	371,1	-	155	253	63,2	57,5	93,9	63,3
RN	29,9	29,9	-	213	304	42,7	6,4	9,1	42,2
PB	61,1	61,1	-	131	250	90,8	8,0	15,3	91,3
PE	105,5	105,5	-	106	267	151,9	11,2	28,2	151,8
CENTRO-OESTE	169,0	169,0	-	756	1.288	70,4	127,8	217,7	70,3
MT	169,0	169,0	-	756	1.288	70,4	127,8	217,7	70,3
NORTE/NORDESTE	624,2	624,2	-	183	283	54,8	114,2	176,9	54,9
CENTRO-SUL	169,0	169,0	-	756	1.288	70,4	127,8	217,7	70,3
BRASIL	793,2	793,2	-	305	497	63,0	242,0	394,6	63,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.



9.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Figura 38 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra

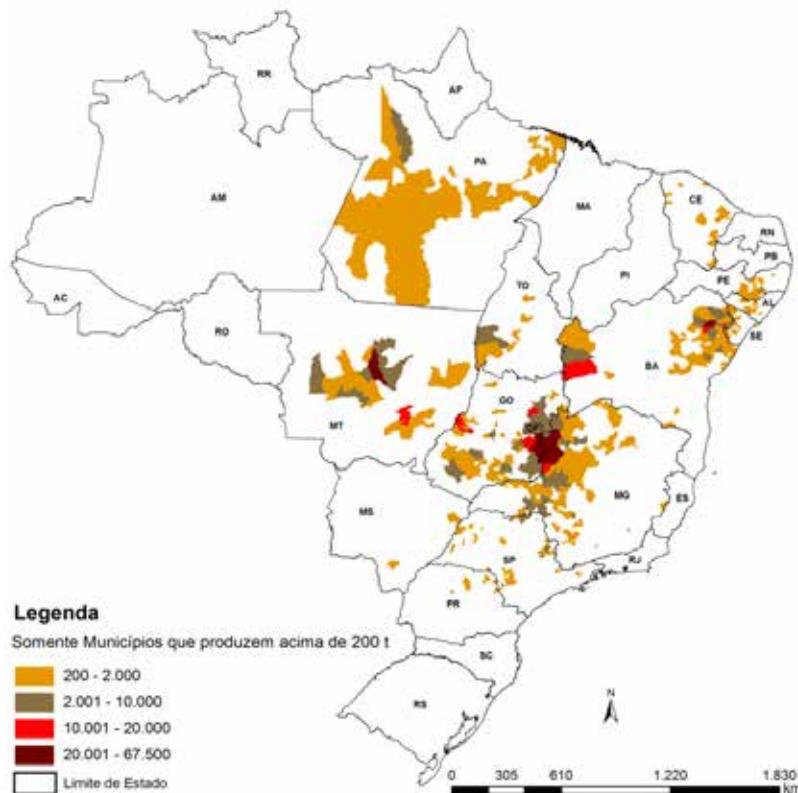


Figura 39 – Mapa da estimativa de produtividade: Feijão terceira safra (safra 2016/17) – Novembro/2016

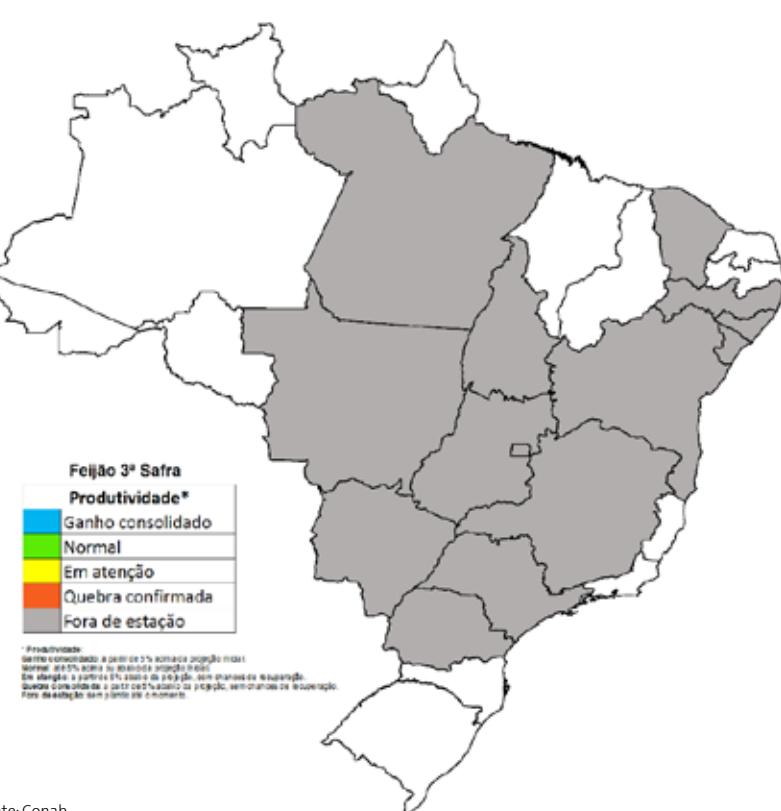


Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	39,9	39,9	-	849	838	(1,3)	33,9	33,5	(1,2)
PA	32,9	32,9	-	723	722	(0,2)	23,8	23,8	-
TO	7,0	7,0	-	1.440	1.383	(3,9)	10,1	9,7	(4,0)
NORDESTE	332,7	332,7	-	347	618	78,4	115,3	205,5	78,2
CE	4,7	4,7	-	211	1.023	384,8	1,0	4,8	380,0
PE	85,5	85,5	-	370	348	(5,9)	31,6	29,7	(6,0)
AL	30,3	30,3	-	271	500	84,7	8,2	15,1	84,1
SE	12,7	12,7	-	287	736	156,4	3,6	9,3	158,3
BA	199,5	199,5	-	355	735	106,9	70,9	146,6	106,8
CENTRO-OESTE	85,8	85,8	-	2.403	2.505	4,3	206,2	215,0	4,3
MT	41,5	41,5	-	2.050	2.103	2,6	85,1	87,3	2,6
GO	41,2	41,2	-	2.800	2.872	2,6	115,4	118,3	2,5
DF	3,1	3,1	-	1.839	3.023	64,4	5,7	9,4	64,9
SUDESTE	82,1	82,1	-	2.545	2.611	2,6	209,0	214,3	2,5
MG	69,1	69,1	-	2.580	2.646	2,6	178,3	182,8	2,5
SP	13,0	13,0	-	2.361	2.422	2,6	30,7	31,5	2,6
SUL	4,5	4,5	-	460	950	106,5	2,1	4,3	104,8
PR	4,5	4,5	-	460	950	106,5	2,1	4,3	104,8
NORTE/NORDESTE	372,6	372,6	-	400	642	60,3	149,2	239,0	60,2
CENTRO-SUL	172,4	172,4	-	2.420	2.515	3,9	417,3	433,6	3,9
BRASIL	545,0	545,0	-	1.039	1.234	18,8	566,5	672,6	18,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.

Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - Carioca

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	8,7	8,7	-	818	822	0,5	7,1	7,1	-
PA	7,9	7,9	-	651	700	7,5	5,1	5,5	7,8
TO	0,8	0,8	-	2.468	2.030	(17,7)	2,0	1,6	(20,0)
NORDESTE	296,6	296,6	-	350	637	82,1	103,7	188,7	82,0
PE	71,7	71,7	-	386	360	(6,7)	27,7	25,8	(6,9)
AL	23,3	23,3	-	236	530	124,6	5,5	12,3	123,6
SE	12,7	12,7	-	287	736	156,4	3,6	9,3	158,3
BA	188,9	188,9	-	354	748	111,3	66,9	141,3	111,2
CENTRO-OESTE	85,3	85,3	-	2.408	2.508	4,1	205,5	213,9	4,1
MT	41,5	41,5	-	2.050	2.103	2,6	85,1	87,3	2,6
GO	41,2	41,2	-	2.800	2.872	2,6	115,4	118,3	2,5
DF	2,6	2,6	-	1.923	3.200	66,4	5,0	8,3	66,0
SUDESTE	82,1	82,1	-	2.545	2.611	2,6	209,0	214,3	2,5
MG	69,1	69,1	-	2.580	2.646	2,6	178,3	182,8	2,5
SP	13,0	13,0	-	2.361	2.422	2,6	30,7	31,5	2,6
SUL	4,5	4,5	-	460	950	106,5	2,1	4,3	104,8
PR	4,5	4,5	-	460	950	106,5	2,1	4,3	104,8
NORTE/NORDESTE	305,3	305,3	-	363	642	76,8	110,8	195,8	76,7
CENTRO-SUL	171,9	171,9	-	2.423	2.516	3,9	416,6	432,5	3,8
BRASIL	477,2	477,2	-	1.105	1.317	19,2	527,4	628,3	19,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.



Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - Preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	50,0
DF	0,2	0,2	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	50,0
CENTRO-SUL	0,2	0,2	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	50,0
BRASIL	0,2	0,2	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	50,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.

Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - Caupi

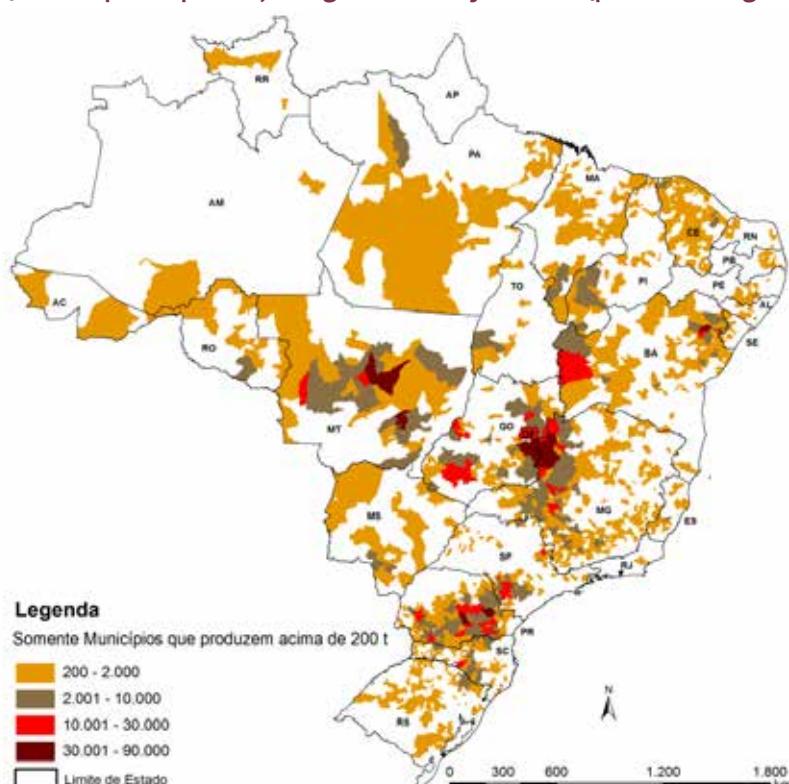
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	31,2	31,2	-	857	842	(1,8)	26,8	26,3	(1,9)
PA	25,0	25,0	-	746	729	(2,3)	18,7	18,2	(2,7)
TO	6,2	6,2	-	1.307	1.300	(0,5)	8,1	8,1	-
NORDESTE	36,1	36,1	-	322	467	45,1	11,6	16,8	44,8
CE	4,7	4,7	-	211	1.023	384,8	1,0	4,8	380,0
PE	13,8	13,8	-	284	285	0,4	3,9	3,9	-
AL	7,0	7,0	-	386	400	3,6	2,7	2,8	3,7
BA	10,6	10,6	-	377	500	32,6	4,0	5,3	32,5
CENTRO-OESTE	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
DF	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
NORTE/NORDESTE	67,3	67,3	-	570	641	12,4	38,4	43,1	12,2
CENTRO-SUL	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
BRASIL	67,6	67,6	-	572	645	12,7	38,7	43,6	12,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.

9.1.4.4. FEIJÃO TOTAL

Figura 40 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	91,6	91,7	0,1	841	823	(2,2)	77,1	75,4	(2,2)
RR	2,7	2,7	-	731	750	2,6	2,0	2,0	-
RO	20,8	20,8	-	856	838	(2,1)	17,8	17,4	(2,2)
AC	7,7	7,7	-	595	590	(0,8)	4,6	4,5	(2,2)
AM	4,1	4,1	-	927	895	(3,5)	3,8	3,7	(2,6)
AP	1,3	1,3	-	846	724	(14,4)	1,1	0,9	(18,2)
PA	32,9	32,9	-	723	722	(0,2)	23,8	23,8	-
TO	22,1	22,2	0,5	1.084	1.039	(4,2)	24,0	23,1	(3,8)
NORDESTE	1.412,9	1.464,9	3,7	241	387	60,4	340,4	566,1	66,3
MA	77,1	71,9	(6,7)	510	509	(0,1)	39,3	36,6	(6,9)
PI	214,5	217,5	1,4	145	332	129,5	31,0	72,2	132,9
CE	375,8	375,8	-	156	263	68,7	58,5	98,7	68,7
RN	29,9	29,9	-	213	304	42,7	6,4	9,1	42,2
PB	86,8	86,8	-	143	271	88,8	12,4	23,5	89,5
PE	197,1	197,1	-	221	305	38,1	43,5	60,0	37,9
AL	30,3	30,3	-	271	500	84,7	8,2	15,1	84,1
SE	12,7	12,7	-	287	736	156,4	3,6	9,3	158,3
BA	388,7	442,9	13,9	354	545	54,2	137,5	241,6	75,7
CENTRO-OESTE	386,8	389,8	0,8	1.445	1.833	26,9	558,8	714,7	27,9
MT	233,4	236,0	1,1	1.002	1.497	49,4	233,9	353,3	51,0
MS	14,6	15,0	2,7	1.030	1.537	49,2	15,0	23,1	54,0
GO	122,7	122,7	-	2.318	2.419	4,4	284,4	296,8	4,4
DF	16,1	16,1	-	1.582	2.578	63,0	25,5	41,5	62,7
SUDESTE	425,2	473,1	11,3	1.670	1.715	2,7	710,1	811,3	14,3
MG	334,5	352,1	5,3	1.555	1.586	2,0	520,0	558,4	7,4
ES	10,6	10,6	-	1.041	888	(14,7)	11,0	9,4	(14,5)
RJ	1,8	2,8	55,6	995	920	(7,6)	1,8	2,6	44,4
SP	78,3	107,6	37,4	2.264	2.238	(1,1)	177,3	240,9	35,9
SUL	521,0	544,8	4,6	1.590	1.725	8,5	828,5	939,7	13,4
PR	389,7	401,3	3,0	1.510	1.716	13,7	588,5	688,8	17,0
SC	63,4	68,1	7,4	1.862	1.846	(0,8)	118,0	125,7	6,5
RS	67,9	75,4	11,0	1.797	1.661	(7,6)	122,0	125,2	2,6
NORTE/NORDESTE	1.504,5	1.556,6	3,5	278	412	48,5	417,5	641,5	53,7
CENTRO-SUL	1.333,0	1.407,7	5,6	1.574	1.752	11,3	2.097,4	2.465,7	17,6
BRASIL	2.837,5	2.964,3	4,5	886	1.048	18,3	2.514,9	3.107,2	23,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.

9.1.4.5. OFERTA E DEMANDA

O mercado permanece calmo, com fraco movimento de compradores e poucas negociações. A origem do produto recém-colhido é quase toda da região suudeste de São Paulo e uma pequena quantidade de Minas Gerais e Goiás, visto que os lotes provenientes desses dois últimos estados apresentam volume considerável de grãos tipo comercial nota 8 para baixo.

Um dos principais motivos para esse comportamento de mercado está na dificuldade de repassar aumentos para os produtos direcionados aos supermercados, que não estão conseguindo diminuir seus estoques, devido ao baixo consumo. Com isso, muitos compradores estão adquirindo apenas o suficiente para atender suas necessidades imediatas.

No entanto, pouco resta da produção da temporada 2015/16 para ser comercializada, uma vez que, dados

os excelentes preços praticados no mercado, à medida em que a colheita vem sendo processada, o grão é disponibilizado para o mercado.

Os agricultores seguem implantando a lavoura da primeira safra, 2016/17, e o clima se encontra favorável, possibilitando boas condições de solo e o avanço da área semeada. A evolução da cultura é boa, sem problemas de sanitade e com bom desenvolvimento. Em São Paulo, a safra está no “pico” de colheita, e no Sul do país, apenas começando.

Devido às cotações do produto ainda em patamares elevados, verifica-se grande dificuldade de vazão no varejo, fazendo que as vendas que já apresentam certa lentidão, tendam a arrefecer, forçando o mercado a encontrar um ponto de equilíbrio, ou seja, um valor que o consumidor esteja disposto a pagar.



De acordo com a Secretaria de Agricultura do Estado do Paraná (Deral), no em julho deste ano o pacote de um quilo do carioquinha tipo 1 atingiu o ápice, sendo vendido, em média, por R\$ 11,12. A partir daí os preços entraram em trajetória de queda, recuando agora em novembro para R\$ 8,42.

Apesar do menor preço e das ofertas “promocionais”, os valores estão bastante elevados, forçando os consumidores a reduzirem sua compra, ou até mesmo, substituindo o produto por outros alimentos, geralmente menos saudáveis. Neste foco, com uma estimativa de produção bem abaixo da safra anterior, não se vislumbra um quadro animador de preços para o consumidor.

A expectativa é de que os valores continuem elevados para os consumidores devido à pouca oferta disponível para atender o abastecimento interno. Com perdas estimadas em 285 mil toneladas na safra de inverno, a oferta segue bastante apertada e dentro destas condições de mercado o produto poderá atingir uma melhor remuneração para os produtores.

Feijão comum preto

O produto segue com demanda retraída e os preços começaram a recuar, não acompanhando as oscilações verificadas no produto comum carioca devido às frequentes e volumosas importações. A saca do produto extra novo foi cotada em R\$ 255,00 a saca de 60 quilos, ou seja, 4,7% abaixo da registrada na semana anterior, e o especial, em R\$ 89,50.

A previsão para as próximas semanas é de aumento na oferta, com a entrada da safra paranaense, especialmente com mercadoria de melhor padrão. Como as vendas não estão evoluindo devido à dificuldade de repasse para o setor varejista, a tendência é, na melhor das hipóteses, manutenção dos atuais preços praticados no mercado.

Para elaboração do balanço de oferta e demanda para 2016/17, prevê-se o seguinte cenário: A produção da primeira safra, apurada no levantamento de campo realizado em novembro, pela Conab, foi estimada em 1.283,4 mil toneladas. No tocante as duas outras sa-

O mercado passa por um período de entressafra, e o Brasil está dependente da safra do sudoeste de São Paulo, praticamente a única região que abastece o país em novembro e dezembro, quando começa a intensificar a safra paranaense. A safra paulista, que normalmente conta com um volume de produção em torno de 100.000 toneladas, este ano ampliou consideravelmente a área de plantio, com expectativa de quase dobrar o referido volume, sendo, assim, suficiente para atenuar significativas altas de preços, devido à fraca demanda. A colheita segue em ritmo acelerado e a previsão de chuvas poderá prejudicar o seu andamento, bem como a qualidade do produto.

Por enquanto a preocupação é saber como o mercado se comportará nos próximos meses, tendo em vista a entrada da nova safra. Dadas as atuais condições do mercado e caso ocorra uma primeira safra razoavelmente boa, cuja intensificação da colheita se dá a partir de dezembro, onde geralmente ocorre um baixo consumo do produto devido às festividades de final de ano e das férias escolares, não se espera aumentos expressivos além dos atuais de mercado, a não ser por uma forte frustração da safra.

fras, cujo plantio normalmente tem início em janeiro de 2017 (segunda safra ou safra da seca) e abril (3ª safra ou safra de inverno), foram considerados, praticamente, os mesmos volumes de produção registrados na temporada anterior, totalizando 3.107,4 mil toneladas. Esse resultado, somados ao estoque de passagem e às importações projetadas em 200 mil toneladas, propiciarão um suprimento de 3,4 milhões de toneladas.

O consumo nacional tem variado nos anos de 2010 a 2015, entre 3,3 e 3,6, recuando para 2,8 em 2016, o menor registrado na história devido ao elevado aumento dos preços provocado pela retração da área plantada e principalmente pelas condições climáticas adversas.

Considerando uma pequena recuperação do consumo passando de 2,8 para 3,2 milhões de toneladas, e as exportações em 90 mil toneladas, resultará em um estoque de passagem na ordem de 131,3 mil toneladas, correspondente a menos de um mês de consumo.



Tabela 27 - Oferta e demanda

Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Estoque Final
2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
2015/16(*)	198,1	2.515,8	250,0	2.963,9	2.800,0	50,0	113,9
2016/17(*)	113,9	3.107,4	200,0	3.421,3	3.200,0	90,0	131,3

Fonte: Conab.

9.1.5. GIRASSOL

Figura 41 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 42 – Mapa da estimativa de produtividade: Girassol (safra 2016/17) – Novembro/2016

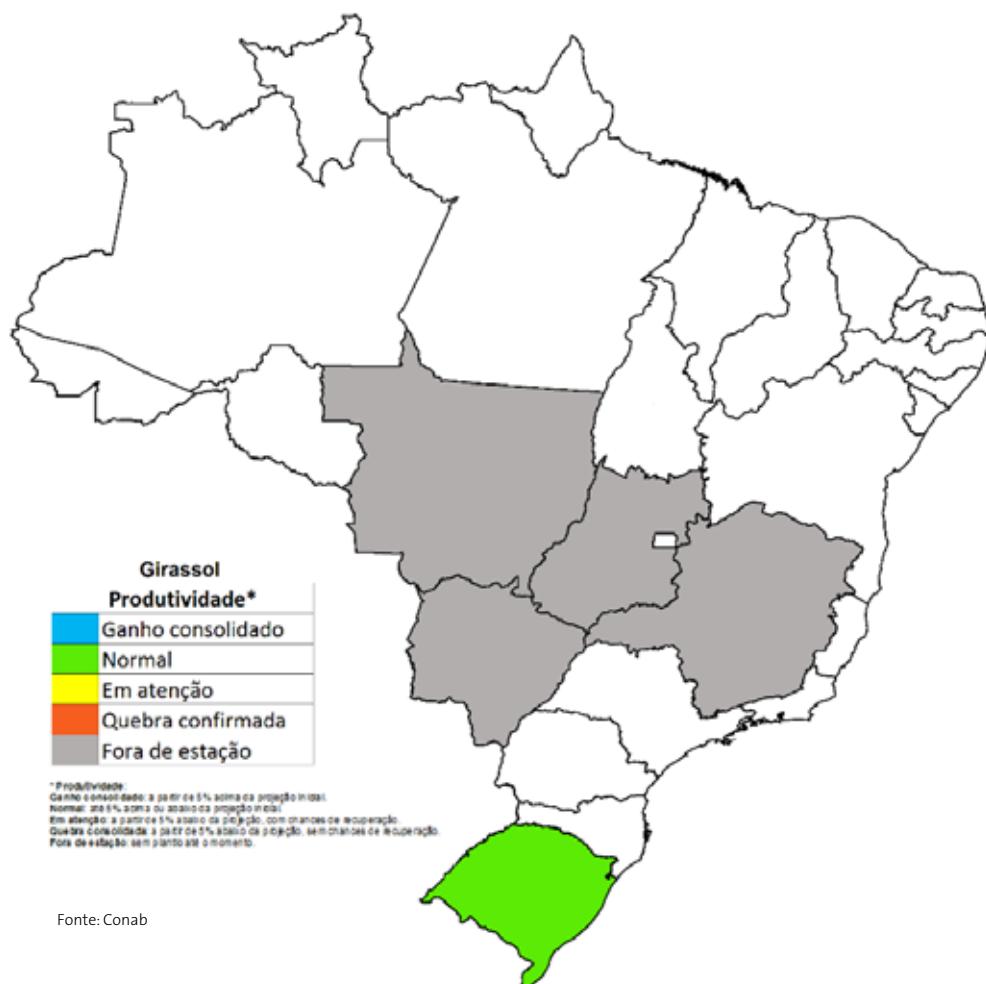


Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	40,9	40,9	-	1.252	1.388	10,9	51,2	56,7	10,7
MT	25,6	25,6	-	1.390	1.426	2,6	35,6	36,5	2,5
MS	1,3	1,3	-	1.236	1.575	27,4	1,6	2,0	25,0
GO	14,0	14,0	-	1.000	1.302	30,2	14,0	18,2	30,0
SUDESTE	7,0	7,0	-	952	1.326	39,3	6,7	9,3	38,8
MG	7,0	7,0	-	952	1.326	39,3	6,7	9,3	38,8
SUL	3,3	3,3	-	1.339	1.373	2,5	4,4	4,5	2,3
RS	3,3	3,3	-	1.339	1.373	2,5	4,4	4,5	2,3
CENTRO-SUL	51,2	51,2	-	1.216	1.379	13,4	62,3	70,5	13,2
BRASIL	51,2	51,2	-	1.216	1.379	13,4	62,3	70,5	13,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.



9.1.6. MAMONA

As estimativas para a safra 2016/17 de mamona é de aumento de área, alcançando 30,8 mil hectares, que representa acréscimo de 2% em relação à safra passada, que foi de 30,2 mil hectares.

Para a Bahia, a estimativa de área plantada nesta safra é de 21,6 mil hectares. A mamoneira é uma espécie de planta que pode ser manejada deixando soqueira para a safra do ano seguinte, portanto, parte da área cultivada é remanescente da safra passada.

Figura 43 – Mamona remanescentes da safra 2015/16 no município de Irecê-BA. Nov, 2016.



No Ceará foram semeados 8,3 mil hectares, o mesmo da safra anterior. Esta cultura está relacionada com a exigência de tratos culturais, como calagem e adubação, que os produtores da região não possuem domínio da técnica e com as condições climáticas desfavoráveis, o que as levam a se concentrarem no plantio de espécies alimentícias. As sementes são geralmente doadas pelo governo estadual e distribuídas pela Ematerce. Cada agricultor pode receber quantidade suficiente para cultivar até dez hectares. Em Quixadá, a empresa de extensão rural está com dificuldades para distribuir essas sementes, pois os produtores estão deixando de plantar. A razão para isso é que a Petrobras está deixando de ajudar no preparo do ter-

reno, através da cessão de tratores para o preparo do solo. O plantio foi realizado de janeiro a abril. A colheita toda realizada,

Em Minas Gerais, concentrada na região Norte de Minas, a área de plantio de mamona está estimada em 300 hectares em face dos resultados insatisfatórios, seja em termos de rendimento, seja no tocante às dificuldades de mercado. As adversidades climáticas ocorridas nas últimas safras vêm inviabilizando o cultivo desta oleaginosa. Com produtividade média 909 kg/ha, a produção poderá alcançar 300 toneladas, desde que o clima se mostre mais favorável, permitindo assim, uma recuperação da produtividade média.



Figura 44 – Mapa da produção agrícola – Mamona

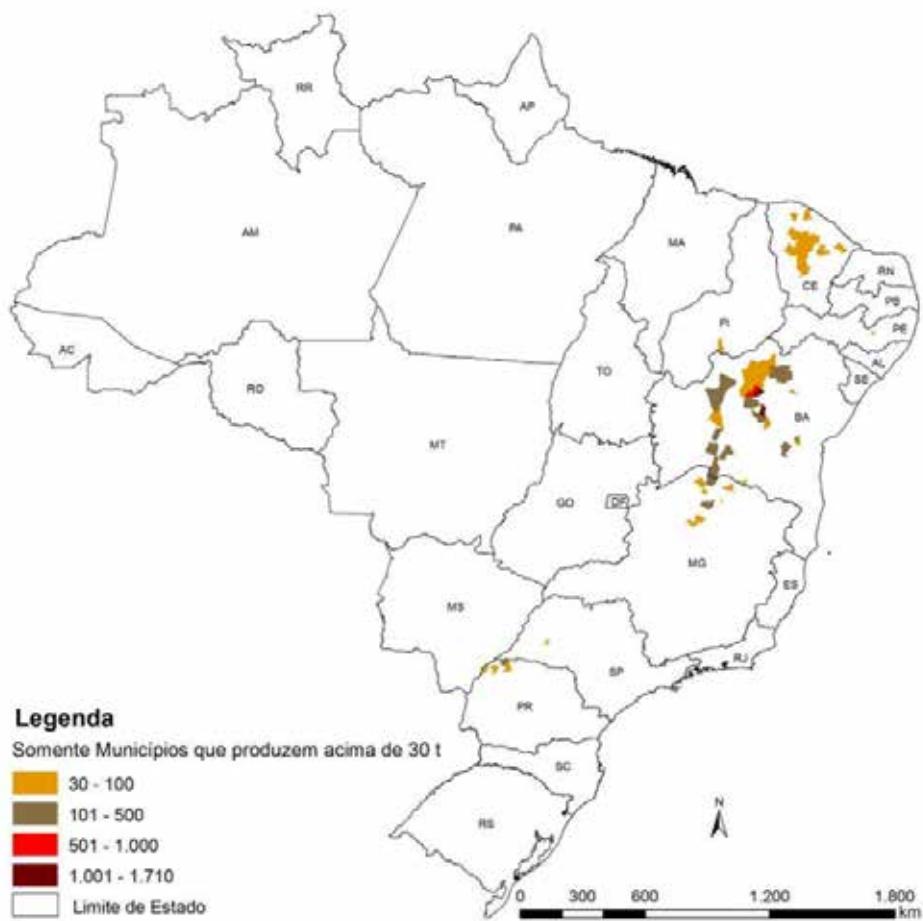
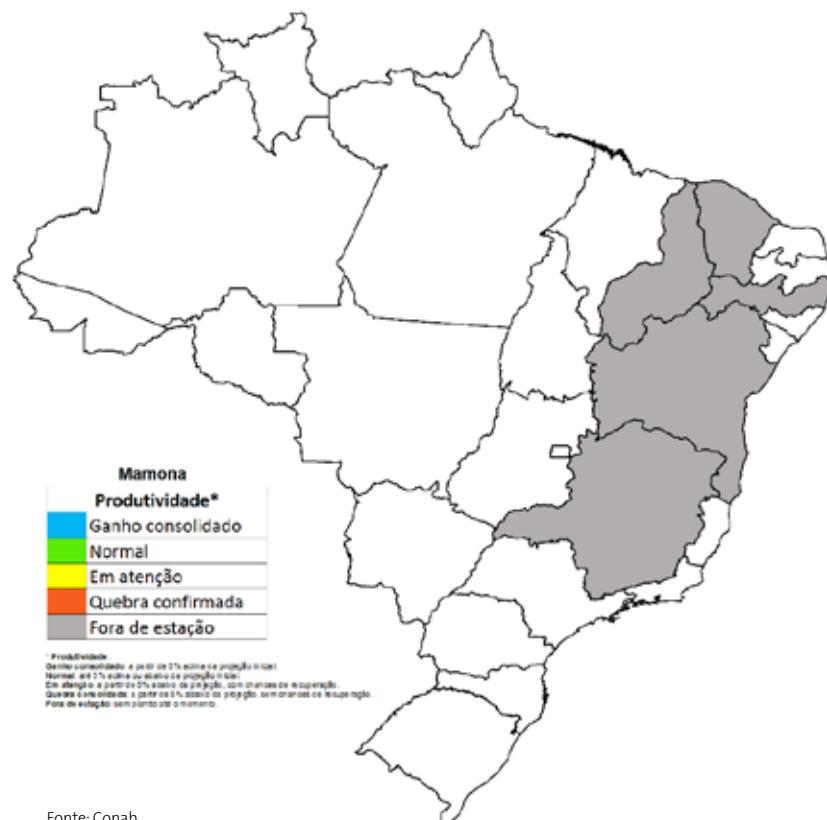


Figura 45 – Mapa da estimativa de produtividade: Mamona (Safra 2016/17) – Novembro/2016



Fonte: Conab

Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	29,9	30,5	2,0	472	653	38,2	14,1	19,9	41,1
PI	0,6	0,6	-	500	494	(1,2)	0,3	0,3	-
CE	8,3	8,3	-	122	359	194,3	1,0	3,0	200,0
BA	21,0	21,6	2,9	610	770	26,2	12,8	16,6	29,7
SUDESTE	0,3	0,3	-	909	909	-	0,3	0,3	-
MG	0,3	0,3	-	909	909	-	0,3	0,3	-
NORTE/NORDESTE	29,9	30,5	2,0	472	653	38,2	14,1	19,9	41,1
CENTRO-SUL	0,3	0,3	-	909	909	-	0,3	0,3	-
BRASIL	30,2	30,8	2,0	477	655	37,5	14,4	20,2	40,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.



9.1.7. MILHO

9.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

Nesta safra a lavoura de milho sofrerá forte influência dos bons níveis de preços que antecederam o período de plantio e certamente irão influenciar os produtores na tomada de decisão sobre incremento da área plantada. Os produtores de milho verão, são os mesmos que plantam a cultura da soja. Dispõem de capital para financiamento da produção, bem como utilizam um bom nível tecnológico no sistema de cultivo. Essas características criam para a cultura, a expectativa na obtenção de altas produtividades a depender do desempenho da atividade climática. Ao contrário do milho plantado na segunda safra, os produtores de milho verão não fazem contratos futuros, optando por produzirem silagem ou comercializar o produto no disponível, à época da colheita no mercado local.

A área estimada neste levantamento, prevê um incremento nacional de 3% em relação ao exercício anterior, incentivado pelo comportamento agressivo dos produtores da Região Centro-Sul, contrariando uma tendência de postergar para a segunda safra a produção do cereal. Na região do Matopiba, estrategicamente situada, de onde se pode optar por deslocar parte dos excedentes produtivos para exportação, como também para atendimento ao Nordeste, as decisões de plantio ainda não refletem essa intenção em decorrência da consolidação do plantio só se efetivar na região em dezembro e primeira quinzena de janeiro de 2017. Os preços do cereal, praticados nas últimas semanas, comparado com o mesmo período do ano anterior, apresentaram acréscimos de 36%, representando um importante combustível para a acirrada competição por área, com a soja. Neste terceiro levantamento da safra 2016/17 está previsto uma área plantada de 5.549,1 mil hectares, contra 5.387,7 obser-

vado no exercício anterior.

Na Região Sul deverá ocorrer forte incremento de área, com a previsão de 5,4% em relação ao período anterior. No Rio Grande do Sul as lavouras se apresentam praticamente semeadas e, de uma maneira geral, encontram-se em condições bastantes satisfatórias, não obstante, alguns problemas de germinação e desenvolvimento inicial, decorrente de condições climáticas desfavoráveis à época da semeadura. O estádio predominante é de desenvolvimento vegetativo em cerca de 34% da área, seguido de floração (50%) e granação (10%). Nas áreas de produção tradicionais a lavoura tem desenvolvimento satisfatório, indicando boas perspectivas nas lavouras semeadas em agosto e setembro, sendo os estádios predominantes a floração e a granação. Nestas áreas a preocupação é com a disponibilidade de água no solo neste período crítico para a cultura, essencial para a obtenção do máximo potencial produtivo da cultura. Por enquanto, preocupação apenas na região dos municípios de Passo Fundo, Soledade, Sarandi e Não Me Toque, onde algumas lavouras já apresentam déficit hídrico, que deverá ser resolvido com a previsão de precipitações moderadas nos próximos dias. Mantidas as perspectivas, deverão ser alcançadas produtividades acima da média em todas as regiões. Percebe-se um aumento da área irrigada, que só não apresenta melhor condições devido aos picos de baixas temperaturas ocorridos. Observa-se, ainda, a substituição de áreas antes utilizadas para a produção de grãos por milho destinado à silagem, compensando assim, um possível aumento da área. Nos últimos anos a área de milho para silagem mais que dobrou, acompanhando o crescimento do rebanho bovino leiteiro.

Figura 46 - Milho em floração no Rio Grande do Sul, Nov, 2016



Fonte: Conab



Em Santa Catarina a área destinada ao cultivo do milho se encontra praticamente semeada, restando em torno de 8% a ser concluída até os primeiros dias de dezembro. A cultura se encontra desde germinação até floração (15%), sendo o desenvolvimento vegetativo o estádio predominante (>80%). A grande maioria das lavouras dá indicação de boa qualidade, tanto no aspecto fitossanitário quanto fisiológico. A frequência e os volumes menores de chuva ocorreram durante outubro e novembro em alguns locais, influencian- do negativamente algumas lavouras em fase inicial de desenvolvimento. Em outras, o clima mais estável favoreceu as lavouras, resultando em bom desenvol-

vimento e sanidade. Altos índices de insolação du- rante o dia, acompanhados de temperaturas dentro do normal, e temperaturas amenas durante a noite foram benéficas para o desenvolvimento da cultura, deixando positivo o balanço fotossintético. O resultado, em muitas regiões, são plantas bem desenvolvi- das, uniformes e sadias. As chuvas ocorridas no final de novembro fizeram que a umidade do solo voltasse aos níveis normais, ou próximos destes, surpreendendo as necessidades de muitas lavouras. As estimativas de produtividade são positivas e, dependendo das condi- ções climáticas a partir de agora, podem superar os índices obtidos na safra passada.

Figura 47 - Milho em Santa Catarina, Nov, 2016



No Paraná a área plantada da primeira safra de milho está concluída e apresenta um prognóstico bastante favorável. Apesar de a chuva estar abaixo da média para novembro, até o momento não refletiu no de-

senvolvimento da planta, que se apresenta em boas condições. Registra-se um incremento de 18,1% em relação à safra anterior, tendo como suporte os bons preços do cereal.

Figura 48 - Milho em frutificação em Toledo/PR, Nov, 2016



Na Região Sudeste, a cultura deverá experimentar expressivo incremento na área plantada, cerca de 9%, em relação ao exercício anterior. Em Minas Gerais, maior produtor regional, informações preliminares sinalizam tendência de aumento de área de 12% na área de plantio de milho na safra de verão, estimada em 937,7 mil hectares em face dos bons preços praticados ocasionada pela baixa oferta do produto. É possível que o aumento no plantio de milho se mostre ainda maior nos próximos levantamentos, quando a intenção de plantio estiver melhor definida. Projeta-se para a presente safra uma boa produtividade média, coerente com o nível tecnológico das lavouras e expectativa de condições climáticas normais.

Em São Paulo a conjuntura para o plantio da lavoura é favorável. No momento da decisão do plantio, o mercado se caracterizava pela forte escassez nacional, coincidindo com a necessidade e à ocorrência de importação de países vizinhos. No decorrer dos últimos meses os preços do milho no mercado interno registrou quedas, um movimento pouco comum para este período de entressafra devido às fortes importações dos países do Mercosul. Esse movimento tem beneficiado as granjas de aves e suínos que precisam ir ao mercado para suprir suas necessidades de ração.

Na Região Centro-Oeste está previsto incremento do plantio de 3,1% e Goiás aparece como principal produtor regional, para o milho primeira safra. As operações de plantio estão praticamente encerradas em todas as regiões do estado. O início das semeaduras, nos primeiros dias de outubro, se intensificou até os primeiros dias de novembro. O ritmo de plantio do milho verão nesta atual safra está mais veloz em relação à safra passada devido às condições agroclimatológicas mais favoráveis.

A necessidade de cumprir contratos de entrega de milho durante a safrinha deste ano, frustrada pela quebra da segunda safra de milho, bem como uma melhor rentabilidade na produção de milho com os atuais patamares de preços praticados no mercado doméstico, contribuíram para o aumento da área plantada nesta safra de verão, quebrando uma sequência de redução de área plantada nos últimos exercícios. A incerteza com relação aos preços praticados no futuro, a melhor racionalidade na utilização dos recursos dos estabelecimentos rurais produzindo soja no verão e milho durante a safrinha, bem como uma melhor liquidez da soja em relação ao milho, contribuiu para que poucos sojicultores arriscassem trocar a soja pelo milho, nesta presente safra.

Em Mato Grosso a perspectiva de plantio do milho de primeira safra 2016/17 é de aproximadamente 31 mil hectares, área equivalente à registrada em 2015/16.

Tal manutenção, mesmo com a baixa oferta do cereal no mercado, justifica-se pela preferência dos produtores rurais pelo plantio da soja, cuja rentabilidade é mais atrativa que o milho. Assim, o plantio do milho fica restrito aos produtores que destinam o cereal para fabricação de ração animal, como é o caso dos confinadores de gado. Em relação ao plantio, a maior parte das áreas já está semeada e os trabalhos devem seguir durante dezembro, com perspectivas de produtividade melhor do que as observadas no período produtivo anterior.

Em Mato Grosso do Sul, embora tenha havido forte aumento percentual na área plantada de milho verão, a confirmação da safra recorde americana e os estoques internacionais elevados, contribuíram para que as cotações do cereal sofressem queda no mercado interno, desestimulando assim, um aumento mais substancial na área cultivada com o cereal. Cabe salientar que o plantio de milho atingiu cerca de 71% da área estimada, sendo o fator limitante para sua conclusão a falta de umidade do solo adequada para plantio, razão pela qual deverá se estender até meados de dezembro.

Na Região Norte-Nordeste a expectativa neste segundo levantamento é que não ocorrerá avanços significativos na área plantada, mesmo nos estados que compõem o Matopiba. Deve-se destacar, no entanto, que o plantio do cereal nessas regiões, consolida-se em dezembro e primeira quinzena de janeiro.

Em Tocantins a substituição de parte da área plantada na safra anterior para a cultura da soja, associada à desconsideração da área destinada à produção de silagem, foram as principais causas responsáveis pela estimativa de queda de 24,1% na área cultivada em relação à anterior. A possibilidade de elevação de 36,5% na produtividade em relação à safra 2015, deverá resultar no crescimento na produção da presente cultura. A cultura deverá ser semeada somente a partir do início de dezembro.

No Maranhão a cultura teve seu plantio iniciado logo após os primeiros eventos pluviais, a partir da segunda metade de outubro. Os grandes e médios produtores já haviam preparado toda a área a ser cultivada no intuito de otimização de tempo, o que justifica já existir plantas pendoando (em fase de floração). A área cultivada provavelmente não apresentará alterações relevantes em relação à safra 2015/16 (268,4 mil hectares). A produtividade média se estima em torno de 2.576 kg/ha a depender da evolução do clima. No Piauí o plantio está se iniciando, coincidindo com as primeiras chuvas. Apesar de mal distribuídas, as lavouras se encontram com 98% no estado de germinação e 2%



em desenvolvimento vegetativo. O plantio do cereal na região deverá se estender até dezembro. O clima por enquanto é normal e favorável para o plantio, que deverá ocorrer dentro do período da janela. Dessa forma, apostando no clima e na reserva de nutrientes que ficou no solo da safra passada, a expectativa é de produtividade normal.

Na Bahia a forte demanda por proteína vegetal nos mercados interno e externo e os indícios de normalização do período chuvoso têm impulsionado as expectativas do cultivo do milho sequeiro. No entanto, a forte insegurança em face do histórico do regime de chuvas irregulares ainda afeta os produtores. As áre-

as cultivadas com o cereal sinalizam crescimento de 26% em relação à safra passada, após dois anos consecutivos de recuo. A cultura do milho é praticada em larga escala pela agricultura empresarial (sequeiro e irrigado) e em pequena escala pela agricultura familiar (sequeiro). Estima-se que sejam cultivados 426 mil hectares, e que já foram plantados 80% da área estimada. Espera-se que até meados de dezembro os plantios estejam finalizados. As sementes utilizadas na maioria das áreas cultivadas são transgênicas, resistentes à ação de herbicidas e ao ataque de lagartas. O percentual de sementes convencionais é inferior a 1%.

Figura 49 - Milho em Correntina/BA, Nov, 2016



Figura 50 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra

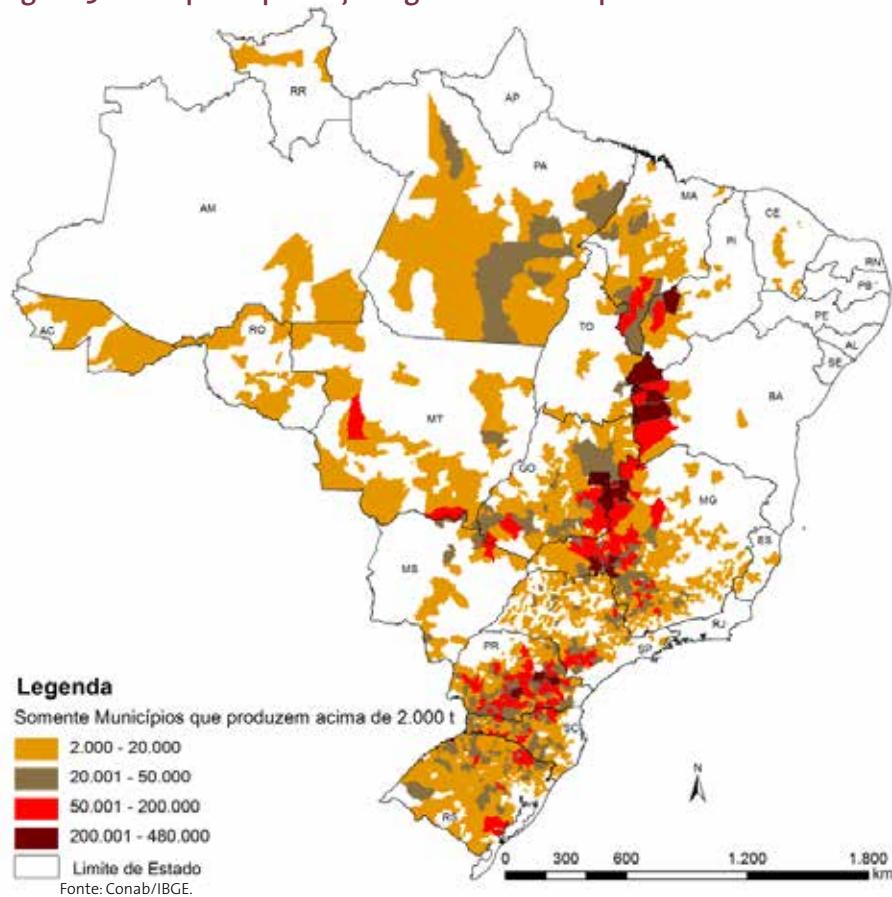
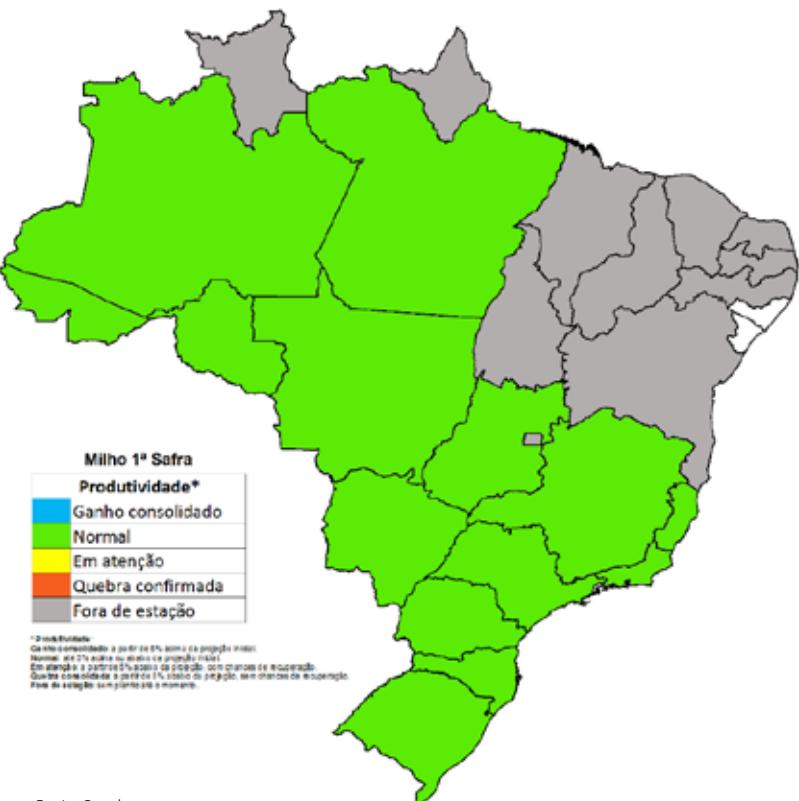


Figura 50 – Mapa da estimativa de produtividade: Milho primeira safra (safra 2016/17) – Novembro/2016



Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra (Safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
PA	Sudeste Paraense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
MA	Oeste Maranhense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sul Maranhense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C			
PI	Norte Piauense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sudoeste Piauense				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C		
	Sudeste Piauense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Noroeste Cearense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Norte Cearense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
CE	Sertões Cearenses					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Jaguaribe					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Cearense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sul Cearense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
RN	Oeste Potiguar					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Agreste Potiguar						P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
PB	Sertão Paraibano					P	G/DV	DV/F/FR	FR	FR/M	M/C		
	Agreste Paraibano						P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
PE	Sertão Pernambucano					P	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C		
	Agreste Pernambucano						P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C			
MT	Sudeste Mato-grossense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
GO	Centro Goiano	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Leste Goiano	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sul Goiano	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
DF	Distrito Federal	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Noroeste de Minas	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
MG	Metropolitana de Belo Horizonte	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Oeste de Minas	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sul/Sudoeste de Minas	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Campo das Vertentes	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Zona da Mata	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
SP	São José do Rio Preto	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Ribeirão Preto	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Bauru	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Campinas	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Itapetininga	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Macro Metropolitana Paulista	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Ocidental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
PR	Centro Oriental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Oeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro-Sul Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Metropolitana de Curitiba	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
SC	Oeste Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Norte Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Serrana	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Vale do Itajaí	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
RS	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Oriental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Metropolitana de Porto Alegre	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva

* - (P)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	358,1	355,0	(0,9)	3.135	3.292	5,0	1.122,8	1.168,7	4,1
RR	4,6	4,6	-	3.036	2.225	(26,7)	14,0	10,2	(27,1)
RO	38,6	38,6	-	2.657	2.654	(0,1)	102,6	102,4	(0,2)
AC	39,6	41,3	4,3	2.442	2.404	(1,6)	96,7	99,3	2,7
AM	5,4	12,1	124,0	2.515	2.568	2,1	13,6	31,1	128,7
AP	1,8	1,8	-	902	952	5,5	1,6	1,7	6,3
PA	196,1	202,0	3,0	3.299	3.307	0,2	646,9	668,0	3,3
TO	72,0	54,6	(24,1)	3.436	4.689	36,5	247,4	256,0	3,5
NORDESTE	1.865,2	1.821,6	(2,3)	1.537	2.060	34,0	2.866,9	3.752,3	30,9
MA	268,4	264,4	(1,5)	2.687	2.576	(4,1)	721,2	681,1	(5,6)
PI	471,0	376,8	(20,0)	1.490	2.100	40,9	701,8	791,3	12,8
CE	460,2	460,2	-	356	847	137,9	163,8	389,8	138,0
RN	25,0	25,0	-	309	448	45,0	7,7	11,2	45,5
PB	84,6	84,6	-	237	463	95,4	20,1	39,2	95,0
PE	184,6	184,6	-	120	359	199,2	22,2	66,3	198,6
BA	371,4	426,0	14,7	3.312	4.163	25,7	1.230,1	1.773,4	44,2
CENTRO-OESTE	320,3	330,1	3,1	7.636	7.535	(1,3)	2.445,9	2.487,3	1,7
MT	31,1	31,1	-	6.412	6.576	2,6	199,4	204,5	2,6
MS	16,0	24,0	50,0	9.000	9.096	1,1	144,0	218,3	51,6
GO	246,4	246,4	-	7.800	7.508	(3,7)	1.921,9	1.850,0	(3,7)
DF	26,8	28,6	6,7	6.740	7.500	11,3	180,6	214,5	18,8
SUDESTE	1.237,0	1.348,0	9,0	6.079	6.076	-	7.519,9	8.190,9	8,9
MG	837,4	937,7	12,0	6.100	6.100	-	5.108,1	5.720,0	12,0
ES	13,6	13,6	-	2.910	2.457	(15,6)	39,6	33,4	(15,7)
RJ	2,0	2,7	35,0	2.600	2.407	(7,4)	5,2	6,5	25,0
SP	384,0	394,0	2,6	6.164	6.170	0,1	2.367,0	2.431,0	2,7
SUL	1.607,1	1.694,4	5,4	7.403	7.166	(3,2)	11.898,1	12.141,6	2,0
PR	414,1	489,2	18,1	7.953	8.175	2,8	3.293,3	3.999,2	21,4
SC	370,0	400,3	8,2	7.330	7.818	6,7	2.712,1	3.129,5	15,4
RS	823,0	804,9	(2,2)	7.160	6.228	(13,0)	5.892,7	5.012,9	(14,9)
NORTE/NORDESTE	2.223,3	2.176,6	(2,1)	1.794	2.261	26,0	3.989,7	4.921,0	23,3
CENTRO-SUL	3.164,4	3.372,5	6,6	6.909	6.766	(2,1)	21.863,9	22.819,8	4,4
BRASIL	5.387,7	5.549,1	3,0	4.799	4.999	4,2	25.853,6	27.740,8	7,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.

9.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

Para o milho segunda safra, devido ao calendário de plantio e da metodologia aplicada nas estimativas para este produto, a despeito da manutenção dos números referentes a área plantada, os níveis de produtividades estão previstos retomarem um quadro de normalização, contemplando as especificidades das diversas regiões e à aplicação de um rendimento médio baseado na análise estatística da série histórica das safras anteriores. Com isso, as estimativas de produção, sujeitas ao monitoramento das condições climáticas, deverão apresentar forte incremento

em relação às estatísticas observadas na temporada 2015/16. A explicação do método se encontra no item relacionado à produtividade, constante no boletim divulgado pela Conab a cada início de temporada.

A posição consolidada para a intenção de plantio do milho, reunindo a primeira e segunda safras no exercício 2016/17, deverá atingir 16.083,9 mil hectares, comparado com o plantio do ano passado, 15.922,5 mil hectares.



Figura 51 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra

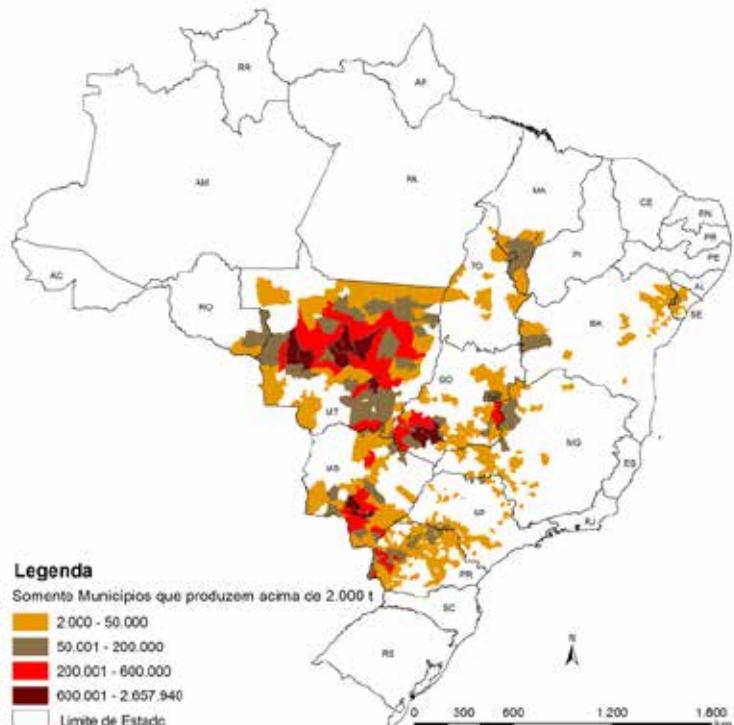


Figura 52 – Mapa da estimativa de produtividade: Milho segunda safra (safra 2016/17) – Novembro/2016

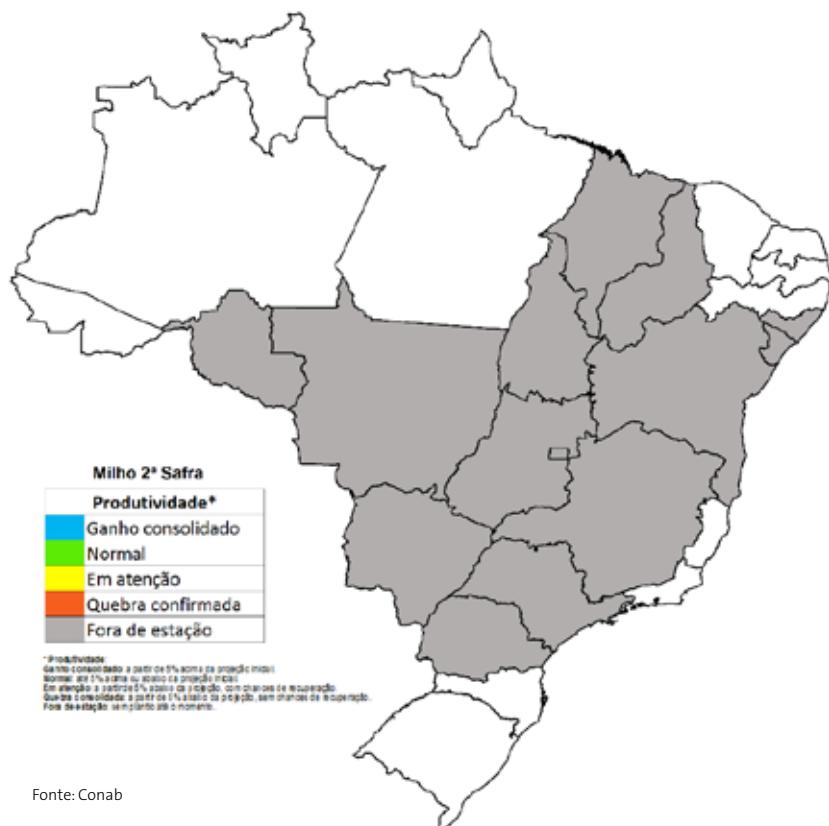


Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

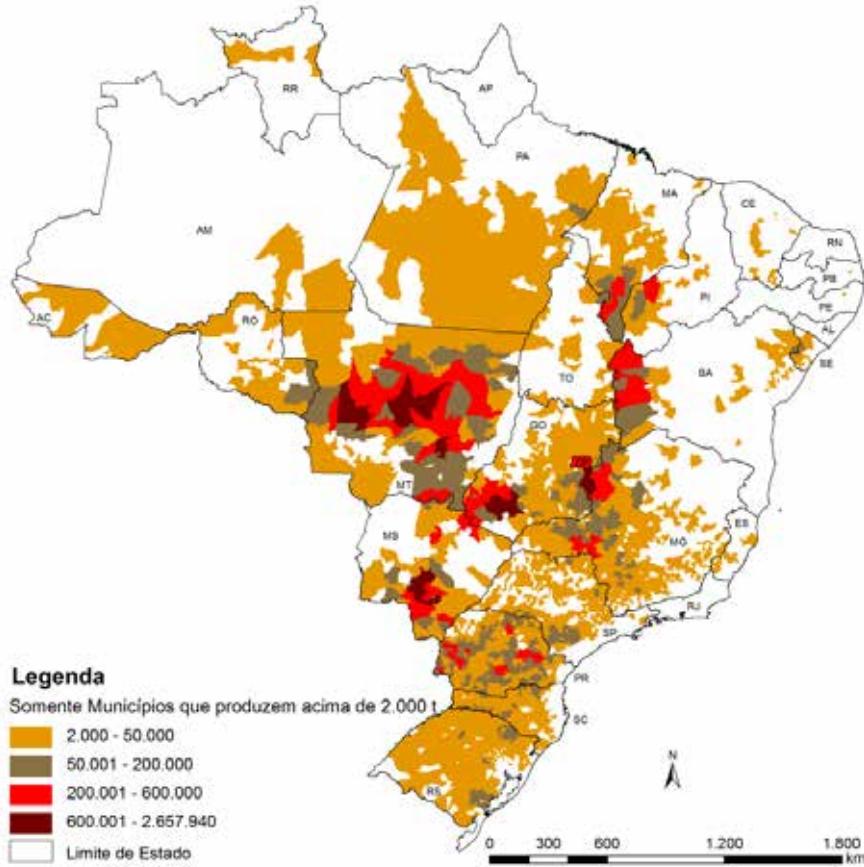
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	215,1	215,1	-	3.924	4.636	18,1	844,1	997,2	18,1
RO	119,5	119,5	-	4.613	4.500	(2,4)	551,3	537,8	(2,4)
TO	95,6	95,6	-	3.063	4.805	56,9	292,8	459,4	56,9
NORDESTE	560,0	560,0	-	1.087	2.909	167,6	608,9	1.629,1	167,5
MA	85,9	85,9	-	1.784	3.300	85,0	153,2	283,5	85,1
PI	21,5	21,5	-	1.756	4.409	151,1	37,8	94,8	150,8
AL	28,3	28,3	-	674	630	(6,5)	19,1	17,8	(6,8)
SE	177,0	177,0	-	1.022	4.390	329,5	180,9	777,0	329,5
BA	247,3	247,3	-	881	1.844	109,3	217,9	456,0	109,3
CENTRO-OESTE	6.747,1	6.747,1	-	3.824	5.568	45,6	25.798,5	37.570,3	45,6
MT	3.769,0	3.769,0	-	3.999	5.679	42,0	15.072,2	21.404,2	42,0
MS	1.665,0	1.665,0	-	3.679	5.138	39,7	6.125,5	8.554,8	39,7
GO	1.274,7	1.274,7	-	3.537	5.700	61,2	4.508,6	7.265,8	61,2
DF	38,4	38,4	-	2.400	9.000	275,0	92,2	345,6	274,8
SUDESTE	814,3	814,3	-	2.793	5.107	82,9	2.274,5	4.159,0	82,9
MG	371,0	371,0	-	2.191	5.721	161,1	812,9	2.122,5	161,1
SP	443,3	443,3	-	3.297	4.594	39,3	1.461,6	2.036,5	39,3
SUL	2.198,3	2.198,3	-	5.091	5.332	4,7	11.191,5	11.721,3	4,7
PR	2.198,3	2.198,3	-	5.091	5.332	4,7	11.191,5	11.721,3	4,7
NORTE/NORDESTE	775,1	775,1	-	1.874	3.388	80,8	1.453,0	2.626,3	80,8
CENTRO-SUL	9.759,7	9.759,7	-	4.023	5.477	36,1	39.264,5	53.450,7	36,1
BRASIL	10.534,8	10.534,8	-	3.865	5.323	37,7	40.717,5	56.076,9	37,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.

9.1.7.3. MILHO TOTAL

Figura 53 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	573,2	570,1	(0,5)	3.431	3.799	10,7	1.966,8	2.165,9	10,1
RR	4,6	4,6	-	3.036	2.225	(26,7)	14,0	10,2	(27,1)
RO	158,1	158,1	-	4.135	4.049	(2,1)	653,8	640,2	(2,1)
AC	39,6	41,3	-	2.442	2.404	(1,6)	96,7	99,3	2,7
AM	5,4	12,1	-	2.515	2.568	2,1	13,6	31,1	128,7
AP	1,8	1,8	-	902	952	5,5	1,6	1,7	6,3
PA	196,1	202,0	-	3.299	3.307	0,2	646,9	668,0	3,3
TO	167,6	150,2	-	3.223	4.763	47,8	540,2	715,4	32,4
NORDESTE	2.425,2	2.381,6	(1,8)	1.433	2.260	57,7	3.475,6	5.381,5	54,8
MA	354,3	350,3	-	2.468	2.754	11,6	874,4	964,6	10,3
PI	492,5	398,3	-	1.502	2.225	48,2	739,5	886,1	19,8
CE	460,2	460,2	-	356	847	137,9	163,8	389,8	138,0
RN	25,0	25,0	-	309	448	45,0	7,7	11,2	45,5
PB	84,6	84,6	-	237	463	95,4	20,1	39,2	95,0
PE	184,6	184,6	-	120	359	199,2	22,2	66,3	198,6
AL	28,3	28,3	-	674	630	(6,5)	19,1	17,8	(6,8)
SE	177,0	177,0	-	1.022	4.390	329,5	180,9	777,0	329,5
BA	618,7	673,3	-	2.340	3.311	41,5	1.447,9	2.229,5	54,0
CENTRO-OESTE	7.067,4	7.077,2	0,1	3.996	5.660	41,6	28.244,4	40.057,7	41,8
MT	3.800,1	3.800,1	-	4.019	5.686	41,5	15.271,6	21.608,7	41,5
MS	1.681,0	1.689,0	-	3.730	5.194	39,3	6.269,5	8.773,1	39,9
GO	1.521,1	1.521,1	-	4.228	5.993	41,8	6.430,5	9.115,8	41,8
DF	65,2	67,0	-	4.184	8.360	99,8	272,8	560,1	105,3
SUDESTE	2.051,3	2.162,3	5,4	4.775	5.711	19,6	9.794,3	12.349,9	26,1
MG	1.208,4	1.308,7	-	4.900	5.993	22,3	5.921,0	7.842,5	32,5
ES	13,6	13,6	-	2.910	2.457	(15,6)	39,6	33,4	(15,7)
RJ	2,0	2,7	-	2.600	2.407	(7,4)	5,2	6,5	25,0
SP	827,3	837,3	-	4.628	5.336	15,3	3.828,5	4.467,5	16,7
SUL	3.805,4	3.892,7	2,3	6.068	6.130	1,0	23.089,7	23.862,9	3,3
PR	2.612,4	2.687,5	-	5.545	5.850	5,5	14.484,9	15.720,5	8,5
SC	370,0	400,3	-	7.330	7.818	6,7	2.712,1	3.129,5	15,4
RS	823,0	804,9	-	7.160	6.228	(13,0)	5.892,7	5.012,9	(14,9)
NORTE/NORDESTE	2.998,4	2.951,7	(1,6)	1.815	2.557	40,9	5.442,4	7.547,4	38,7
CENTRO-SUL	12.924,1	13.132,2	1,6	4.730	5.808	22,8	61.128,4	76.270,5	24,8
BRASIL	15.922,5	16.083,9	1,0	4.181	5.211	24,6	66.570,8	83.817,9	25,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.

9.1.7.3. OFERTA E DEMANDA

Análise da oferta e demanda

Tabela 33 – Milho - balanço de oferta e demanda -fev-jan - em 1000 t

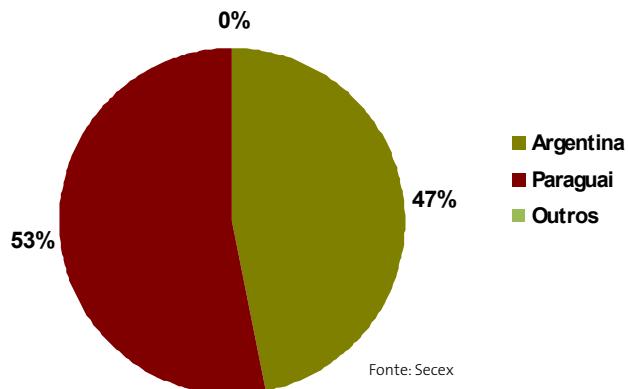
Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Estoque Final
2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.903,0	22.313,7	3.996,4
2012/13	3.996,4	81.505,7	911,4	86.413,5	53.287,9	26.174,1	6.951,5
2013/14	6.951,5	80.051,7	790,7	87.793,9	54.541,6	20.924,8	12.327,5
2014/15	12.327,5	84.672,4	316,1	97.316,0	56.742,4	30.172,3	10.401,3
2015/16	10.401,3	66.570,8	2.400,0	79.372,1	53.387,8	18.000,0	7.984,3
2016/17	7.984,3	83.817,9	500,0	92.302,2	56.100,0	24.000,0	12.202,2

Fonte: Conab.



Em relação à oferta e demanda de milho nacional, cabe tecer alguns comentários. Primeiramente, ainda para a safra 2015/16, a qual deve se encerrar 31 de janeiro de 2017, destaca-se um novo aumento na importação, dado à necessidade do setor de aves e suínos que até início de novembro de 2016 já haviam adquirido cerca de 1,9 milhão de toneladas do cereal.

Gráfico 51 – Participação percentual nas importações de milho por país

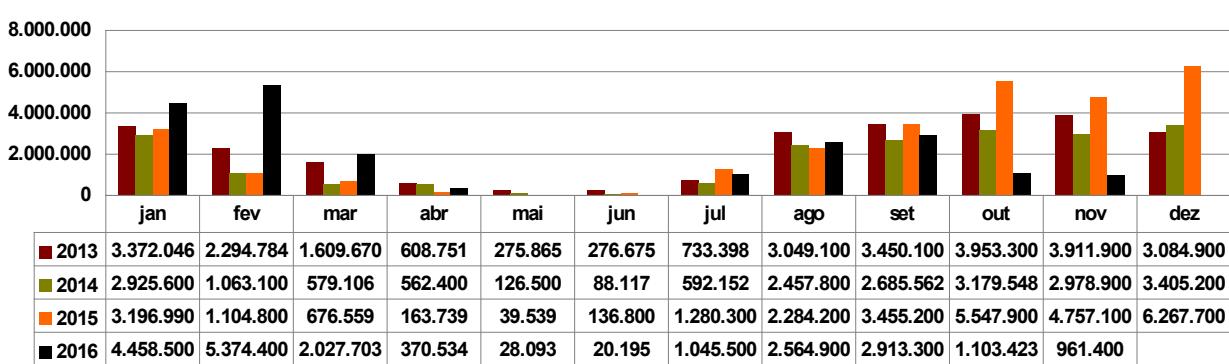


Neste cenário, como ainda há algum produto contratado para desembarcar no país, pelo menos, até o final de dezembro (período em que se aproxima a entrada do milho primeira safra do Sul do país, o qual ajudará a pressionar os preços domésticos, inviabilizando novos negócios de importação), o país deverá fechar suas importações em torno de 2,4 milhões de toneladas.

No caso das exportações, o efeito deverá ser o contrário. A expectativa de que, devido ao alto volume de milho negociado antecipadamente, as exportações brasileiras do grão poderiam se aproximar do que ocorreu em 2014/15. Contudo, a quebra da safra, associada ao alto valor do produto no mercado interno, criaram uma situação favorável para recompra dos contratos e manutenção de parte do produto para

Basicamente, o Brasil importou milho oriundo dos países do Mercosul: Argentina e Paraguai. Somente o Paraguai exportou para o Brasil 1 milhão de toneladas e por via rodoviária, o que permitiu chegar a uma paridade de importação bem abaixo dos preços do mercado doméstico.

Gráfico 52 – Exportações Brasileiras de milho de Jan/13 a set/16 (toneladas)



Fonte: Secex



Para o consumo interno da safra 2016/17, houve um pequeno ajuste de 55,5 para 56,1 milhões de toneladas, visto que algumas plantas de produção de etanol deverão entrar em operação a partir do segundo semestre de 2017, aumentando a demanda pelo cereal.

Com um suprimento interno elevado para 2016/17, mesmo com um consumo e uma exportação mais elevados, o estoque final deve ser de 12,2 milhões, o

9.1.8. Soja

O terceiro levantamento de safra, vinculado ao plantio do período 2016/17, aponta para um crescimento na área plantada de 2%, comparado com o plantio da safra anterior. A expectativa ocorre, a despeito da esperada superprodução da safra norte-americana, que derrubaram as cotações, coincidindo com o período de plantio. Esse movimento, combinado com a desvalorização cambial registrada ao longo desse ano, têm resultado em declínio dos preços internamente, inibindo alguns negócios nas principais praças produtoras. Para viabilizar a implantação das lavouras, os produtores têm buscado, com maior intensidade, recursos financeiros junto às cooperativas, cerealistas e tradings mediante contrato futuro, que estão sendo realizados num ambiente mais restritivo em relação à disponibilização dos recursos.

Com relação ao crédito para custeio, os produtores informam sobre a liberação mais rápida em relação às safras anteriores, destacando, no entanto, a limitação dos recursos, além dos juros mais altos do crédito oficial nesta safra. Como alternativa ao crédito bancário, observou-se uma corrida para a aquisição de insumos nas cooperativas e fornecedores, com o pagamento sendo realizado por ocasião da colheita.

Na Região Sul é esperada uma redução na área plantada de 1,5% em relação ao ocorrido no exercício anterior, atingindo 11.370,3 mil hectares, contra 11.545,4 mil hectares da temporada passada.

No Rio Grande do Sul o retorno das condições climáticas favoráveis à semeadura, nesta última semana, fez que fossem retomadas com intensidade as operações de plantio da soja. Estima-se que cerca de 80% da área já esteja implantada, seguindo em ritmo forte nos últimos dias. Nas lavouras já instaladas é boa a germinação e o início do desenvolvimento vegetativo, especialmente nas regiões norte e nordeste, onde a semeadura dentro do período recomendado pela pesquisa está determinando excelente estande, sem a necessidade de ressemeadura. Algumas poucas lavouras semeadas, em época de deficiência hídrica, já

que de fato deverá afetar os preços internos.

Em relação a isso, o mercado já vem especificando o milho segunda safra, indicando valores que variam de R\$ 15,00 a 17,00/60 kg a saca de 60 quilos para a região norte do Mato Grosso, para julho de 2017, seguindo a paridade de exportação, oscilando basicamente pela variação cambial.

apresentam sinais de recuperação e bom potencial produtivo. Pode-se dizer que a lavoura de soja começa muito bem este ciclo, embora todos os fatores de produção estejam ainda ativos. A preocupação agora é com a previsão de baixas precipitações para a segunda quinzena de dezembro e primeira de janeiro.

Em Santa Catarina ao redor de 80% das lavouras destinadas à oleaginosa se encontram implantadas, uma vez que as restantes devem ser semeadas após a finalização da colheita do trigo, nos primeiros dias de dezembro. Algumas lavouras deverão ser implantadas em janeiro e fevereiro, contabilizadas como "safrinha". As condições das lavouras são consideradas boas, apesar da falta de chuva em algumas regiões durante o final de outubro e parte de novembro, a qual não afetou diretamente as plantas, mas a velocidade de germinação/emergência e o avanço do plantio. Não foram relatados problemas em relação ao ataque de pragas e doenças, que possam comprometer o potencial produtivo esperado, o qual deve se manter próximo ao obtido na safra passada. Com a volta das chuvas no final de novembro, as condições do solo voltaram a favorecer o desenvolvimento das lavouras já implantadas e o avanço do plantio. As lavouras mais precoces iniciaram o florescimento, e representam em torno de 5% do total implantado, localizadas na região oeste. Nas demais regiões predominam as fases de desenvolvimento vegetativo inicial e germinação.

No Paraná o plantio da soja está 95% concluído e a expectativa é de que ocorra redução na área plantada, quando comparada à safra anterior. Até o momento há boa perspectiva de produtividade, mesmo com o atraso das chuvas abaixo da média histórica. Muitas falhas na germinação estão sendo observadas, porém, com o retorno das chuvas essa perda poderá ser compensada com uma boa produtividade. Em relação à sanidade das lavouras, há a presença de percevejo em algumas áreas e também da lagarta-do-cartucho, que estão migrando para áreas de soja cuja variedade seria resistente à lagarta.



Figura 54 - Soja em desenvolvimento vegetativo em Ivaiporã/PR. Nov, 2016.



Fonte: Conab.

Na Região Sudeste a expectativa da área plantada com a oleaginosa é de que a área plantada, nesta safra, tenha incremento de 5,9% em relação ao ocorrido no exercício anterior, 2.463,1 mil hectares, contra 2.326,9 mil hectares. Em Minas Gerais, principal produtor regional, a área de plantio está estimada atingir 1.475,6 mil hectares, sinalizando um incremento marginal de 0,4% em comparação com a safra passada. O plantio foi iniciado em outubro com a ocorrência das primeiras chuvas. O calendário de plantio da soja se estende, normalmente, até dezembro. À semelhança da safra anterior, é possível que haja um incremento do plantio de variedades precoces, de modo a viabilizar o cultivo sequencial de milho e/ou sorgo no período de safrinha. Projetando-se uma produtividade média de 3.151 kg/ha, acompanhando os excelentes resultados obtidos na safra anterior, que foi de 3.220 kg/ha, e considerando o pacote tecnológico adotado pelos sojicultores mineiros, a produção poderá chegar a 4.649,6 mil toneladas.

Em São Paulo a soja aponta para um forte crescimento de 15,2% na área plantada. Esse avanço é ancorado nos bons preços de mercado. As maiores áreas de grãos estão concentradas nas regiões oeste e sudoeste, onde a cultura da cana-de-açúcar não tem encontrado condições apropriadas para o seu desenvolvimento, ao contrário daquelas regiões mais ao norte/noroeste, onde a produção de grãos diminuiu sensivelmente nos últimos anos, em face do avanço da cana-de-açúcar.

Na Região Centro-Oeste, principal região produtora da oleaginosa no país, o incremento de área atingiu

1,2% em relação ao plantio anterior.

Em Mato Grosso o plantio da safra 2016/17 está praticamente finalizado, restando ainda algumas pequenas áreas, principalmente na região do Araguaia, onde a semeadura deve terminar até a primeira semana de dezembro, prazo normal para a região. A regularidade das chuvas alcançada nas últimas semanas permitiu o avanço da lavoura, cujo desenvolvimento é considerado bom em todo estado. A expectativa é de produtividade condizente com a média histórica do estado em torno de 3.123 kg/ha, 9,7% maior do que na safra passada, quando foram registrados 2.848 kg/ha. Em relação à área plantada, a pesquisa registrou aumento de 1%, saindo de 9,140 milhões de hectares na safra 2015/16, para 9,232 milhões de hectares na atual. O aumento de área plantada, combinado com a recuperação da produtividade, deverá propiciar uma produção recorde no estado de aproximadamente 28,8 milhões de toneladas.

Em Mato Grosso do Sul se estima um incremento de 3,8% na área plantada, principalmente em decorrência da incorporação das áreas de pastagens degradadas e da não renovação de contratos com algumas usinas de cana-de-açúcar. O plantio se intensificou em meados de outubro, dada à maior estabilidade das precipitações. Atualmente mais de 95% da soja já foi plantada e a partir da segunda semana de novembro a cultura perde em produtividade a cada dia de atraso do plantio em decorrência da alteração do ciclo da cultura. Os produtores adotam a agricultura de precisão de acordo com o solo e o risco climático da cultura. Assim, na região centro sul e norte, onde



o clima é mais estável e as condições físicas e químicas dos solos são mais adequadas ao cultivo, os produtores adotam mais este sistema de manejo, o qual racionaliza os recursos e aumenta a produtividade. Já em regiões onde os solos são mais arenosos e há mais risco de veranicos, como na região centro leste e extremo sul do estado, os sojicultores não adotam este manejo dado ao alto custo da implantação. Não há registros significativos de ataques de pragas e doenças. Na Região Norte-Nordeste o plantio da safra 2016/17 vem ocorrendo desde a segunda quinzena de outubro. Nas áreas de sequeiro a opção dos produtores deverá se fixar nas variedades tardias, como alternativa para evitar os danos causados pelo veranico, que geralmente ocorre em janeiro.

Na Bahia se estima que sejam cultivados 1.601,7 mil hectares, representando um incremento de 4,9% em relação à área cultivada na safra anterior. O plantio

da safra 2016/17 se iniciou em outubro nas áreas irrigadas por sistema de pivô central, atingindo 29 mil hectares distribuídos por 48 produtores que solicitaram autorização para o plantio antecipado, antes do término do vazio sanitário. A cultura da soja em campo irrigado está apresentando ótimo desenvolvimento vegetativo e excelente qualidade fitossanitária. Estima-se que o cultivo irrigado atinja 40 mil hectares. Para o cultivo de sequeiro estima-se o plantio de 1.561,7 mil hectares. O plantio está evoluindo de forma acelerada, atingindo-se 60% da área estimada. Espera-se que até o final de dezembro estejam finalizados. As sementes utilizadas na maioria das áreas cultivadas são transgênicas, resistentes à ação de herbicidas e ao ataque de lagartas. As lavouras cultivadas nas primeiras chuvas em meados de outubro apresentam ótimo desenvolvimento, gerando ótimas expectativas quanto à produtividade.

Figura 55 - Soja irrigada em Luis Eduardo Magalhães/BA. Nov. 2016



Fonte: Conab.

Em Tocantins o incremento previsto na área plantada é de 9,9% em relação ao plantio passado, com previsão inicial de uma área maior. A instabilidade das chuvas, a partir de outubro, gerando replantios disseminados, e na semana passada o indicativo de aproximadamente dez dias de veranico, contribuirá para que parte da safra seja plantada com atraso e em alguns casos replantadas, acendendo o sinal de alerta no entusiasmo dos produtores.

No Maranhão a área destinada para soja está praticamente plantada. Há um aumento considerável na área plantada desta safra (895,7 hectares), em relação à safra anterior (13,9%), com produtividade esperada de 2.782 kg/ha, representando a média histórica da região no entorno de Balsas, principal produtora. Em

Balsas (sul do estado) mais de 80% das lavouras já foram plantadas, e em algumas áreas, as lavouras se encontram no estádio de floração.

No Piauí o plantio está se iniciando, aproveitando as primeiras chuvas que ocorreram no cerrado piauiense. Apesar de mal distribuídas, algumas regiões chegaram a receber 260 mm de média no acumulado de setembro a segunda quinzena de novembro. Os estádios das lavouras se encontram 98% em germinação e 2% em desenvolvimento vegetativo. O clima por enquanto é normal e favorável para o plantio e os produtores apostam no clima e na reserva de nutrientes que ficou no solo da safra passada, na expectativa de que sejam alcançadas produtividades normais.



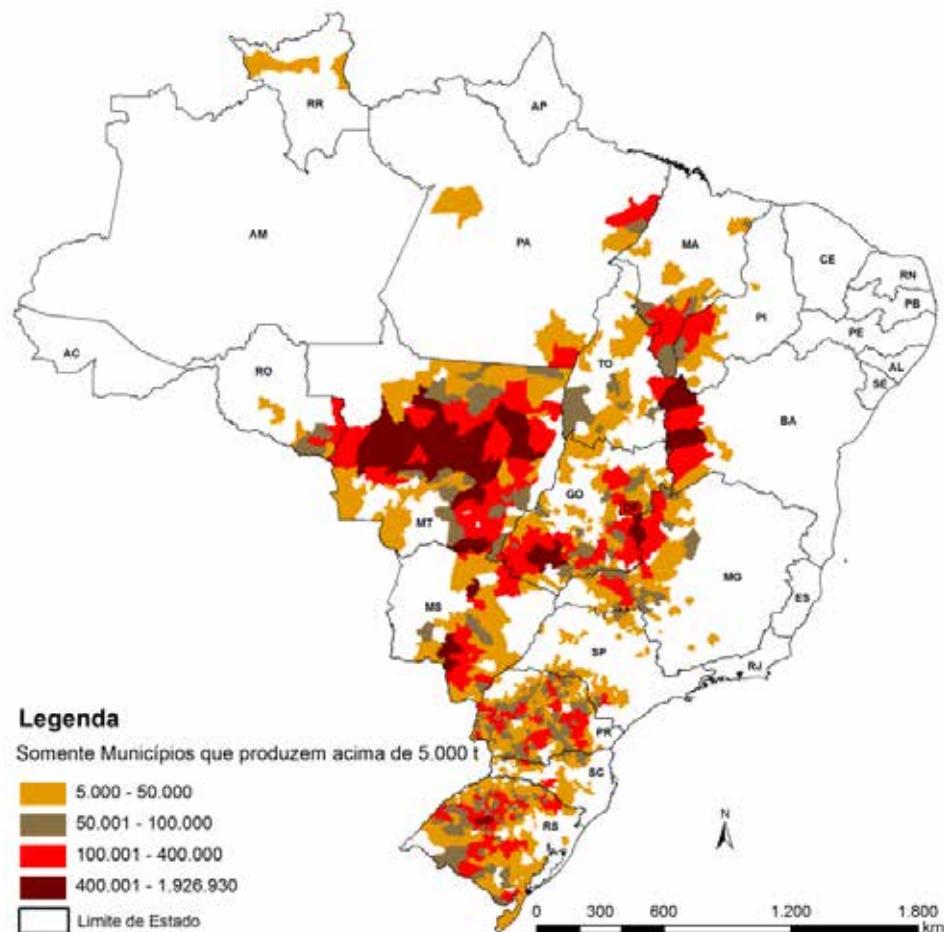
O somatório das expectativas para a temporada 2016/17 indica, para a oleaginosa, uma continuada tendência de crescimento da área plantada, atingindo o crescimento percentual de 2% em relação à safra

passada, atingindo 33.903,4 mil hectares, com uma expectativa de produção em torno de 102.446,6 mil toneladas

Figura 56 - Soja em desenvolvimento vegetativo em Bom Jesus/PI. Nov. 2016



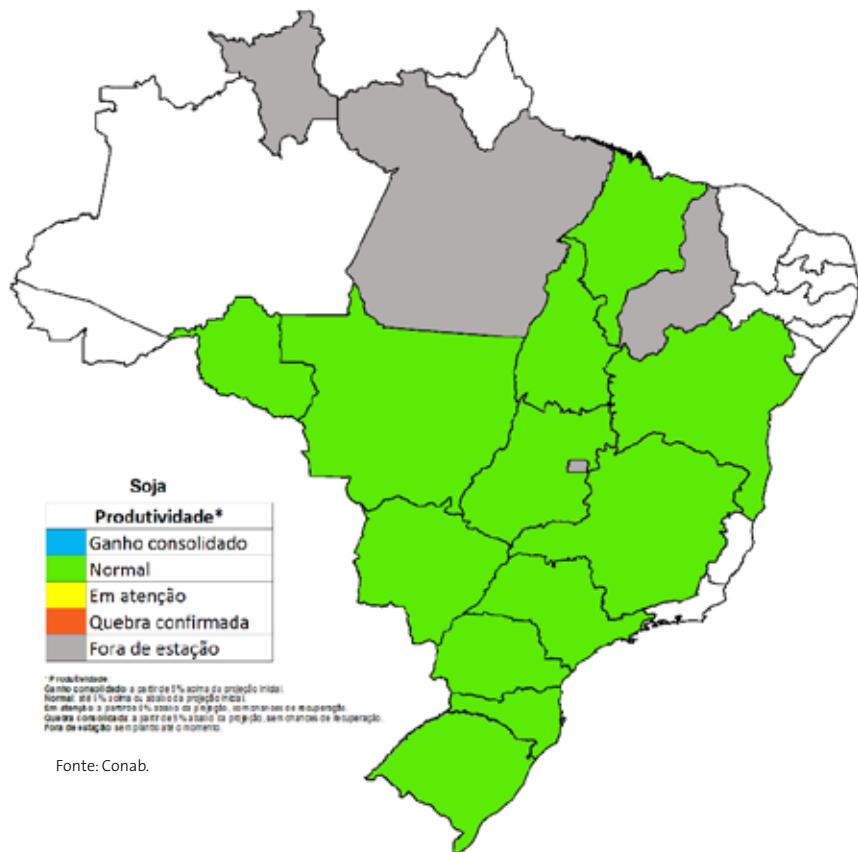
Figura 57 – Mapa da produção agrícola –Soja



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 58 – Mapa da estimativa de produtividade: Soja (safra 2016/17) – Novembro/2016



Quadro 6 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Soja (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Soja											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PA	Sudeste Paraense			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
TO	Occidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauense			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Nordeste Mato-grossense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sudeste Mato-grossense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
GO	Leste Goiano		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Sul Goiano		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
DF	Distrito Federal			P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SP	Itapetininga	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
SC	Sudeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Oeste Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Norte Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
RS	Serrana	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Noroeste Rio-grandense - RS		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense - RS		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense - RS		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
RS	Sudoeste Rio-grandense - RS		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.576,3	1.789,3	13,5	2.423	3.002	23,9	3.818,9	5.371,9	40,7
RR	24,0	35,0	46,0	3.300	3.066	(7,1)	79,2	107,3	35,5
RO	252,6	261,2	3,4	3.028	3.106	2,6	765,0	811,3	6,1
PA	428,9	536,1	25,0	3.003	3.080	2,6	1.288,0	1.651,2	28,2
TO	870,8	957,0	9,9	1.937	2.928	51,2	1.686,7	2.802,1	66,1
NORDESTE	2.878,2	3.171,9	10,2	1.774	2.871	61,8	5.107,1	9.105,9	78,3
MA	786,3	895,6	13,9	1.590	2.782	75,0	1.250,2	2.491,6	99,3
PI	565,0	674,6	19,4	1.143	2.886	152,5	645,8	1.946,9	201,5
BA	1.526,9	1.601,7	4,9	2.103	2.914	38,6	3.211,1	4.667,4	45,4
CENTRO-OESTE	14.925,1	15.108,8	1,2	2.931	3.095	5,6	43.752,6	46.757,0	6,9
MT	9.140,0	9.231,4	1,0	2.848	3.123	9,7	26.030,7	28.829,7	10,8
MS	2.430,0	2.522,3	3,8	2.980	3.080	3,4	7.241,4	7.768,7	7,3
GO	3.285,1	3.285,1	-	3.120	3.022	(3,1)	10.249,5	9.927,6	(3,1)
DF	70,0	70,0	-	3.300	3.300	-	231,0	231,0	-
SUDESTE	2.326,9	2.463,1	5,9	3.255	3.111	(4,5)	7.574,9	7.661,5	1,1
MG	1.469,3	1.475,6	0,4	3.220	3.151	(2,1)	4.731,1	4.649,6	(1,7)
SP	857,6	987,5	15,2	3.316	3.050	(8,0)	2.843,8	3.011,9	5,9
SUL	11.545,4	11.370,3	(1,5)	3.047	2.951	(3,2)	35.181,1	33.550,3	(4,6)
PR	5.451,3	5.238,6	(3,9)	3.090	3.172	2,7	16.844,5	16.616,8	(1,4)
SC	639,1	638,5	(0,1)	3.341	3.292	(1,5)	2.135,2	2.101,9	(1,6)
RS	5.455,0	5.493,2	0,7	2.970	2.700	(9,1)	16.201,4	14.831,6	(8,5)
NORTE/NORDESTE	4.454,5	4.961,2	11,4	2.004	2.918	45,6	8.926,0	14.477,8	62,2
CENTRO-SUL	28.797,4	28.942,2	0,5	3.004	3.039	1,2	86.508,6	87.968,8	1,7
BRASIL	33.251,9	33.903,4	2,0	2.870	3.022	5,3	95.434,6	102.446,6	7,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.

9.1.8.1. OFERTA E DEMANDA

Mercado internacional

O Departamento de Agricultura Americano (Usda) divulgou no dia 9 de novembro o quadro de oferta e

demandas mundiais para a safra 2016/17

a) Produção Mundial de Soja

- Aquele departamento estimou que a produção mundial de soja para a safra 2016/17 será de 336,09 milhões de toneladas.
- Em relação ao relatório passado houve um aumento de 2,87 milhões de toneladas devido ao aumento da safra americana.

- Em relação à safra anterior houve um aumento de 7,31%, ou seja, a produção mundial será de 22,89 milhões de toneladas a mais que a safra anterior.
- Os Estados Unidos com 35,31%, Brasil com 30,35% e Argentina com 16,96%, juntos são responsáveis por 82,62% da safra mundial.

b) Produção de soja - Estados Unidos

- A safra 2016/17 dos Estados Unidos já está 100% colhida, a estimativa do Usda é de que esta safra gire em torno de 118,69 milhões de toneladas.
- Comparado com a safra 2015/16 houve um aumento de 11,83 milhões de toneladas (11,07%).
- Em relação ao relatório de outubro houve um incremento de 2,16%, ou 2,51 milhões de toneladas a

- mais na estimativa de produção norte americana.
- Além do aumento de área de plantio americana, a produtividade para a safra em vigor foi acima do esperado, pois ao contrário do que se esperava, o clima na época de desenvolvimento da safra foi excelente.



c) Produção de soja - Brasil

- A estimativa/Usda é de que o Brasil continue como segundo maior produtor de soja do mundo, com 102 milhões de toneladas de soja em grãos.
- Em relação à safra 2015/16, o Usda estima um crescimento de safra brasileira de 5,70% entre as safras, ou seja, a safra 2016/17 no Brasil deve ser 5,50 milhões de toneladas maior que a safra

anterior.

- Ainda é muito cedo para estimar a verdadeira safra brasileira para 2017, porém o número do Usda é muito semelhante ao estimado pela Conab e a depender do clima em dezembro e janeiro este valor deve se concretizar.

d) Produção de soja - Argentina

- Para a Argentina, o Usda avalia que a safra 2016/17 seja de 57 milhões de toneladas e tenha um aumento de apenas 200 mil toneladas (0,35%) em relação à estimada na safra 2015/16.
- Segundo a Bolsa de Sereais da Argentina, devido ao aumento das áreas de trigo e milho e as modificações dos marcos regulatório registrada desde o final de 2015, onde o governo retira as taxas de exportações destas culturas. Além destes fatores, também ocorreu um leve aumento de área de girassol no norte do país, ocasionando em uma redução das áreas disponíveis de soja.

- Em relação à safra passada a área estimada para esta cultura de soja para safra 2016/17 terá uma redução de 2,5%, passando de 20,10 milhões de hectares da safra atual (2015/16), para 19,6 milhões de hectares (2016/17).
- Com esta estimativa de área a produção da Argentina pode chegar a 52,5 milhões de toneladas. Já a safra 2015/16 foi estimada pelo Departamento de Agricultura da Argentina em 58,8 milhões de toneladas, ou seja, há uma expectativa de redução de produção entre as safras 2015/16 e 2016/17 em 10,71%.

Tabela 35 - Produção mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 (a)	2016/2017 out(b)	2016/2017 nov(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Estados Unidos	106,86	116,18	118,69	11,83	11,07	2,51	2,16
Brasil	96,50	102,00	102,00	5,50	5,70	0,00	0,00
Argentina	56,80	57,00	57,00	0,20	0,35	0,00	0,00
China	11,79	12,50	12,50	0,72	6,07	0,00	0,00
Outros	41,26	45,54	45,90	4,64	11,26	0,36	0,79
Total	313,20	333,22	336,09	22,89	7,31	2,87	0,86

Fonte: USDA

Nota: Estimativa em novembro/2016.

Importação mundial

A China é o maior importador de soja do mundo, responsável por 63,13% de todas as importações mun-

diais. Em segundo lugar, muito distante, vem a União Europeia com 9,54% das importações mundiais.

a) Importação - China

- Apesar da estimativa de redução do crescimento econômico chinês, o Usda estima aumento nas importações de grãos de soja deste país para a safra 2016/17.

- O valor das importações chinesas, estimado para próxima safra é 4,24%, maior que o da safra anterior, passando de 83,23 milhões para 86 milhões na safra 2016/17.



Tabela 36 - Importação mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 (a)	2016/2017 out(b)	2016/2017 nov(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
China	83,23	86,00	86,00	2,77	3,33	0,00	0,00
União Europeia	14,60	13,00	13,00	-1,60	-10,96	0,00	0,00
Mexico	4,13	4,20	4,30	0,17	4,22	0,10	2,38
Japão	3,19	3,10	3,10	-0,09	-2,70	0,00	0,00
outros	27,82	29,92	29,81	2,00	7,18	-0,11	-0,37
Total	132,96	136,22	136,21	3,25	2,45	-0,01	-0,01

Fonte: USDA

Nota: Estimativa em novembro/2016.

Exportação mundial

Segundo o Usda o Brasil é o maior exportador de soja em grãos do mundo, responsável por 42,96% de todas as exportações mundiais, os Estados Unidos vêm e se-

gundo lugar com 40,05% e a Argentina em terceiro lugar com 6,64%. Juntos, estes três países são responsáveis por 88,70% de todas as exportações mundiais.

a) Exportação - Brasil

- Para o Brasil, o dito departamento estima que na safra 2016/17 a exportação girará em torno de 58,40 milhões de toneladas; valor 7,39% maior que o estimado na safra 2015/16, estimado em 54,02 milhões de toneladas.
- Como a maior parte das exportações brasileiras de grãos é para a China, e com o aumento de 4,24%

de importações deste país, há grandes possibilidades que as exportações brasileiras alcancem este patamar. Além disso, com os preços internacionais e o dólar em alta, as exportações brasileiras para safra 2016/17 devem tomar fôlego e ficar bem acima das exportações da safra 2015/16.

b) Exportações - Estados Unidos

- Na safra 2016/17 os Estados Unidos deverão exportar aproximadamente 55,79 milhões de toneladas. Em seu relatório de novembro o Usda detectou um pequeno aumento de 5,89%, se comparado ao estimado em outubro. Este aumento está relacionado aos altos valores de venda para exportação para safra em vigor.
- Segundo o Usda, as exportações acumuladas mensais de soja em grãos para este país em novembro de 2016 foram estimadas em 10,94 milhões de toneladas, este valor é superior em 28,55% em relação ao mesmo período de 2015. O valor total de exportação da safra atual é estimado até o

momento em 24,20 milhões de toneladas, valor 24,61% maior que no mesmo período do ano anterior.

- Já as vendas para exportações (valores informados de exportações futuras ou grãos vendidos para exportações futuras) foi estimada em 5,64 milhões de toneladas para novembro, com isso, este valor é superior em 13,25% em relação ao mesmo período de 2015.
- Com isso, há grandes possibilidades de que as exportações americanas para safra 2016/17 seja maior que a estimada atualmente.

c) Exportações - Argentina

- Na Argentina, a maior parte da safra é esmagada internamente, por este motivo é que o Usda estima para a safra 2016/17 uma exportação de ape-

nas 9,25 milhões de toneladas, ou seja, apenas 16,22% da safra estimada para 2017.



Tabela 37 - Exportação mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 (a)	2016/2017 out(b)	2016/2017 nov(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Brasil	54,38	58,40	58,40	4,02	7,39	0,00	0,00
Estados Unidos	52,69	55,11	55,79	2,42	5,89	0,68	1,23
Argentina	9,92	9,65	9,25	-0,27	-6,75	-0,40	-4,15
Paraguai	5,30	5,30	5,30	0,00	0,00	0,00	0,00
outros	9,85	10,32	10,42	0,47	5,75	0,10	0,97
Total	132,14	138,78	139,16	6,64	5,31	0,38	0,27

Fonte: USDA

Nota: Estimativa em novembro/2016.

Esmagamento mundial

a) Esmagamento - China

- Mesmo produzindo apenas 12,50 milhões de toneladas, a China é o maior esmagador de soja do mundo, graças a sua importação que deve chegar a 86 milhões de toneladas.
- Assim, mesmo com pouco aquecimento das indústrias chinesas, os esmagamentos de soja, estimados pelo Usda, tiveram um pequeno crescimento de 6,40%, ficando em 86,50 milhões de toneladas.

b) Esmagamento - Estados Unidos

- Para a safra 2016/17 os esmagamentos são estimados em 52,53 milhões de toneladas.
- Os esmagamentos americanos tiveram uma pequena redução de 1,02%, entre o relatório de ou-

- tubro e de novembro de 2016.
- Em comparação à safra anterior houve um incremento de esmagamento de apenas 1,19 milhão de toneladas.

c) Esmagamento - Argentina

- Para a safra 2016/17 os esmagamentos da Argentina foram estimados em 44,30 milhões de tone-

ladas, uma redução de 2,48% em relação à safra 2015/16, estimada em 43,23 milhões de toneladas.

d) Esmagamento - Brasil

- O Brasil é o quarto maior esmagador de soja do mundo e, segundo o Usda, os esmagamentos bra-

sileiros, para a safra 2016/17, deverão ser de 40,50 milhões de toneladas.

Tabela 38 - Esmagamento mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 (a)	2016/2017 out(b)	2016/2017 nov(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
China	81,30	86,50	86,50	5,20	6,40	0,00	0,00
Estados Unidos	51,34	53,07	52,53	1,19	2,32	-0,54	-1,03
Argentina	43,23	44,30	44,30	1,07	2,48	0,00	0,00
Brasil	39,90	40,50	40,50	0,60	1,50	0,00	0,00
outros	60,41	64,12	64,35	3,93	6,51	0,23	0,36
Total	276,18	288,49	288,17	12,00	4,34	-0,31	-0,11

Fonte: USDA

Nota: Estimativa em novembro/2016.



Estoques mundiais

a) Estoques - Estados Unidos

- O fato mais importante deste relatório vem dos estoques de passagem americanos. Para a safra 2016/17 o Usda estima um aumento desses estoques, passando de 5,36 milhões de toneladas,

para 13,08 milhões de toneladas, ou seja, um valor 143% maior de uma safra para outra e o maior valor de estoque dos últimos dez anos.

Tabela 39 - Estoque final mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 (a)	2016/2017 out(b)	2016/2017 nov(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Argentina	31,85	30,30	31,15	-0,70	-2,20	0,85	2,81
Brasil	18,63	18,48	18,48	-0,15	-0,81	0,00	0,00
China	16,91	13,66	14,46	-2,45	-14,49	0,80	5,83
Estados Unidos	5,36	10,74	13,08	7,71	143,80	2,34	21,75
outros	4,32	4,18	4,36	0,04	1,00	0,18	4,40
Total	77,07	77,36	81,53	4,46	5,78	4,17	5,39

Fonte: USDA

Nota: Estimativa em novembro/2016.

Preços internacionais

- Os preços internacionais são dados pela bolsa de valores de Chicago (CBOT), estes valores influenciam diretamente nos preços nacionais.
- Os preços internacionais fecharam o mês de novembro em forte alta cotados a US\$ 10,46/bu (US\$ 384,34/t), o maior valor de preços internacionais desde julho de 2016.

- Em outubro os preços médios internacionais eram de US\$ 9,78/bu (US\$ 359,24/t.), em novembro, estes valores foram cotados a US\$ 10,03/bu (US\$ 368,80/t). Em relação aos preços internacionais cotados no mesmo período de novembro de 2015, estes tiveram forte alta este ano de 15,57%.

a) Principais fatores que afetam os preços internacionais

Fatores baixistas:

- Segundo, ainda, o Usda, os Estados Unidos devem produzir na safra 2016/17 aproximadamente 118,69 milhões de toneladas de soja, a maior produção americana historicamente, devendo consumir e exportar cerca de 52,53 e 55,79 milhões de toneladas de grãos de soja, respectivamente. Com isso, os americanos devem finalizar com estoques finais de 18,03 milhões de toneladas.
- Segundo a Conab o Brasil deve produzir na safra 2016/17 em torno de 102,44 milhões de toneladas de grãos, também, a maior safra historicamente.
- Os estoques de passagem mundial devem ser de 81,53 milhões de toneladas, da mesma forma, o maior estoque praticado historicamente.

Fatores altistas:

- Quebra das safras asiáticas de palma, afetando os preços de óleo de soja mundiais.
- A estimativa feita pelo Usda é de que a colheita americana de soja já tenha terminado. Mesmo com uma estimativa de produção americana maior que 118,68 milhões de toneladas e um estoque de passagem estimado em mais de 13 milhões de toneladas (o maior historicamente), os preços internacionais continuam firmes, sustentados na alta demanda de exportação e esmagamentos de soja dos Estados Unidos.

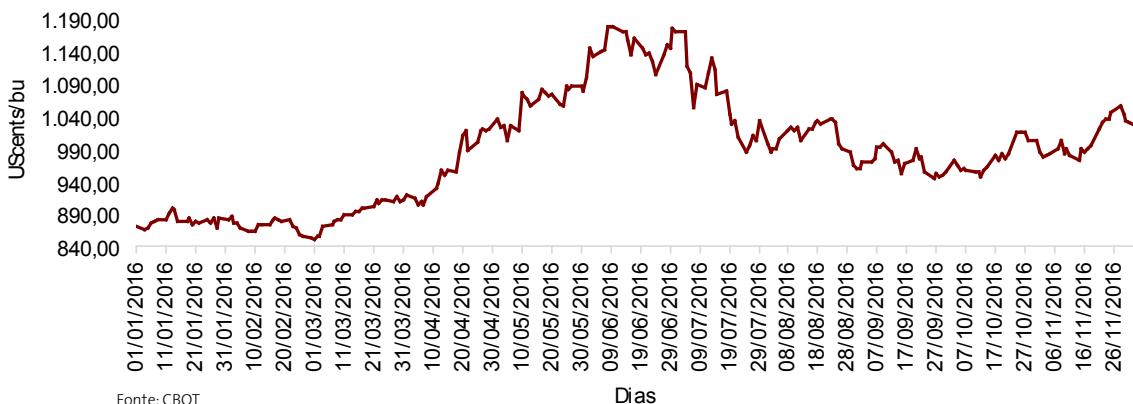
b) Resumo mensal e expectativa para o próximo mês (preços)

- No início de novembro os preços internacionais eram cotados a US\$ 9,84/bu (US\$ 361,63/t). Fechando novembro em forte alta, cotados a US\$

10,46/bu (US\$ 384,34/t), o maior valor de preços internacionais desde julho de 2016.



Gráfico 53 - Comportamento dos Preços (spot) na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) - 2016



- Como comentado no item 1.3.2. Exportações - Estados Unidos, as exportações mensais americanas de setembro a novembro de 2016 estão 28,55% maiores que os valores exportados no mesmo período do ano de 2015.
- Da mesma forma, as vendas para exportações estão 13,25% maiores que no mesmo período do ano de 2015.
- Sendo assim, os preços internacionais estão sustentados pela demanda de soja e grãos dos Estados Unidos e os preços praticados no complexo

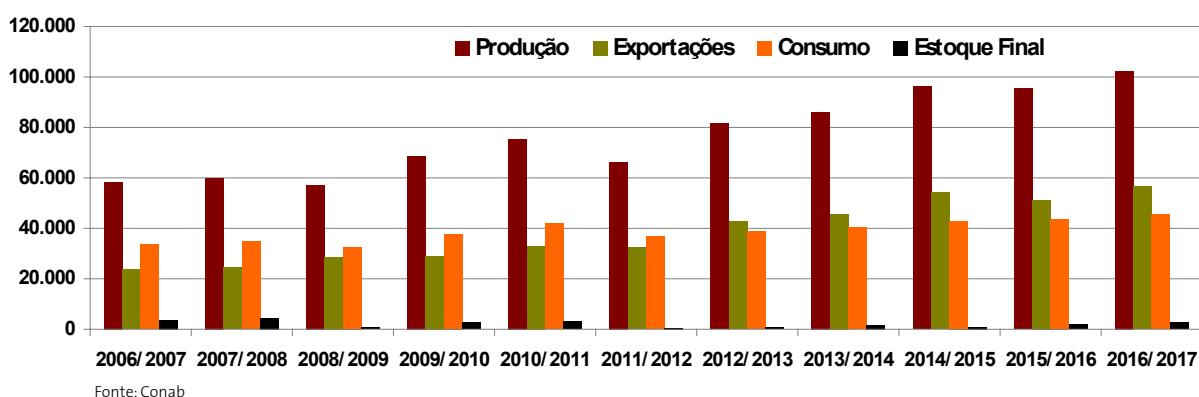
soja, principalmente do óleo, onde os preços internacionais estão em alta, motivado pela quebra de safra de Palma nos principais países produtores.

- Para dezembro, a tendência é de que o fator clima na América do Sul dite os valores CBOT, há grandes possibilidades de manutenção ou aumento destes preços devido à temeridade do mercado quanto a uma possível estiagem na época de floração/enchimento de grãos no Brasil e na Argentina.

Mercado nacional

a) Oferta e demanda nacional

Gráfico 54 - Comparativo de produção, exportação, consumo e estoque final de Soja no Brasil nas últimas 10 safras (mil t)



a) Produção brasileira

- Segundo a Conab no seu terceiro levantamento de safra, a produção nacional de soja em grãos será em média de 102,44 milhões de toneladas.
- Mato Grosso-MT, Paraná-PR, Rio Grande do Sul-RS, Goiás-GO e Mato Grosso do Sul-MS, são respon-

sáveis por 75,59% da safra brasileira de grãos. O chamado Matopiba (Maranhão-MA, Tocantins-TO, Piauí-PI, Bahia-BA) deve produzir aproximadamente 11,62 da safra total.



b) Demanda brasileira

- Com a quebra de safra 2015/16, que motivou em uma pequena redução de oferta para esmagamento brasileiro, com o aumento da demanda interna e mundial de farelo e óleo de soja para 2017. Os esmagamentos brasileiros de soja para 2017 deve ter um leve aumento de 4,47% em relação a 2016, estimados em 42 milhões de toneladas. Este valor somados aos outros usos, como sementes e perdas, são estimados em 45,50 milhões de toneladas.
- No farelo de soja, o aumento da demanda interna é estimado em 3,22%, tendo como base, principalmente, o crescimento de plantel de animais

c) Exportações brasileiras de grãos de soja

- Em novembro a Secretaria de Comercio Exterior do Ministério da Indústria, Comércio Exterior (Secex/MDIC) estimou que as exportações brasileiras de soja em grão foram de apenas 316,1 mil toneladas, valor muito inferior aos 1,44 milhões de toneladas exportados no ano de 2016.
- Por este motivo as exportações de soja em grãos para a safra 2015/16 sofreram uma redução e são estimadas em 51,3 milhões de toneladas.
- Para a safra 2016/17 as exportações de soja em grãos são estimadas em 56,50 milhões de toneladas, levado em consideração principalmente o aumento de importação da China e um crescimento

d) Estoques finais Brasil

- Apesar da quebra de safra brasileira de grãos na safra 2015/16, as exportações foram aquém das expectativas, além disso os esmagamentos foram bastante reduzidos ao estimados, com isso, os estoques finais brasileiros para safra a 2015/16 estão estimados em 1,86 milhão de toneladas.
- Já a safra 2016/17, apesar de uma expectativa de aumento de demanda interna e das exportações, o Brasil deve produzir uma safra recorde de mais

Comercialização nacional

- A maior parte do plantio brasileiro já está finalizado, e grande parte destes já se encontra em estádio fenológico de floração. Com isto, o mercado internacional passa a voltar seus olhos para o clima no Brasil, principalmente no que se refere a uma possível estiagem em dezembro de 2016 e janeiro de 2017. E a especulação em cima deste fundamento deve manter os preços internacionais estáveis, ou com leve alta em relação aos preços praticados em novembro.
- Os preços médios nacionais de novembro de 2016,

consumidores de proteína em suas rações como suíno, aves e bovinos.

- No óleo de soja, o aumento da demanda interna deve ser também de apenas 3,44%, considerando um aumento de demanda para o consumo humano e no uso de biodiesel.
- As exportações de farelo e óleo de soja devem ter um aumento de 12,76% e 10,71%, respectivamente, levando em consideração principalmente uma redução da safra na Argentina, onde o Brasil poderia atuar com uma maior fatia no mercado internacional.

mundial de importações observado pelas fortes exportações americanas.

- Este valor é 10,13% maior que o estimado para a safra 2016, apesar disso, a exportação de soja em grãos estimadas para 2017 é apenas 4% maior que 2015, o principal fator desta “discrepância” foi a quebra de safra em 2015/16, que diminuiu a oferta de grãos tanto internamente quanto para exportações. Além disso, os agricultores estão esperando melhores preços internacionais para finalizar suas exportações antes da entrada da safra nova.

de 102,44 milhões de toneladas, o que somados aos estoques de passagem devem gerar um suprimento total de mais de 104,60 milhões de toneladas. Sendo assim, caso não haja nenhum aumento nas exportações e consumo para 2017, os estoques de passagem para a safra 2016/17 devem ser de 2,60 milhões de toneladas, o maior estoque de passagem dos últimos 7 anos.

das principais praças produtoras de grãos, tiveram uma pequena queda se compararmos a outubro de 2016. Porém, com o dólar e os preços internacionais em alta, a tendência é de que os preços nacionais, para dezembro, continuem firmes, com uma leve tendência de elevação.

- Em novembro de 2016 os preços médios do dólar frente ao real foram de forte alta, de aproximadamente 5,83%, motivada, principalmente pelo desfecho das eleições americanas. Para dezembro e janeiro a expectativa é de que o dólar continue

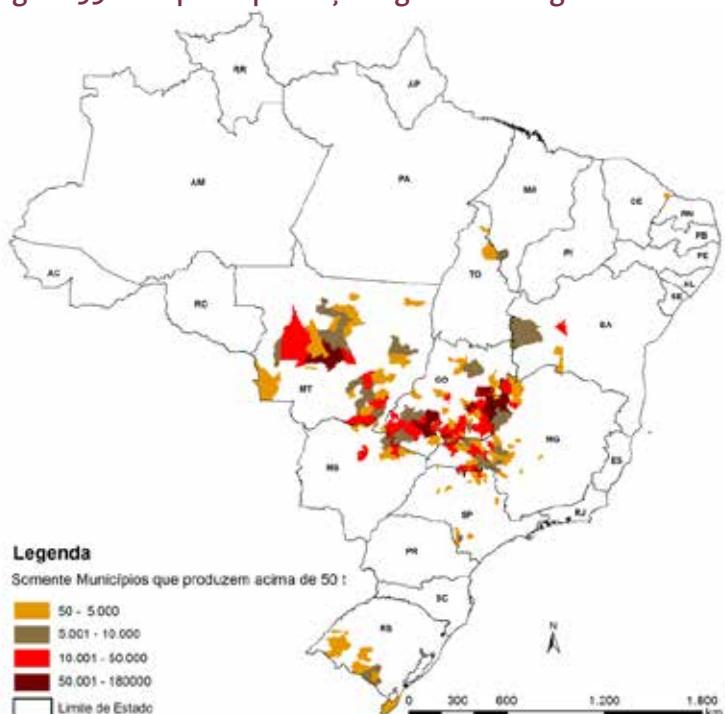


- estável, com um viés de alta.
- A comercialização antecipada da safra brasileira está pouco avançada em relação a outras safras,

com poucos negócios firmados. O agricultor está esperando um melhor momento dos preços internacionais para fechar negócios.

9.1.9. SORGO

Figura 59 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 6o - Mapa da estimativa de produtividade: Sorgo (safra 2016/17) – Novembro/2016

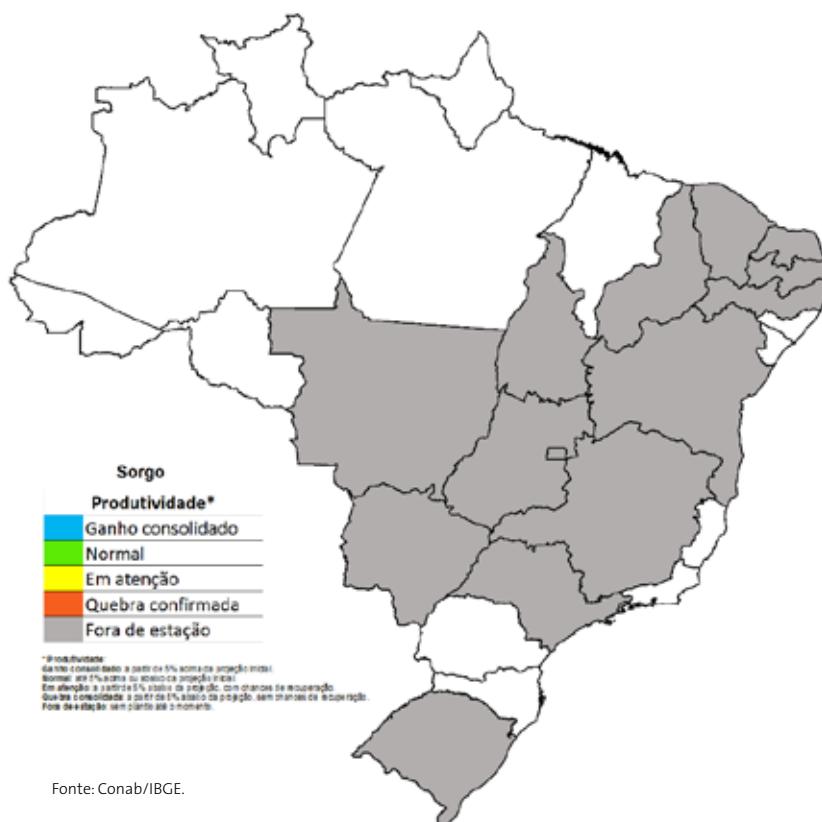


Tabela 4o – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	25,1	25,1	-	1.687	1.730	2,5	42,3	43,4	2,6
TO	25,1	25,1	-	1.687	1.730	2,5	42,3	43,4	2,6
NORDESTE	97,1	97,1	-	942	937	(0,6)	91,4	90,9	(0,5)
PI	2,8	2,8	-	45	775	1.622,2	0,1	2,2	2.100,0
CE	0,7	0,7	-	1.346	1.915	42,3	0,9	1,3	44,4
RN	0,4	0,4	-	1.224	1.383	13,0	0,5	0,6	20,0
PB	0,3	0,3	-	800	1.150	43,8	0,2	0,3	50,0
PE	4,5	4,5	-	167	276	65,3	0,8	1,2	50,0
BA	88,4	88,4	-	1.006	965	(4,1)	88,9	85,3	(4,0)
CENTRO-OESTE	262,8	262,8	-	1.836	3.095	68,5	482,6	813,3	68,5
MT	49,0	49,0	-	1.915	2.430	26,9	93,8	119,1	27,0
MS	9,5	9,5	-	3.390	3.226	(4,8)	32,2	30,6	(5,0)
GO	201,0	201,0	-	1.700	3.217	89,2	341,7	646,6	89,2
DF	3,3	3,3	-	4.500	5.149	14,4	14,9	17,0	14,1
SUDESTE	185,0	185,0	-	2.102	3.018	43,6	388,8	558,4	43,6
MG	172,6	172,6	-	2.018	3.000	48,7	348,3	517,8	48,7
SP	12,4	12,4	-	3.266	3.273	0,2	40,5	40,6	0,2
SUL	9,0	9,0	-	2.929	2.647	(9,6)	26,4	23,8	(9,8)
RS	9,0	9,0	-	2.929	2.647	(9,6)	26,4	23,8	(9,8)
NORTE/NORDESTE	122,2	122,2	-	1.095	1.100	0,4	133,7	134,3	0,4
CENTRO-SUL	456,8	456,8	-	1.965	3.055	55,4	897,8	1.395,5	55,4
BRASIL	579,0	579,0	-	1.782	2.642	48,3	1.031,5	1.529,8	48,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.



9.2 CULTURAS DE INVERNO - SAFRA 2016

9.2.1. AVEIA

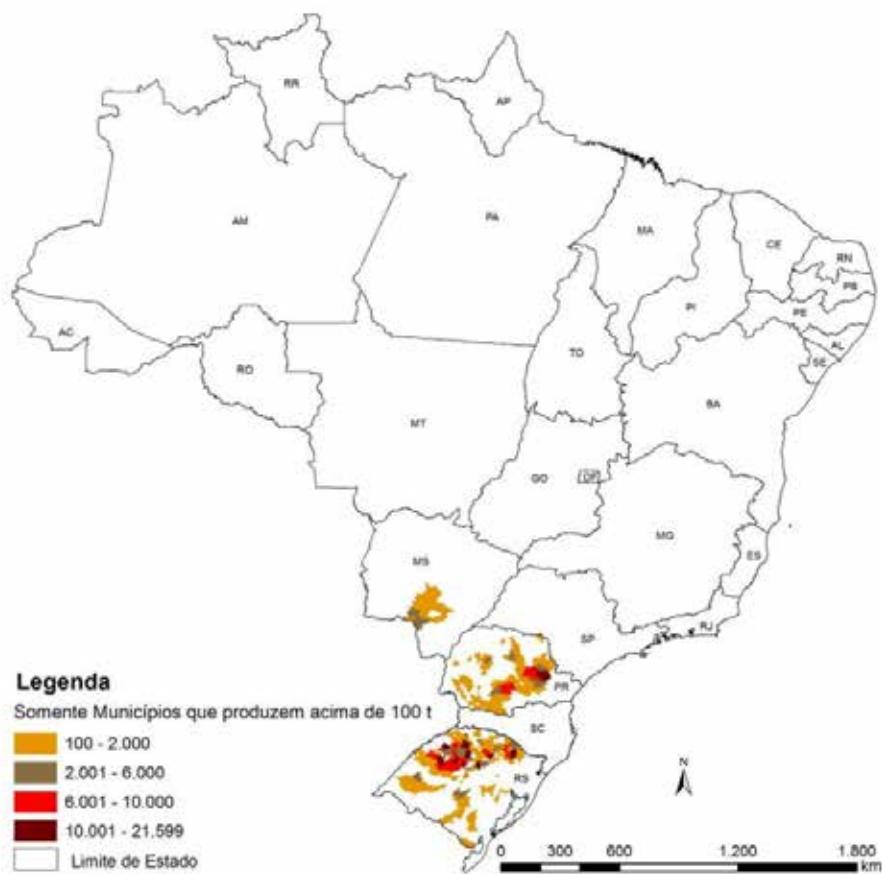
A área plantada de aveia branca expandiu 53,8% na safra 2016, atingindo 291,5 mil hectares. A produção está estimada em 827,8 mil toneladas.

No Rio Grande do Sul a colheita está concluída. Resultados superaram as melhores expectativas, com média de 3.020 kg/ha e qualidade superior, com boa parte adequada para consumo humano. Os preços remuneradores.

No Paraná a cultura possui área de 58,2 mil hectares

cuja colheita já está concluída. Sua produtividade foi de 2.508 kg/ha, ou seja, 28% maior que a safra anterior, sendo que a qualidade do grão colhido é boa. A maior parte da área de aveia branca é plantada apenas para cobertura vegetal. Porém, como o desempenho das lavouras foi muito bom este ano, algumas áreas que haviam sido plantadas somente para forragens, acabaram sendo colhidas. A comercialização está em 46% da produção.

Figura 61 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Quadro 7 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Aveia (Safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Aveia											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PR	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
RS	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Noroeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (P)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 41 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	13,0	15,0	15,4	1.500	1.500	-	19,5	22,5	15,4
MS	13,0	15,0	15,4	1.500	1.500	-	19,5	22,5	15,4
SUL	176,5	276,5	56,7	1.879	2.912	55,0	331,7	805,3	142,8
PR	58,1	58,2	0,1	1.959	2.508	28,0	113,8	146,0	28,3
RS	118,4	218,3	84,4	1.840	3.020	64,1	217,9	659,3	202,6
CENTRO-SUL	189,5	291,5	53,8	1.853	2.840	53,3	351,2	827,8	135,7
BRASIL	189,5	291,5	53,8	1.853	2.840	53,3	351,2	827,8	135,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.

9.2.2. CANOLA

Na atual safra com 47,5 mil hectares plantados, a canola apresenta um acréscimo de 7% em relação à safra passada. Espera-se, da mesma forma, incremento de quase 22,5% na produtividade média, impactando positivamente na produção total. O clima favorável permite boas produtividades. Estima-se que a produção atinja 71,9 mil toneladas, um incremento de 31% em relação ao exercício anterior.

No Rio Grande do Sul Confirmando as expectativas, os rendimentos obtidos com a canola foram bastante satisfatórios. Lavouras colhidas antes das chuvas do final de outubro apresentaram rendimentos que

chegaram a 40 sacas por hectare. Mesmo aquelas colhidas após o período adverso apresentaram bom desempenho, devendo a média estadual situar-se acima de 1.500 kg/ha. A colheita está encerrada.

No Paraná a cultura possui uma área de 6,3 mil hectares, o que representa uma queda de 20,2% em relação à safra passada. A colheita está concluída, com produtividade de 1.479 kg/ha. A produtividade só não foi maior porque na região centro-sul a produtividade foi afetada pelas intempéries climáticas do inverno (geadas e granizo).



Figura 62 – Mapa da produção agrícola – Canola

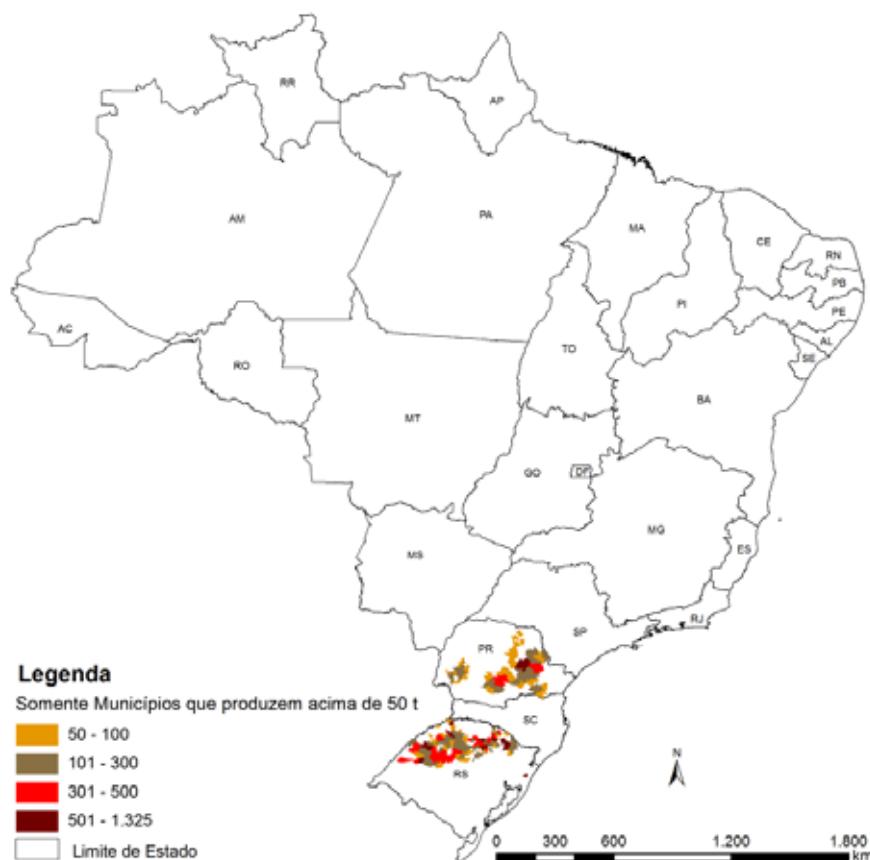


Tabela 42 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	44,4	47,5	7,0	1.236	1.514	22,5	54,9	71,9	31,0
PR	7,9	6,3	(20,2)	1.403	1.479	5,4	11,1	9,3	(16,2)
RS	36,5	41,2	12,9	1.200	1.520	26,7	43,8	62,6	42,9
CENTRO-SUL	44,4	47,5	7,0	1.236	1.514	22,5	54,9	71,9	31,0
BRASIL	44,4	47,5	7,0	1.236	1.514	22,5	54,9	71,9	31,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.

9.2.3. CENTEIO

No Brasil a produção total do centeio será de 6,5 mil toneladas, com produtividade média de 2.600 kg/ha em uma área de 2,5 mil hectares, 47,1% maior do que a safra anterior.

No Paraná a cultura utilizada para produção de algumas farinhas integrais e também como opção de co-

bertura durante o inverno, mas com pouquíssima expressão econômica para o estado, que possui apenas 0,9 mil hectares plantados. A área colhida já atingiu 100% e a comercialização 38% da produção. As lavouras tiveram boa produtividade, a qual alcançou 2.402 kg/ha.



Figura 63 - Mapa da produção agrícola - Centeio



Tabela 43 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	1,7	2,5	47,1	1.706	2.600	52,4	2,9	6,5	124,1
PR	1,2	1,0	(21,0)	1.890	2.402	27,1	2,3	2,4	4,3
RS	0,5	1,5	200,0	1.200	2.700	125,0	0,6	4,1	583,3
CENTRO-SUL	1,7	2,5	47,1	1.706	2.600	52,4	2,9	6,5	124,1
BRASIL	1,7	2,5	47,1	1.706	2.600	52,4	2,9	6,5	124,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.

9.2.4. CEVADA

No Rio Grande do Sul está encerrada a colheita e a cultura é o destaque entre as lavouras de inverno nas regiões norte e nordeste do estado, obtendo alto rendimento e qualidade superior, com boa sanidade e índice de germinação superior a 95%, favorecendo a produção de malte para as cervejarias. Com algumas lavouras produzindo até 80 sacas por hectare, deverá encerrar a campanha com rendimento médio acima de 3.200 kg/ha, apesar de problemas pontuais observados em Soledade e Cachoeira do Sul, onde as condições climáticas adversas tiveram maior impacto, reduzindo tanto a produtividade quanto a qualidade,

sendo o produto impróprio para maltarias e destinado para ração animal.

No Paraná a cultura possui 42,5 mil hectares cultivados no estado, concentrados majoritariamente na região centro-sul. A produtividade obtida foi muito boa, de 4.680 kg/ha, 76% acima da produtividade obtida na safra passada. A qualidade do grão também está surpreendendo, sendo que aproximadamente 100% da safra atinge qualidade para cerveja.

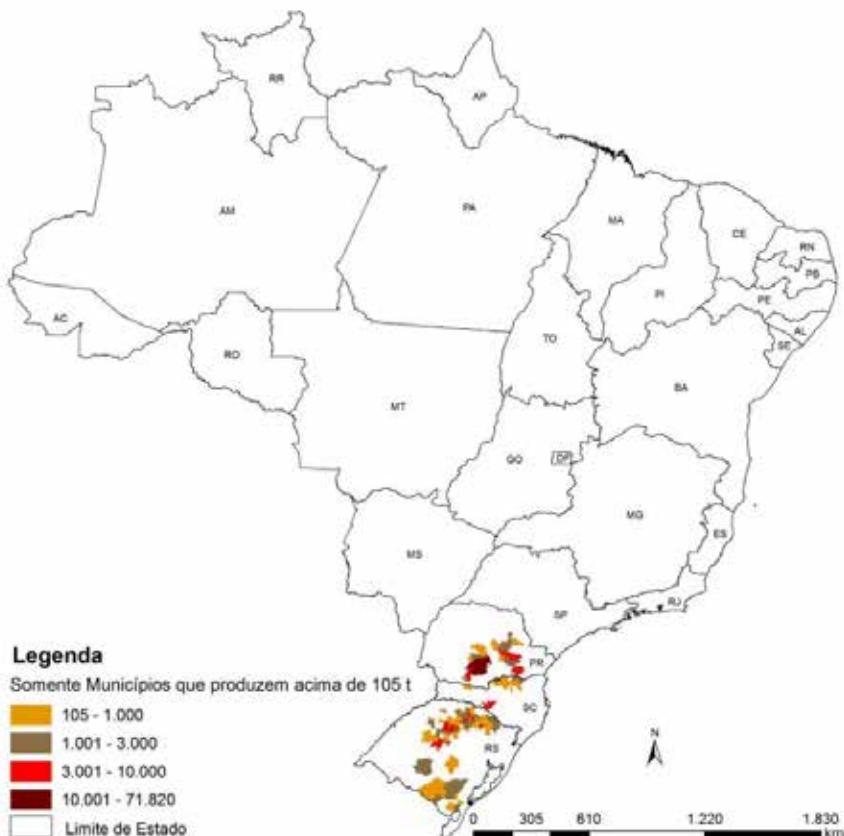
Em Santa Catarina, semelhante ao trigo, nas lavouras



catarinenses o clima correu dentro da normalidade, possibilitando um rendimento de campo nunca visto antes, de 4.800 kg/ha. Até a quarta semana de novembro, em torno de 50% das lavouras já haviam sido colhidas, sendo que a finalização desta deve ocorrer

ainda neste mês. A comercialização está aguardando a conclusão da colheita e a análise/classificação do produto, cujo preço foi previamente fixado em contrato com as cervejarias, as quais absorverão a totalidade do produto para produção de malte.

Figura 64 - Mapa da produção agrícola - Cevada



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 44 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	102,4	95,6	(6,6)	2.568	3.921	52,7	263,0	374,8	42,5
PR	50,1	42,5	(15,1)	3.689	4.682	26,9	184,8	199,0	7,7
SC	2,8	1,3	(53,6)	1.380	4.800	247,8	3,9	6,2	59,0
RS	49,5	51,8	4,6	1.500	3.274	118,3	74,3	169,6	128,3
CENTRO-SUL	102,4	95,6	(6,6)	2.568	3.921	52,7	263,0	374,8	42,5
BRASIL	102,4	95,6	(6,6)	2.568	3.921	52,7	263,0	374,8	42,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.



Quadro 8 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Cevada(Safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Cevada											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
PR	Centro Oriental Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SC	Serrana						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas FAVORAVEL Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

9.2.5. TRIGO

A produção do trigo deverá apresentar acréscimo de 13,6% em relação à safra passada, atingindo 6,7 milhões de toneladas. O principal motivo é a recuperação da produtividade, que deve ser significativamente superior à safra anterior, passando de 2.260 kg/ha para 3.164 kg/ha.

No Paraná o trigo já se encontra praticamente todo colhido, sendo que a cultura obteve uma excelente

produtividade, a qual foi de 3.140 kg/ha – 25,3% superior à safra anterior. A qualidade do grão também merece destaque nesta safra, haja vista que a maior parte da safra possui pH superior a 7,8, assim como possui ótimos resultados nas análises de Falling Number e Força do Glúten. Os preços pagos ao produtor, atualmente em R\$ 35,00/sc, estão abaixo do preço mínimo de garantia, de R\$38,65, nesta safra. A comercialização está em 41% da produção.

Figura 65 – Lavoura de trigo em ponto de colheita em Entre Rios-PR – nov/2016



Fonte: Conab

No Rio Grande do Sul resta colher algumas áreas dos Campos de Cima da Serra (Vacaria, Lagoa Vermelha, Caxias do Sul) e na Zona Sul (Pelotas, Bagé) e a safra encaminha-se para o final com resultados surpreen-

dentes, tanto em qualidade como em rendimento, apesar de adversidades climáticas ocorridas durante o ciclo.



Figura 66 – Lavoura de trigo em ponto de colheita no Rio Grande do Sul – nov/2016



Fonte: Conab

O crescimento da produtividade durante o andamento da colheita foi o grande destaque na maioria das regiões, com relato de lavouras alcançando 100 sacos por hectare. A expectativa é de obtenção de média superior a 3.100 kg/ha, acima da melhor média até então alcançada, em 2013 (3.060 kg/ha). A ótima qualidade decorre do uso da tecnologia disponível, da profissionalização dos produtores e do emprego de material genético apropriado para altos rendimentos. A preocupação volta-se para a comercialização, com a maioria das cooperativas e moinhos fora do mercado ou sem preço de referência. Os negócios mais frequentes são a troca por insumos para as culturas de verão ou pagamento de dívidas.

Em Santa Catarina, as lavouras de trigo encontram-se em fase final de colheita, restando ainda em torno de 30% no campo, em ponto de maturação e colheita. Os resultados da safra foram positivos tanto em produtividade quanto em qualidade. Os rendimentos variam desde 3.600 a 4.800 kg/ha, dependendo da região e condução da lavoura, havendo relatos de mais de 80 sc/ha, mas devendo fechar em 3.850 kg/ha, em média. A qualidade do produto, considerando o quesito peso hectolítico (PH), está acima da média estipulada como padrão para enquadramento do produto dentro do Tipo 1, partindo de 80 e chegando a mais de 84 em muitas regiões.

Figura 67 – Lavoura de trigo em ponto de colheita no planalto norte catarinense – nov/2016



Fonte: Conab



O fator clima foi o principal responsável pelo bom resultado apresentado na safra atual. Chuvas dentro do normal - ou mesmo abaixo deste - aliado com temperaturas baixas durante a fase vegetativa e reprodutiva, culminando com reduzido índice de precipitação durante a maturação e colheita foram determinantes para o resultado ora observado. O clima também contribuiu para manter a sanidade das lavouras, evitando proliferação e disseminação de patógenos, resultando em grãos bem formados e sadios, os quais devem ser totalmente aproveitados pelas indústrias moageiras. Embora o rendimento e qualidade do produto estejam acima das expectativas iniciais, não se pode dizer o mesmo da rentabilidade do produtor, haja vista que os preços apresentaram recuo em suas cotações nos últimos meses, ficando até mesmo abaixo do preço mínimo de garantia, o que levou o governo federal a acionar as políticas públicas para garantir o pagamento do preço mínimo ao produto, via leilões para comercialização da produção (PEP e PEPRO).

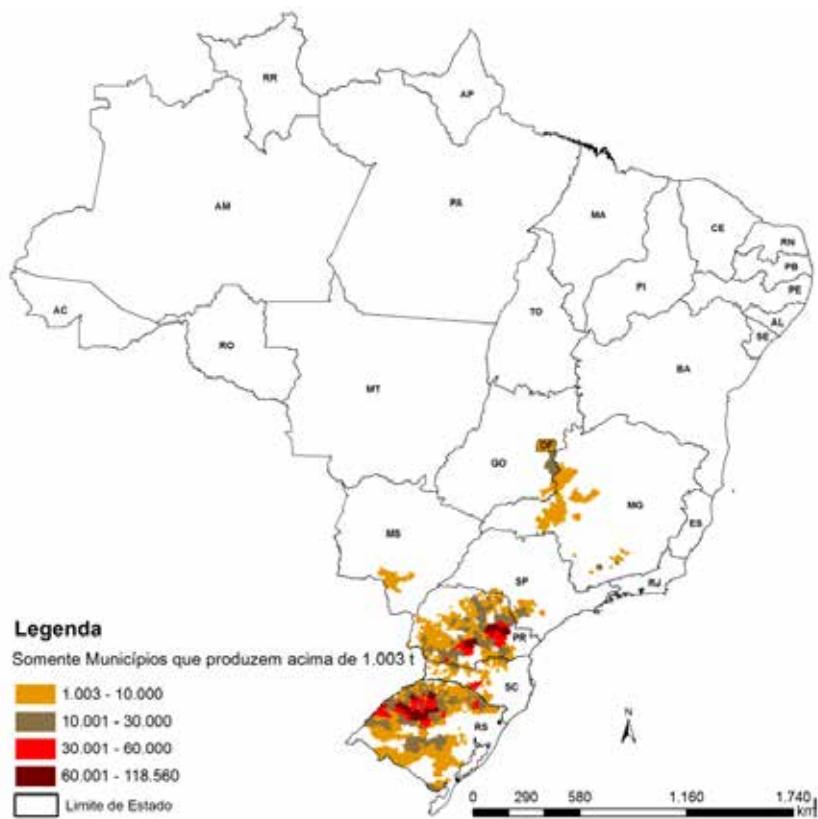
Com isso, a comercialização do produto se restringe aos produtores que realizaram contratos futuros com as cooperativas no momento do plantio, o que garantiu a comercialização por valores acima de R\$ 40,00/

sc, de acordo com o grupo do produto, já que algumas empresas fomentam a produção de acordo com suas necessidades industriais (panificação ou confeitaria/massas). Boa parte dos produtores devem manter o produto armazenado na espera de melhores cotações futuras.

Em Minas Gerais a área de trigo encontra-se colhida. Estima-se um aumento na área plantada da ordem de 2,6% em relação à safra passada, totalizando 84,3 mil hectares. Considerando os efeitos das condições climáticas desfavoráveis pela falta de chuvas, houve reavaliação da produtividade para 2.599 kg/ha e desta forma a produção pode ter alcançado 219,1 mil toneladas, 10,6% menor em relação à safra anterior. Preço recebido pelos produtores é de R\$ 820,00/tonelada.

No Distrito Federal, com a colheita já encerrada, produziu 6,6 mil toneladas. O triticultor da região Central do Brasil tem a vantagem de o trigo do cerrado ser o primeiro colhido no país, o que favorece a sua comercialização. Além, dos preços atrativos de mercado, favorece também o período de escassez do produto por ser a entressafra da produção nacional.

Figura 68 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 9 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Trigo (Safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Trigo											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
SP	Itapetininga				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SC	Oeste Catarinense				P	P	DV	DV/F	F/FR	FR	M/C	C	
	Norte Catarinense				P	P	DV	DV/F	F/FR	FR	M/C	C	
	Serrana				P	P	DV	DV/F	F/FR	FR	M/C	C	
RS	Noroeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (P)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 45 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	-	3,0	-	-	6.000	-	-	18,0	-
BA	-	3,0	-	4.200	6.000	42,9	-	18,0	-
CENTRO-OESTE	26,2	33,2	26,7	3.363	3.678	9,4	88,1	122,1	38,6
MS	15,0	17,8	18,7	2.000	2.328	16,4	30,0	41,4	38,0
GO	9,6	14,3	49,0	5.054	5.182	2,5	48,5	74,1	52,8
DF	1,6	1,1	(31,3)	6.000	6.000	-	9,6	6,6	(31,3)
SUDESTE	156,4	161,1	3,0	3.247	2.852	(12,2)	507,8	459,4	(9,5)
MG	82,2	84,3	2,6	2.982	2.599	(12,8)	245,1	219,1	(10,6)
SP	74,2	76,8	3,5	3.541	3.129	(11,6)	262,7	240,3	(8,5)
SUL	2.266,2	1.919,3	(15,3)	2.179	3.177	45,8	4.939,0	6.097,6	23,5
PR	1.339,9	1.084,3	(19,1)	2.506	3.140	25,3	3.357,8	3.404,7	1,4
SC	65,0	58,1	(10,6)	1.800	3.800	111,1	117,0	220,8	88,7
RS	861,3	776,9	(9,8)	1.700	3.182	87,2	1.464,2	2.472,1	68,8
NORTE/NORDESTE	-	3,0	-	-	6.000	-	-	18,0	-
CENTRO-SUL	2.448,8	2.113,6	(13,7)	2.260	3.160	39,8	5.534,9	6.679,1	20,7
BRASIL	2.448,8	2.116,6	(13,6)	2.260	3.164	40,0	5.534,9	6.697,1	21,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.



9.2.5. 1. OFERTA E DEMANDA

A estimativa de produção anunciada pela Conab para 2016/17, é recorde nacional, e seu volume de 6.697,1 mil de toneladas é 21,0% maior que a do ano anterior e deverá equivaler a 62,4% da demanda brasileira dessa matéria-prima e a 64,3% do volume esperado de moagem industrial nesse período.

Os dados consolidados de 2014/15 e 2015/16 permitiram uma reavaliação da moagem industrial em 2014/15 para 10,3 milhões de toneladas-, menor em 6,7% à de 2013/14, devido aos problemas internos, que registraram significativa redução do consumo.

A sustentação da condição de restrição ao consumo em 2015/16 ocorreu em uma conjuntura de menor produção de trigo, prejudicada por problemas de qualidade, dado o clima desfavorável, principalmente no estado do Rio Grande do Sul. Dessa forma, a moagem da indústria foi novamente afetada, recuando para 10,0 milhões de toneladas.

Em 2016/17 a produção de 6,69 milhões de toneladas é maior em 1.163,0 mil toneladas, frente à produção anterior, acenando com a possibilidade de ocorrer o início da recuperação da moagem industrial no Brasil para 10,4 milhões de toneladas, em função de maior disponibilidade da matéria-prima de boa qualidade.

A avaliação de superávit próximo de 1,0 milhão toneladas no estado do Rio Grande do Sul, considera a produção estadual de 2,47 milhões de toneladas e a capacidade industrial de moagem estimada pela Abitrito de 1,45 milhão de toneladas, incluindo trigo importado.

Esse superávit exigirá intervenção do governo através da Política de Garantia de Preços Mínimos - PGPM, no sentido de favorecer a comercialização desse excesso de produção para outros estados consumidores das regiões Norte e Nordeste. Parcela deste excedente, com menor qualidade, deverá ser demandada pela indústria de ração em substituição ao milho. A alternativa de aquisição pelo Governo Federal de parte dessa produção excedente para recompor os estoques do

governo, praticamente inexistentes na atualidade, está temporariamente descartada, devido aos elevados custos da operação.

A oferta de trigo no Mercosul será ampla, estimando-se que a produção na Argentina evoluva de 11,3 para 14,4 milhões de toneladas, surpreendendo o mercado com trigo de boa qualidade. Com isso, esse país será superavitário em 8 milhões de toneladas, exigindo, dessa maneira, a continuidade de seu bom desempenho exportador, como já se observa recentemente. Cerca de 4,0 milhões de toneladas terão como destino o Brasil. Maior oferta de trigo no Mercosul, podendo elevar-se a 22,6 milhões de toneladas, frente a um consumo de 17,8 milhões de toneladas, sinaliza a possibilidade de menores preços da matéria prima, como já vem ocorrendo, reduzindo os elevados custos da indústria de moagem e favorecendo o consumidor final.

No ano safra agosto/15 e julho/16, a importação brasileira, de acordo com a Secex, foi de 5,51 milhões de toneladas ao custo total de US\$1.121,3 mil. O trigo de origem argentino, até o mês de julho, participou com 65,3% do total; o paraguai, com 17,1%; o uruguai, com 8,9%; o estadunidense, com 7,9% e o canadense, com 0,5%.

Quanto às exportações em 2015/16 foi negociado com o exterior 1,05 milhão de toneladas. O Vietnã adquiriu 32,0% do total; Filipinas 28,3%; Colômbia 12,4%; Tailândia 10,5%; Equador 5,9%; e Indonésia e Israel 5,1%, por país. Essas operações foram favorecidas pelos baixos preços do petróleo que reduziram os valores dos fretes internacionais, bem como, pelos menores preços do trigo de uma safra com menor qualidade.

Nessa conjuntura, a importação de trigo em grão em 2016/17, poderá declinar para 5,1 milhões de toneladas devido ao acréscimo de 21,0% na produção de trigo de boa qualidade além das exportações de 700 mil toneladas, que são consideradas viáveis por agentes de mercado com primeiro navio sendo preparado com destino à Coreia viabilizando um estoque de passagem pouco acima de um mês de consumo.



Tabela 46 – Suprimento e uso de trigo em grão no Brasil

Safra	Estoque inicial (01 agosto)	Produção	Importação grãos	Suprimento	Exportação grãos	Consumo interno			Estoque final (31 julho)
						Moagem Industrial	Sementes (1)	Total	
2011/12	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	1.901,0	9.820,0	324,9	10.144,9	1.956,1
2012/13	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	1.683,9	9.850,0	284,3	10.134,3	1.527,6
2013/14	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	47,4	11.050,0	331,5	11.381,5	2.268,9
2014/15	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	1.680,5	10.300,0	413,7	10.713,7	1.174,6
2015/16 ⁽¹⁾	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	1.050,5	10.000,0	367,3	10.367,3	809,3
2016/17 ⁽²⁾	809,3	6.697,1	5.100,0	12.606,4	700,0	10.400,0	317,0	10.717,0	1.189,3

Fonte: Conab/MDIC

Nota: (1) Estimativa (2) Previsão

9.2.6. TRITICALE

No Paraná a cultura foi cultivada numa área de 9,7 mil hectares - pouco significativa no estado - e produtividade de 3.097 kg/ha. A produtividade foi muito boa, superando em 9,5% a da safra anterior, o que signifi-

cou semelhante a safra passada, apesar da queda na área plantada. A colheita atingiu 93% da área plantada.

Figura 69 – Mapa da produção agrícola – Triticale

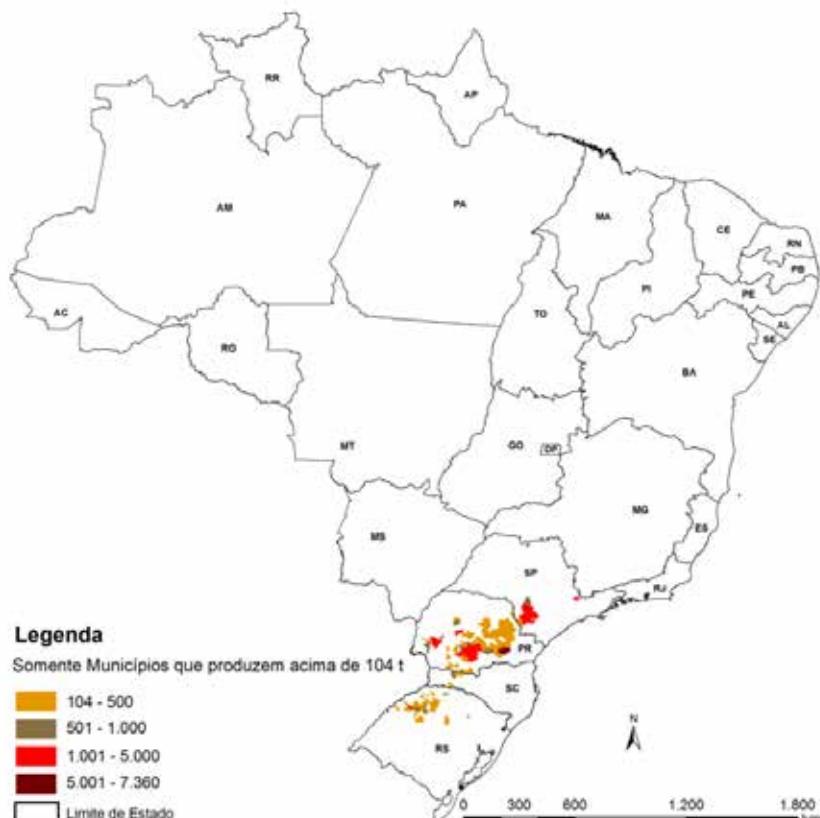


Tabela 47 – Comparativo de área, produtividade e produção – Triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	4,3	7,5	74,4	3.140	2.853	(9,1)	13,5	21,4	58,5
SP	4,3	7,5	75,4	3.133	2.856	(8,8)	13,5	21,4	58,5
SUL	17,2	16,0	(7,0)	2.523	2.919	15,7	43,4	46,7	7,6
PR	10,9	9,7	(11,2)	2.829	3.097	9,5	30,8	30,0	(2,6)
SC	0,6	0,6	-	1.870	2.243	19,9	1,1	1,3	18,2
RS	5,7	5,7	-	2.015	2.700	34,0	11,5	15,4	33,9
CENTRO-SUL	21,5	23,5	9,3	2.647	2.898	9,5	56,9	68,1	19,7
BRASIL	21,5	23,5	9,3	2.647	2.898	9,5	56,9	68,1	19,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.

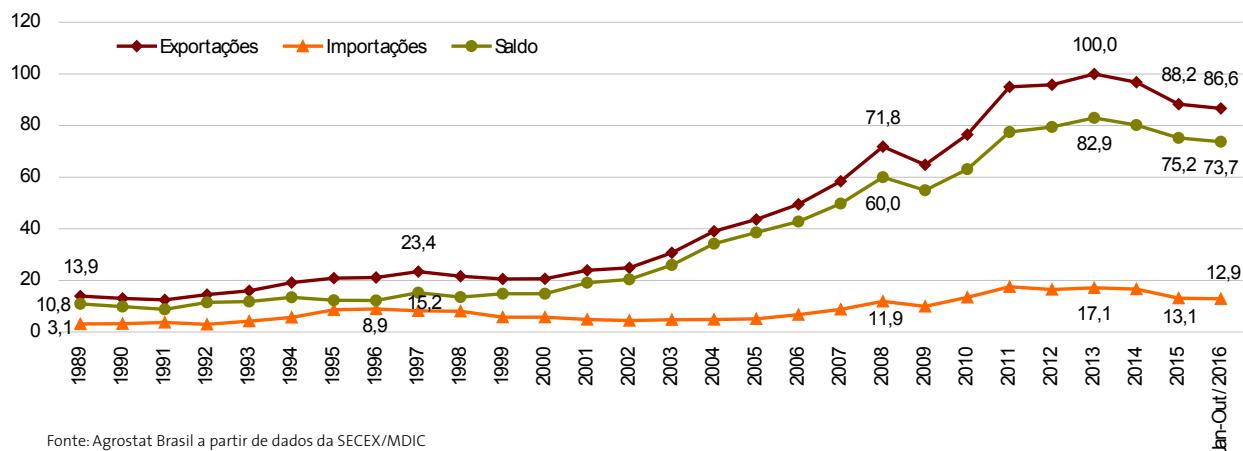




10. RECEITA BRUTA

A produção agropecuária brasileira contribui significativamente para a geração de emprego e renda para a economia brasileira, conforme pode ser comprovado nos gráficos a seguir.

Gráfico 55 – Balança comercial do agronegócio – 1989 a 2016 – US\$ bilhões

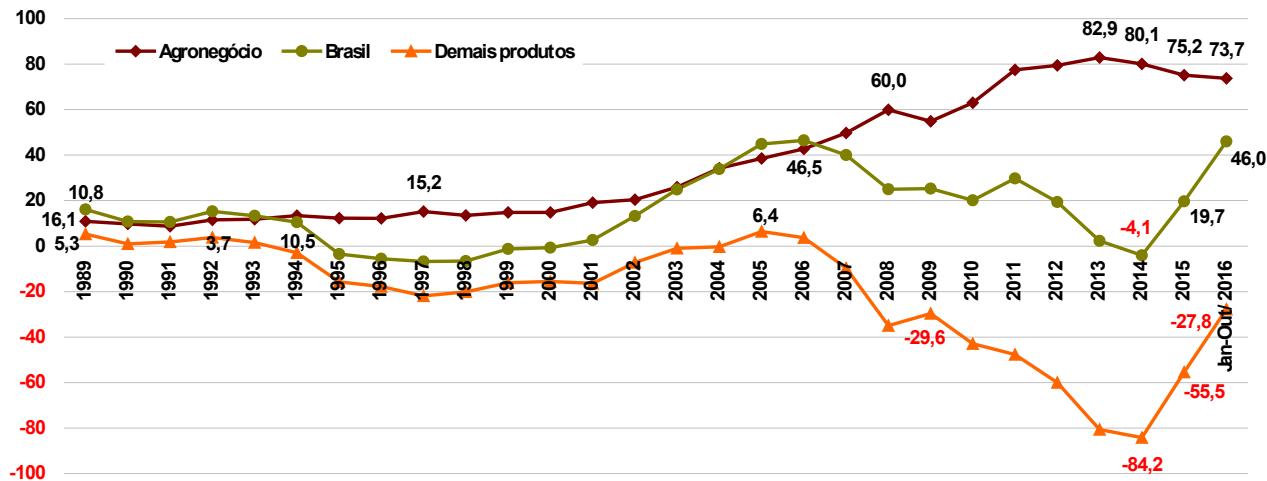


Fonte: Agrostat Brasil a partir de dados da SECEX/MDIC

Neste primeiro gráfico, constata-se que as exportações dos produtos originários do agronegócio² evoluíram de US\$ 13,9 bilhões em 1989, para US\$ 88,2 bilhões em 2015, com crescimento acumulado de 533,7%; as importações, no mesmo período, saíram de US\$ 3,1

bilhões para US\$ 13,1 bilhões, com variação de 324,3%. Como se pode observar, o saldo da balança comercial dos produtos sempre foi superavitário ao longo do período apresentado, evoluindo de US\$ 10,8 bilhões em 1989, para US\$ 75,2 bilhões em 2015.

Gráfico 56 – Saldo da balança comercial brasileira – 1989 a 2016 – US\$ bilhões



Fonte: Agrostat Brasil a partir de dados da SECEX/MDIC

O saldo da balança comercial brasileira dos produtos do setor não agrícola só registrou superávit em sete ocasiões: de 1989 a 2003 e em 2005 e 2006. Nos outros 20 anos e no acumulado de janeiro a outubro de 2016, as importações superaram as exportações, gerando elevados déficits.

Entretanto, graças ao desempenho do setor agrícola, o saldo final da balança comercial brasileira teve comportamento inverso: foi superavitário em vinte anos

da série analisada e também no acumulado de janeiro a outubro de 2016 e deficitário em sete – de 1995 a 2000 e em 2014.

Assim, mesmo que se desconte dos saldos da balança comercial do agronegócio a importação de insumos (sementes, fertilizantes, inseticidas, herbicidas, fungicidas e outros), não quantificados no presente trabalho, fica evidenciada a importância do setor para o resultado final da balança comercial brasileira.

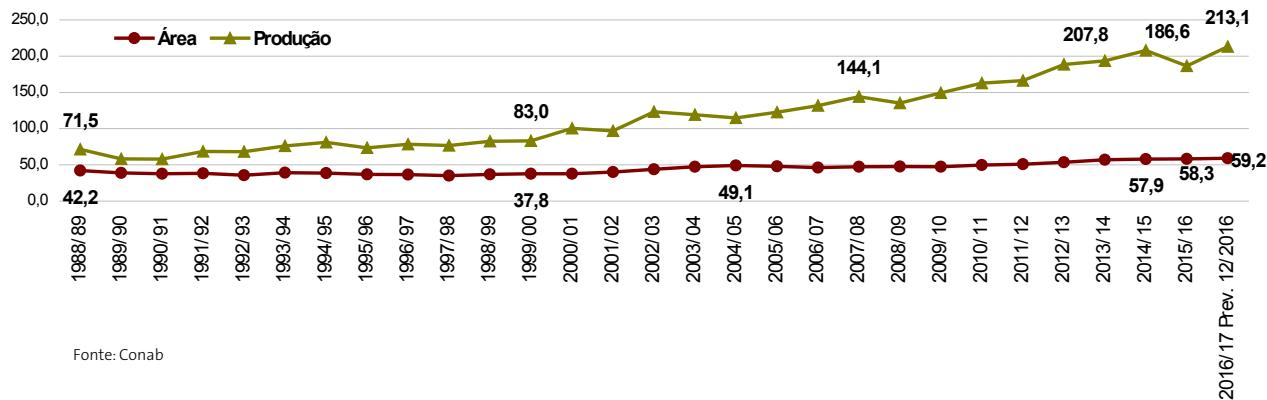
² Produtos considerados – EXPORTAÇÃO: Complexo soja, carnes, complexo sucoalcooleiro, produtos florestais, café, fumo e seus produtos, couros e seus produtos, sucos, cereais, farinhas e preparações, fibras e produtos têxteis, frutas (inclui nozes e castanhas), animais vivos, cacau e seus produtos, lácteos, pescados e demais produtos. IMPORTAÇÃO: cereais, farinhas e preparações (inclusive trigo, malte, arroz, farinha de trigo), produtos florestais, pescados, produtos oleaginosos, lácteos e demais produtos.



Para atingir o desempenho no comércio internacional descrito anteriormente, a produção brasileira de grãos³ apurada pela Conab foi evoluindo rapidamente, no período entre 1989 e 2015, de 71,5 milhões de

toneladas para 186,6 milhões de toneladas, com incremento de 161%, enquanto a área cultivada aumentou apenas 38,6%, evoluindo de 42,2 milhões de hectares para 58,3 milhões de hectares (Gráfico 3).

Gráfico 57 – Área plantada e produção agrícola brasileira – 1988/89 a 2015/2016



Como o aumento da produção foi muito superior ao da área cultivada, isto significa que houve incorporação de novas tecnologias, as quais, por sua vez, resultaram em ganhos de produtividade nas propriedades rurais.

O aumento de produtividade permitiu a geração de oferta para atendimento tanto da demanda interna quanto da externa, conforme demonstrado no Gráfico 1.

Os dados do terceiro levantamento de safra de grãos 2016/17 da Conab, divulgado em dezembro de 2016,

projetam que a produção agrícola brasileira, em condições normais, será de 213,1 milhões de toneladas, novo recorde da série e terá variações de 14,2% sobre a safra anterior – prejudicada por fatores climáticos – e de 2,6% sobre o recorde anterior, ocorrido na safra 2014/15.

Considerando os dados da atual previsão de safra e os preços médios recebidos pelos produtores em novembro de 2015 e novembro de 2016, elaboramos a seguinte estimativa da receita bruta da produção de algodão, arroz, feijão, milho e soja.

Tabela 48 – Receita bruta da produção agrícola – produtos selecionados

PRODUTO	PRODUÇÃO (Em mil t)			PREÇO MÉDIO - R\$/unidade				VALOR DA PRODUÇÃO - R\$ Milhões		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Unid.	11/2015	11/2016	Var.%	11/2015	11/2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)		(c)	(d)	(d/e)	(f)	(g)	(g/f)
Soja	95.434,6	102.446,6	7,3	60 kg	68,97	68,82	-0,2	109.708,6	117.513,0	7,1
Milho	66.570,8	83.817,9	25,9	60 kg	25,22	33,24	31,8	27.980,2	46.432,2	65,9
Feijão	2.515,4	3.107,2	23,5	60 kg	136,16	218,94	60,8	5.708,3	11.338,1	98,6
Arroz	10.602,9	11.506,6	8,5	60 kg	48,28	59,05	22,30	8.532,5	11.324,5	32,7
Algodão em pluma	1.288,8	1.413,7	9,7	15 kg	71,58	81,29	13,6	6.149,8	7.661,4	24,6
TOTAL	-	-	-	-	-	-	-	158.079,4	194.269,1	22,9%

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.

Todos os produtos tiveram crescimento de produção e, exceto a soja, de preços. Devido a isso, a receita bruta total apurada para a safra 2016/17 foi de R\$ 194,2 bilhões, ante aos R\$ 158,1 bilhões na safra anterior, apresentando um crescimento de 22,9%.

A soja (R\$ 117,5 bilhões) e o milho (R\$ 46,4 bilhões) continuam em primeiro e segundo lugares, respectiva-

mente, na participação total, porém, o feijão (R\$ 11,33 bilhões) superou o arroz (R\$ 11,32 bilhões) e o algodão (R\$ 7,7 bilhões). Esses dados comprovam, novamente, a importância e a contribuição do setor para a economia.

Para efetuar o plantio, o produtor destina parte da receita para a aquisição de insumos – sementes, ferti-

³ Algodão, amendoim (1ª e 2ª safra), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safra), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safra), soja, sorgo, trigo e triticale



lizantes, combustíveis, serviços de crédito, assistência técnica e outros serviços. Após a colheita, o produtor despende recursos para o pagamento de serviços de armazenagem, beneficiamento, transporte da produção, dentre outros. Com a movimentação da cadeia do

agronegócio, o produtor contribui para a manutenção de emprego e distribuição de renda entre seus componentes e também para a geração de impostos em todas as esferas de governo – municipal, estadual e nacional.





11. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

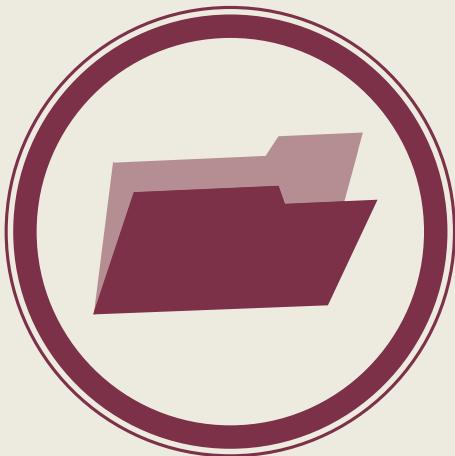
Tabela 49 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	"ESTOQUE INICIAL"	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	"ESTOQUE FINAL"
Algodão em pluma	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.288,8	25,0	1.662,9	720,0	780,0	232,9
	2016/17	162,9	1.413,7	30,0	1.606,6	750,0	680,0	176,6
Arroz em casca	2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.602,9	1.300,0	12.865,8	11.450,0	1.100,0	315,8
	2016/17	315,8	11.506,6	1.000,0	12.822,4	11.500,0	1.100,0	222,4
Feijão	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.515,8	250,0	2.963,9	2.800,0	50,0	113,9
	2016/17	113,9	3.107,2	200,0	3.421,1	3.200,0	90,0	131,1
Milho	2010/11	5.586,1	57.406,9	764,4	63.757,4	49.985,9	9.311,9	4.459,6
	2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.903,0	22.313,7	3.996,4
	2012/13	3.996,4	81.505,7	911,4	86.413,5	53.287,9	26.174,1	6.951,5
	2013/14	6.951,5	80.051,7	790,7	87.793,9	54.541,6	20.924,8	12.327,5
	2014/15	12.327,5	84.672,4	316,1	97.316,0	56.742,4	30.172,3	10.401,3
	2015/16	10.401,3	66.570,8	2.400,0	79.372,1	53.387,8	18.000,0	7.984,3
	2016/17	7.984,3	83.817,9	500,0	92.302,2	56.100,0	24.000,0	12.202,2
Soja em grãos	2010/11	2.607,2	75.324,3	41,0	77.972,5	41.970,0	32.986,0	3.016,5
	2011/12	3.016,5	66.383,0	266,5	69.666,0	36.754,0	32.468,0	444,0
	2012/13	444,0	81.499,4	282,8	82.226,2	38.694,3	42.791,9	740,0
	2013/14	740,0	86.120,8	578,7	87.439,6	40.200,0	45.692,0	1.547,6
	2014/15	1.547,6	96.228,0	324,1	98.099,7	42.850,0	54.324,0	925,7
	2015/16	925,7	95.434,6	500,0	96.860,3	43.700,0	51.300,0	1.860,3
	2016/17	1.860,3	102.446,6	300,0	104.606,9	45.500,0	56.500,0	2.606,9
Farelo de Soja	2010/11	1.967,9	29.298,5	24,8	31.291,2	13.758,4	14.355,0	3.177,8
	2011/12	3.177,8	26.026,0	5,0	29.208,8	14.051,1	14.289,0	868,7
	2012/13	868,7	27.258,0	3,9	28.130,6	14.350,0	13.333,5	447,1
	2013/14	447,1	28.336,0	1,0	28.784,1	14.799,3	13.716,0	268,8
	2014/15	268,8	30.492,2	1,0	30.762,0	15.100,0	14.826,7	835,3
	2015/16	835,3	30.954,0	1,0	31.790,3	15.500,0	14.100,0	2.190,3
	2016/17	2.190,3	32.340,0	1,0	34.531,3	16.000,0	15.900,0	2.631,3
Óleo de soja	2010/11	676,6	7.419,8	0,1	8.096,5	5.367,0	1.741,0	988,5
	2011/12	988,5	6.591,0	1,0	7.580,5	5.172,4	1.757,1	651,0
	2012/13	651,0	6.903,0	5,0	7.559,0	5.556,3	1.362,5	640,2
	2013/14	640,2	7.176,0	0,1	7.816,3	5.930,8	1.305,0	580,5
	2014/15	580,5	7.722,0	25,3	8.327,8	6.359,2	1.669,9	298,7
	2015/16	298,7	7.839,0	60,0	8.197,7	6.380,0	1.400,0	417,7
	2016/17	417,7	8.190,0	40,0	8.647,7	6.600,0	1.550,0	497,7
Trigo	2010	2.879,9	5.881,6	5.798,4	14.559,9	9.842,4	2.515,9	2.201,6
	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.697,1	5.100,0	12.606,4	10.717,0	700,0	1.189,4

Notas: Estimativa em Novembro de 2016 / Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.

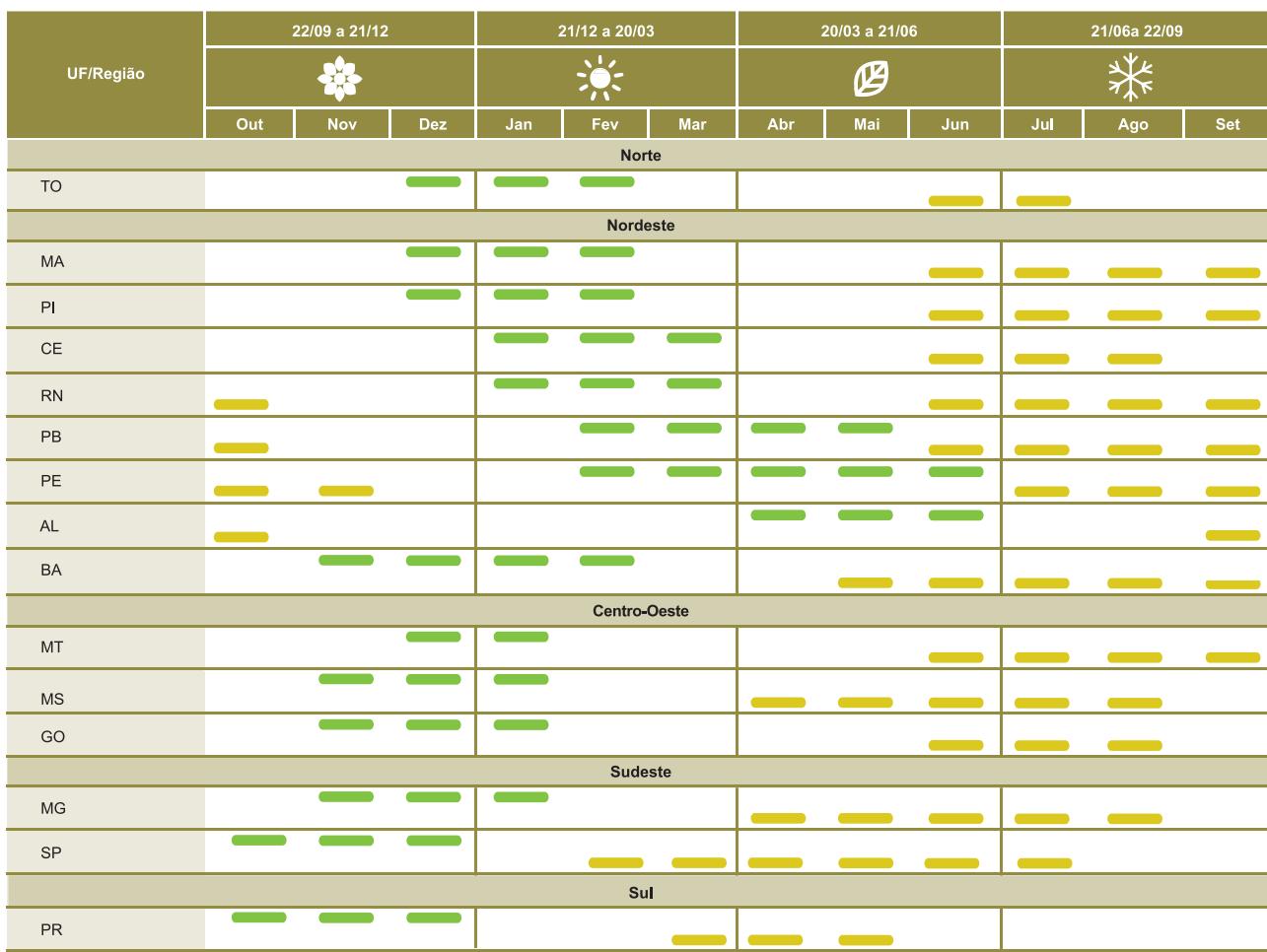
Fonte: Conab.





12. CALENDÁRIOS DE PLANTIO E COLHEITA

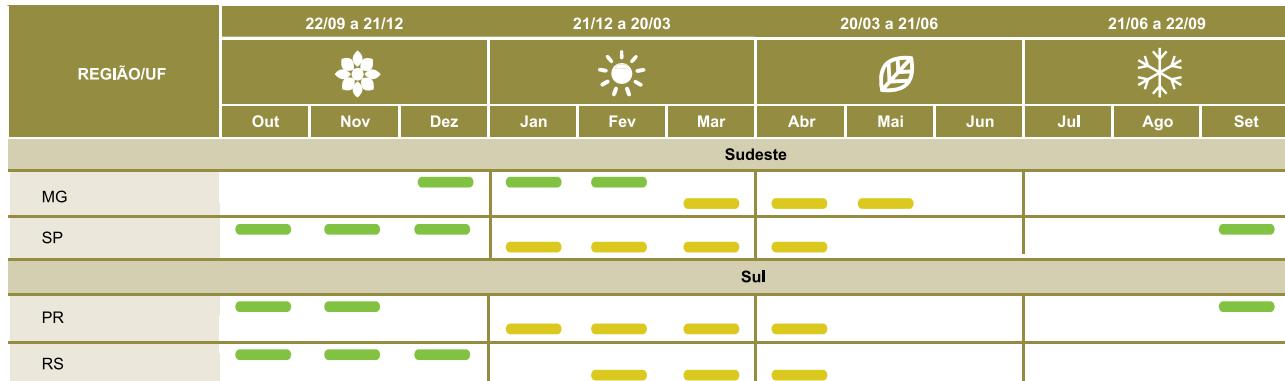
Quadro 10 - Calendário de plantio e colheita - Algodão



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 11 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim primeira safra

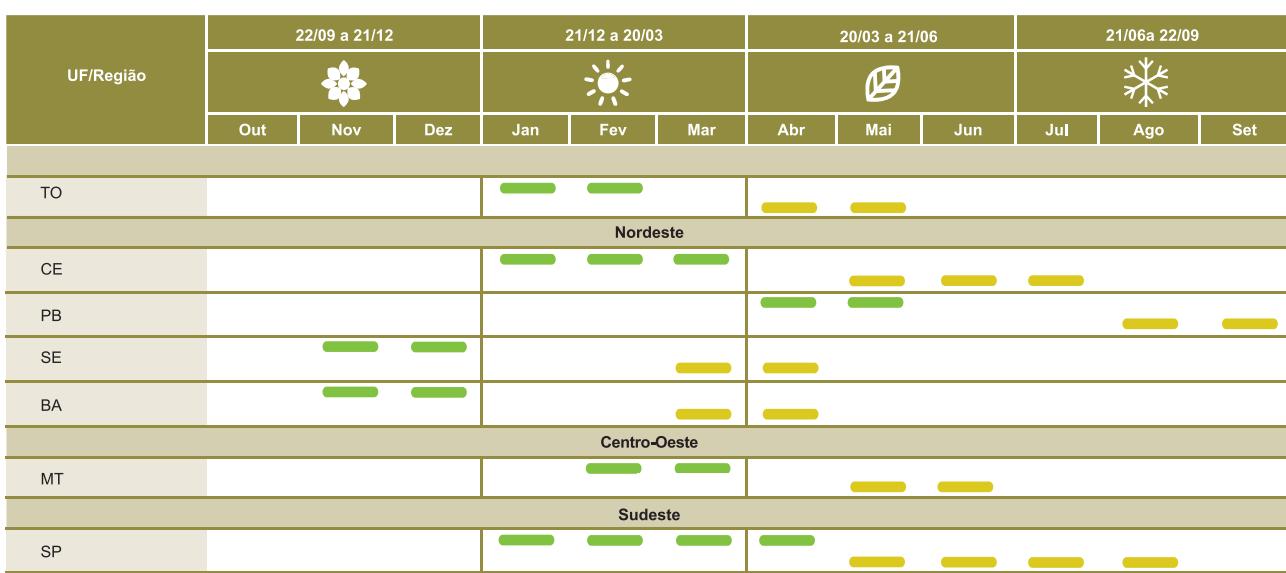


Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 12 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim segunda safra

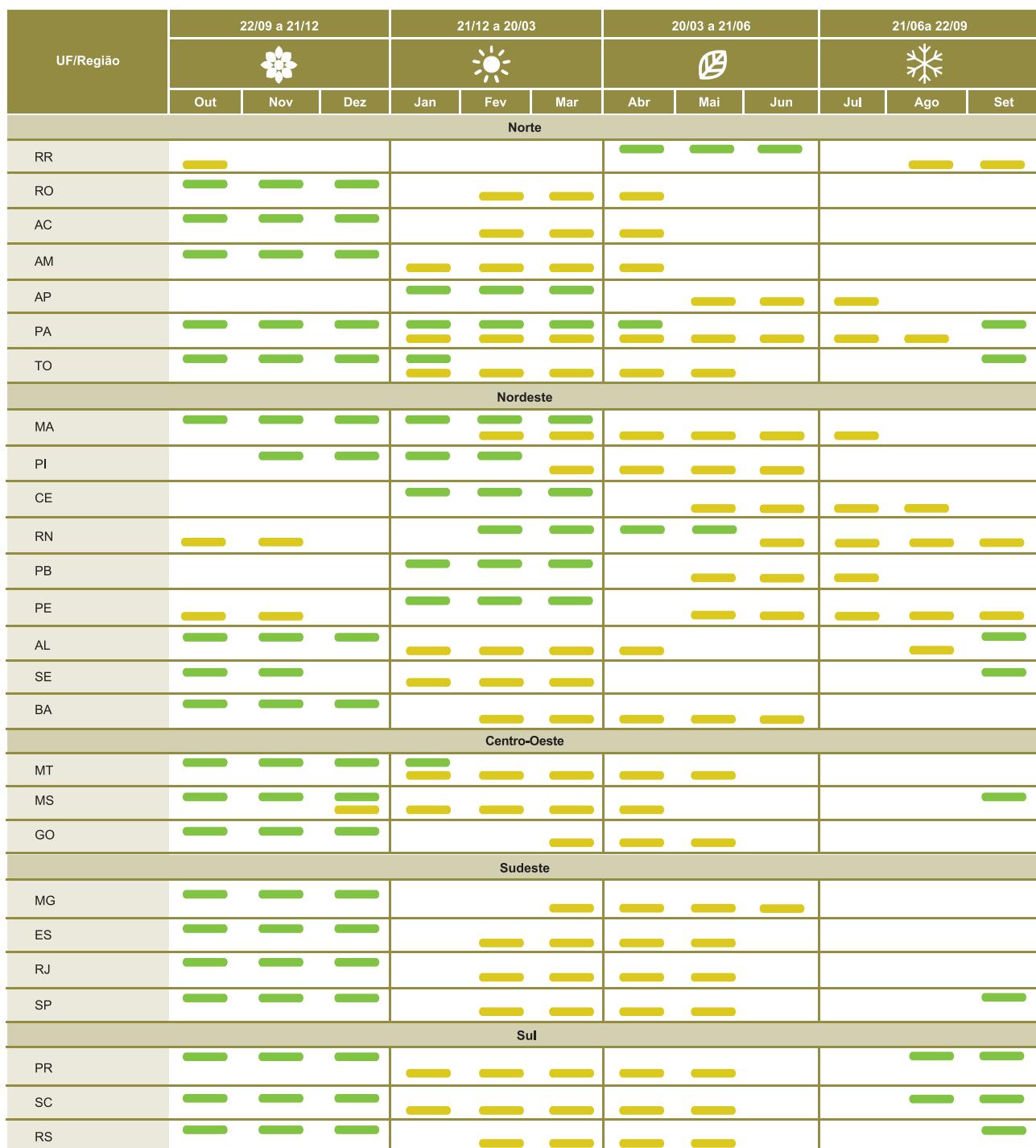


Legenda:  Plantio  Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 13 – Calendário de plantio e colheita – Arroz



Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.



Quadro 14 – Calendário de plantio e colheita – Feijão primeira safra

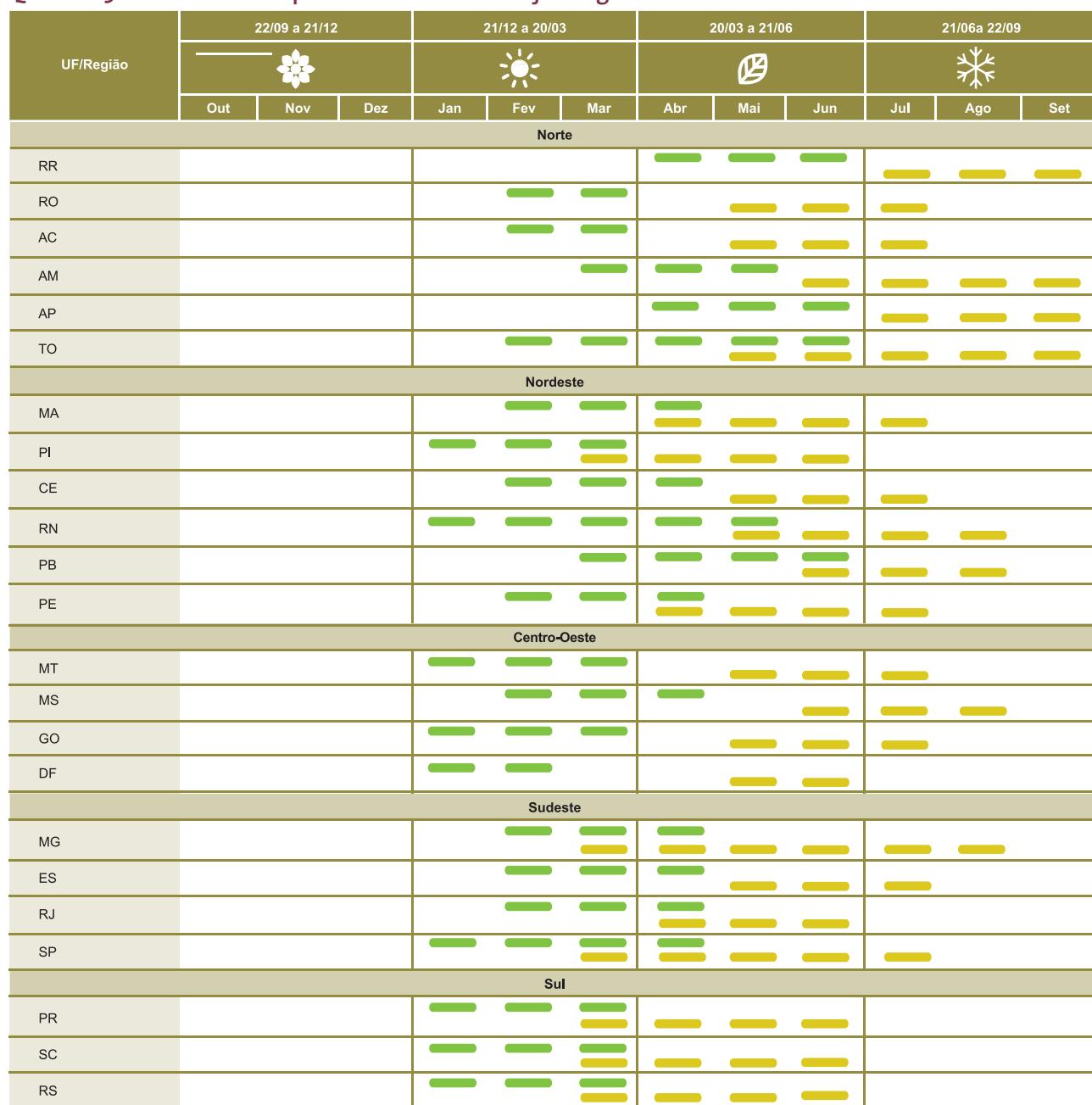


Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 15 – Calendário de plantio e colheita – Feijão segunda safra



Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.



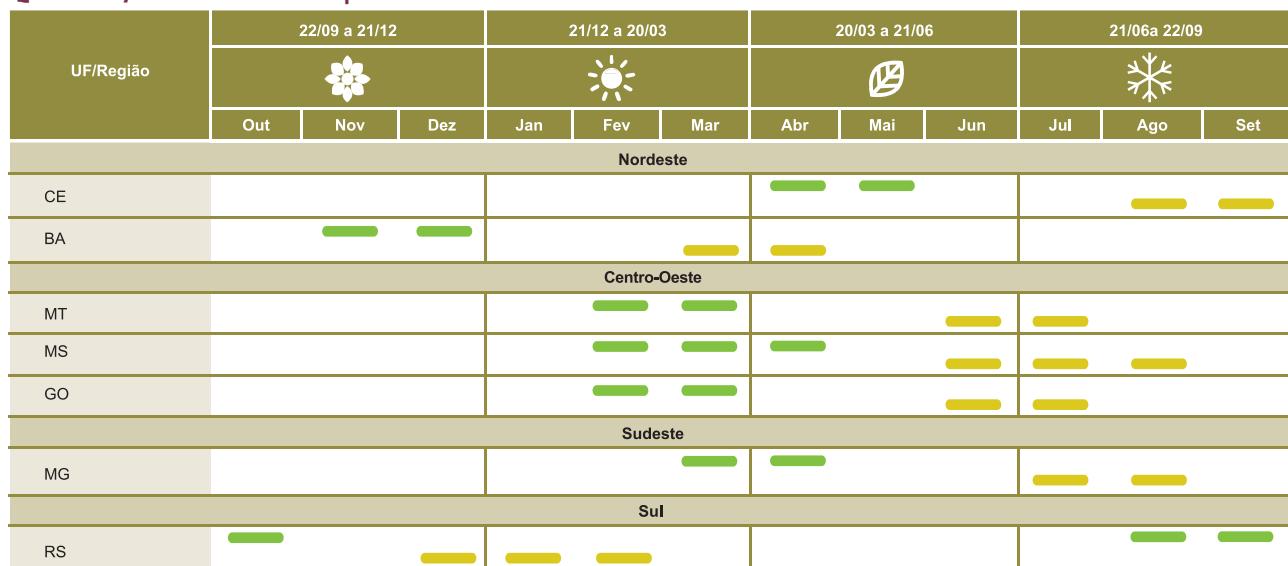
Quadro 16 – Calendário de plantio e colheita – Feijão terceira safra



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 17 – Calendário de plantio e colheita – Girassol

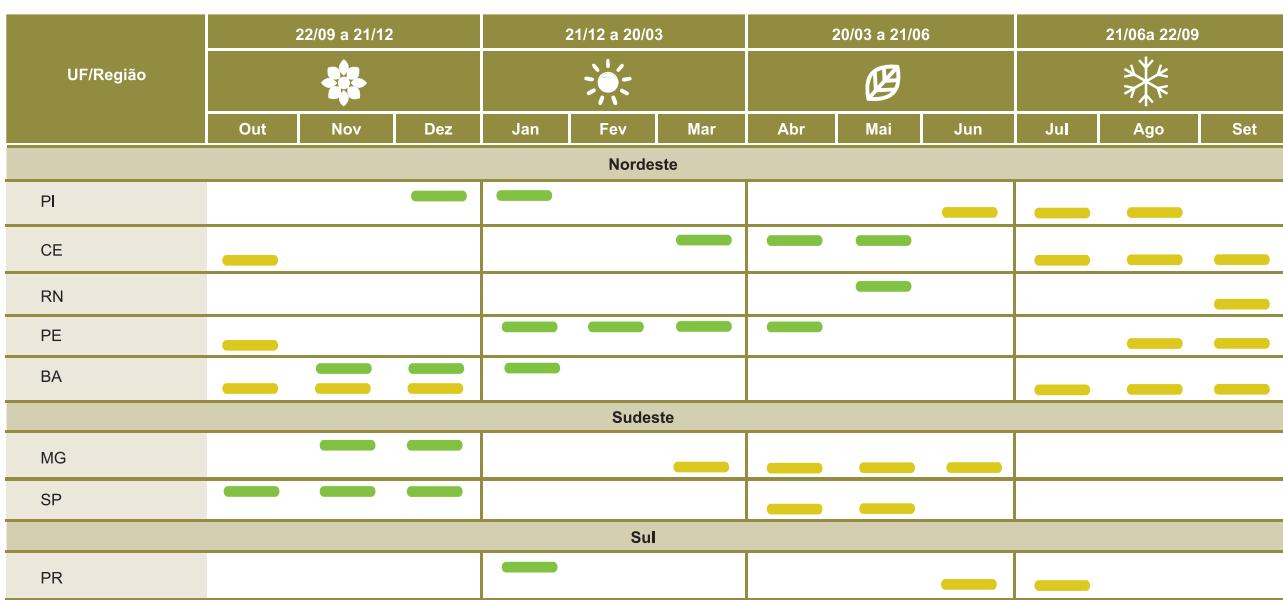


Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 18 – Calendário de plantio e colheita – Mamona

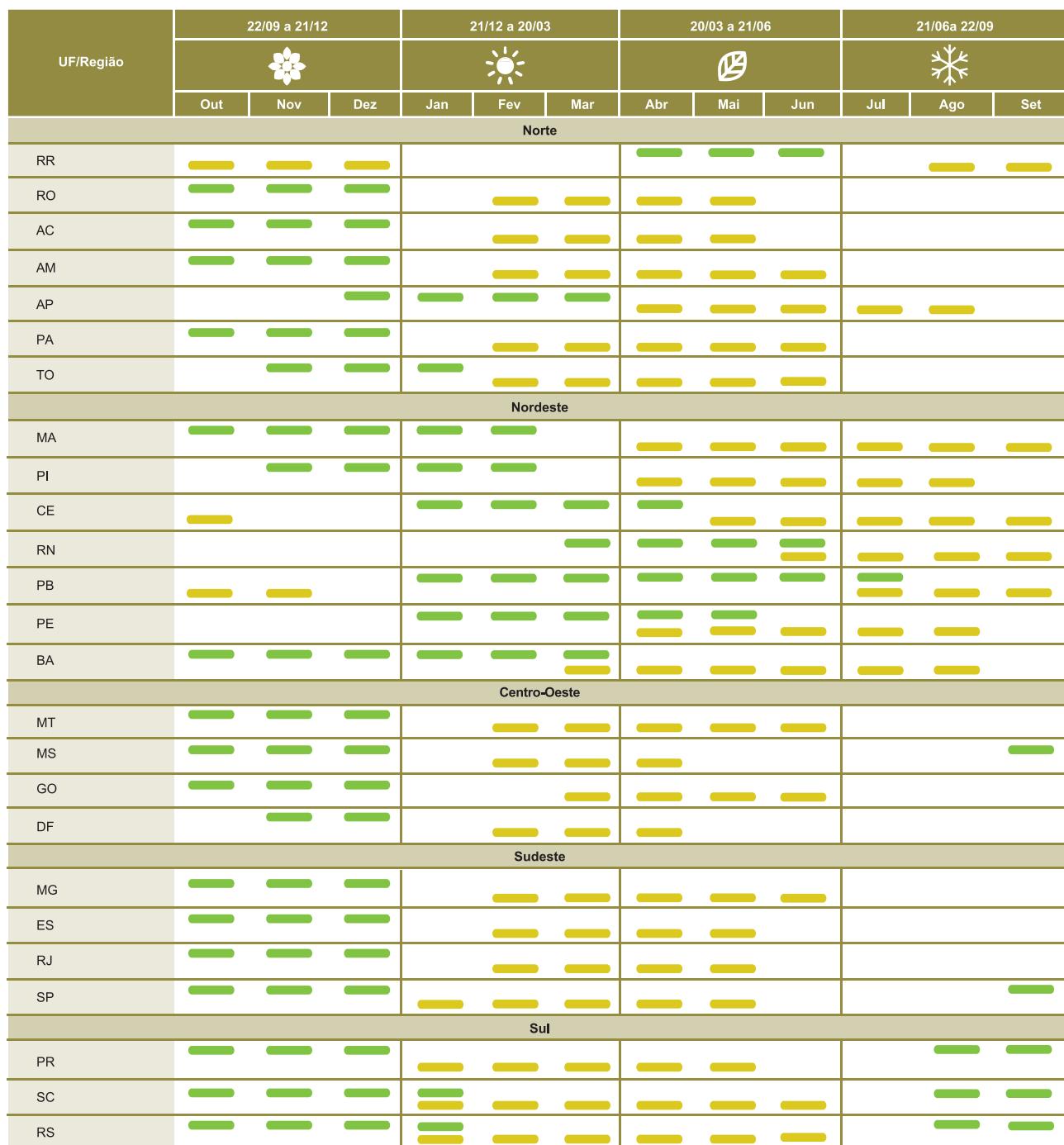


Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 19 – Calendário de plantio e colheita – Milho primeira safra



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 20 – Calendário de plantio e colheita – Milho segunda safra



Quadro 21 – Calendário de plantio e colheita – Soja

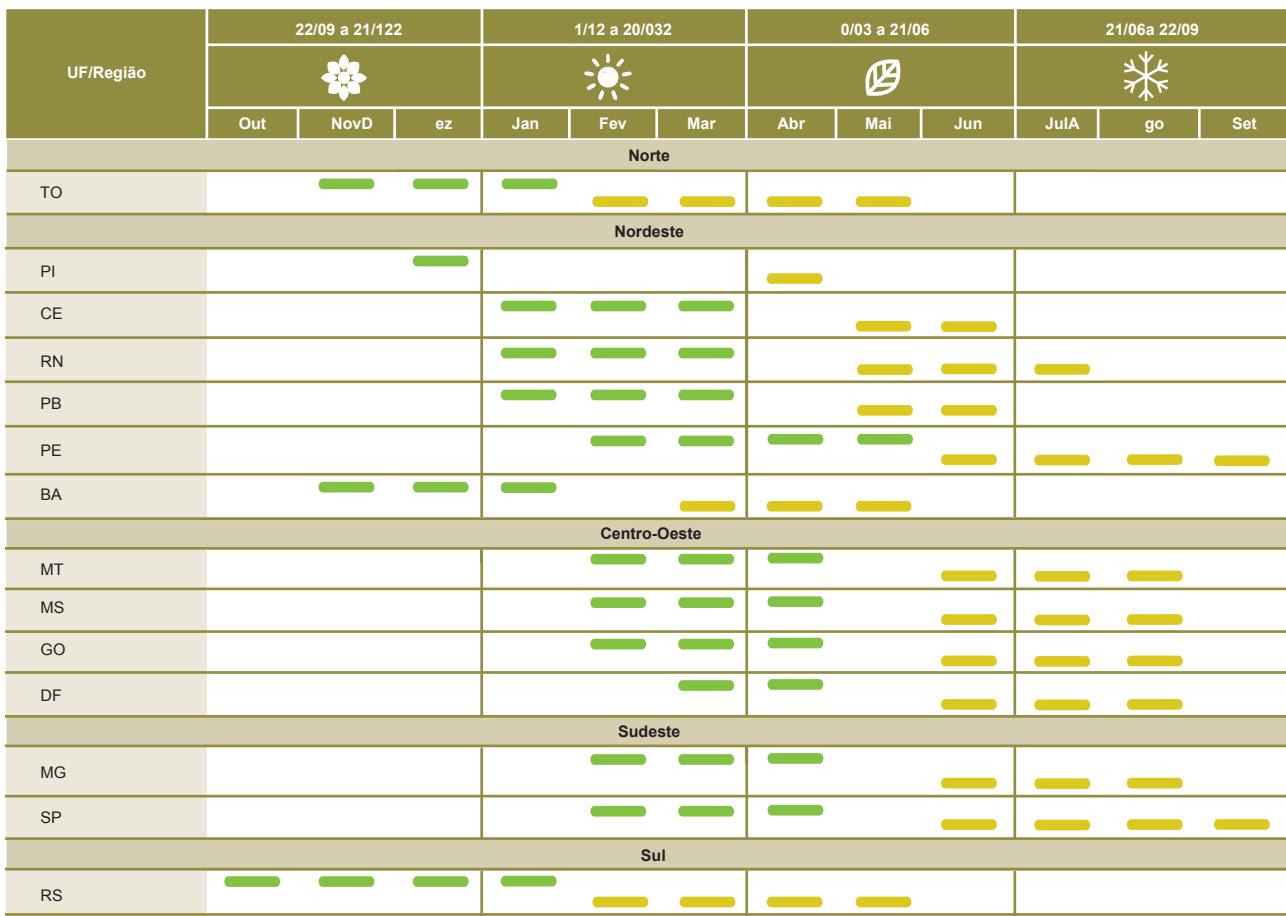
UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab



Quadro 22 – Calendário de plantio e colheita – Sorgo



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 23 – Calendário de plantio e colheita – Aveia



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 24 – Calendário de plantio e colheita – Canola

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 25 – Calendário de plantio e colheita – Centeio

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 26 – Calendário de plantio e colheita – Cevada

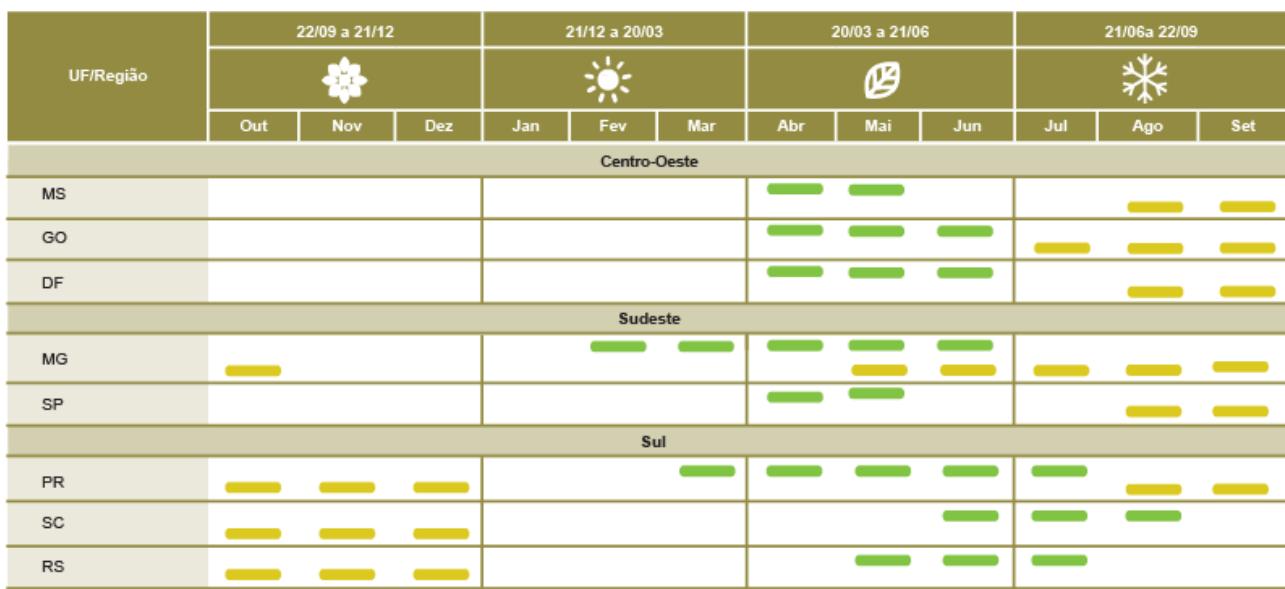
UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



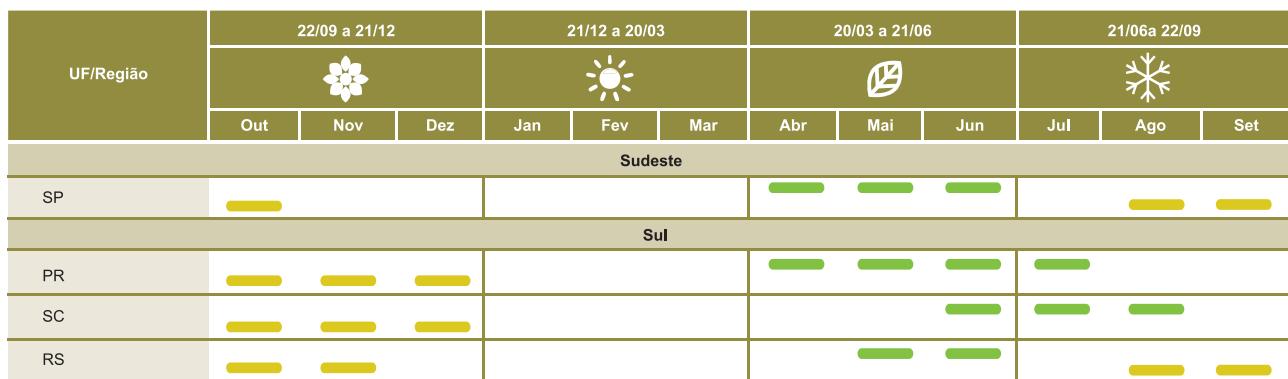
Quadro 27 – Calendário de plantio e colheita – Trigo



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 28 - Calendário de plantio e colheita – Triticale



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.







Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6277

<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

